UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Michel Bueno Flores da Silva

**ALDEIAS E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DOS POVOS PRODUTORES DA
CERÂMICA ARISTÉ: Contribuições para a Arqueologia das Unidades Habitacionais
da costa atlântica do Amapá.**

São Paulo

2016

MICHEL BUENO FLORES DA SILVA

ALDEIAS E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DOS POVOS PRODUTORES DA CERÂMICA
ARISTÉ: Contribuições para a Arqueologia das Unidades Habitacionais da costa atlântica do
Amapá.

Versão revisada

A versão original encontra-se na biblioteca do MAE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Arqueologia do Museu de
Arqueologia e Etnologia da Universidade de São
Paulo para a obtenção do título de Mestre em
Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Góes Neves

Linha de Pesquisa: 1 - Arqueologia e Identidade

São Paulo

2016

Núcleo de Pesquisa Arqueológica
IEPA/AP

Autorizo a reprodução e divulgação integral deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação do
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

S586 Silva, Michel Bueno Flores da.
Aldeias e organização espacial dos povos produtores da
cerâmica aristé : contribuições para a arqueologia das
unidades habitacionais da costa atlântica do Amapá /
Michel Bueno Flores da Silva ; orientador Eduardo Góes
Neves -- São Paulo, 2016.

245 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo,
Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa de Pós-
Graduação em Arqueologia, 2016.

1. Fase Aristé. 2. Unidades habitacionais. 3. Escavações
mecânicas. 4. Tipologia cerâmica. 5. Análise espacial. I.
Neves, Eduardo Góes. II. Universidade de São Paulo.
Museu de Arqueologia e Etnologia. Programa de Pós-
Graduação em Arqueologia. III. Título.

À Marcia Bueno, Paulo Flores e Larissa Gazel, por todo amor, apoio e incentivo.

À Adalgisa Bueno que, lucidamente, aos 100 anos continua incentivando a formação de seus familiares.

Agradecimentos,

Ao meu orientador Prof. Dr. Eduardo Neves, por toda a liberdade, paciência, amizade e orientações durante a elaboração deste trabalho, sempre com ótimas sugestões, tanto para o trabalho como para a vida, e também incentivo para controlar a ansiedade.

Ao João Saldanha e à Mariana Cabral, por toda a inserção no mundo da arqueologia, incentivo e amizade no decorrer desses quase 10 anos em que nos conhecemos, com a finalização de muitas etapas: Graduação, Especialização e agora o Mestrado. Ao João tenho que agradecer pela orientação durante todo esse tempo, com sugestões sobre sítios, leituras, métodos de análise, vendo caco por caco toda vez que surgia uma dúvida e eu batia na porta da sua sala, tirando dúvidas sobre o Corel, ArcGis e outros, assim como, pelos inúmeros momentos divididos em laboratório e em campo. À Mariana tenho que agradecer principalmente pela infinidade de correções de relatórios e também aos diversos momentos compartilhados, sempre com ótimas conversas e discussões.

Ao Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ, pela concessão de bolsa de mestrado, sem a qual seria impossível ter realizado esse trabalho em tempo integral.

Gostaria de agradecer à todos os colegas do Núcleo de Pesquisa Arqueológica do IEPA sem os quais esse trabalho não seria possível, seja pelas escavações como pela triagem e análise de materiais. Peço desculpas por não citar cada um dos nomes, mas foram tantos que por lá passaram nesses quase 10 anos que é improvável que eu não esqueça de algum e seja injusto com todos que colaboraram e colaboram para a manutenção e o desenvolvimento da pesquisa arqueológica no Amapá. Em especial gostaria de agradecer ao Kleber de Oliveira Souza que através de toda a nossa caminhada se mostrou um grande amigo que hoje considero como um irmão.

Agradeço também ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá – IEPA, sem o qual esse trabalho não seria possível, pois além de abrigar o NuPArq incentiva as pesquisas arqueológicas.

Agradeço à todos os colegas do MAE com os quais tive a oportunidade de discutir diversos assuntos durante as disciplinas cursadas. E também gostaria de agradecer à todos os colegas do ARQUEOTROP, principalmente aqueles que auxiliaram nessa caminhada, seja através de ajuda com processos simples como tirar a carteira do bandeirão ou simplesmente por me situar no MAE e na USP. Dentre eles agradeço ao Guilherme, Rafael, Thiago Trindade, Thiago Kater, Davi, Bruno, Leandro, Carol, Erêndira, Maurício, Rodrigo, Filippo, Marta, Tiago, Silvia, Laura, e tantos outros, pedindo novamente desculpas se não citei alguém. Em especial gostaria de agradecer ao Kazuo e à Márjorie, por todo o incentivo para ingressar no MAE, desde aquele campo do PAC em 2009.

Gostaria de agradecer também à todos os professores e funcionários do MAE, com agradecimento especial para a Regina, Aline, Karen e Cleberson que sempre me esclareceram todas as dúvidas (que não foram poucas) sobre todos os processos do MAE, desde o ingresso até agora. Gostaria de fazer um agradecimento especial também ao Hélio pela amizade e sempre simpático e solícito ajudou em todos momentos através do envio de bibliografias por e-mail e indicações na biblioteca. Aos professores, gostaria de agradecer a todos que influenciaram

diretamente na produção deste trabalho, nomeadamente Casimiro Munita, Eduardo Neves, Fabíola Silva, Julia Sauma, Levy Figuti, Marta Amoroso, Paulo DeBlasis, Timothy Pauketat, Ximena Villagrán.

Agradeço novamente à Paulo DeBlasis e Ximena Villagrán por terem aceitado participar da banca de qualificação deste trabalho e também pelos ótimos apontamentos dados, bem como gostaria de agradecer à Mariana Petry Cabral e Juliana Salles Machado Bueno por terem aceitado participar da banca de defesa da dissertação e pelas excelentes contribuições fornecidas.

Gostaria de agradecer também à Admilson Stephano, Duncan Garrow, Fernanda de Fabre, Gérald Migeon, Mickaël Mestre, Stephen Rostain e Timothy Pauketat, pelas sugestões e bibliografias enviadas.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os meus familiares, começando pela minha mãe, Marcia Bueno, e meu pai, Paulo Flores, que sempre me incentivaram a seguir meus sonhos e serviram de exemplo para explorar todo o meu potencial, sempre com muito amor e carinho. Agradeço aos meus irmãos: Priscilla, Rafael, Gabriel, Paolla e Beatriz, que além do incentivo compreenderam a minha ausência em muitos momentos. À Marly Gazel agradeço à toda atenção e carinho durante esse árduo processo – muitas vezes na forma de comemorações a cada etapa concluída, e também na forma de sucos e comidas deliciosas – você é um exemplo de força e determinação. Ao Admilson e à Fernanda por servirem de exemplo e por toda a amizade, incentivo, presença, boas risadas e bons momentos. E o agradecimento mais especial, mesmo não podendo ser completamente demonstrado aqui, vai para Larissa Gazel que sempre esteve ao meu lado, me aturando com mil ideias durante todo esse processo, com muito amor, carinho, puxões de orelha, diálogos, comemorações, mudanças, café, muito café, documentários e livros.

O arqueólogo vive repelido pelo tempo. Ele nunca irá ver o comportamento cultural pretérito que busca compreender (DEBOER & LATHRAP, 1979).

SILVA, M. B. F. ALDEIAS E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DOS POVOS PRODUTORES DA CERÂMICA ARISTÉ: Contribuições para a Arqueologia das Unidades Habitacionais da costa atlântica do Amapá. 2016. Dissertação (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Resumo

Apesar de conhecidas arqueologicamente desde o século XIX e historicamente desde o início da conquista europeia, as cerâmicas filiadas à fase Aristé sempre tiveram maior repercussão quando provindas de contextos cerimoniais, devido à elaborada composição decorativa de seus materiais, bem como, o aspecto monumental e cerimonial destes sítios. As cerâmicas desta fase foram divididas em dois períodos cronológicos distintos: Ouanary Encoché e Enfer Polychrome, com profundidade cronológica de mais de um milênio, contudo esta divisão é baseada, principalmente, nos vestígios oriundos destes contextos especializados. Portanto, através desse trabalho busca-se verificar se esta divisão se mantém nos contextos domésticos e, uma vez verificada esta carência de dados empíricos oriundos destes contextos, procurar-se-á, com base nos resultados de escavações mecânicas, contribuir para uma arqueologia das unidades habitacionais filiadas à fase Aristé, através da correlação dos dados cerâmicos com os dados espaciais. Com esse fim, foram elaboradas as tipologias das cerâmicas e das estruturas antrópicas identificadas durante a escavação, permitindo sua interpretação através da análise espacial dos resultados, por fim, possibilitando a inferência de áreas de atividade e melhor compreensão desta fase arqueológica da costa atlântica do Amapá.

Palavras-chave: fase Aristé, unidades habitacionais, escavações mecânicas, tipologia cerâmica, análise espacial

SILVA, M. B. F. VILLAGES AND SPATIAL ORGANISATION OF THE PRODUCER PEOPLES OF ARISTÉ POTTERY: Contributions to the Household Archaeology of the Atlantic coast of Amapá. 2016. Dissertação (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Abstract

Although known archaeologically since the nineteenth century and historically since the European conquest, ceramics affiliated to Aristé phase always had greater impact when stemmed from ceremonial contexts, due to the elaborate decorative composition of their materials, as well as the monumental and ceremonial aspects of these sites. The ceramics of this phase were divided into two distinct chronological periods: Ouanary Encoché and Enfer Polychrome with chronological depth of more than a millennium, but this division is based mainly on traces originating from these specialized contexts. Therefore, this work seeks to verify if this division is maintained in domestic contexts and, once verified the lack of empirical data from these contexts, will be sought, based on the results of mechanical excavation, contribute to a household archeology of the Aristé phase by correlating ceramic data with spatial data. For this purpose were developed typologies of ceramics and anthropogenic structures identified during the excavation, allowing its interpretation through the spatial analysis of the results, at last, providing inferences of activities areas and a better understanding of this archaeological phase of the Atlantic coast of Amapá.

Keywords: Aristé phase, household archaeology, mechanical excavation, ceramic typology, spatial analysis

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. UMA HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA EM SÍTIOS ARISTÉ	6
2.1. Considerações sobre o histórico de trabalhos em sítios Aristé	43
3. CONTEXTUALIZAÇÃO DOS POVOS DA COSTA NORTE DO AMAPÁ E LITORAL GUIANENSE	49
3.1. Considerações sobre o levantamento	68
4. OS SÍTIO ARQUEOLÓGICOS EM ESTUDO	70
4.1. Introdução aos sítios	70
4.2. Método de escavação	71
4.3. Métodos de análise	77
4.3.1. Análise espacial	77
4.3.2. Análise cerâmica	79
4.4. AP-OI-06: Ponte do Oiapoque	82
4.4.1. Descrição do sítio	82
4.4.2. Estruturas arqueológicas	83
4.4.3. Quantificação e distribuição espacial	85
4.4.4. Análise cerâmica	86
4.4.5. Tipologia cerâmica	91
4.4.6. Outros vestígios cerâmicos	102
4.5. AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1	104
4.5.1. Descrição do sítio	104
4.5.2. Estruturas arqueológicas	106
4.5.3. Quantificação e distribuição espacial	107
4.5.4. Análise cerâmica	108
4.5.5. Tipologia cerâmica	112
4.6. AP-CA-48: Ponte do Torrão	118
4.6.1. Descrição do sítio	118
4.6.2. Estruturas arqueológicas	119
4.6.3. Quantificação e distribuição espacial	120
4.6.4. Análise cerâmica	121
4.6.5. Tipologia cerâmica	124
5. CARACTERIZAÇÃO COMPARATIVA DA CERÂMICA DOMÉSTICA DA FASE ARISTÉ E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL INTERNA COMPARADA DOS SÍTIOS EM ESTUDO	129
5.1. Aproximação para a caracterização das cerâmicas domésticas da Fase Aristé	129
5.2. Tipologia cerâmica doméstica da Fase Aristé	138
5.3. Inferência Funcional e Distribuição Espacial	146
5.3.1. Proposições sobre a relação forma da borda e inferência funcional	146
5.3.2. Contexto de deposição: uma aproximação para a tipologia das estruturas	150
5.3.3. Inferência funcional dos tipos cerâmicos domésticos da Fase Aristé	158
5.3.4. Espacialização dos resultados: buscando áreas de atividades	173
5.4. Comparações Entre a Cerâmica Aristé “Doméstica X Cerimonial”	182
6. CONSIDERAÇÕES E DISCUSSÃO DOS RESULTADO	184

Referências Bibliográficas	201
Anexos	207

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização da área de estudo com identificação dos principais rios da Costa Atlântica citados no texto. No mapa de localização apresentamos a divisão da zona costeira do Amapá elaborada através do georreferenciamento, em escala de 1:600.000, da imagem apresentada em Jimenez & Takiama (2012: 15). Shapes disponíveis na Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA.	1
Figura 2 - À esquerda, Corte ideal através do Monte Curú, para demonstrar a situação das cavernas funerárias; à direita, Corte longitudinal através de uma caverna funerária e sua projeção (GOELDI, 1905).	10
Figura 3 - Quadro apresentando uma adaptação resumida da sequência cronológica da fase Aristé (MEGGERS & EVANS, 1957, p. 132-150) Fonte: M. Silva (2011).	18
Figura 4 – Tabela de datações radiocarbônicas da Fase Aristé obtidas na Guiana Francesa (ROSTAIN, 1994:421).	24
Figura 5 – Exemplos de cerâmicas domésticas do tipo Ouanary Encoché, adaptado de Rostain (1994) (M. SILVA, 2011: 26).	25
Figura 6 - Exemplos de cerâmicas funerárias do tipo Ouanary Encoché, adaptado de Rostain (1994) (M. SILVA, 2011: 26).	26
Figura 7 - Exemplos de cerâmicas domésticas do tipo Enfer Polychrome, adaptado de Rostain (1994) (M. SILVA, 2011: 28).	27
Figura 8 - Exemplos de cerâmicas funerárias do tipo Enfer Polychrome, adaptado de Rostain (1994) (M. SILVA, 2011: 29).	27
Figura 9 - Exemplos de cerâmicas do tipo Caripo Kwep, à esquerda cerâmicas domésticas e à direita cerâmicas funerárias, adaptado de Rostain (1994) (M. SILVA, 2011: 27).	28
Figura 10 – Gráfico representando a quantidade de sítios filiados à Fase Aristé de acordo com a categorias utilizadas durante o levantamento do histórico dos trabalhos em sítios desta fase.	44
Figura 11 – Gráfico representando a quantidade de sítios filiados à Fase Aristé em categorias gerais.	45
Fig. 12 – Gráfico apresentando as datas calibradas para a Fase Aristé gerado a partir do uso do programa OxCal v.4.2.4. https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal	48
Figura 13 – Recorte do Mapa de N. Sanson 1658 citado por Goeldi, disponível em: Mariette, P. and Sanson (1660) - http://www.geographicus.com/P/AntiqueMap/Guiane-sanson-1656#sthash.O6hm6EJG.dpuf	53

Figura 14 – Modelos de casas indígenas por La Barrère (1743: 141) à direita modelo de casa Mayé. – Copiado de http://gallica.bnf.fr	54
Figura 15 – Carte de La Guiane Françoise: ou du Gouvernement de Caiena depuis le Cap de Norde jusqu’a la Riviere de Maroni, elaborada por d’Anville geógrafo ordenado do rei de 1729, disponível em: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b59061834 ; alterações de brilho e contraste feitas pelo autor.	56
Figura 16 – Croqui – Os Ameríndios do Contestado e da Guiana (1700-1750) de Pierre Grenand (1979 <i>apud</i> Gallois 2008: 51).	59
Figura 17 – À esquerda fragmento de vaso pintado encontrado por Nimuendajú na Gruta de Ukupi (LINNÉ, 2008: 74); à direita, superior – “D” – motivo encontrado em urna do sítio Vila Velha II; direita, inferior – “E” – motivo Palikúr segundo Fernandes (alterados de HILBERT, 1957: 35).	63
Figura 18 – Mapa etnohistórico do Amapá, segundo Grenand & Grenand (1987: fig. 2) elaborado por: Rostain (2011: 28).	66
Figura 19 – Reconstituição de aldeia do tipo ‘montagnes couronnées’. Ilustração de Jean- Pierre Penez (MESTRE, 2010 <i>apud</i> Cabral 2014: 206).	67
Figura 20 – Mapa de localização dos sítios arqueológicos em estudo. Shapes disponíveis na Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA	70
Figura 21 – À esquerda, abertura de trincheira com uso de maquinário com deposição do sedimento nas laterais da mesma; à direita, Perfil de uma das trincheiras abertas com a máquina e limpada manualmente (WALKER, 1967: 14,16).	71
Figura 22 - Equipamento pesado, Scrêiper, limpando a zona arada em uma escavação arqueológica do Projeto FAI-270 (EMERSON & WALTHALL 2006:169).	73
Figura 23 – À esquerda, perfil de uma estrutura de buraco de poste escavada manualmente; à direita, planta baixa da área escavada com círculos indicando as casas e zonas hachuradas indicando espaços públicos ou áreas de atividades específicas no assentamento (BARTONE & VERSTEEG, 1997:27, 101)	74
Figura 24 – À esquerda, piqueteamento da área a ser escavada; à direita, procedimento de decapagem mecânica controlada por arqueólogo (Fotos na Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	75
Figura 25 – À esquerda, limpeza do sedimento solto na superfície da área decapada com sinalização das estruturas evidenciadas com colheres de plástico e escavação manual de uma estrutura; à direita, escavação manual de uma estrutura com evidência <i>in situ</i> dos artefatos encontrado (Fotos da Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	76
Figura 26 – À esquerda, estrutura escavada e fotografada, em processo de desenho de perfil e plano de topo; à direita, vista de uma área escavada por decapagem mecânica com exposição das estruturadas (Fotos da Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	76

Fig. 27 – Exemplo de tabela utilizada para análise matricial com base nos padrões pontuais.	78
Figura 28 – Formas obtidas para as cerâmicas da Fase Aristé por Meggers & Evans (1957, apêndice: tabelas 19 e 20).	81
Figura 29 – Exemplificação da estratigrafia do sítio AP-OI-06 com representação de exemplos das estruturas negativas encontradas durante a escavação. 1: Buraco de poste, 2: Buraco de poste com calage, 3: Fossa, 4: cerâmica quebrada <i>in situ</i> e 5: Poço (SILVA, 2011, p. 36).	83
Figura 30 – Croqui da dispersão de estruturas antrópicas e possível delimitação de habitações - Sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Shapefiles elaborados por João Saldanha e disponíveis na Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	84
Figura 31 – Densidade da cerâmica coletada em superfície e durante a decapagem do sítio AP-OI-06 em relação às estruturas arqueológicas.	85
Figura 32 – À esquerda, gráfico de dispersão de espessura média em milímetros da borda dos vasilhames; à direita, gráfico com a frequência das variações de espessura média em milímetros da borda dos vasilhames.	89
Figura 33 – À esquerda, gráfico de dispersão das variações de diâmetro de abertura da boca em centímetros encontradas; à direita, gráfico da frequência das variações de diâmetro de abertura da boca em centímetros encontradas.	89
Figura 34 – Gráfico apresentando as variações dos tipos de decoração encontrados nas vasilhas do sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque.	90
Figura 35 – Frequência dos tipos cerâmicos encontrados no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque.	91
Figura 36 – Prancha com exemplares da Forma A – Jarro com colar encontrados no sítio AP-OI-06 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA)... ..	92
Figura 37 – Prancha com exemplares da Forma B – Jarro com pescoço encontrados no sítio AP-OI-06 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	93
Figura 38 – Prancha com a variação das vasilhas da Forma C – Tigela aberta encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	94
Figura 39 – Prancha com exemplares da Forma D – Tigela levemente carenada com borda infletida encontrados no sítio AP-OI-06 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	95
Figura 40 – Prancha com exemplares da Forma E – Tigela com abertura restringida encontrados no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	97

Figura 41 – Prancha com vasilhas da Forma G – Pequeno jarro arredondado com borda infletida encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	98
Figura 42 – Prancha com vasilhas da Forma H – Jarro largo, borda direta, pescoço longo encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	99
Figura 43 – Prancha com vasilhas da Forma I – Tigela carenada com abertura restringida encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	100
Figura 44 – Prancha com variação das vasilhas da Forma J – Prato encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	100
Figura 45 – Prancha com exemplares da Forma L – Bancos encontrados no sítio AP-OI-06 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	101
Figura 46 – Prancha com exemplares da Forma M – Naviforme encontrados no sítio AP-OI-06 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	102
Figura 47 – Gráfico da frequência de ocorrência dos diferentes tipos de bases encontrados no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque.	103
Figura 48 – Prancha representando a variação de formas de base encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	104
Figura 49 – Perfil Oeste e Norte do sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1. Elaborado pelo: autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	105
Figura 50 – Espacialização das estruturas antrópicas e delimitação das áreas interpretadas como casas - Sítio AP-CA-41: Amapá Grande 1. (Shapefiles elaborados por João Saldanha e disponíveis na (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	107
Figura 51 – Densidade da cerâmica coletada em superfície e durante a decapagem do sítio AP-CA-41 em relação às estruturas arqueológicas.	108
Figura 52 – À esquerda, gráfico de dispersão de espessura da borda dos vasilhames; à direita, gráfico com a frequência das variações de espessura da borda dos vasilhames.	111
Figura 53 – À esquerda, gráfico de dispersão das variações de diâmetro encontradas; à direita, gráfico da frequência das variações de diâmetro encontradas.	111
Figura 54 – Gráfico com a variação dos tipos de decoração encontrados no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1.	112
Figura 55 – Frequência dos tipos cerâmicos encontrados no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1.	113

Figura 56 – Prancha com a variação de vasilhas da Forma A – Jarro com colar encontradas no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	113
Figura 57 – Prancha com a diversidade das vasilhas da Forma B – Jarro com pescoço encontradas no sítio AP-CA-41 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	114
Figura 58 – Prancha com a variação de vasilhas da Forma C – Tigela aberta encontradas no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	115
Figura 59 – Prancha com vasilha da Forma D – Tigela levemente carenada com borda infletida encontrada no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	116
Figura 60 – Prancha com variação das vasilhas da Forma E – Tigela com boca restringida encontradas no sítio AP-CA-41 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	116
Figura 61 – Prancha com variação das vasilhas da Forma G – Jarro arredondado com borda infletida encontradas no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	117
Figura 62 – Prancha apresentando a vasilha da Forma L – Banco encontrada no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	118
Figura 63 – Prancha com a forma da vasilha sem classificação (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	118
Figura 64 - Imagem do Perfil Norte do sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão. Elaborado pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	119
Figura 65 - Mapa com dispersão das estruturas antrópicas e delimitação das habitações - Sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão (Shapefiles elaborados por João Saldanha e disponíveis na (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	120
Figura 66 – Croqui apresentando a densidade de cerâmica em superfície no sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão, onde podemos visualizar em vermelho uma delimitação possível das habitações.	121
Figura 67 – À esquerda, gráfico de dispersão da variação de medidas de espessura média da borda; à direita, gráfico de frequência das variações de espessura.	123
Figura 68 – À esquerda, gráfico de dispersão da variação de diâmetro; à direita, gráfico apresentando a variação de frequência dos valores de diâmetro.	123
Figura 69 – Gráfico com a variação dos tipos de decoração encontrados no sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão.	124
Figura 70 – Frequência dos tipos cerâmicos encontrados no sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão.	125

Figura 71 – Prancha com variação das vasilhas da Forma B encontradas no sítio AP-CA-48 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	125
Figura 72 – Prancha com variação das vasilhas da Forma C encontradas no sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	126
Figura 73 – Prancha com exemplares da Forma E encontrados no sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	127
Figura 74 – Prancha com vasilha da Forma I encontrada no sítio AP-CA-48 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	127
Figura 75 – Prancha apresentando vasilha da Forma J encontrada no sítio AP-CA-48 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	128
Figura 76 – Prancha com exemplares do sítio AP-CA-48 que não puderam ser classificados (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	128
Figura 77 – Gráfico apresentando a frequência relativa comparada do estado de preservação da superfície das vasilhas dos três sítios em estudo.	130
Figura 78 – À esquerda, gráfico apresentando a frequência relativa comparada dos tipos de tempero das vasilhas dos três sítios em estudo, e à direita, gráfico apresentando as variações de textura da pasta das vasilhas.	131
Figura 79 – Gráfico apresentando a frequência relativa comparada das variações de coloração da pasta das vasilhas dos três sítios em estudo.	132
Figura 80 – À esquerda, gráfico apresentando a frequência relativa comparada dos tipos de queima das vasilhas dos três sítios em estudo; à direita, gráfico apresentando os tipos de acidentes de queima das vasilhas.	132
Figura 81 – Gráfico apresentando a frequência relativa das técnicas de manufatura das bases analisadas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque.	134
Figura 82 – À esquerda, gráfico apresentando a frequência relativa das variações de tratamento de superfície observadas nos três sítios em estudo; à direita, gráfico da frequência relativa das variações de acabamento.	135
Figura 83 – À esquerda, gráfico apresentando a frequência relativa das variações de diâmetro de abertura de boca das vasilhas dos três sítios em estudo; à direita, gráfico da frequência relativa das variações de espessura média.	135
Figura 84 – À direita, gráfico apresentando a frequência relativa da presença de decoração nos três sítios; à direita, gráfico apresentando a frequência dos tipos de decoração.	136
Figura 85 – Gráfico apresentando a frequência relativa dos diferentes tipos de decoração encontrados nos três sítios em estudo.	137
Figura 86 – Gráfico apresentando a frequência relativa de ocorrência dos tipos cerâmicos encontrados em cada um dos três sítios em estudo.	140

Figura 87 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma A – Jarro com colar, adaptada de Meggers & Evans (1957), elaborada pelo autor.	141
Figura 88 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma B – Jarro com pescoço, borda espessa, adaptada de Meggers & Evans (1957), elaborada pelo autor.	142
Figura 89 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma C – Tigela aberta, adaptada de Meggers & Evans (1957) com inclusão das formas encontradas no presente estudo, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	143
Figura 90 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma D – Tigela levemente carenada com borda infletida, adaptada de Meggers & Evans (1957) com inclusão das formas encontradas no presente estudo, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	143
Figura 91 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma E – Tigela com boca restringida, adaptada de Meggers & Evans (1957) com inclusão das formas encontradas no presente estudo, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	144
Figura 92 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma G – Pequeno jarro arredondado com borda infletida, adaptada de Meggers & Evans (1957) com inclusão das formas encontradas no presente estudo, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	144
Figura 93 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma H – Jarro largo, borda direta, pescoço longo, adaptada de Meggers & Evans (1957) com inclusão das formas encontradas no presente estudo, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	145
Figura 94 – Prancha ilustrando vasilha da Forma I – Tigela carenada com boca restringida encontrada no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	145
Figura 95 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma J – Prato, encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	145
Figura 96 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma L – Banco, elaborada com exemplos de formas encontradas em dois poços funerários do sítio Curiaú Mirim I (Gambim, 2016: comunicação pessoal) e fragmento de banco encontrado no sítio AP-CA-41, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	145
Figura 97 – Prancha ilustrando exemplos de formas de vasilhas da Forma M – Tigela naviforme, elaborada através de exemplos de formas completadas presentes na Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA, da esquerda para à direita, vasilha encontrada em poço funerário no sítio AP-CA-18: Rego Grande; doação encontrada no fundo do rio Tracajatuba; vasilha encontrada em poço funerário do sítio AP-CA-38: Garrafinha (elaborada pelo autor).	146

Figura 98 – Prancha apresentando dois exemplos de buracos de poste, à esquerda, buraco de poste com calage; à direita, buraco de poste simples, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	151
Figura 99 – Prancha apresentando exemplo de fossa com vasilha, na imagem é possível visualizar a parte inferior de um crânio no interior da vasilha, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	152
Figura 100 – À esquerda, prancha apresentando exemplo de fossa arredondada; à direita, prancha apresentando exemplo de fossa retangular ou elipsoidal, o polígono interno do plano de topo representa a base da estrutura, elaboradas pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	153
Figura 101 – Prancha apresentando exemplo de estrutura do tipo poço, a linha pontilhada apresenta do diâmetro máximo da base desta estrutura, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	155
Figura 102 – Prancha apresentando corte estratigráfico realizado no Fosso encontrado no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	156
Figura 103 – Conjuntos cerâmicos encontrados próximos à base do fosso (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).	157
Figura 104 – Tabela apresentando a correlação da tipologia cerâmica com a tipologia de estruturas nos três sítios em estudo.	158
Figura 105 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma A encontradas nos sítios em estudo.	159
Figura 106 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma B encontradas nos sítios em estudo.	160
Figura 107 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma B dos sítios em estudo.	161
Figura 108 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma C encontradas nos sítios em estudo.	162
Figura 109 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma C dos sítios em estudo.	162
Figura 110 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma D encontradas nos sítios em estudo.	164
Figura 111 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma D dos sítios em estudo.	164
Figura 112 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma E encontradas nos sítios em estudo.	165
Figura 113 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma E dos sítios em estudo.	166

Figura 114 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma G encontradas nos sítios em estudo.	167
Figura 115 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma G dos sítios em estudo.	167
Figura 116 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma H encontradas nos sítios em estudo.	168
Figura 117 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma H.	169
Figura 118 – À esquerda, gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma I encontradas nos sítios em estudo; à direita, gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma I.	170
Figura 119 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma A encontradas nos sítios em estudo.	171
Figura 120 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma J.	171
Figura 121 – Resumo da tabela de correlação da tipologia cerâmica com a tipologia de estruturas, somando os tipos encontrados nos três sítios e acrescentando o uso inferido de cada forma com base nas características morfológicas.	174
Figura 122 – Tabela apresentando a quantidade de vasilhas de cada tipo funcional na superfície dos três sítios em estudo.	175
Figura 123 – Prancha apresentando o mapa de densidade total de cerâmica na superfície do sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque em conjunto com os mapas dos resultados das densidades de cada um dos três tipos funcionais identificados: cocção, servir/consumo e transporte/armazenamento.	176
Figura 124 – Prancha apresentando o mapa de densidade total de cerâmica na superfície do sítio AP-CA-41: Ponte do Oiapoque em conjunto com os mapas dos resultados das densidades de cada um dos três tipos funcionais identificados: cocção, servir/consumo e transporte/armazenamento.	179
Figura 125 – Prancha apresentando o mapa de densidade total de cerâmica na superfície do sítio AP-CA-48: Ponte do Oiapoque em conjunto com os mapas dos resultados das densidades de cada um dos três tipos funcionais identificados: cocção, servir/consumo e transporte/armazenamento.	181

1. INTRODUÇÃO

O estado do Amapá possui uma zona costeira com aproximadamente 700 km de extensão que, para fins de gerenciamento do Zoneamento Econômico e Ecológico -ZEE deste estado, foi dividida em dois setores (ver Figura 1, a seguir), tendo como base as principais fontes de água que banham a costa e com o rio Araguari como divisor central. Caracterizando, desta forma, o setor estuarino ou amazônico na porção sul do estado, limitado pela foz dos rios Araguari e Jari, possuindo 236 km de extensão; e o setor atlântico ou oceânico na porção norte do estado, limitado pela foz dos rios Araguari e Oiapoque, com 462 km de extensão. Este último, foco do presente estudo, abrange os municípios de Amapá, Calçoene, Oiapoque, Pracuúba e Tartarugalzinho (TORRES & EL-ROBRINI, 2006: 13; DRUMMOND *et al*, 2008: 27; TAKIYAMA & U. SILVA, 2009: 36; JIMENEZ & TAKIAMA, 2012: 14).

Figura 1 – Mapa de localização da área de estudo com identificação dos principais rios da Costa Atlântica citados no texto. No mapa de localização apresentamos a divisão da zona costeira do Amapá elaborada através do georreferenciamento, em escala de 1:600.000, da imagem apresentada em Jimenez & Takiana (2012: 15). Shapes disponíveis na Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA.

O setor atlântico ou costa atlântica é caracterizado por extensos manguezais, várzeas, campos inundáveis e estuários (TAKIYAMA & U. SILVA, 2009: 36; JIMENEZ & TAKIAMA, 2012: 15) e, segundo Drummond *et al* (2008: 33), se traçarmos uma linha percorrendo de leste ao oeste do estado, iniciando na costa atlântica e seguindo em direção ao seu interior, será observado que a vegetação tende a se alterar, em poucas dezenas de quilômetros, de “manguezais, restingas, campos inundados, cerrados, florestas ciliares e florestas de palmeiras, até chegar às primeiras formações mais densas de florestas”, caracterizando assim um alto grau de diversidade desta região. Foi esta vasta e rica região que Betty Meggers & Clifford Evans (1957) definiram como área de ocorrência da fase Aristé.

A fase Aristé foi criada por Meggers & Evans na década de 50 com base nos atributos tecnológicos (pasta e queima), decorativos e morfológicos das cerâmicas oriundas de 7 sítios do tipo habitação e 7 sítios do tipo cemitério localizados entre os rios Araguari e Oiapoque, porção nordeste do estado do Amapá. Na criação desta fase foram utilizados também os dados das cerâmicas descritas por Emílio Goeldi, encontradas nos poços funerários artificiais da Vila do Cunani, e os descritos por Henri Coudreau e Curt Nimuendajú no mesmo estado.

Por volta dos anos 1990, Stéphen Rostain revisa a fase Aristé incluindo novos dados obtidos através de escavações em sítios habitacionais e cerimoniais na Guiana Francesa, expandindo a área de ocorrência dessa fase arqueológica até o rio Approuague, leste da Guiana Francesa. Os dados mais atuais sobre os sítios dessa fase estão ligados às pesquisas feitas por Mariana Petry Cabral e João Darcy de Moura Saldanha, arqueólogos do Núcleo de Pesquisa Arqueológica – NuPArq do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá - IEPA, através do *Projeto de Investigação Arqueológica na Bacia do Rio Calçoene e seu Entorno - Amapá*. Como resultados deste projeto, o casal, conjuntamente com a equipe do NuPArq, revisita sítios já registrados e também identifica novos sítios, bem como realiza escavações nos sítios megalíticos e grutas funerárias do estado do Amapá, ao mesmo tempo em que desenvolve projetos de educação patrimonial com a comunidade local.

Apesar de conhecidas arqueologicamente desde o século XIX e historicamente desde o início da conquista europeia, as cerâmicas filiadas a esta fase sempre tiveram maior repercussão quando provindas de contextos cerimoniais, como é o caso com as cerâmicas dos poços funerários artificiais encontrados nos sítios megalíticos do município

de Calçoene-AP, bem como, com as cerâmicas encontradas nas grutas da região de Ouanary na Guiana Francesa.

Este fato se deu principalmente pelas elaboradas composições decorativas desse material, o aspecto monumental e cerimonial dos sítios funerários e de uso específico em contraposição aos dispersos e pouco profundos sítios de origem doméstica, nos quais os vestígios arqueológicos não possuíam essas mesmas composições. Tal quadro não significa a ausência de escavações em sítios domésticos, no entanto, no período de criação e consolidação dessa fase arqueológica, estas foram feitas através de sondagens amostrais que não possibilitavam a compreensão detalhada de seus contextos domésticos.

O inverso aconteceu com os sítios de contexto cerimonial, uma vez que as suas características físicas bem delimitadas, como por exemplo poços, grutas e deposições de urnas em superfície, possibilitavam a sua ampla exploração com a elaboração de croquis e plantas bem detalhadas da dispersão das vasilhas. Outro ponto de divergência entre os contextos doméstico e cerimonial é referente à preservação das vasilhas. Enquanto as coleções dos sítios domésticos são muito fragmentadas e erodidas, as coleções dos sítios cerimoniais são formadas por vasilhas inteiras ou com possibilidade de remontagem de seu perfil.

Nos anos 2000, após aproximadamente um século das pesquisas iniciais, o emprego de escavações arqueológicas em área ampla – com auxílio mecânico – na Costa Atlântica do estado do Amapá, realizadas pela equipe do NuPARq/IEPA, possibilitam o estudo e maior compreensão da cerâmica de origem doméstica da fase Aristé. É nesse contexto que no ano de 2010 iniciei, como bolsista de Apoio Técnico do NuPARq/IEPA e sob orientação do arqueólogo João Darcy de Moura Saldanha, as pesquisas em sítios habitação da fase Aristé no Amapá, através da análise do material cerâmico encontrado nas estruturas antrópicas do sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque, resultando em 2011 na monografia de especialização intitulada *Análise Tipológica e Espacial no Extremo Norte do Amapá: O sítio Ponte do Oiapoque como estudo de caso*. Nesse trabalho foi constatado que a análise isolada do material cerâmico encontrado nas estruturas antrópicas de sítios domésticos é insuficiente para a compreensão contextual e deposicional desse tipo de sítio e que, devido à intencionalidade dessas deposições, não houve possibilidade de compreender toda a variabilidade das cerâmicas que compõem as ocupações.

Frente a essa pouca compreensão dos contextos domésticos da fase Aristé, este trabalho tem como proposta dar prosseguimento na tarefa de refinamento da tipologia cerâmica dos sítios do tipo habitação através da análise do material cerâmico de três sítios domésticos escavados em área ampla no estado do Amapá (ver mapa de localização dos sítios na Fig. 20, Pág. 70), permitindo a sua comparação com as cerâmicas encontradas nos contextos cerimoniais. É de extrema importância ressaltar que a atual classificação do material cerâmico Aristé em dois períodos cronológicos distintos, mas contínuos – Ouanary Encoché e Enfer Polychrome – como proposto por Rostain (2011), é baseada, principalmente, nos vestígios oriundos de contextos especializados – funerário e cerimonial –, portanto, através desse trabalho busca-se verificar se esta divisão se mantém nos contextos domésticos.

Procurar-se-á, com base nos resultados das escavações mecânicas, contribuir para uma arqueologia das unidades habitacionais filiadas à fase Aristé, através da correlação dos dados cerâmicos com os dados espaciais. Para isso será elaborada a tipologia das estruturas antrópicas identificadas durante a escavação, permitindo sua interpretação em conjunto com a dispersão espacial do material cerâmico e, por fim, possibilitando a inferência de áreas de atividade domésticas.

Assim, apresentamos a estruturação desta dissertação. No **Capítulo 1: Introdução**, foi apresentada a localização da área de estudo, bem como a justificativa principal que motiva esta dissertação – a pouca compreensão dos contextos domésticos da fase Aristé –; no **Capítulo 2: Uma história da Arqueologia em Sítios Aristé**, apresentamos um levantamento das pesquisas arqueológicas realizadas em sítios filiados à fase Aristé, tanto no Amapá quanto na Guiana Francesa, mas com maior ênfase no primeiro e ao fim do capítulo apresentamos algumas considerações sobre o levantamento; no **Capítulo 3: Contextualização para os Povos da Costa Norte do Amapá e Litoral Guianense**, realizamos um levantamento etnohistórico do grupos que ocuparam o território que abrange a Costa Atlântica do Amapá e leste da Guiana Francesa, buscando a realização de maiores inferências sobre as antigas dinâmicas sociais de ocupação da região, ao fim do capítulo também são apresentadas considerações sobre o levantamento; no **Capítulo 4: Os Sítios Arqueológicos em Estudo**, iniciamos localizando os sítios na Costa Atlântica do Estado do Amapá para que em seguida sejam apresentados os métodos – de escavação, da análise cerâmica e da análise espacial –, seguindo para a apresentação e descrição de cada sítio, através das suas características físicas, materiais e espaciais; no

Capítulo 5: *Caracterização comparativa da cerâmica Doméstica da Fase Aristé e Organização Espacial Interna Comparada dos Sítios em Estudo*, apresentamos a manipulação dos dados obtidos, a qual resulta nas tipologias, cerâmica e de estruturas, e na espacialização dos dados, permitindo a observação dos padrões de dispersão espacial característicos de cada um dos sítios em estudo; no **Capítulo 6:** *Considerações e Discussão dos Resultados*, realizamos o cruzamento dos resultados obtidos em cada um dos capítulos desta dissertação, possibilitando um modelo inicial para a compreensão das habitações filiadas à fase Aristé, e, em seguida, apresentamos os resultados obtidos, bem como, as perspectivas para trabalhos futuros em sítios doméstico filiados à fase Aristé; por fim, apresentamos as **Referências Bibliográficas** utilizadas no presente estudo, seguidas pelo **Anexos 1 e 2**.

2. UMA HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA EM SÍTIOS ARISTÉ

Para iniciar a construção desse trabalho e possibilitar o levantamento de novas inferências sobre os vestígios cerâmicos e os sítios dos povos filiados à Fase Aristé foi elaborado um levantamento do histórico de trabalhos arqueológicos realizados em sítios desta fase, abordando com maior profundidade os principais autores que realizaram pesquisas nestes sítios, desde Henri Coudreau à Mariana Cabral e João Saldanha. Segue, então, o levantamento alcançado até o momento.

Betty Meggers e Clifford Evans (1957) elaboraram as primeiras hipóteses arqueológicas para o estado do Amapá com base no quadro proposto por Steward (1948), influenciando muitas pesquisas arqueológicas na região. As fases criadas e a hipótese de ocupação propostos por estes autores seguem até hoje, com alterações que vão sendo levantadas através da obtenção de dados de pesquisas mais sistemáticas realizadas nos últimos anos (SALDANHA & CABRAL, 2010), se destacando as datações absolutas por C14, enquanto que as datações obtidas por esses autores, nos anos 50, eram baseadas em cronologias relativas a partir da seriação de conjuntos de vestígios arqueológicos, posteriormente, comparados com dados históricos e etnohistóricos, permitindo a construção de uma história cultural para o Amapá.

Em seu modelo arqueológico, Meggers & Evans (1957) definem a região norte do estado do Amapá como área de ocorrência de sítios filiados à fase Aristé. Com base nessa definição, a história a ser construída aqui se limita, então, às pesquisas que possuem essa região como foco. As informações relativas à localização desta fase e distribuição de sítios, juntamente com os resultados das pesquisas realizadas por estes autores, serão descritas ainda neste capítulo.

O atual quadro arqueológico do Amapá é caracterizado, assim como a Amazônia de forma geral, pela presença de pesquisas voltadas, principalmente, para sítios cerâmicos, não possuindo grande gama de informações básicas sobre os sítios líticos (CABRAL & SALDANHA, 2010a: 55). Saldanha & Cabral (2010), através de pesquisas recentes, refinaram o quadro arqueológico proposto por Meggers & Evans (1957), apresentando então três zonas arqueológicas baseadas em fatores ambientais: o Interior do Estado, a Costa Estuarina e a Costa Atlântica, sendo a última a região de ocorrência dos sítios filiados à fase Aristé.

O relato mais antigo de cerâmicas que viriam a ser filiadas à fase Aristé se deu em 1625, na Guiana Francesa, quando Jesse de Forest encontrou, não muito longe da boca do rio Oiapoque, um cemitério composto por vasilhas de diversas formas, das quais duas continham ossos em seu interior (ROSTAIN, 2011: 13).

A primeira escavação em um sítio Aristé ocorreu no período de junho a julho de 1883, quando Henri Anatole Coudreau realiza uma excursão ao Cunani, descrita em seu livro *La France Équinoxiale: Voyage à travers les Guyanes et l'Amazonie tome II* (COURDREAU, 1887). Em sua excursão, auxiliado por Le Beller, escavou o primeiro poço funerário artificial que se encontrava sobre o monte onde a nova igreja da vila de Cunani foi construída. No interior desse poço foram encontradas 7 urnas em perfeito estado de conservação (COUDREAU, 1887: XVI). Contudo, Rostain (1994: 620) e Pascual-Gaborit (2000: 14) relatam que estas urnas estão desaparecidas.

Em seu relato sobre a Excursão, Coudreau (1887: XX-XXII) constrói uma história – “*em traços gerais*” – da ocupação indígena no rio Cunani, iniciando com a chegada dos povos Caribe que teriam se instalado no *Monte Mayés* em torno da época da invasão europeia, afirmando que o nome do monte faz referência a uma grande tribo Caribe de excelentes navegadores. O autor sugere que esses grupos aí progrediram, em relação à sua tecnologia de produção cerâmica e ao sepultamento com cremação, mas que fugindo dos europeus se retiraram para o interior do território, abandonando a montanha, e subindo sucessivamente até um acampamento principal na atual vila de Cunani, onde o autor encontrou o poço funerário citado anteriormente. Nas proximidades, os jesuítas fundam um estabelecimento, no século XVIII, provavelmente devido à existência desse acampamento. Em 1794, em face ao massacre causado pelos portugueses, os índios da missão jesuítica se refugiaram no que o autor chama de *Grande Acampamento*, onde os fragmentos cerâmicos lá encontrados acusam data recente e foram encontrados restos de casas, utensílios e diversas ferramentas relativamente bem preservadas que não permitem voltar mais de 50 ou 60 anos do último estabelecimento dos índios no rio Cunani. Coudreau finaliza, então, afirmando que, na época de suas pesquisas, só podem ser encontrados vestígios das grandes tribos desaparecidas nas montanhas, nas cabeceiras do rio.

Baseado nessa construção histórica, Coudreau (1887: XX) sugere que as urnas encontradas na vila do Cunani estavam relacionadas ao *Grande Acampamento*, localizado

em uma ilha no rio Cunani, e que, entre a foz deste rio e a vila, podem ser encontrados “vestígios de quatro ou cinco acampamentos antigos, com cemitérios, que seriam interessantes para escavar”. O autor também sugere que as sete urnas encontradas na vila são contemporâneas à ocupação jesuítica, “a julgar pelos acabamentos excepcionais dos desenhos” e presença de ossos cremados em três urnas (*id.*: XXI).

Além da excursão ao Cunani, mas ainda na mesma obra, o autor descreve o cemitério indígena encontrado na margem direita do Rio Tartarugalzinho. Este sítio foi descoberto em 1873 por Joaquim Magalhães que retirou uma das urnas, junto com sua tampa, e a enviou para Mgr. Emonet, prefeito apostólico da Guiana (COUDREAU, 1887: 49; ROSTAIN, 1994: 616; PASCUAL-GABORIT, 2000: 14). As três urnas restantes foram retiradas por Coudreau e enviadas a Caiena, para o governador da Guiana (COUDREAU, 1887: 49).

Segundo Coudreau (1887: 49-50) este sítio é caracterizado por um alinhamento, Leste-Oeste, de 4 urnas funerárias, perpendiculares ao rio, dispostas com um espaçamento de um metro uma da outra e colocadas ao nível do solo, em meio a uma clareira, acusando uma exploração relativamente recente. As urnas eram de técnica grosseira e não possuíam ornamentos, o que, segundo o autor, provavelmente indicaria uma origem pouco longínqua. Todas possuíam uma pequena tampa com furos para fixar. Quando descobertas, continham ossos que foram em algum momento descartados. De acordo com as informações apresentadas pelo autor, a urna levada para o prefeito apostólico era a mais bonita e se encontrava na extremidade leste do alinhamento. A urna da extremidade oeste era pequena, mas mais elegante que as outras, provavelmente de uma criança, e possuía contas brancas e azuis em seu interior; a segunda, indo para o leste, continha grandes contas vermelhas e azuis; a terceira continha apenas terra. As contas encontradas nas urnas foram interpretadas pelo autor como pertencentes aos colares dos indivíduos sepultados. Apesar de não ficar claro no relato original, Rostain (1994: 616) indica que as contas encontradas eram de vidro e que as urnas coletadas por Coudreau no cemitério do rio Tartarugalzinho também estão desaparecidas (*id.*: 617).

Coudreau (1887: XXVII) também faz referência à ocorrência de urnas e outras antiguidades indígenas no rio Nove, nas proximidades do Monte Mayé. Sobre a presença de materiais arqueológicos nesse monte, ver, ainda neste tópico, a descrição das excursões de Nimuendajú (2004: 15-18, 28).

Em 1895, entre os meses de outubro e novembro, o Museu Paraense organiza a sua primeira expedição científica à Guiana Brasileira – atual Amapá –, na costa litorânea entre os rios Oiapoque e Amazonas. O itinerário compreendia a região entre os rios Cunani e Cassiporé, a região da vila do Amapá e a zona dos lagos. Os resultados arqueológicos e etnográficos dessa expedição, no que se refere ao cemitério indígena do Cunani, foram publicados em 1905 pelo Prof. Dr. Emílio Augusto Goeldi, auxiliado em campo pelo tenente-coronel Aureliano Pinto Lima Guedes, sob o título de *Excavações archeologicas em 1895, executadas pelo Museu Paraense no Littoral da Guiana Brasileira entre o Oyapock e Amazonas. 1ª Parte. As cavernas funerárias artificiais de Indios hoje extinctos no Rio Cunany (Goanany) e sua cerâmica* (GOELDI, 1905: I-II).

Ao buscar informações de antigos vestígios indígenas junto da população da Vila do Cunani, Goeldi foi informado sobre os potes encontrados durante a renovação da capela, os mesmos encontrados por Coudreau e Le Beller e enviados a Caiena. Segundo a população local, estavam “os potes inteiros ainda, de mui boa conservação, bonito aspecto e belos desenhos, contendo alguns d’entre eles agua clara e límpida, como que posta hontem” (GOELDI, 1905: 5).

Em uma exploração do Igarapé do Holanda, tributário esquerdo do rio Cunani, Goeldi descobre sobre o Monte Curú “uma pedra lavrada, quase como um d’aquelles marcos, em toda parte usados para limites de terrenos”. Essa pedra era na realidade um bloco de granito – “de forma alongada pyramide quadrangular truncada” - que se encontrava em posição inclinada, marcando o meio de dois grandes discos de granito que cobriam duas cavernas artificiais e de forma particular (GOELDI, 1905: 5-6), dois poços com câmara lateral em forma de bota (Fig. 2). Esses poços de 2,50 m de profundidade e 1,20 m de diâmetro de abertura continham em seu interior “rica, variada e optimamente conservada cerâmica funerária indígena (...) alguidares e potes, de formas tão originaes quão estheticas, de desenhos e pinturas artísticas e tão frescas, como se tivessem sido feitos hontem” (id.: 6).

Figura 2 - À esquerda, Corte ideal através do Monte Curú, para demonstrar a situação dos poços funerários; à direita, Corte longitudinal através de uma caverna funerária e sua projeção (GOELDI, 1905).

Segundo a descrição de Aureliano Pinto Lima Guedes, relatada por Goeldi (1905), nas câmaras laterais dos poços foram encontradas 18 *igaçabas* de diversas formas e tamanhos, com pares semelhantes. Foram retirados também fragmentos de outras vasilhas que pareciam ter sido quebradas no momento do sepultamento. No meio das câmaras se encontravam as vasilhas maiores, circundadas pelas menores. As vasilhas, “em sua totalidade, continham fragmentos de ossos calcinados, que pela sua abundância, (...) encerrava, cada uma, restos de mais de um indivíduo”. É apresentado a seguir um trecho da descrição de Lima Guedes.

“Umás igaçabas tinham formas de alguidares com pequenos buracos praticados no fundo; outras tinham mais ou menos a forma de uma bandeja ornamentada nos quatro cantos; uma tinha quasi a forma de um chapéo armado collocado sobre um pequeno cylindro; duas em forma de grandes esferas sobrementadas de pescoço alongado e amplo. A mór parte d’ellas tinha a forma de potes de grande bojo, com pescoço largo ornamentado com um desproporcionado rosto de indio. Do bôjo partiam braço e pernas quasi em miniatura.

De cada par, umas tinham orelhas furadas e seios, o que me faz supor que continham restos de pessoas do sexo feminino; outra não tem seio nem orelhas furadas, o que me leva a crêr que encerrava restos de indivíduos do sexo masculino.

Todas ellas, exceção feita dos dous potes grandes, por cima de uma camada esbranquiçada de resina de jutahycica, eram ornamentadas com pinturas de diversas formas e gostos” (GOELDI, 1905: 6-7).

Além das urnas, na região de Cunani, Goeldi também descreve a descoberta de uma lâmina de machado em pedra polida de 7 cm de comprimento por 5 cm de largura com pedúnculo para encabamento na extremidade traseira. Segundo o autor, conforme determinação do geólogo, essa lâmina foi feita em um material de coloração verde, uma variação de diabásio (GOELDI, 1905: 7).

Goeldi e sua equipe também encontraram vestígios arqueológicos na vila do Amapá, afirmando que “toda a elevação em que se acha hoje a povoação d’este nome,

não é outra coisa senão um aterro sepulcral, um *teso* artificial” (GOELDI, 1905: 8). É feita referência a urnas encontradas na própria vila, como em frente à igreja ou à escola e também gargalos de vasos aflorando em forma de círculos no meio de uma das ruas principais da vila. As urnas são descritas como sendo de um “feitio tosco, da aparência de simples moringas, sem arte e sem ornamentos quer plásticos, quer pintados” (ibid.)

O autor ainda menciona a existência de cerâmica na zona da baía do Mayacaré e também na região do rio Tartarougal – fazendo referência ao trabalho de Coudreau (1887) descrito anteriormente –, mas que por motivos de saúde da equipe não puderam explorar (id.: 8). Goeldi também relata ter recebido de presente de um morador do Igarapé da Roça, próximo à boca do Cunani, um vaso que teria sido encontrado no Monte Mayé, mas do qual ele duvidava de sua origem pela semelhança com os vasos ainda produzidos na boca do Amazonas, apesar de sua cerâmica pouco cozida (id.: 17-18).

Inspirado pelas descobertas de Henri Coudreau e Emilio Goeldi, o viajante naturalista François Geay (1901 *apud* ROSTAIN, 1994) prospecta, entre os anos de 1899 e 1900, cavernas e grutas localizadas nas colinas de Ouanary, baixo Oiapoque, na Guiana Francesa, relatando a presença de muitos cacos e peças inteiras em grutas funerárias, mas que na época ninguém associou os seus achados com os de Goeldi no Monte Curú (ROSTAIN, 1994: 4; 2011: 13; PASCUAL-GABORIT, 2000:17). Os sítios encontrados nas colinas de Ouanary serão apresentados adiante na descrição dos trabalhos arqueológicos realizados na Guiana Francesa, os quais foram sintetizados por Rostain (1994).

Curt Nimuendajú, financiado pelo *Etnographical Museum in Gothenburg - EMG*, nos anos de 1923 e 1925, realiza duas expedições à Guiana Brasileira. Na primeira ele buscava encontrar os “pilares de pedra” na região costeira do município do Amapá e seu entorno e na segunda abordou a região da fronteira entre a Guiana Francesa e a Guiana Brasileira, mais precisamente a região do extremo norte do Amapá, atual Terra Indígena Uaçá; ambas são apresentadas por Sigvald Linné (1928: 71-77) em um curto relato ilustrado. Os relatos das pesquisas de Nimuendajú são publicados, respectivamente, como: *Stone-settings and Urn Sites in Brazilian Guyana* e *Archaeological investigations in the Regions of the Rio Aracauá and the Rio Uaçá* (RYDÉN, 2004: 14), em seu trabalho póstumo *In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region* compilado e traduzido por Stig Rydén e Per Stenborg.

Em seu primeiro relato, Nimuendajú apresenta descrições de 37 sítios arqueológicos na região dos Municípios de Amapá e Calçoene. Destes, 21 foram visitados e 16 são oriundos de relatos fornecidos ao viajante pela população local. Segundo as descrições fornecidas por Nimuendajú (2004: 15-41), os sítios podem ser categorizados da seguinte forma: 2 sítios funerários em abrigo rochoso (Monte Mayé I – Sítio de Urnas A – e Montanha da Pluma), 2 sítios funerários enterrados sobre teso (Igarapé Novo e Vila Amapá), 4 sítios funerários a céu aberto (Monte Mayé II – Sítio de Urnas B -, Conceição do Cunani, Bom Jesus da Montanha e Igarapé Matupiry), 3 sítios de habitação à céu aberto (São Joaquim, Cova da Onça e As Abertas), 7 sítios megalíticos sobre teso (Açahyzal, Tezo da Mina, Ilha do Carão, Igarapé dos Macacos e Ilha do Costella I, II e III), 14 sítios megalíticos (Rio Novo, José Antonio, Sucurijú I e II, Lago dos Patos, Cachoeirinha, Igarapé da Serra, Luiza, Vila Calçoene, Pedra Chata, Mayacaré, Tezo da Mina II, Rio Novo II e III), 2 sítios com presença de polidores (As Garças e Igarapé do David Grande), 1 sítio de ocorrência de duas tampas de urnas funerárias (Monte Mayé III – Sítio de Urnas C) e, por fim, 2 sítios que não permitem categorização por falta de informações (Montanha Apontada e Santa Maria).

Apesar de desconhecer o propósito dos sítios megalíticos, Nimuendajú (2004: 15), mantém a sua associação com os sepultamentos, da mesma forma que Goeldi (1905) o faz ao afirmar que o bloco de granito em posição vertical, encontrado entre as duas lajes horizontais de granito, servia como marcador das tampas dos poços funerários.

O Sítio descrito por Nimuendajú como Rio Novo (NIMUENDAJÚ, 2004: 28) é, possivelmente, devido à sua localização nas proximidades dos campos inundáveis que cercam o Monte Mayé, o mesmo referido anteriormente por Coudreau (1887: XXVII) como Rio Nove.

Em seu segundo relato, sobre a expedição na região dos rios Arucauá (Urucauá) e Uacá, são apresentadas descrições de 8 sítios arqueológicos, dos quais 2 são baseados em relatos (NIMUENDAJÚ, 2004: 42-52). Estes sítios podem ser categorizados da seguinte maneira: 2 sítios funerários a céu aberto (Courbaril e Coumarouman), 3 sítios funerários enterrados (Kuapi, Roça Comecomes e Mawir-Mini), 1 sítio funerário em abrigo rochoso (Ulakte-Uni), 1 sítio funerário que, por sua descrição, não permite categorização mais aprofundada (Uakaury-Uné) e 1 sítio que não permite categorização por falta de informações (Colina de Caripurá) do qual Nimuendajú foi informado como local de origem de um machado polido que lhe foi entregue.

Nimuendajú (2004: 47-50), baseado nas características morfológicas e decorativas dos vestígios cerâmicos coletados no sítio Ulakte-Uni, afirma que o povo que utilizou este cemitério possui uma cerâmica quase idêntica àquela encontrada por Goeldi nos poços funerários no Monte Curú, confirmando, então, a teoria de Goeldi (1905: 23) de que os índios de Cunani usavam as cavernas naturais para o sepultamento de seus mortos e quando estas estavam ausentes, devido às características naturais do território, construíam poços artificiais para este fim.

Betty Meggers e Clifford Evans (1957: 2) que já demonstravam interesse sobre a situação arqueológica da foz do Amazonas desde 1943, quando viram se tornar óbvia a necessidade de trabalhos de campo mais científicos para basear as interpretações dos vestígios arqueológicos, seguem para o Amapá no dia 2 de janeiro de 1949 para iniciar as suas pesquisas através de visitas, registros e escavações estratigráficas, e retornam para seu laboratório no Museu Goeldi em Belém do Pará no dia 4 de fevereiro do mesmo ano para analisar os resultados obtidos (id.: 5). O casal retorna para Macapá em 23 de junho para apresentar os resultados da sua expedição e descobre que Newton Dias Cardoso, que havia trabalhado com eles anteriormente, havia visitado, bem como escavado, muitos outros sítios e cedeu as informações obtidas para que Meggers e Evans pudessem estudar e classificá-las (id.: 6). Os resultados oriundos dessas pesquisas foram publicados em 1957 no livro *Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon*.

Os trabalhos realizados até então, como apresentados anteriormente, possuíam caráter mais colecionista e exploratório buscando encontrar a relação, através de uma analogia direta, entre os povos que habitavam a região em tempos históricos e os vestígios dos povos do passado. É através da sistemática de coleta e análise de dados empregada por Meggers e Evans (1957) que se buscou a construção de uma história cultural para o Amapá, inserida no quadro de ocupação das américas e também no modelo de desenvolvimento cultural elaborado por Julian Haynes Steward (1948). Como resultado, Meggers & Evans (1957), através da análise quantitativa e posterior seriação dos tipos cerâmicos, definiram 3 fases arqueológicas para o estado do Amapá: Aruã, Aristé e Mazagão (MEGGERS & EVANS, 1957: 158).

Os grupos representantes da fase Aruã, os únicos a ocuparem ambas as margens do rio Araguari-Amapari (MEGGERS & EVANS, 1957: 37), teriam sido os primeiros ceramistas a entrarem no estado do Amapá e, conforme a sua cultura material e padrões de assentamento, principalmente a construção de monumentos megalíticos, teriam tido

sua origem a partir de uma nova rota vinda do norte, tendo migrado da região Circum-caribenha (MEGGERS & EVANS, 1957: 158, 596; SALDANHA & CABRAL, 2010: 98).

Posteriormente, os povos produtores da cerâmica Aruã teriam sido empurrados do continente para as ilhas da foz do Amazonas (Caviana, Mexiana e Marajó) por um grupo ancestral Mazagão-Aristé, que se separou após entrar no território e passou a se desenvolver de forma independente em regiões diferentes: os povos produtores da cerâmica Aristé no norte do estado, limitados pelos rios Araguari-Amapari ao sul e Oiapoque ao norte, e os povos produtores da cerâmica Mazagão no sul do estado, limitados ao norte pelos rios Araguari-Amapari e Jari ao sul (MEGGERS & EVANS, 1957: 37 e 160; ROSTAIN, 1994: 429; CABRAL & SALDANHA, 2008a: 17). A hipótese de pressão populacional gradual ou um meio de coerção mais evidente que teria levado os povos produtores da cerâmica Aruã a desocupar a costa do continente é sustentada por Meggers & Evans (1957: 158) pela ausência de uma lacuna temporal entre a suposta partida dos produtores da cerâmica Aruã e a chegada dos grupos posteriores. Tal lacuna seria representada pela ocorrência de vestígios Mazagão e Aristé em sítios Aruã e pelas influências Aruã nas cerâmicas desses dois grupos.

O grupo ancestral, Mazagão-Aristé, foi criado devido às semelhanças técnicas e estilísticas dos tipos cerâmicos antigos Jari Raspado (Mazagão) e Flexal Raspado (Aristé), tendo origem no baixo Amazonas, o que é sustentado por escavações realizadas nas Guianas cujos resultados não mostraram conexões significativas entre essas regiões, sem ocorrência de cerâmicas da fase Mazagão neste território (ROSTAIN, 1994: 428).

Meggers & Evans (1957: 160) afirmam que os povos produtores das cerâmicas pertencentes às fases Aristé e Mazagão eram *hostis uns aos outros* e não há qualquer evidência de troca e intercomunicação, não sendo encontrada nem uma simples ocorrência de cerâmica da fase Aristé em sítios Mazagão ou vice-versa. Contudo, Rostain (1994: 429) afirma que existem semelhanças decorativas entre as cerâmicas de ambas as fases o que, por sua vez, indicaria a possibilidade de contato ou relações de troca entre os povos produtores de ambas as cerâmicas.

Através de sua seriação, Meggers & Evans (1957: 37-41) encontram apenas 3 sítios filiados à fase Aruã no estado do Amapá (A-5: Cafezal, A-8: Aurora e A-23: Ilha da Fortaleza, Conceição), sendo o sítio A:23 escavado por Newton Cardoso. O primeiro,

sítio A-5: Cafezal se encontra ao sul do rio Araguari na bacia do rio Vila Nova e é caracterizado por ser um sítio habitacional contendo cerâmicas das fases Aruã e Mazagão, portanto não iremos abordá-lo em mais detalhes, por se encontrar fora da área de ocorrência de sítios Aristé. Os outros dois sítios, localizados no rio Flexal, são caracterizados por serem sítios megalíticos sobre teso, seguindo a categorização anterior. No sítio A-8: Aurora foram coletados 78 fragmentos cerâmicos, dos quais 36 pertenciam ao tipo Piratuba Liso e 30 ao tipo Aberta Inciso, ambos da fase Aruã, e apenas 12 pertencentes à fase Aristé, sem definição do tipo. Por outro lado no sítio A-23: Ilha da Fortaleza, Conceição, foram coletados 374 fragmentos cerâmicos pertencentes ao tipo Piratuba Liso da fase Aruã. Este tipo é caracterizado por uma cerâmica de superfície com coloração bege clara à laranja e tempero de caco moído, e o tipo Aberta Inciso apresenta as mesmas características de pasta, mas com decoração composta por incisões irregulares (id.: 538).

As cerâmicas encontradas em ambos os sítios foram consideradas pelos autores como a variedade mais crua da cerâmica Aruã, ao mesmo tempo em que afirmam que a seriação dos sítios Aruã não poderia ser baseada unicamente na análise do material cerâmico (id.: 43). Tendo como base os resultados de suas pesquisas em sítios megalíticos, Meggers & Evans (1957: 41-43) filiam, também, os sítios megalíticos encontrados por Nimuendajú (2004) à fase Aruã, apesar de Nimuendajú ter encontrado um poço funerário, característica Aristé, abaixo de um bloco de granito no sítio Rio Novo e fragmentos cerâmicos de dois tipos decorados da fase Aristé no sítio Açahyzal, da mesma forma em que eles também encontraram fragmentos de cerâmica Aristé no sítio megalítico A-8: Aurora (id.: 44).

Meggers & Evans (1957: 43-44) buscando suportar a sua hipótese de que os povos produtores da cerâmica Aruã teriam sido os primeiros ceramistas do Amapá, afirmam que a presença – em baixa frequência – de cerâmicas Aristé em sítios Aruã seria um reflexo “do uso ocasional de terrenos elevados com alinhamentos de pedra” pelos povos tardios da fase Aristé. Contudo, apesar de classificar os sítios megalíticos como filiados à fase Aruã, os autores afirmam que os poucos cacos dispersos, a partir de poucos vasos Aruã, não sugerem práticas votivas ou até mesmo funerárias, uma vez que também não foram encontrados sepultamentos Aruã nas redondezas dos megalitos, mas que seria “mais provável que essas estruturas tenham uma função cerimonial na cultura Aruã”, mantendo o motivo de sua filiação Aruã obscura. Os autores ainda afirmam que tanto o tempero de

caco moído e a pintura, que são traços da cerâmica Aruã, teriam sido possivelmente influências que os povos produtores da cerâmica Aristé receberam ao deslocar os povos da fase Aruã para as ilhas da foz do Amazonas (id.: 164).

Em relação aos sítios Aristé, Meggers & Evans (1957: 104-123) nos trazem descrições de 16 sítios, excluindo o sítio A-8: Aurora descrito anteriormente. Desses, 5 sítios foram estudados por Newton Cardoso e 2 por Eurico Fernandes. Esses 16 sítios podem ser categorizados da seguinte maneira: 6 sítios de habitação a céu aberto (A-9: Relógio, A-12: Cruzeiro, A-16: Ilhas do Campo, A-18: Maica, A-20: Vila Cunani e A-21: Pracuûba), 4 sítios funerários em gruta (A-10: Montanha da Pluma, A-11: Montanha Aristé I, A-11: Montanha Aristé II e A-11: Montanha Aristé III), 2 sítios funerários sobre teso (A-7: Amapá City e A-15: Vila Velha), 1 sítio funerário enterrado (A-14: Macapá), 1 sítio megalítico (A-19: Renovado), 1 acampamento a céu aberto (A-13: Matapí) e 1 sítio cuja descrição não permite categorização (A-22: Conceição).

Como visto anteriormente, os sítios A-10: Montanha da Pluma e A-7: Amapá City (Vila do Amapá) já haviam sido citados por Nimuendajú (2004: 38 e 36), sendo o segundo também citado por Goeldi (1905: 8). O sítio A-19: Renovado é o mesmo sítio escavado por Goeldi e sua equipe em Cunani no topo do Monte Curú. Esse sítio foi visitado por Newton Cardoso que encontrou fragmentos cerâmicos dentro de um dos poços escavados por Goeldi. Este material foi analisado por Meggers & Evans (1957) em conjunto com os dados coletados por Goeldi (1905). Aqui mantemos a classificação do sítio A-19: Renovado como megalítico, apesar de Meggers e Evans (1957) não o classificarem dessa forma, descrevendo apenas os poços e não apresentando as informações sobre os blocos de granitos encontrados neste sítio. Os sítios A-13: Matapí e A-14: Macapá são os únicos sítios filiados à fase Aristé estudados pelos autores que se encontram ao sul do rio Araguari. Para a consolidação da fase Aristé, também foram incluídos nos estudos os sítios, já descritos aqui, encontrados por Coudreau (1887) em Cunani e no Rio Tartarugalzinho, os sítios encontrados por Nimuendajú (2004) na região dos rios Uaçá e Aracauá, bem como os sítios Monte Mayé I e II e Ilha do Carão.

A partir da análise e classificação de 2.156 fragmentos cerâmico dos sítios de habitação e 215 vasos completos ou restaurados dos sítios funerários, Meggers & Evans (1957: 132-150), baseados nas características de pasta, morfologia e decoração definem sete tipos cerâmicos para a fase Aristé, sendo estes: Aristé Liso, Aristé Pintado, Daví Inciso, Flexal Raspado, Uaçá Inciso, Serra Liso e Serra Pintado. Através da seriação das

cerâmicas, foi observada uma variação de popularidade que indica uma mudança de uma cerâmica com superfície grosseira com pasta contendo tempero arenoso (Aristé Liso) e com decorações incisas (Uaçá Inciso) e raspadas (Flexal Raspado), para uma preferência por uma cerâmica com superfície suave com pasta contendo tempero de caco moído (Serra Liso) e decoração pintada (Serra Pintado), onde as pinturas passam de motivos simples e faixas para desenhos altamente complexos e intrincados. Apesar dessa variação de popularidade, os autores afirmam que as cerâmicas pintadas ocorrem em todos os períodos da fase nos sítios funerários que, por sua vez, apresentam uma frequência muito maior de cerâmicas decoradas do que nos sítios habitacionais (id.: 156-157).

Como os sítios habitacionais não apresentaram profundidade maior que 10 cm, eles não foram utilizados como base para aplicação da abordagem estratigráfica, o que fez os autores buscarem outras bases para a seriação. Uma delas foi a presença de muitas contas de vidro europeias encontradas em sítios funerários, o que forneceu um ponto terminal para a Fase Aristé. Após encontrar o ponto final, foi observado que onde havia ocorrência de material europeu, não eram encontradas cerâmicas dos estilos decorados Flexal Raspado, Daví Inciso e Uaçá Inciso, sugerindo que esses tipos eram mais antigos que os outros e pertenciam ao início da sequência da fase. Outra base de seriação utilizada foi a premissa de que os vasos cerâmicos depositados no sítio A-10: Montanha da Pluma, do tipo funerário em caverna, representariam uma sobrecarga após o preenchimento de seu interior com consequente depósito em direção ao exterior da caverna. As diferenças nos tipos cerâmicos do interior e exterior da caverna serviriam como um controle da mudança através do tempo, o que, segundo os autores, foi confirmado ao encontrar material europeu apenas nos vasos do exterior da caverna (id.: 151).

A sequência cronológica dos tipos cerâmicos elaborados por Meggers & Evans (1957: 132-150) para a Fase Aristé pode ser resumida da seguinte forma: Os tipos Flexal Raspado e Uaçá Inciso ocorrem apenas no início da sequência; o tipo Daví Inciso está limitado ao início e metade da sequência; o tipo Aristé Liso, mais popular tanto em sítios funerários como habitacionais, desaparece nos sítios funerários a partir da metade da sequência e se torna apenas uma ocorrência nos sítios habitacionais tardios; o tipo Aristé Pintado, exclusivo de sítios funerários, ocorre do início até a metade da sequência, quando é substituído pelo tipo Serra Pintado. Os tipos Serra Liso e Serra Pintado ganham popularidade no decorrer da sequência, sendo o Serra Pintado especialmente comum nos

cemitérios. A sequência cronológica dos tipos cerâmicos da Fase Aristé é representada graficamente a seguir (Fig. 3).

SEQUÊNCIA CRONOLÓGICA DA FASE ARISTÉ				
TIPOS	INÍCIO	MEIO	FIM	EXEMPLOS
Flexal Raspado	X
Uaçá Inciso	X
Davi Inciso	X	X
Aristé Liso	X	X
Aristé Pintado	X	X
Serra Liso	X	X	X
Serra Pintado	X	X	X

Figura 3 - Quadro apresentando uma adaptação resumida da sequência cronológica da fase Aristé (MEGGERS & EVANS, 1957, p. 132-150) Fonte: M. Silva (2011).

Os tipos Flexal Raspado e Uaçá e Daví Incisos, apesar de ocorrerem nos cemitérios em conjunto com os tipos pintados, são os tipos decorativos exclusivos dos sítios habitacionais mais antigos (Meggers & Evans 1957: 152).

Buscando elaborar uma tipologia baseada na forma dos vasos, Meggers & Evans (1957: tabela 19) apresentam 9 formas que englobam as principais formas ocorridas em todos os 7 tipos cerâmicos criados por eles. Estas formas são: Forma A - Jarro com colar;

Forma B - Jarro com pescoço; Forma combinada A e B - Jarro com pescoço e colar; Forma C - Tigela aberta; Forma D - Tigela levemente carenada com borda infletida; Forma E - Tigela com boca restringida; Forma F - Tigela carenada com borda flangeada; Forma G - Pequeno jarro arredondado com borda infletida; Forma H - Jarro longo, borda direta, pescoço longo (ver Fig. 28, Pág. 81 deste trabalho).

Ao comparar a forma dos vasos dos tipos Aristé Liso e Aristé Pintado, os autores observaram que duas formas – Forma D e Forma F – encontradas no tipo Aristé Pintado nunca ocorrem no tipo Aristé Liso e sugerem, então, que estas formas foram feitas especialmente para serem pintadas e que a decoração de certas formas com pintura não envolvia meramente a decisão de pintar algumas formas padrões encontradas nos tipos Lisos. Além disso, tendo em vista que a cerâmica Aristé Pintada é quase que exclusiva de sítios funerários, os autores afirmam não haver dúvidas de que havia uma elaboração consciente de tipos específicos de vasos que seriam utilizados para propósitos funerários no período inicial da fase Aristé. A mesma relação foi observada para os tipos Serra Liso e Serra Pintado (Meggers & Evans, 1957: 154-155).

Além dos artefatos cerâmicos, os autores nos apresentam os resultados dos poucos artefatos não cerâmicos encontrados nos sítios da fase Aristé. Esses são: 2 lâminas bem polidas (cinzel ou machado?), 1 pequena lâmina de machado bem polida com pedúnculo, 1 pequeno cinzel de pedra, 6 percutores fragmentados que podem ter sido originalmente fragmentos de machados, 1 fragmento de moedor também usado como percutor, 7 objetos de nefrita – 5 contas cilíndricas e 2 pingentes estilizados –, 5 fragmentos naturais de rocha queimados e 10 pingentes de concha perfurados. Após apresentar a quantificação de objetos não cerâmicos os autores sugerem que, em relação à cerâmica, os objetos de pedra tinham papel secundário na fase Aristé e que provavelmente teriam sido utilizados objetos perecíveis de madeira ou fibras vegetais que não se preservaram devido às condições climáticas (Meggers & Evans, 1957: 150-151). Para os autores, a presença de artefatos em pedra polida poderia indicar uma técnica de polimento de pedras bem desenvolvida ou a troca com um grupo praticante de tal arte (id.: 157).

Ao descrever os sítios funerários da fase Aristé, a hipótese proposta por Goeldi (1905: 23) e confirmada por Nimuendajú (2004: 47) de que os poços funerários são construídos na ausência de cavidades naturais é então apresentada por Meggers & Evans (1957: 157) como uma das características diagnósticas da fase Aristé, contudo os autores também afirmam que na ausência dessas cavidades naturais as urnas poderiam ter sido

depositadas sobre o solo ou enterradas superficialmente, não havendo uma obrigatoriedade de uso dos poços artificiais. As urnas, geralmente com representações antropomórficas pintadas ou plásticas e sem tampas, contêm os vestígios de enterramento secundário ou cremação, esta última sendo mais comum e ao mesmo tempo mais recente. Em alguns casos são encontradas oferendas em forma de machado de pedra, pingentes de nefrita ou contas de vidro europeias colocadas no interior das urnas (op. cit.).

Ao abordar os sítios habitacionais, apesar de considerarem os dados cerâmicos de baixa relevância para sua seriação, os autores descrevem estes sítios como tendo diâmetro aproximado de 100 metros, localizados em áreas elevadas e livres de inundações nas proximidades de uma fonte constante de água, podendo ser um lago ou igarapé, e que devido à pouca profundidade da camada arqueológicas destes sítios, aproximadamente 5 cm, com pouca presença de mistura entre o sedimento e os cacos, seriam constituídos possivelmente de casas de estrutura semelhante às atuais palafitas, com piso elevado construído sobre estacas, ainda em uso no Amapá (MEGGERS & EVANS, 1957: 157).

Devido à falta de informações sobre a duração da ocupação, falta de datações absolutas e impossibilidade de seriação com base na estratigrafia dos sítios, como vimos anteriormente, Meggers & Evans (1957: 157) não puderam afirmar se os sítios Aristé eram referentes a uma pequena população habitando a região por um longo período de tempo, ou uma grande população em um curto período, pois a única evidência de controle temporal encontrada foi a ocorrência de materiais de origem europeia em urnas funerárias. Contudo, os autores sugerem que esses povos não estavam presentes na região há muito tempo antes da chegada dos primeiros europeus.

Outra questão levantada pelos autores (Meggers & Evans, 1957: 164-165) se trata da ausência de pesquisas extensivas na Guiana Francesa que possibilitassem material comparativo. Contudo, escavações limitadas realizadas na área de Paramaribo, Suriname, geraram materiais semelhantes aos da fase Aristé em relação ao tempero, forma e decoração, mas essas ligações culturais só poderiam ser fortalecidas através de pesquisas mais extensivas nas Guianas, possibilitando por fim entender os limites norte desta fase.

Ainda nos anos 50, financiado pelo Museu Territorial do Amapá, o arqueólogo Peter Paul Hilbert do Museu Paraense Emílio Goeldi escava dois sítios arqueológicos filiados à fase Aristé na região do baixo curso do Rio Cassiporé. São estes os sítios Vila Velha, um sítio funerário enterrado localizado na margem esquerda do rio Cassiporé,

descoberto por Eurico Fernandes em 1935 que escavou uma urna com tampa contendo restos de ossos queimados, mais de trezentas contas de vidro, um machado polido e sete muiraquitãs e pendentes de jadeíta, os resultados desse trabalho foram incluídos nos estudos de Meggers & Evans (1957) citados anteriormente; e o sítio Ilha das Igaçabas, um sítio funerário a céu aberto localizado no Igarapé Grande, entre o Cassiporé e a costa. Os resultados de suas escavações foram publicados sob o título de *Contribuição à Arqueologia do Amapá: fase Aristé* no *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Antropologia N.º 1* (HILBERT, 1957: 1-41).

No sítio Vila Velha, Hilbert (1957:10-14) realizou novas escavações encontrando uma possível estratigrafia horizontal definida pela diferença nas formas, decoração e conteúdo das cerâmicas encontradas nas porções centrais e periféricas do sítio. Devido a essa possível estratigrafia ele dividiu o sítio em duas áreas: Vila Velha I (centro) e Vila Velha II (periferia). Na área Vila Velha I foram encontradas três vasilhas do tipo Uaçá Inciso, uma Serra Liso e dezessete Serra Pintado. As urnas continham ossos de enterramento secundário em seu interior, com exceção de uma que apresentava restos de ossos queimados. Não foram encontradas oferendas em formas de machados, contas ou vasos em miniatura. Na área Vila Velha II foram achadas três vasilhas do tipo Serra Liso e Sete Serra Pintado, as urnas continham restos de cremação, com exceção de uma que continha restos de enterramento secundário, e em todas foram achadas contas de vidro, sendo que em uma também foram encontrados dois guizos de cobre (HILBERT, 1957: 18-25). No sítio Ilha das Igaçabas foram encontradas 11 vasilhas, todas pertencentes ao tipo Serra Pintado, sem ossos em seu interior, mas contendo vasilhas em miniatura como oferendas, das quais duas continham contas europeias (id.: 14-18).

Ao comparar os dados arqueológicos dos dois sítios o autor encontrou grandes diferenças relativas à forma de enterramento, na forma das urnas e no estilo de decoração, permitindo coloca-los em uma sequência cronológica, com a área Vila Velha I no início da sequência devido às urnas com formas mais simples de maiores dimensões, com tampas em forma de raladores de cerâmica e contendo restos de sepultamento secundário, enquanto que a área Vila Velha II apresentava urnas de formas mais complexas e de menores dimensões com tampas de melhor acabamento, lisas ou pintadas, contendo ossos cremados em conjunto com material europeu. O sítio Ilha das Igaçabas, por sua vez, apresentava urnas de maiores dimensões com tampas de raladores de cerâmica, mas, ao

mesmo tempo, material europeu que permitiu que Hilbert colocasse este sítio em um período intermediário entre os dois anteriores (HILBERT, 1957: 30-32).

Foi a partir 1976 que se iniciaram as pesquisas arqueológicas sistemáticas na região de Ouanary, baixo Oiapoque na Guiana Francesa, onde Hughes Petitjean Roget e Dominique Roy guiados por Marcel Sébéloué, agricultor e caçador de Ouanary, encontraram nos Monts de l'Observatoire dois sítios funerários sob gruta, Jarre Indien e Gros Montagne, contendo urnas funerárias com decoração policroma que Pierre Grenand identificou como as primeiras cerâmicas filiadas à fase Aristé encontradas na Guiana Francesa. Com a criação da Associação Guianense de Arqueologia e Etnologia (AGAE) em 1979, a qual tinha Petitjean Roget como presidente e principal fundador, continuam as explorações na boca do rio Oiapoque com alguns de seus membros, entre eles Dominique Roy e Alain Cornette, conduzindo à descoberta de novos sítios funerários em cavernas. Os trabalhos arqueológicos realizados nesta época se baseavam praticamente em sondagens, inventários, coletas de superfície e publicações dos resultados no congresso da AIAC (Associação Internacional de Arqueólogos do Caribe) (ROSTAIN, 1994: 8; PASCUAL-GABORIT, 2000: 17; BSR, 2007: 100; MIGEON 2012: 20; Van den Bel, 2015: 95-96).

Devido ao crescente número de atividades arqueológicas que estavam ocorrendo nos anos de 1970 e 1980, em geral realizadas pela AGAE, o então diretor de pesquisas do Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS), Danièle Lavallée, cria em 1984 um posto de arqueólogo profissional (Voluntário em Auxílio Técnico – VAT) a fim de estruturar e garantir a monitoração das pesquisas arqueológicas na Guiana Francesa. Alain Cornette, no período de 1984 a 1985, foi o primeiro a ocupar o posto, seguido por Stéphen Rostain, no período de 1985 a 1987, quando ambos conduziram múltiplas operações em pequena escala na região costeira entre os rios Oiapoque e Maroni (ROSTAIN, 1994: 7; PASCUAL-GABORIT, 2000: 18; VAN DEN BEL, 2015: 95-96)

No ano de 1987, Rostain é recrutado pelo Ministério da Educação Nacional e o ORSTOM (Escritório de Pesquisa Científica e Técnica Ultramarino) de Caiena, hoje IRD (Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento), para conduzir um programa arqueológico no litoral da Guiana Francesa. Os resultados dessa pesquisa são incluídos na sua tese de 1994 intitulada *L'occupation amérindienne ancienne du littoral de Guyane*, onde, além de apresentar dados de novas escavações, também elabora uma síntese das pesquisas realizadas até o momento na Guiana Francesa (ROSTAIN, 1994: 7; PASCUAL-

GABORIT, 2000: 18; MIGEON 2012: 20; VAN DEN BEL, 2015: 96). Além da publicação da tese de Stéphen Rostain, os anos de 1990 também são marcados pelos primórdios da arqueologia preventiva na Guiana Francesa (BSR, 2007: 100), atualmente conhecida por escavações em área ampla através do emprego de auxílio mecânico. Para uma descrição das etapas do trabalho de campo em projetos de arqueologia preventiva na Guiana Francesa, conferir a tese de Martijn van den Bel (2015: 50-55).

Em sua síntese sobre os sítios Aristé encontrados na Guiana Francesa, Rostain (1994: 415-418) apresenta 36 sítios que podem ser categorizados da seguinte maneira: 10 sítios de habitação a céu aberto (Bassin Maipouri, Manioc, Ouanary, Patagaie, Barbosa, Clevelandia, Fort San Louis, Pointe Blondin, Prainha e Saut Maripa), 12 sítios de habitação em abrigo rochoso (Abri Marcel, Trou Kalina, Trou Comou, Trou Pac, Trou Tigre, Abri Patagaie, Carbet Mitan, Carapa II, Carapa III, Gaston, Sebeloue I e Sebeloue II), 3 sítios de habitação em caverna (Sebeloue III, Sebeloue IV e Moustique) e, por fim, 11 sítios funerários em caverna (Caripo, Gravier, Trou Agae, Trou Biche, Trou Coq de Roche, Trou Delft, Trou Reliquaire, Carapa I, Enfer, Gros Montagne e Jarre Indien).

Além dos sítios filiados à fase Aristé, Rostain (1994: 416) apresenta 7 sítios, ao oeste da boca do rio Oiapoque, com raras ocorrências de material cerâmico dessa fase, sendo 3 sítios Koriabo (Bauge, Mapou e Saut Mapou) encontrados no baixo rio Approuague e 4 sítios Themire, 2 localizados na Ilha de Caiena (Glycerias e Themire) e 2 perto de Macouria (Sainte Agathe e Crique Bremont). O autor também sugere a possibilidade de representação da fase Aristé nas cavernas, contendo vestígios cerâmicos, da Montagne des Trois Pitons e da Montagne de Kaw.

Desses 36 sítios Aristé, Rostain (2011: 13-14) realizou escavações nos sítios Carbet Mitan (20 m² escavados), Abri Patagaie (11 m² escavados), Abri Marcel (10,5 m² escavados), Moustique (3 m² escavados) e Enfer (12 m² escavados) localizados na região de Ouanary. Contudo, devido à falta de estratificação dos sítios, as escavações foram realizadas através de níveis artificiais de 10 cm com coleta de todos os achados, inclusive dos carvões que possibilitaram a datação e localização cronológica da fase Aristé. Vale ressaltar que as datações obtidas por Rostain para os sítios Aristé da Guiana Francesa são baseadas em dois sítios de habitação em abrigo rochoso e dois sítios funerários em caverna (ROSTAIN, 1994: 421). As datações são apresentadas a seguir (Fig. 4).

site	code	complexe	datation ¹⁴ C B.P.	calibrage
CARBET MITAN	OBDY 653	ARISTE ANCIEN	2070 + ou - 45 ans	164-39 B.C.
CARBET MITAN	OBDY 650	ARISTE ANCIEN	1650 + ou - 40 ans	345-427 A.D.
ABRI MARCEL	OBDY 798	ARISTE ANCIEN	1470 + ou - 40 ans	551-637 A.D.
ABRI MARCEL	OBDY 799	ARISTE ANCIEN	1430 + ou - 30 ans	598-645 A.D.
ABRI MARCEL	OBDY 795	ARISTE ANCIEN	1400 + ou - 60 ans	580-671 A.D.
ABRI MARCEL	OBDY 797	ARISTE ANCIEN	1310 + ou - 35 ans	659-767 A.D.
ABRI MARCEL	OBDY 800	ARISTE ANCIEN	1170 + ou - 30 ans	803-892 A.D.
TROU RELIQUAIRE	Paris 413	ARISTE RECENT	530 + ou - 60 ans	1318-1436 A.D.
TROU AGAE	OBDY 732	ARISTE RECENT	310 + ou - 40 ans	1446-1669 A.D.

Figura 4 – Tabela de datações radiocarbônicas da Fase Aristé obtidas na Guiana Francesa (ROSTAIN, 1994:421).

A data mais antiga, de 164-39 a.C., obtida para o sítio Carbet Mitan, devido a sua grande distância das outras obtidas e ausência de outras datas tão antigas, foi desconsiderada pelo autor em suas análises (ROSTAIN, 1994: 412-422). Com base nessas datações a fase Aristé passa a ser considerada uma fase milenar (ROSTAIN, 2011: 13).

Em sua revisão dos três sítios filiados à fase Aruã no Amapá, encontrados por Meggers & Evans (1957), Rostain (1994: 424) sugere que a presença dessa fase pode ser apenas uma intrusão, devido à pouca expressividade dessas cerâmicas no mesmo estado. Ainda, baseado nas datações radiocarbônicas para os sítios Aristé, o autor também sugere que os povos produtores da cerâmica Aruã não foram os primeiros ceramistas do Amapá e que na realidade a costa norte do estado foi ocupada pelos povos produtores da cerâmica Aristé por um longo período de tempo (id. 426). Ao mesmo, tempo o autor sugere que a policromia Aristé não teria origem nas influências obtidas pelo contato com os Aruã levando a uma produção de cerâmicas com pinturas mais complexas e uso de tempero de caco moído, como proposto Meggers & Evans (1957) e apresentado anteriormente, mas sim o inverso, onde os povos produtores da cerâmica Aristé influenciaram os Aruã (id. 427).

Os resultados dos estudos de Rostain em sítios filiados à fase Aristé foram revisados e republicados em espanhol no seu artigo intitulado *Que Hay de Nuevo Al Norte. Apuntes Sobre El Aristé*, na *Revista de Arqueologia*, Volume 24, N° 1 (ROSTAIN, 2011: 11-31). Devido à atualidade e facilidade de acesso, iremos utilizá-lo como referência para a descrição dos resultados de suas análises.

Como apresentado anteriormente, Meggers & Evans (1957) dividiram a fase Aristé em três períodos cronológicos diferentes: início, meio e fim. Baseado nas datações e na análise cerâmica dos sítios Aristé na Guiana Francesa, Rostain (2011: 14) também

propõe uma divisão de três períodos, nomeadamente Aristé Antigo (600-1100 d.C.), Aristé Recente (1100-1600 d.C.) e Aristé Final (1600-1750 d.C.).

Stéphen Rostain (2011: 17-19) apresenta os tipos cerâmicos característicos de cada período por ele definido da seguinte maneira:

O tipo *Ouanary Encoché* (3981 cacos e 38 vasilhas), característico do período Aristé Antigo, é dividido em três variedades ou subtipos – Bruyère, Patagaïe e Moustique – baseados em diferenças de características de tempero, pasta e forma da borda, apesar de não apresentar grandes diferenças de forma e decoração. Em termos gerais, o tempero característico desse tipo é o quartzo e a decoração, presente em 10% do material e as vezes dispostas em composições muito elaboradas, é constituída principalmente por pintura vermelha, branca ou preta e incisões retilíneas ou curvas, linhas de ponteados, entalhes, penteado e digitado. A tricromia é pouco presente e quando encontrada se dá apenas nas peças funerárias.

Figura 5 – Exemplos de cerâmicas domésticas do tipo Ouanary Encoché, adaptado de Rostain (1994) (M. SILVA, 2011: 26).

As principais formas domésticas (Fig. 5), representando 96% do material, desse tipo são: assadores, tigelas e pratos fundos de corpo globular ou aberto e tigelas restringidas; enquanto que as formas funerárias (Fig. 6), representando 4%, são: jarros de corpo globular e parte superior troncônica, tigelas e pratos fundos com borda entalhada, pratos pequenos convexos ou de boca ampla, tábuas e pequenas chapas. Esse tipo faz referência aos tipos Aristé Liso, Aristé Pintado, Daví Inciso, Flexal Raspado e Uaçá Inciso de Meggers & Evans (1957).

Figura 6 - Exemplos de cerâmicas funerárias do tipo Ouanary Encoché, adaptado de Rostain (1994) (M. SILVA, 2011: 26).

O tipo *Enfer Polychrome* (7718 cacos e 111 vasilhas), característico do período Aristé Recente, é caracterizado por tempero de caco moído, com decoração doméstica, presente em 12% do material, composta de incisões retilíneas ou curvas simples ou elaboradas, e linhas de entalhes; e funerária, presente em 62% da cerâmica das grutas, caracterizada por pinturas vermelha, branca, preta e raras vezes amarela – muitas vezes compondo motivos policromos – e por apliques zoomorfos ou antropomorfos bem elaborados.

As principais formas domésticas (Fig. 7), representando 80% da amostragem, são: assadores, tigelas, bacias ou tigelas de boca larga, tigelas com borda muito larga ou ligeiramente restringida, pratos, tigelas rasas, pratos grandes ou pratos fundos com boca larga, jarros globulares com a parte superior vertical, jarros restringidos com a parte superior larga, peças com ranhuras (chamadas “raladores”), enquanto que as formas funerárias (Fig. 8), 20% da amostra, consistem de jarros com perfil composto, grandes jarros com corpo globular e parte superior vertical, bacias, jarros, tigelas, taças ou pratos pequenos de boca larga, tábuas, chapas e tigelas carenadas. As cerâmicas desse tipo são semelhantes àsquelas dos tipos Serra Liso e Serra Pintado criados por Meggers & Evans (1957).

Figura 7 - Exemplos de cerâmicas domésticas do tipo Enfer Polychrome, adaptado de Rostain (1994) (M. SILVA, 2011: 28).

O período Aristé Final é caracterizado pela evolução das cerâmicas decoradas do período Aristé Recente. As decorações se encontram em faixas horizontais compostas por linhas retas, ameiadas ou acasteladas, angulosas e raramente curvas, diferindo, portanto, das decorações Aristé Recente e se assemelhando com as decorações da fase Mazagão. As principais formas cerâmicas são: urna quadrangular, plurilobulada ou globular com colo reto.

Figura 8 - Exemplos de cerâmicas funerárias do tipo Enfer Polychrome, adaptado de Rostain (1994) (M. SILVA, 2011: 29).

Além das cerâmicas características desses três períodos, Rostain (2011: 20) ainda relata a presença de cerâmicas *Caripo Kwep* (1669 cacos e 11 vasilhas) que se originam

no meio da sequência Aristé, nos sítios do baixo Oiapoque na Guiana Francesa, sem ocorrência no Amapá (Fig. 9). Esse tipo é caracterizado por tempero de cariapé com decoração nas cerâmicas domésticas, representando 15% do material, composta principalmente por incisões retilíneas ou curvas, linhas de ponteados ou entalhes, penteado e apliques zoomórficos, enquanto nos sítios funerários a decoração é caracterizada por pintura vermelha, as vezes sobre fundo branco, podendo ter composições muito elaboradas. O material doméstico representa 95% da cerâmica e suas formas características são: assadores, potes globulares com borda ampla ou muito larga, pratos, pratos grandes, pratos fundos, largos e de secção quadrangular ou corpo vertical, enquanto que as formas funerárias são jarros com perfil composto, bacias largas e grandes assadores com bordas.

Figura 9 - Exemplos de cerâmicas do tipo Caripo Kwep, à esquerda cerâmicas domésticas e à direita cerâmicas funerárias, adaptado de Rostain (1994) (M. SILVA, 2011: 27).

Rostain (1994: 20-21) sugere que as cerâmicas do tipo Caripo Kwep possam pertencer à antiga tradição Inciso-Ponteadada, sendo semelhantes aos estilos Pocó do rio Trombetas e Anajás da ilha de Marajó, apresentando muitas semelhanças com as cerâmicas do médio Amazonas como o estilo Itacoatiara e o Açutuba. O autor ainda sugere que a introdução deste novo estilo cerâmico não parece estar acompanhada por mudanças culturais e que os povos produtores dessa cerâmica poderiam ter coabitado com os povos produtores da cerâmica Aristé.

Em relação aos tipos Ouanary Encoché e Enfer Polychrome, o autor enxerga uma evolução progressiva da cerâmica, da mesma forma que Meggers & Evans (1957), contudo as datações obtidas para os sítios dessa fase indicam uma cronologia muito mais profunda, chegando a ser milenar, onde os motivos decorados encontrados no início da

sequência não se modificam com o surgimento da policromia, mas são, na realidade, desenvolvidos em composições complexas. Em relação às urnas funerárias, em ambos os tipos, elas parecem ser únicas, representando grande variedade de formas e diferentes modos de combinação dos motivos decorativos, e as formas quadrangulares que surgem ao fim da sequência podem representar novas influências.

Ao descrever os sítios habitacionais da fase Aristé na Guiana Francesa, Rostain (1994: 417; 2011: 15) sugere que estes sítios poderiam ser divididos em duas categorias: habitações a céu aberto e habitações em abrigo rochoso. As primeiras seriam caracterizadas por se encontrarem em elevações ou nas encostas altas dos rios e possuírem uma área de 2000 m² a 40000 m², podendo existir povoados pequenos formados por apenas algumas famílias com população aproximada de 40 a 200 indivíduos e sítios mais extensos com comunidades mais numerosas agrupando várias casas familiares com 500 a 4000 indivíduos, o autor compara as habitações mais extensas com os povoados observados pelos viajantes nos séculos 16 e 17. Já a segunda categoria de sítios seria caracterizada por abrigos rochosos com uma média de 28 m², próximos às habitações a céu aberto, que teriam sido ocupados em diferentes momentos e ocasiões. Como sugestão de uso dessas habitações o autor propõe o retiro individual ou familiar relacionado à, por exemplo, iniciação de chefes ou xamãs, ritos de puberdade, partos, duelos, resguardo ou fabricação de artefatos.

Por fim, Rostain (2011) sugere que os povos produtores da cerâmica da fase Aristé, originários do baixo Amazonas, dominaram a região costeira das Guianas desde a boca do rio Araguari no Amapá até os Monts de l'Observatoire na Guiana Francesa, em uma área de aproximadamente 370 km de comprimento por 10 a 100 km de largura, com produção de uma cerâmica estável que viu sua evolução das características de pasta, decoração e formas durante o decorrer de aproximadamente um milênio, passando da tradição Inciso-Ponteadada (Aristé Antigo - 600-1100 d.C.) para a tradição Policroma (Aristé Recente - 1100-1600 d.C.) apresentando muitas características em comum com a fase Marajoara e chegando a formar confederações pan-tribais. Contudo, a sua estabilidade viria a ser impactada no período Aristé Final (1600-1750 d.C.) com o início da conquista europeia, a qual conduziu a uma mescla cultural nas Guianas através do deslocamento de vários grupos indígenas para a costa do Amapá e a propagação de epidemias.

Rostain (2012: 23-34) sugere que a confederação Aristé seria expressada pela uniformidade da sua cultura com personificação das urnas, bem como a existência de uma área bem delimitada de ocorrência de sítios filiados à esta fase. Quando sugere a personificação das urnas o autor está fazendo referência à hipótese levantada por ele (id.: 23) de que “as urnas constituem um conjunto de seres transformados, os quais recriam as reuniões dos vivos em um microcosmo fechado” e que a partir da sua deposição em sítios funerários a ênfase não se encontrava na dinâmica individual de cada pessoa sepultada, mas que consistia na realidade de “um desejo de perpetuar para sempre uma imagem espelhada da sociedade”. A partir desta hipótese o autor propõe que diferentes clãs, possivelmente hierarquizados e ocupando diferentes vilas, podem ter utilizado um mesmo sítio funerário e que as diferenças encontradas nas decorações das urnas podem fazer referência ao clã de origem do indivíduo sepultado, o qual possuiria um status superior representado pela pouca quantidade de urnas nos cemitérios. O autor também sugere que esses diferentes clãs ou vilas podem ter compartilhado uma cultura material comum e participado de um sistema de trocas locais que resultaria na homogeneidade hoje encontrada no registro arqueológico.

Apesar de Rostain (1994) ter desconsiderado a datação mais antiga que obteve para o sítio Carbet Mitan, Claude Coutet (2009: 368-369) obteve novas datações para os sítios Abri Marcel e Carbet Mitan através de datações por AMS das cinzas (cariapé) utilizadas como antiplástico. No primeiro sítio foi obtida uma datação de 132-264 d.C. (UGAMS 4056, AB 27) e no segundo de 646-710 d.C. (UGAMS 4056, AB 45). Isso quer dizer que podemos considerar o período Aristé Antigo como possuindo uma profundidade temporal ainda maior, alcançando até o século II d.C.

Coutet (2009: 372) também apresenta uma crítica sobre os tipos cerâmicos elaborados por Rostain (1994: 418-419; 2011: 17-20) baseados na junção de critérios morfológicos e decorativos, pois acredita que os intervalos cronológicos estabelecidos por Rostain (1994) são difíceis de ser definidos, uma vez que os fragmentos cerâmicos dos diferentes tipos definidos são encontrados misturados na estratigrafia dos sítios Carbet Mitan e Abri Marcel até o período do contato. Além disso, considera difícil avaliar a localização cronológica dos sítios estudados, pois, devido à mistura desses vestígios na camada arqueológica, eles poderiam representar um único período de ocupação, ocupações de períodos próximos ou então ocupações sucessivas abrangendo vários séculos (COUTET, 2009: 373).

No ano 2000 Jean-Paul Pascual-Gaborit apresenta a sua dissertação intitulada *La Phase Marajoara et La Phase Aristé. Essai d'analyse comparée Nord du Brésil, Guyane française* na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales – EHESS. Esse trabalho teve como principal objetivo buscar os fatores culturais comuns e diferentes do material cerâmico das fases Aristé e Marajoara (PASCUAL-GABORIT, 2000: 2).

Após realizar as suas comparações o autor sugere, em suas conclusões (PASCUAL-GABORIT: 132-137), que as cerâmicas do período Aristé Recente apresentam mais semelhanças do que diferenças quando comparadas com as cerâmicas Marajoara. As principais semelhanças apontadas pelo autor são relacionadas aos materiais funerários, onde, em ambas as fases, é comum o uso de apliques modelados para indicar os membros, bem como as características das faces, localizadas no pescoço ou colar das urnas antropomórficas. O próprio uso de urnas funerárias antropomórficas já é, em si, uma característica de semelhança, assim como o uso de cerâmicas pintadas principalmente em sítios cerimoniais e funerários e a presença de enterramento secundário.

Entre ambas as fases também foi observado que os recipientes utilizados para o sepultamento nem sempre são as urnas funerárias, podendo ser utilizadas cerâmicas domésticas e também cerâmicas que já tiveram usos anteriores, citados como exemplo os vasos de fermentação de caxiri (id. 134).

O autor sugere que os povos da fase Aristé possuíam artesãos especializados da mesma forma que os da fase Marajoara e que alguns estilos de decoração pintada Aristé podem ter sido inspirados em tipos incisos e excisos da fase Marajoara, principalmente dos tipos Anajás e Pacoval Incisos. Os motivos iconográficos apresentam as maiores semelhanças entre as fases, ainda mais no que tange as representações abstratas geométricas que utilizam figuras em espiral, em volutas, em ondulações, em escada, em T ou em L (*op. cit.*).

Contudo, apesar de sugerir a influência da fase Marajoara, o autor apresenta a visão de que as influências recebidas pelos povos da fase Aristé por grupos externos eram integradas e reformuladas de acordo com a cultura original dos grupos desta fase, onde a forma como o artesão absorve e interpreta uma expressão exógena era feita incluindo-a ao estilo de sua cultura (id.: 135).

Embora sejam sugeridas essas semelhanças, o autor afirma a necessidade de compreensão de outros dados além do estudo das cerâmicas, como, por exemplo, a busca pela compreensão das formas de concepção dos sítios de habitação e funerários (*op. cit.*).

Pascual-Gaborit (2000: 135-136) ainda sugere que os grupos que produziam as cerâmicas da fase Aristé eram formados por integrações de diferentes grupos baseadas na busca de alianças para melhor resistir contra os inimigos, indicando uma possível relação dos antigos Palikur nessas complexas chefaturas clânicas, estes representariam uma forma de centro amalgamador, e sugere como possíveis inimigos os Kaliña e os grupos produtores da cerâmica Koriabo.

Para finalizar, baseando-se na premissa de que a influência é uma via de mão dupla, o autor apresenta duas possibilidades para as semelhanças encontradas entre as fases Aristé e Marajoara: a primeira se baseia na possibilidade de alianças intertribais de grupos da fase Aristé com os grupos da fase Marajoara; e a segunda na de emigração de grupos da fase Marajoara em território Aristé (*id.*: 136).

Ainda nos anos 2000, Lesley e David Green em conjunto com o arqueólogo Eduardo Góes Neves deram início a um projeto de arqueologia pública na Terra Indígena Uaçá, Oiapoque-AP. Este projeto buscava o envolvimento da comunidade através da formação de arqueólogos indígenas, levantamento de histórias orais com identificação de locais relacionados a eventos importantes da memória Palikur e, também, a discussão das prioridades da pesquisa e dos resultados alcançados (GREEN, GREEN, & NEVES, 2003; CABRAL & SALDANHA, 2008a: 13). Através desse projeto foram identificados 11 sítios arqueológicos, sendo que um desses, denominado Kuap (ou Kwap), foi mapeado com uso de teodolito e escavado sistematicamente através da abertura de poços-teste, revelando a presença de cerâmicas pertencentes à fase Aristé. Neste sítio foi encontrada também uma estrutura escavada caracterizada por um amplo caminho subindo a colina onde se encontrava o sítio. Esta estrutura, em seu caráter construtivo, se assemelhava à um fosso defensivo (GREEN, GREEN, & NEVES, 2003: 379). Esse sítio é referido na história oral Palikur como uma grande aldeia que foi destruída na batalha final entre os Palikur e os Galibi, a qual os primeiros venceram. Contudo, muitos morreram e foram aí enterrados (*id.*). Vale notar que este é o mesmo sítio visitado por Nimuendajú em 1925, ainda em uso pelos Palikur como cemitério, e caracterizado anteriormente como sítio funerário enterrado, mas que a partir das novas informações deve ser interpretado também como habitação a céu aberto.

Segundo João Saldanha e Mariana Cabral (2010: 108) este projeto acabou sendo interrompido por diversas razões e retomado em 2005 em conjunto com a equipe do NuParq/IEPA. Através da continuidade dos trabalhos o projeto contabiliza hoje um total de 18 sítios arqueológicos registrados, dos quais as informações apresentadas os relacionam à memória Palikur e a diversas categorias, sendo a maioria referente a sítios cerâmicos a céu aberto sobre elevações naturais com três deles possuindo estruturas escavadas, como a descrita anteriormente. Os autores descrevem também a presença de sítios de natureza funerária/cerimonial, como cavernas e abrigos rochosos. Contudo não são apresentadas descrições individuais dos sítios.

Dando continuidade ao projeto, Cabral & Saldanha (2010a: 55) realizaram a abertura de poços-teste no abrigo Himeket. Este abrigo faz parte do conjunto de grutas e abrigos localizado na margem direita do rio Urucaú e denominado Aragbus que, segundo a tradição oral Palikur, teria sido um refúgio de mulheres e crianças Palikur durante a guerra travada com os Galibi. Concordando com as descrições da escavação de Kuap foram encontradas cerâmicas filiadas à fase Aristé neste sítio. Estas, teriam sido reconhecidas pelos Palikur como “vestígios dos antigos” (GREEN, GREEN & NEVES, 2003 *apud* CABRAL & SALDANHA, 2010a: 55). Como resultado de suas escavações, além dos vestígios cerâmicos, foi encontrado em uma profundidade de 90 a 120 cm uma grande quantidade de lascas de quartzo.

Através de suas pesquisas, os autores obtiveram três datações radiocarbônicas para os sítios da T.I. Uaçá, duas para o abrigo rochoso denominado Aragbus, 1350 d.C. (BETA-255787) e 1210 d.C. (BETA-255786), e outra para um sítio com urnas funerárias sob a atual aldeia Kumenê 1370 d.C. (BETA-255792) (SALDANHA & CABRAL, 2010: 108), datas calibradas através do software OxCal v4.2.4. Essas datações remontam a sequência cronológica da área para os séculos XIII ao XIV d.C., indicando que os grupos produtores da cerâmica Aristé já a habitavam antes do período do contato e que as contas de vidro europeias encontradas por Nimuendajú no cemitério de Kuap indicam a possibilidade de permanência dos grupos produtores da cerâmica Aristé nessa região por pelo menos 500 anos. Essas contas, segundo o autor, eram coletadas pelos Palikur quando acidentalmente atingiam uma antiga urna ao abrir uma nova cova (NIMUENDAJÚ, 2004: 43-44). Outra questão de interesse, relatada por Nimuendajú sobre esse cemitério, é a utilização de pedras de aproximadamente 10-20 kg como marcadores das antigas urnas sepultadas (NIMUENDAJÚ, 2004: 43) que, apesar de possuírem menores dimensões, nos

lembram o uso de blocos rochosos para a marcação dos poços funerários nos sítios megalíticos.

Iniciando no ano de 2005 e se mantendo até os dias atuais, as pesquisas em sítios megalíticos são retomadas no estado do Amapá por Mariana Cabral & João Saldanha através do *Projeto de Investigação Arqueológica na Bacia do Rio Calçoene e seu Entorno* (CABRAL & SALDANHA, 2008a), o qual foi criado a partir de uma demanda do Governo do Estado do Amapá, buscando fortalecimento da identidade do Estado, valorização patrimonial e potencialidades turísticas. Este projeto engloba, no total, as bacias dos rios Flechal, Amapá, Calçoene e Cunani, compreendendo uma ampla área da região nordeste do estado do Amapá, e possui como principais objetivos a ampliação da compreensão sobre as ocupações antigas da região com foco especial nos povos construtores das estruturas megalíticas, bem como, o envolvimento da comunidade local na valorização e preservação do patrimônio arqueológico (CABRAL & SALDANHA, 2008a: 10; SALDANHA & CABRAL, 2010: 106). Resultados preliminares desse projeto são publicados no artigo intitulado *Paisagens Megalíticas na Costa Norte do Amapá* (CABRAL & SALDANHA, 2008a).

Na busca desses objetivos foram realizadas escavações – através de pequenos cortes e abertura de áreas amplas –, registros sistemáticos, levantamentos oportunistas, permitindo a localização de novos sítios, e a realocização de sítios registrados em trabalhos anteriores, mas que não possuíam coordenadas geográficas (CABRAL & SALDANHA, 2010a: 56; SALDANHA & CABRAL, 2010: 106).

Através de um levantamento realizado nos relatórios deste projeto (CABRAL & SALDANHA, 2006; 2007a; 2007b; 2007c; 2008b e 2010), encontramos descrições de 25 sítios arqueológicos, dos quais 6 sítios são realocizações de sítios identificados anteriormente por Nimuendajú (2004), Meggers & Evans (1957), Coirollo (1996) e Schaan *et al* (2005). Contudo, os dois sítios identificados por Coirollo (1996) e Schaan *et al* (2005) ainda não foram apresentados nesse levantamento e serão categorizados em conjunto com os sítios descobertos por Cabral & Saldanha. Os 21 sítios restantes, seguindo a categorização apresentada até agora, podem ser divididos da seguinte forma: 7 sítios de habitação a céu aberto (AP-CA-19: Rego Grande 2, AP-CA-25: Rio Novo 3, AP-CA-28: Cachoeira do Jacaré, AP-CA-29: Mutum 1, AP-CA-31: Rio Tracajatuba 1, AP-CA-32: Rio Tracajatuba 2 e AP-CA-33: Rio Tracajatuba 3); 4 sítios megalíticos (AP-CA-24: Rio Novo 2, AP-CA-26: Rio Novo 4, AP-CA-39 e AP-CA-44: Sete Ilhas 3); 8

sítios megalíticos sobre teso (AP-CA-18: Rego Grande 1, AP-CA-21: Rego Grande 4, AP-CA-22: Igarapé do Braço 1, AP-CA-23: Igarapé do Braço 2, AP-CA-30: Sete Ilhas 1, AP-CA-34: Sete Ilhas 2, AP-CA-38: Garrafinha e AP-CA-43: Irineu 1); 1 sítio de polidores (AP-CA-27: Cachoeira de Calçoene) e, por fim, 1 sítio caracterizado por um afloramento rochoso com fragmentos cerâmicos em sua superfície (AP-CA-20: Rego Grande 3).

Dos 7 sítios categorizados como habitação a céu aberto, 2 foram descritos como habitações sobre “ilha” (Tracajatuba 3 e Mutum 1), 1 é composto por uma habitação próxima a um afloramento rochoso com presença de polidores/amoladores (Cachoeira do Jacaré) e 1 apresenta uma deposição de vasilhas cerâmicas no fundo do rio/igarapé (Tracajatuba 2).

Cabral & Saldanha (2008a: 10) em consideração à baixa frequência de sítios habitacionais chamam a atenção para a grande quantidade e diversidade de sítios identificados que possuem caráter especial (funerário e/ou cerimonial), incluindo os dois tipos de sítios inéditos para a área – deposição de cerâmica sobre afloramento rochoso e no fundo de rio/igarapé. Contudo, os próprios autores sugerem que essa diferença possa estar relacionada à visibilidade dos sítios habitacionais, uma vez que optaram pelo método de prospecção oportunística que favorece a identificação de sítios de maior visibilidade, tais como os megalíticos e os sítios funerários em grutas ou abrigos localizados sobre montanhas. Concluem, portanto, que a menor quantidade de sítios de habitação não é o reflexo real da quantidade e densidade desse tipo de sítio (CABRAL & SALDANHA, 2008a: 16,22).

Os autores supõem que, com exceção dos sítios de polidores/amoladores sem material associado, todos os sítios estão associados com a fase Aristé, reforçando a proposta de dominância e estabilidade do grupo produtor dessa cerâmica na costa atlântica do Amapá e litoral leste da Guiana Francesa, como apresentado anteriormente na descrição dos trabalhos de Rostain (1994; 2011) e Pascual-Gaborit (2000).

Através desse projeto os autores realizaram uma escavação em área ampla no sítio megalítico AP-CA-18: Rego Grande 1, caracterizado pela presença de quatro áreas de ocorrência arqueológica, onde as Áreas 1 e 2 representam conjuntos megalíticos sobre elevações naturais e as Áreas 3 e 4 concentrações cerâmicas em uma planície na margem do igarapé Rego Grande. A maior escavação se concentrou na Área 1, caracterizada por

uma grande estrutura megalítica com blocos de rocha dispostos na horizontal, vertical e inclinados, formando um semicírculo de aproximadamente 150x80 m de diâmetro com uma abertura na direção sudeste. Essa escavação objetivava a compreensão dos depósitos arqueológicos, permitindo indicações sobre o processo de construção dessa estrutura (CABRAL & SALDANHA, 2008a: 17). Como resultado das escavações na Área 1 os autores encontraram diversos tipos de estruturas como: fossas escavadas para a ereção e fixação dos blocos de rocha granítica com outros blocos de menores dimensões utilizados como apoio, inseridos dentro da fossa; poços com urnas funerárias em seu interior, sinalizados por blocos de rocha em posição horizontal; deposição de vasilhas em fossas rasas; deposições de fragmentos cerâmicos, podendo chegar a mais de 2 m de diâmetro com 30 cm de espessura ou sendo pequenas e restritas na forma de “caches”; e, por fim, vasilhas depositadas na base dos monólitos e fragmentadas *in situ* (id.: 20-21).

Com base nessa variedade de estruturas e nas observações do registro arqueológico os autores (CABRAL & SALDANHA, 2008a: 21) sugerem que o sítio é formado “por um palimpsesto de diferentes tipos de deposição e modificações de estruturas dentro do recinto megalítico”, onde uma possível descrição dos eventos ocorridos seria

[Iniciada com] episódios de abertura de fossas para a inserção dos monólitos em ângulos e alinhamentos específicos; [seguidos por] diferentes tipos de deposição de cerâmica (ritualmente mortas, deposição de fragmentos, vasilhas inteiras colocadas aos pés dos monólitos); [e talvez simultaneamente] abertura de poços de diferentes tamanhos para a deposição funerária e seu fechamento com blocos de rocha; reabertura desses poços e modificações do material no seu interior juntamente com novas deposições.

Foi escavada também a Área 2, caracterizada por dois pequenos conjuntos de placas graníticas horizontais. A escavação se concentrou no centro de um destes conjuntos e resultou na identificação de duas pequenas covas contendo duas vasilhas inteiras em cada uma. Essas covas se encontravam abaixo dos blocos de granito dispostos horizontalmente e não foram encontrados restos de ossos no interior das vasilhas. Também foram realizados testes em uma das áreas na planície próxima ao igarapé, Área 3, as quais indicaram a presença de um solo antropogênico escurecido e marcas de postes, relacionando essas áreas a possíveis habitações (CABRAL & SALDANHA, 2008a: 17). Baseados nos resultados das escavações os autores sugerem que além de servir como cemitério este sítio foi utilizado para múltiplas funções, ainda que relacionadas a cultos ou rituais, mas também como um marcador temporal ou observatório astronômico. Esta última função se deu através da observação do alinhamento de blocos de rocha com o

solstício de dezembro (id.: 21). Essa multiplicidade de funções implica na realização de diferentes atos performativos identificados pela variedade de deposições e possibilidade de constantes revisitas ao monumento megalítico (id.: 23).

Outro resultado obtido através da escavação deste sítio foi a possibilidade de realizar três datações radiocarbônicas, datando-o por volta do século X d.C., com datas de 1029 d.C. (BETA 255790), 1077 d.C. (BETA-255788) e 1120 d.C. (BETA-255789) (SALDANHA & CABRAL, 2010: 107), datas calibradas através do software OxCal v4.2.4.

Os autores (CABRAL & SALDANHA, 2008a), por fim, caracterizam os sítios megalíticos do norte do Amapá como conjuntos de blocos de granito – alguns com claras evidências de formatação – de vários tamanhos organizados em diversas posições e localizados em regiões de campos inundáveis no topo de elevações naturais livres de inundação, localmente chamadas de “ilhas”. É provável que os *tesos* identificados por Nimuendajú sejam na realidade essas elevações naturais. Cabral & Saldanha (2007a: 32-38) realizaram a abertura de poços-teste no topo de cinco ilhas encontradas na região do sítio AP-CA-18, verificando que a camada húmica em superfície é relativamente rasa, com espessura média de aproximadamente 15 cm de profundidade, iniciando em seguida a carapaça laterítica, o que, por sua vez, serve de comprovação da formação natural dessas ilhas.

Nas discussões finais de seu artigo, Cabral & Saldanha (2008a: 22-24) ao buscar padrões de construção de paisagens culturais, levantam uma hipótese baseada na visibilidade dos mortos. Essa hipótese está baseada nas características geográficas dos sítios megalíticos e funerários em abrigos rochosos, os primeiros por estarem localizados no topo das “ilhas” e os últimos por se encontrarem sobre “montanhas”, sendo ambas características marcantes e de fácil visibilidade em uma paisagem de baixas altitudes. São ressaltadas pelos autores as características antrópicas dos dois tipos de sítios, uma vez que os abrigo sob rocha são caracterizados por vasilhas depositadas sobre o solo e possuem natureza aberta, permitindo “uma visita a um cemitério”, bem como, “um encontro com ancestrais”; e os sítios megalíticos que devido à presença de blocos verticais e sua localização a céu aberto, também possibilitariam essas visitas. Os autores sugerem, ainda, que esses padrões possam estar relacionados com a percepção desses povos em relação à paisagem, onde esses dois tipos de sítios seriam diferentes elementos de uma mesma “gramática”.

O tema da “gramática” funerária dos sítios filiados à fase Aristé é retomado por Saldanha & Cabral (2012a: 44-53) em seu artigo intitulado *Potes e Pedras: uma gramática de monumentos megalíticos e lugares naturais na costa norte do Amapá*, onde os autores apresentam uma síntese das práticas relacionadas com o uso de monumentos e lugares naturais, buscando mostrar as práticas ritualísticas performadas em ambos e ressaltando a falsa dicotomia entre lugares naturais e lugares construídos (id. 46).

Saldanha & Cabral (2012a: 50) realizam comparações morfológicas dos locais, das cerâmicas, do conteúdo dos depósitos e das evidências de manipulação dos conteúdos dos sítios megalíticos, em abrigo rochoso e em grutas, identificando semelhanças nesses quatro aspectos.

Em relação às suas comparações, os afloramentos rochosos são muito semelhantes aos sítios megalíticos, como por exemplo o sítio Aragbus, caracterizado por um afloramento granítico que contém duas pedras naturalmente em pé, formando uma espécie de V que lembra uma mira de um arcabuz, e por quatro abrigos rochosos, os quais contém cerâmicas em superfície e apresentam diferenciação funcional, um apresentando uma deposição funerária e três com função cerimonial ou votiva, atribuídas com base nas características e conteúdo das cerâmicas (id.). As grutas em afloramentos lateríticos também são caracterizadas por apresentarem função funerária com presença de urnas e por apresentarem função cerimonial, devidos às condições de pouca habitabilidade e cerâmicas altamente decoradas e sem marcas de uso (id.). Estes dois tipos sítios, da mesma forma que as estruturas megalíticas, apresentam diferentes temporalidades de uso, podendo ser relativos a um único evento ou revisitas e reutilização, como descritos anteriormente para o sítio AP-CA-18.

Os autores sugerem que “estes lugares naturais atestam uma prolongada relação com os grupos indígenas que os utilizavam, indicando que as práticas de visitas e revisitas perduraram por um longo período e por uma extensa área” (*op. cit.*), reforçando “o seu papel na construção e na manutenção das estruturas sociais que organizavam estes grupos” (id.: 49), concordando com a hipótese apresentada por Rostain (2012) descrita anteriormente.

Saldanha & Cabral (2012a: 50-51) ainda sugerem que os blocos naturais sobrepostos, como no caso da estrutura em V de Aragbus, e as cavernas na laterita, certamente influenciaram na construção dos sítios megalíticos, devido as suas

semelhanças em relação à construção das estruturas de pedras e da escavação dos poços. Essa afirmação nos remete à hipótese de Goeldi (1905) sobre a construção de sítios megalíticos na ausência destas características naturais, o que é interessante relacionar com as datações radiocarbônicas obtidas por Rostain (1994) para os abrigos rochosos alcançando uma profundidade temporal de, aproximadamente, 600 d.C. e de, aproximadamente, 1.000 d.C. obtida por Saldanha & Cabral (2010a) para o sítio megalítico AP-CA-18.

Em relação aos conteúdos e deposições cerâmicas, bem como, a manipulação dessas deposições, os autores afirmam que são praticamente as mesmas, sendo caracterizadas por vasilhas ricamente decoradas com características antropomórficas e função funerária ao lado de vasilhas que possivelmente possuíam caráter cerimonial e votivo, apresentando evidência de longa duração de uso com sítios contendo deposições únicas e outros com rearranjos das deposições (SALDANHA & CABRAL, 2012a: 51).

Após observarem essas semelhanças entre os quatro aspectos dessas três categorias de sítios, os autores sugerem que, apesar das diferenças estruturais – formações naturais e antrópicas –, “a repetição de performances, resultando em registros arqueológicos bastante similares”, reforçam “uma complementariedade entre esferas que – dentro do pensamento moderno ocidental – são consideradas opostas” e que nesse caso não pode ser utilizado como explicação o modelo natureza e cultura, mas que devemos nos basear no Perspectivismo Ameríndio de Lima (1996) e Viveiros de Castro (1996) que apresenta uma ideia de uma simetria entre natureza e cultura a partir do pensamento ontológico indígena amazônico (id.).

Além desses dois projetos, Cabral e Saldanha também realizaram uma série de projetos de arqueologia preventiva no estado do Amapá. Dois desses são de principal interesse para este levantamento, pois os três sítios a serem analisados no presente trabalho são resultados das escavações realizadas nesses projetos. O primeiro é o *Projeto de Levantamento e Resgate Arqueológico ao Longo da Rodovia BR-156, Amapá. Trecho entre o Igarapé do Breu e Oiapoque* (SALDANHA & CABRAL, 2012b) financiado através de um convênio entre a Secretaria de Transportes do Amapá – (SETRAP) e o IEPA, e o outro é o *Programa Arqueológico de Prospecção, Resgate e Educação Patrimonial. Ponte Internacional sobre o rio Oiapoque, na BR-156* (Juliani, 2010) realizado através de um convênio entre o Departamento de Infraestrutura e Transporte – DNIT, a empresa A Lasca Consultoria e Assessoria em Arqueologia S/S Ltda. e o IEPA.

Em ambos os projetos a equipe do NuPARq/IEPA teve a possibilidade de escavar em área ampla, através do emprego do método de decapagem mecânica, vários sítios habitacionais filiados à fase Aristé.

Através de um levantamento nos relatórios de campos do primeiro projeto (SALDANHA & CABRAL, 2009: 3-12; 2012b: 18-48) encontramos descrições de 9 novos sítios e 1 sítio (AP-AM-07: Montanha da Pluma) já descrito anteriormente nos trabalhos de Meggers & Evans (1957), onde estes pesquisadores já haviam coletado o material que se encontrava em superfície na época. Saldanha & Cabral (2009: 4-7) optaram por realizar a abertura de dois poços-teste no sítio AP-AM-07, buscando verificar a existência de materiais em subsuperfície, nada foi encontrado.

Dos 9 novos sítios, 4 foram escavados (AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1, AP-CA-48: Ponte do Torrão, AP-OI-10: Uaçã 01 e AP-OI-11: Uaçã 02) permitindo a sua caracterização como habitação a céu aberto, sendo que o sítio Ponte do Torrão é uma habitação a céu aberto, localizada no topo de uma elevação natural associado a um sítio de polidores que se encontra na margem do igarapé do Torrão na base da colina. Os outros 5 sítios registrados (AP-CA-35: São Francisco, AP-CA-40: Igarapé do Inca, AP-CA-42: Rio Amapá Grande 2, AP-CA-49: Desvio e AP-OI-12: Vila Velha 03) não apresentam informações suficientes para categorizá-los de acordo com o que vêm sendo proposto nesse trabalho.

Foi constatado através de levantamento no relatório final do segundo projeto (JULIANI, 2010) que na área de implantação da Ponte Internacional sobre o rio Oiapoque, foi encontrado apenas um sítio arqueológico, em uma área onde existe um estreitamento do rio e as margens ficam a aproximadamente 200 m de distância uma da outra. Este é o sítio Oiapoque 1, registrado no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - CNSA como AP-OI-06: Ponte do Oiapoque, caracterizado por ser um sítio multicomponencial composto por dois platôs, o platô alto e o platô baixo. O primeiro é caracterizado por uma habitação a céu aberto filiada à fase Aristé que segundo Saldanha (2014, comunicação pessoal) foi datado como ocupado desde 850 d.C. a 1050 d.C. O segundo platô, localizado na margem do rio Oiapoque, é caracterizado por uma habitação histórica. Ainda na margem do rio Oiapoque, nas proximidades do platô baixo, foi encontrado um afloramento granítico com presença de polidores (JULIANI, 2010: 190-191).

Cruzando o rio Oiapoque ainda em seu estreitamento, na margem oposta do sítio AP-OI-06, na Guiana Francesa, Mickaël Mestre & Matthieu Hildebrand (2010) localizaram e escavaram o sítio Pointe Morne, datado por esses arqueólogos entre os séculos XI e XVI d.C. Este sítio se encontra sobre uma elevação de forma peninsular conectado ao resto do relevo por um cume estreito e é caracterizado por ter uma ocupação habitacional Koriabo, datada em aproximadamente 1.400 d.C., sobreposta a contextos funerários Aristé utilizados durante aproximadamente 500 anos, tendo início por volta de 1.000 d.C. Tais contextos Aristé são compostos por 4 poços funerários sinalizados pela presença de blocos de granito e delimitados por um fosso escavado. Apesar das datações do sítio AP-OI-06 não estarem publicadas, podemos observar que o final de sua ocupação parece ser contemporâneo ao início do sítio funerário em Pointe Morne.

Saldanha & Cabral (2014), sintetizam alguns resultados de suas pesquisas em sítios Aristé na costa atlântica do Amapá no artigo intitulado *A longa história indígena na costa norte do Amapá*. Nesse artigo os autores ressaltam a grande variedade de contextos da fase Aristé, dando ênfase à “vontade de intervir na paisagem, ativando o espaço geográfico dessas culturas por meio de deposições específicas” (SALDANHA & CABRAL, 2014: 99).

Ao apresentar a fase Aristé, Saldanha & Cabral (2014: 101) a situam em um período cronológico que vai desde o século I d.C. até o período colonial, enfatizando a sua longa duração, onde ao citar as divisões cronológicas elaboradas por Meggers & Evans (1957) e Rostain (1994), afirmam que a mudança percebida por esses autores “vai além de uma mera mudança no artesanato da cerâmica”, caracterizando na verdade “um importante processo cultural ocorrido em torno do século X d.C.” (id.).

Os autores propõem, então, que os povos produtores do estilo cerâmico Ouanary Encoché, criado por Rostain (1994, 2011) e descrito anteriormente, datado do início da era cristã até o século X d.C., habitavam grandes aldeias, podendo chegar até 20.000 m², com muitas casas construídas, onde, através do esforço coletivo, construíam grandes fossos circulares, variando de 5.000 a 35.000 m², que delimitavam o espaço interno do sítio. Segundo os autores, esses fossos possivelmente possuíam caráter defensivo (SALDANHA & CABRAL, 2014: 101-102). Os sítios funerário/cerimoniais bem documentados desse período ainda não foram descritos, impossibilitando uma maior compreensão de sua composição e estrutura, mas, apesar dessa ausência de dados, os autores sugerem que esses sítios não seriam bem desenvolvidos nesse período da

sequência cronológica da fase Aristé (id.: 102). Contudo, o segundo período da fase, caracterizado pelo estilo Enfer Polychrome e datado do século X d.C. até o contato, seria caracterizado por aldeias de menores dimensões, com até 10.000 m², e estrutura simples, compostas por buracos de poste, pequenas fogueiras e lixeiras, enquanto os sítios funerários/cerimoniais, por outro lado, passariam a se tornar muito mais presentes no registro arqueológico, contendo cerâmicas policrômicas muito elaboradas (id.: 102-103). Nesse período, tanto as cerâmicas como os sítios megalíticos parecem representar composições hierárquicas, as primeiras através de suas formas e decorações e os últimos através de suas dimensões (id.: 103-104).

Através da espacialização dos sítios megalíticos os autores observam um padrão de ocorrência de sítios de maiores dimensões – mais de 25 m – localizados em diferentes bacias hidrográficas e cercados por sítios de menores dimensões – menos de 20 m (id.: 104). As diferenças não seriam apenas uma questão de escala, uma vez que, através de escavações em ambos os tipos de sítios, os autores puderam observar variações nas deposições de objetos e das formas de sepultamento (id.: 106). Nos sítios menores observaram que os poços funerários continham deposições e cerâmicas mais simples, chegando a conter “sepultamento direto de ossos humanos em uma câmara lateral”, enquanto que os sítios de maiores dimensões são formado por uma grande variedade de estruturas com diferentes práticas e intenções, como apresentado anteriormente na descrição dos trabalhos realizados no sítio AP-CA-18, chegando a caracterizar um verdadeiro “palimpsesto de diferente tipos de deposições” com reabertura, manipulação do conteúdo dos poços (id.) e novas deposições demonstrando a sua longa duração.

Os autores (SALDANHA & CABRAL, 2014: 107) também sugerem a ocorrência de sítios funerários e cerimoniais de abrigos rochosos e cavernas nesse período da fase Aristé, os quais, devido às atividades performadas com deposições, visitas, manuseio e novas deposições, também descritas anteriormente, seriam na verdade “megalitos naturais”, atestando sua relação de longa duração com composições muito semelhantes às dos sítios megalíticos, apesar de sua natureza diferenciada, mas que nas palavras dos autores “não são monumentos, no sentido estrito do termo, mas sim lugares na paisagem monumentalizados pela prática” (*op. cit.*).

Saldanha & Cabral (2014) deixam clara a presença de dois diferentes períodos para a fase Aristé, como já constatado por Meggers & Evans (1957) e por Rostain (2011) para a cerâmica dessa fase, mas o exercício realizado por esses autores está baseado em

uma “abordagem relacional entre artefatos, lugares e pessoas”. Como resultado os autores nos apresentam a hipótese de que no início da era cristã a costa atlântica do estado foi ocupada por um grupo dominante com produção de uma cerâmica simples, Ouanary Encoché, e grandes assentamentos com presença de fortificações, longa permanência e pouca ênfase nos sítios funerários/cerimoniais, mas que a partir do século X d.C. algo parece acontecer, causando “a fragmentação e dispersão dos assentamentos na paisagem” que passam a ser de menor permanência “aliada ao surgimento de elaboradas cerâmicas policrômicas depositadas e manipuladas nos diversos sítios cerimoniais/funerários”, os quais “participam ativamente (...) de uma teia de relações construída pela ação dos grupos indígenas que os construíram e manipularam”(SALDANHA & CABRAL, 2014: 110).

Os trabalhos de João Saldanha & Mariana Cabral em sítios filiados à fase Aristé na costa atlântica do Amapá possibilitaram a realização de 5 estudos cerâmicos nesses sítios, 4 para o sítio AP-CA-18 e um para o sítio AP-OI-06, sendo estes: *Análise da cerâmica do Poço funerário 1* por Clarisse Callegari Jacques (CABRAL & SALDANHA, 2008b: 70-80), *Tipologia e Cronologia da Cerâmica em sítios Megalíticos no norte do Amapá: análise da unidade 97/99, sítio AP-CA-18* por Deyse Elisa França da Silva e João Darcy de Moura Saldanha, *A Variabilidade dos Artefatos Cerâmicos ao Longo da área escavada na Área 1 do Sítio Arqueológico AP-CA-18* por Michel Bueno Flores da Silva e João Darcy de Moura Saldanha, ambos com os resultados apresentados em Saldanha *et al* (2010), *La culture Aristé, les sites mégalithiques et les puits funéraires en Amazonie brésilienne (Amapá)* por Maitena Hiriart (HIRIART, 2012) e *Análise Tipológica e Espacial do Sítio Arqueológico AP-OI-06, extremo norte do Amapá*, também realizado pelo autor (M. Silva, 2011). Esses cinco trabalhos foram realizados utilizando a ficha de análise cerâmica padrão do NuPARq/IEPA, a qual possibilitou a aquisição de dados comparáveis. Os resultados desses trabalhos irão ser utilizados conjuntamente com os dados obtidos a partir deste trabalho permitindo melhor análise dos dados sobre os vestígios cerâmicos Aristé encontrados no Amapá, bem como a comparação entre os materiais encontrados em sítios funerários e habitacionais.

2.1.Considerações sobre o histórico de trabalhos em sítios Aristé

Através desse levantamento, ainda incompleto por não abranger maior gama de dados oriundos de trabalhos de arqueologia preventiva em sítios arqueológicos filiados à fase Aristé no Amapá e na Guiana Francesa, encontramos descrições de 132 sítios arqueológicos filiados à esta fase (Anexo 1). Vale lembrar aqui que 18 destes sítios são

resultados de relatos fornecidos a Nimuendajú (2004) pelas populações das regiões em que trabalhou.

Estes 132 sítios arqueológicos, a partir da categorização seguida durante o levantamento, se encontram divididos em 21 tipos: Acampamento a céu aberto, Afloramento com fragmentos cerâmicos, Funerário, Funerário a céu aberto, Funerário em abrigo rochoso, Funerário em caverna, Funerário enterrado, Funerário enterrado sobre “ilha”, Habitação a céu aberto, Habitação a céu aberto sobre “ilha”, Habitação a céu aberto associada à deposição no fundo do rio, Habitação a céu aberto associada à Polidores, Habitação em abrigo rochoso, Habitação em caverna, Megalítico, Megalítico sobre “ilha”, Poços Funerários, Ocorrência e Não categorizado.

Através dessa grande quantidade de diferentes tipos de sítios, podemos vislumbrar a realização de diversas atividades de caráter doméstico ou cerimonial realizadas em diferentes contextos. Contudo apesar dessa diversidade, baseado nas informações apresentadas por Saldanha & Cabral (2012a; 2014) para os sítios cerimoniais, essas atividades parecem obedecer a uma mesma gramática, tanto em paisagens naturais como em paisagens antrópicas. A quantidade de sítios por tipos se encontra representada no gráfico a seguir (Fig. 10).

Figura 10 – Gráfico representando a quantidade de sítios filiados à Fase Aristé de acordo com a categorias utilizadas durante o levantamento do histórico dos trabalhos em sítios desta fase.

Contudo, de forma a facilitar as descrições, iremos reagrupar esses sítios baseados em seus contextos de uso mais amplos dividindo-os nas categorias cerimonial e doméstico, apesar das implicações do emprego deste tipo de divisão (Cf. BRÜCK 1999: 336; GARROW, 2012: 105-106). Entendendo que este tipo de divisão pode não ter existido no pensamento ameríndio antigo o seu uso se faz necessário nesse momento para facilitar o tratamento dos dados e comparações com os trabalhos apresentados durante o levantamento.

Ao realizar essa generalização (Fig. 11), observamos, como descrito por Cabral & Saldanha (2008a), uma maior quantidade de sítios de caráter cerimonial do que de sítios domésticos. Contudo, devemos lembrar, como afirmado pelos mesmos autores, que a quantidade de sítios registrados até o momento não é o resultado de levantamentos intensivos e extensivos, mas que na verdade possuem caráter oportunístico e localizado, este último devido à realização de projetos em áreas específicas, o que dificulta a nossa compreensão do panorama geral de distribuição de sítios, bem como da ocupação dos povos produtores da cerâmica desta fase.

Figura 11 – Gráfico representando a quantidade de sítios filiados à Fase Aristé em categorias gerais.

Levando-se em consideração esta metodologia empregada na localização dos sítios, devemos ter em mente que esse excedente de aproximadamente 17% de sítios cerimoniais em relação aos sítios domésticos não é tão representativo, uma vez que os últimos são mais difíceis de serem identificados em campo. Portanto, devemos ter cuidado ao sugerir um “boom” de sítios cerimoniais em determinado momento, período tardio, da fase Aristé. Essa hipótese pode ser retomada assim que for realizado um

levantamento sistemático por componentes das paisagens, novas datações radiocarbônicas estiverem disponíveis e análises mais intensivas, gerando uma maior base de dados empíricos, sejam realizadas para os diferentes tipos de sítios presentes nessa fase, permitindo uma melhor compreensão das atividades realizadas em contextos individuais, da mesma forma que Saldanha & Cabral (2012a; 2014) vêm realizando para os sítios de contexto cerimonial – megalíticos, em caverna e em abrigos rochosos.

Como pôde ser observado, desde os trabalhos de Meggers & Evans (1957) até os trabalhos mais recentes, existe uma mudança de um estilo cerâmico mais simples – Ouanary Encoché –, caracterizado por decorações incisas e tempero mineral, para um estilo cerâmico mais elaborado – Enfer Polychrome –, com complexas decorações pintadas e tempero de caco moído. Foi com base nessa variação que Meggers & Evans (1957) e também Rostain (1994; 2011) dividiram a fase Aristé em três períodos cronológicos, iniciando com o período Aristé Antigo que vai de 600-1100 d.C., que com base nos trabalhos de Coutet (2009) e Saldanha & Cabral (2014) podemos aumentar a sua profundidade temporal para aproximadamente 200 d.C., seguido pelo Aristé Recente, datando de 1100-1600 d.C., e finalizando, já após o contato, no período Aristé Final 1600-1750 d.C.

Contudo, ressaltamos que essa divisão foi constatada principalmente nos sítios cerimoniais, incluindo aqui os sítios definidos por Rostain (1994; 2011) como habitações em caverna ou em abrigo rochosos, uma vez que o próprio autor sugeriu o uso desses sítios voltado para momentos de retiro individual ou coletivo. Ao indicar estes sítios como cerimoniais surge uma mudança significativa no nosso gráfico de tipos de sítios gerais, diminuindo a quantidade de sítios domésticos para 35 sítios e aumentando para 88 o número de sítios cerimoniais. Este fato deu origem a seguinte questão: ***o mesmo padrão cerâmico encontrado nos sítios cerimoniais se mantém nos sítios habitacionais?*** Essa é uma das questões que norteia esse projeto, em conjunto com a necessidade de obtenção de maiores informações sobre os contextos habitacionais em si.

Os sítios habitacionais, com base nos trabalhos de Meggers & Evans (1957), Rostain (1994) e Saldanha & Cabral (2012a) são caracterizados por estarem localizados em áreas de elevação natural ou nas encostas dos rios, ambas livre de inundações e sempre próximos a uma fonte constante de água, lago ou igarapé. Rostain (1994) e Saldanha & Cabral (2014) sugerem a existência de sítios habitacionais de pequenas e grandes dimensões. Os primeiros apresentariam uma área aproximada de até 10.000 m², abrigando

pequenos povoados com uma população aproximada de 40 a 200 indivíduos. A estrutura desses sítios seria mais simples, sendo composta por buracos de poste, pequenas fogueira e lixeiras. Já as habitações de grandes dimensões apresentariam uma área aproximada de até 40.000 m² com comunidades numerosas compostas por várias casas familiares com 500 a 4.000 indivíduos, nas palavras de Rostain (1994, 2011) semelhantes aos povoados observados pelos viajantes nos séculos 16 e 17. Essas habitações seriam compostas por muitas estruturas e também grandes fossos circulares de 5.000 a 35.000 m² de área, representando um esforço coletivo na sua construção. Como visto durante o levantamento, Saldanha & Cabral (2014) sugerem que essas maiores habitações caracterizariam o período inicial da fase Aristé chegando até o século X d.C., e que após essa data a ênfase nas grandes habitações seria transferida para os sítios funerários/cerimoniais e as habitações passariam então a ser caracterizadas por menores aldeias. Contudo essa hipótese ainda necessita de mais informações, principalmente de mais datações, para ser comprovada.

Através das datações recolhidas durante o levantamento, elaboramos, utilizando o programa OxCal v.4.2.4, um gráfico (Fig. 12) que possibilitasse observar a consistência das datas obtidas para os sítios Aristé até o momento.

Como resultado pode ser observada uma grande concentração de datas no período que vai de 400 d.C. até 1500 d.C., refletindo uma grande consistência nas datas obtidas, bem como a longa duração dos povos produtores da cerâmica Aristé. Este resultado ajuda a iniciar um esboço da resposta à questão levantada por Meggers & Evans (1957), na qual indagavam se os povos produtores da cerâmica Aristé representavam pequenas populações habitando durante um longo período de tempo ou uma grande população durante um curto período. Segundo as informações levantadas até agora, nós vemos que a resposta parece se distanciar das duas opções propostas por esses autores, envolvendo uma confederação, pan-tribal ou clânica, milenar habitando e transformando o espaço de diversas formas durante a sua permanência na área compreendida pela costa atlântica do estado do Amapá e o litoral leste da Guiana Francesa.

Fig. 12 – Gráfico apresentando as datas calibradas para a Fase Aristé gerado a partir do uso do programa OxCal v.4.2.4. <https://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal>.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DOS POVOS DA COSTA NORTE DO AMAPÁ E LITORAL GUIANENSE

Neste capítulo será realizada uma breve contextualização que tem como objetivo auxiliar no estudo das Unidades Habitacionais Aristé do Amapá, através de um breve levantamento sobre as informações dos povos indígenas que habitaram a região durante o período do contato. Como ainda não podemos afirmar com base em dados empíricos, sobre as datações e possíveis rotas de migração dos povos indígenas desta região, buscamos através desse levantamento criar um pano de fundo que possibilite a realização de inferências sobre as dinâmicas que regiam estes grupos.

Apesar de poucas e esparsas informações publicadas em muitas línguas nos relatos escritos pelos exploradores europeus (Portugueses, Espanhóis, Ingleses, Irlandeses, Holandeses, Franceses, Alemães e Italianos), os dados neles contidos servem de base para pensarmos a diversidade de povos e relações de aliança e ocupação que estes mantinham durante o período do contato. Para descrever esses relatos, tentaremos organizá-los em uma ordem cronológica, a partir de sua leitura nos trabalhos de Goeldi, 1905; Nimuendajú, 2004; Hilbert, 1957; Pascual-Gaborit, 2000; Vidal, 2001 e Gallois, 2008. Lembramos aqui da afirmação de Goeldi (1905: 33) sobre a dificuldade de se avaliar a localização das tribos, devido à grande “*desharmonia*” presente nos relatos, e aqui também devem ser considerados os problemas toponímicos sobre lugares e povos, problema também relatado por Denise Fajardo Grupioni (2005:17-18).

De acordo com Goeldi (1905: 33) há um mapa espanhol de 1500 que localiza na área atualmente conhecida como “Cabo do Norte”, a “Tierra de Paragotos – Amigos dos Arruáns”, onde afirma que esses teriam filiação Caraíba devido a terminação “oto” frequente entre os falantes desse tronco.

Uma das histórias do descobrimento da Amazônia é atribuída ao espanhol Vicente Yañes Pinzón, bem como a descoberta da costa norte do Amapá e o litoral das Guianas, que em sua viagem no início de 1500 teria chamado o estuário do rio Amazonas de *Santa Maria de la Mar Dulce*. O mesmo também teria descoberto a embocadura do rio Oiapoque que na época passou a ser chamado de rio Vicente Pinzón (GOELDI, 1905: 33; GALLOIS, 2008: 41). Pascual-Gaborit ao falar sobre a descoberta de Pinzón, cita Pierre e Françoise Grenand (1987: 2 *apud* PASCUAL-GABORIT, 2000: 56) ao dizer que esta

região era extremamente povoada, como um mosaico de diferentes grupos, qualificada como uma “confusão étnico-geográfica”.

Em 1509 em outra viagem pelo litoral atlântico da *Guyana Brasileira*, atual Amapá, Pinzón menciona os Palikur e, devido a sua presença, denomina a área que vai da foz do rio Amazonas até o Cabo Orange de costa “Paricura” (GOELDI, 1905: 33; PASCUAL-GABORIT, 2000:57). Essa designação territorial para a costa do Norte seguiu aparecendo nos mapas até o fim do século 16 (HILBERT, 1957: 5).

Gallois (2008: 41) ao citar Sarney & Costa (1991) diz que esses autores atribuem a descoberta do estuário do Amazonas ao português Luis Melo da Silva, “aonde chega em 1546 e toma posse em nome de Portugal. Volta em 1553 para tomar posse da capitania obtida de D. João III, mas afunda quando está chegando ao Pará”.

No ano de 1595, o inglês Walter Raleigh, chegando à boca do Orenoco, enxerga as grandes serras que denomina como “as montanhas da Guiana”. No ano seguinte, enviado por Raleigh, Lawrence Keymis, percorrendo toda a costa ao norte do delta do Amazonas até a embocadura do Orenoco, reconhece o estuário do Araguari e chega até o rio Vicent Pinzón, que ele é o primeiro a denominar de Oiapoque. Percorrendo-o até a sua primeira cachoeira, relata que a região é habitada por Aruãs. Keymis dá o primeiro relatório sistemático sobre a geografia, vegetação e povos desta região, ainda identificando e denominando 52 rios que continuaram a ser publicados nos mapas seguintes (HILBERT, 1957: 3-4; GALLOIS, 2008: 41-42). Ainda na mesma região, em 1597 sob as determinações de Raleigh, chega o navegador inglês Leonard Berrie. (GALLOIS, 2008: 41-42)

Além dos Aruã, Keymis também menciona a presença dos Maravan que habitavam a extensa área costeira que vai de Soure, no Marajó (PA-Brasil), até o rio Maroní, limite oeste da Guiana Francesa. Ele os menciona e situa no rio Uaçá (PASCUAL-GABORIT, 2000: 58; HILBERT, 1957: 5). De acordo com Hilbert (1957: 5), baseado em fontes históricas, estes povos estariam há mais tempo na região do que os Palikur, que teriam imigrado para lá da região sudeste do estado. Keymis também localiza os Paragoto, em 1596, na foz do Rio Araguari e em seguida, no decorrer do século XVII no baixo Maroni (PASCUAL-GABORIT, 2000: 59).

Segundo Pascual-Gaborit (2000: 60) por volta desse mesmo período (1596), os Yayo – falantes de uma língua Karib – provindos da ilha de Trinidad e influenciados pela

cultura europeia – fugiam em direção à foz do Oiapoque para fugir dos espanhóis, e os Aricare estariam localizados no baixo Flechal desde o seu conhecimento no mesmo ano, até 1760 quando desaparecem para as terras do interior (ibid.: 58).

Em 1602, o rei da França, Henrique IV, havia nomeado Montbarrot como tenente general das Guianas, que se associa a La Ravardière em 1604. Este último embarca 400 homens para colonizar uma área que se estenderia até a boca do Amazonas, mas ao chegar ao Cassiporé e à boca do Oiapoque – então *Yapoco* – encontram com os Yayo, “amigos dos portugueses”, citados anteriormente, que impedem a instalação dos Franceses (GALLOIS, 2008: 42).

É neste mesmo ano que o inglês Charles Leigh toma posse da boca do Oiapoque e da costa do Cabo Norte em nome do rei da Inglaterra, fundando no mesmo rio a primeira feitoria, que deu início a um período de exploração holandês-inglês (HILBERT, 1957: 4; GALLOIS, 2008: 42).

A presença inglesa aumenta no período de 1608 com Robert Harcourt – autor do primeiro relato sobre os usos e costumes dos índios da Costa da Guiana – e Harvey que buscam consolidar a colônia para a Inglaterra, explorando a costa do futuro Amapá e a boca do Araguari quando localizam a província Morowina - Maraon - na margem direita do rio Oiapoque (HILBERT, 1957: 4; PASCUAL-GABORIT, 2000: 58; GALLOIS, 2008: 42). Em 1633 J. de Laet também menciona a província Maraviena na região entre o norte do rio Cassiporé e o rio Uaçá-Urucaúá. (PASCUAL-GABORIT, 2000: 58).

Em 1613, Harcourt e Roger North recebem, do rei James I, a concessão do território entre o rio Amazonas e o Essequibo, a qual foi transferida em 1627 ao Duque de Buckingham. Este com apoio de North, cria uma companhia para colonizar a Guiana começando pelo rio Amazonas. Esta foi iniciada, por North, com a construção de uma colônia fortificada perto da boca do rio Matapi, que seria destruída poucos anos depois pelos portugueses em 1631 (HILBERT, 1957: 4; GALLOIS, 2008: 42).

Com as constantes movimentações e atividade mercantil nessa região, os portugueses reclamam seus direitos, para em seguida, como reação, fundar Belém do Pará no ano de 1616 e também diversos pontos estratégicos e estações missionárias. Iniciando então os conflitos de natureza belicosa e política, utilizando, por fim, indígenas em defesa de seus interesses (HILBERT, 1957: 4).

Na boca do rio Maracá, em Tauregue, viviam irlandeses e ingleses, liderados por Bernard O'Brien, onde instalaram uma colônia que foi destruída por Pedro Teixeira em 1625, fazendo com que estes fugissem rumo ao Oiapoque e poucos anos depois retornando com 112 colonos para recomeçar suas plantações de tabaco (GALLOIS, 2008: 42).

Goeldi (1905: 40), ao buscar indicação etnográfica sobre o rio Cunani em cartas e mapas antigos, encontra o mapa de Blaeuw (1631) que tem a marcação de um ponto indicando um aldeamento indígena com nome de "Iayes". Em 1647 os padres jesuítas Jean Grillet e François Bechamel citam-nos como localizados ao sul do Oiapoque, contudo, os mesmos nunca chegaram a esta região, sugerindo, então, que eles apenas tenham ouvido falar destes índios (GOELDI, 1905: 41).

Em 1652 os Palikur são mencionados pelo Padre Antoine Biet sendo localizados entre os rios Uaçá e Cassiporé. Segundo Lux Boelitz Vidal (2001: 120) foi nesse período em que o primeiro contato verdadeiro com os Palikur foi estabelecido. Em 1664, Levêbre de la Barre situa-os na região Costeira, entre os cabos Norte e Orange. (HILBERT, 1957: 5; PASCUAL-GABORIT, 2000: 57). La Barre em 1666 faz o censo dos Yayo, contabilizando quarenta indivíduos, os quais passariam a se integrar aos Palikur, enquanto que, ainda no mesmo ano localiza os Mayé no sertão entre o Cassiporé e o Oiapoque (GOELDI, 1905: 41; PASCUAL-GABORIT, 2000: 60).

Ainda sobre os Mayé, em 1658, Nicolas Sanson denomina a costa norte do rio Cunani como "pays Arricari" e escreve em fonte menor no centro da região o nome "Maii", que segundo Goeldi serviria como explicação do nome dos indígenas lá residentes (GOELDI, 1905: 40). No mapa de Sanson, cujo recorte da costa atlântica do Amapá se encontra ilustrado no mapa a seguir (Fig. 13), nós também podemos notar na margem esquerda do Oiapoque – "*Wiapoco R.*", de cima para baixo a presença dos Iaoyi, Maraon, Maranshewaca e Nouraki, e na margem direita os Morowni.

Na área entre a bacia do Uaçá e o rio Cassiporé, são localizados os Arracosi, enquanto que na área da costa, no que parece ser a Província Arricari, até o rio Araguari nós encontramos, de cima para baixo, os Maii, Ana-Iaiy, Maikari, Kiari, Arrawari, estes últimos já nas margens do Araguari, ainda na costa, abaixo do Araguari nós encontramos os Mouraono e por fim nas terras do interior encontramos os Caribes e os Harritiahans.

Figura 13 – Recorte do Mapa de N. Sanson 1658 citado por Goeldi, disponível em: Mariette, P. and Sanson (1660) - <http://www.geographicus.com/P/AntiqueMap/Guiane-sanson-1656#sthash.O6hm6EJG.dpuf>.

Pierre du Val em seu mapa de 1664 localiza os Palikur no fundo da Costa dos Mayé e ao sul desta zona os Racalets (Aricarets) [seriam estes os Harrithians do mapa de N. Sanson?], disposição que se repete no mapa de G. Sanson (1680) (GOELDI, 1905: 41). Segundo Goeldi, a partir deste momento o povo dos Mayé passa a aparecer com frequência nos mapas. Ainda segundo o autor, apesar da presença da lembrança deste povo nos mapas, não temos descrições sobre eles, nem de seus costumes, demografia, língua e origem.

No mapa de la Barre de 1666 é encontrada através da costa atlântica a seguinte observação: “Costes fort bases inondées de hautes mers ou sont des arbres sur lesquels les indiens ont leurs maisons”, essas habitações são ilustradas no seu livro de 1743 (Fig. 14) e se encontram a seguir (GOELDI, 1905: 40; NIMUENDAJÚ, 2004 [1923]: 16).

Os Mayé seriam, então, segundo essa descrição, populações de mangues. De acordo com Pascual-Gaborit (2000: 59) eles teriam sido empurrados para os mangues do rio Cassiporé, no período entre os séculos 17 e 18 pelos Palikur ajudados pelos Yayo, sendo expulsos de seu território localizado no igarapé Tussey, afluente do rio Urucauá. “Jesse de Forest (1624) e Ferolles (1702- 1704), relatam ataques contra os Mayé, e até mesmo participaram de sua perseguição” (id.). Nimuendajú sugere que as casas de palafitas construídas pelos Mayé seriam as mais primitivas de todas as palafitas (NIMUENDAJÚ, 2004 [1923]: 16).

Figura 14 – Modelos de casas indígenas por La Barrère (1743: 141) à direita modelo de casa Mayé. – Copiado de <http://gálica.bnf.fr>.

Segundo Pascual-Gaborit (2000: 59) os Itutan eram designados como um grupo étnico particular que no período entre 1675 a 1733 estava localizado na área entre os rios Flexal e Cunaní, mas que no período de 1760 a 1786 passou a ser localizado na bacia do Uacá.

Goeldi (1905: 41) lamenta que da iniciativa missionária dos padres, jesuítas portugueses, Ferreira e Padilha em 1708 não terem sido gerados relatos sobre a missão que estabeleceram clandestinamente em Cunaní.

De volta aos Mayés, em 1720 o padre Fauque os localiza nas savanas dos arredores de Caripí, da mesma forma que o faz em 1730 o jesuíta P. Lambard. No mapa de la Barrère 1743 os Mayé são localizados no sertão além das cabeceiras do “Rio Palicours”, tendo como vizinhos, ao sul os índios “Araunas”, no interior das terras, e ao norte os Palikur entre os rios Cunaní e Cassiporé (GOELDI 1905: 41).

No mapa de D’Anville, “Carte de la Guiane Française”, no ano de 1729, o nome Palikur se estende com o qualificativo “Amis des François” – Amigos dos Franceses – na margem direita do Oiapoque em direção ao sul através do rio Caripí até Calçoene.” (HILBERT, 1957: 5; PASCUAL-GABORIT, 2000: 57). A seguir (Fig. 15) apresentamos a ilustração da “*Carte de La Guiane Française: ou du Gouvernement de Caiena depuis le Cap de Norde jusqu’a la Riviere de Maroni*” de 1729, elaborada por Jean-Baptiste Bourguignon d’Anville, geógrafo ordenado do rei.

Na carta, apesar do sombreamento na área da costa atlântica do Amapá, podemos ver no limite da terra com o mar, entre os rios Cassiporé e Cunani o grande território dos Mayé (Maiez) e mais ao interior do estado, na mesma direção o grande território dos Palicour. Mais ao interior do território nós podemos ver a localização, de norte a sul, dos Ouayes, Tocoïennes, Caranes, Oyanpiques, Armaboutos, Palenques, Pirious, Tarippis e Coussaris, já na margem direita do rio Arouague nós encontramos o grande território dos Nouragues. Os maiores territórios, devido à dificuldade de visualização, foram indicados com círculos vermelhos na carta, dá esquerda para a direita: Nouragues, Palicours e Maiez.

Figura 15 – *Carte de La Guiane Françoise: ou du Gouvernement de Caienne depuis le Cap de Nordre jusqu'a la Riviere de Maroni*, elaborada por d'Anville geógrafo ordenado do rei de 1729, disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b59061834>; alterações de brilho e contraste feitas pelo autor.

Gallois (2008: 52-53), ao citar os trabalhos de Coudreau (1893) e Grenand (1985), faz um levantamento das missões jesuítas do rio Oyapoque, onde são apresentadas quatro missões. A primeira, “Missão de Saint Paul de l’Oiapock”, fundada pelo padre Fauque no período de 1729 a 1733 foi instalada no baixo curso do rio Oyapoque, aldeando índios Piriou, Palank, Karanã e Makapa, os quais estavam “engajados no plantio e manutenção de uma plantação com mais de mil pés de cacau”. A segunda, denominada “Uanari” estava localizada também no baixo Oyapoque e aldeava índios Tukuju, Maraon e Arawan (ou Aruaque). A terceira foi implantada no Urucua e reunia os grupos Palikur e Maye. A quarta missão, “Notre Dame de Saint Foi du Camopi”, construída em 1738 na confluência do rio Camopi, aldeava os Wai, Aramitxo e Norak. A seis dias desta

localizavam-se os Kaikusiana e no Igarapé Yarupi, encontravam-se os Kusari, fugidos dos portugueses que adentravam o Jari. Segundo os jesuítas, todos esses grupos eram falantes Caribe que na época era Galibi, língua franca da região. No início da implantação das missões jesuítas os Wajãpi ainda não tinham adentrado a bacia do Oiapoque, mas já pressionavam os grupos que moravam no lado brasileiro, os quais buscavam refúgio nas missões.

Segundo Hilbert (1957: 6) por volta de 1737, os Emerillon e os Oiampí emigraram do sul para a região do Amapá, por medo dos portugueses, mas que, mais tarde, acabaram participando de caçadas de escravos com estes, onde as principais vítimas foram os Karíb. Destes os Kusari, Karanã, Aramakoto e Tarupi foram acolhidos pelos jesuítas franceses (GALLOIS, 2008: 53).

Gallois (2008: 53) afirma que os registros dos jesuítas franceses, apesar de trazerem poucas informações etnográficas, informam a localização originária de alguns grupos, como exemplo os Piriú, que viviam nas duas margens do Oiapoque, entre o Anotaye e o Camopi, com aldeia principal na boca do Sikini, enquanto os Aranaju viviam na cabeceira do Anotaye, que abandonaram para viver com os missionários. Os Karanã são inicialmente localizados à altura do igarapé Cricou – Keriku –, mas também ocupavam áreas mais extensas nas cabeceiras e na margem direita do Oiapoque, mais adiante iremos falar sobre os Karanã com um pouco mais de detalhes.

No ano de 1744, o corsário americano Potter assalta e destrói algumas das missões jesuítas, em particular a “Missão de Saint Paul”. Em 1762, os jesuítas são expulsos e abandonam as missões, reabrindo a “Missão de Saint Paul” por um período curto, 1784-1790, para ali reunir, sob a denominação genérica de Piriú, os 172 indivíduos que restavam de todos os dez grupos indígenas que ocupavam antes o rio Oiapoque. Após um reconhecimento, os padres constataam que os Way, Karanã e Tarupi estavam extintos e que restavam apenas algumas famílias Norak, Kaikusiana e Kusari, escondidas na floresta, no alto curso do rio Oiapoque (GALLOIS, 2008: 53).

A partir de 1794 os portugueses passam a exercer uma presença mais intensa em toda a costa, desde o Amazonas até o Oiapoque, despovoando esta região “para evitar que os aborígenes e escravos fugitivos fossem acolhidos e favorecidos pelos franceses”. Ainda nesse período, os Aruã - tronco Aruak - que ocupavam a margem setentrional do

Amazonas e as grandes ilhas Caviana, Mexiana e Marajó, devido aos conflitos com os portugueses, fogem ao norte para o alto Uaçá (HILBERT, 1957: 5-6).

Segundo Hilbert (1957: 6-7), Leprieur, no ano de 1831, localiza os Palikur no rio Caripí, no rio Uaçá e no rio Urucauá, mencionando também os Maravan, em número superior a cem pessoas, e os Karipuna no baixo Oiapoque, dos quais os remanescentes vivem no rio Caripí e no rio Uaçá. Em 1891, Henri Coudreau contou, no baixo Oiapoque, 200 a 300 Palikur, 100 índios do Uaçá e 20 Karipuna. Hilbert ao citar Curt Nimuendajú, diz que os Karipuna não representam uma tribo e que essa denominação surgiu na Guiana para os índios que falavam a língua geral, afirmando que entre os fugitivos Aruã, se encontrava também um número que falava a língua geral, que acarretou no reconhecimento de todos como Karipuna (*op. cit.*).

Após 1900, a Guiana Brasileira foi definitivamente incorporada ao Brasil, nessa época os Maravan haviam desaparecido, mas quando Nimuendajú visita a região em 1925, encontrou mestiços dessa tribo que tinham adaptado o "patois" regional. Somente um velho índio do Uaçá se lembrava de duas palavras que havia aprendido, há muito tempo, com os últimos Maravan. Nesse ano os Palikur contavam 189 indivíduos e os índios do Uaçá, Aruã e Galibí, um total de 160 pessoas (HILBERT, 1957: 7).

Segundo Gallois (2008: 51), os índios, no início do contato, tinham maior possibilidade de se aproveitar dos pequenos contingentes de europeus para o fortalecimento das suas próprias posições nas redes de conflitos mantidas entre os diferentes grupos étnicos, mas a partir de 1650 a situação se inverte com as disputas dos franceses e portugueses pelo território do Amapá. Nessas disputas eles utilizam os índios em seu próprio benefício, causando muitas mudanças, a nível demográfico, relacional e geográfico (*id.*). Devido ao aumento progressivo nas baixas demográficas, os colonizadores buscam sustentar seus respectivos protegidos, bem como os lançam na busca de cativos entre os seus inimigos. Os holandeses apoiam os Galibi-Kali'na, que realizam *reides/raides* no interior das terras. Da mesma forma, um pouco mais tarde, os Portugueses procuravam aos recém chegados Wajãpi, então chamados "Índios dos Portugueses", oferecendo armas em troca de aliança contra os franceses e auxílio na captura de escravos (GALLOIS, 2008: 52).

(1700-1750)

Figura 16 – Croqui – Os Ameríndios do Contestado e da Guiana (1700-1750) de Pierre Grenand (1979 *apud* Gallois 2008: 51).

Através desses relatos nós podemos ver uma grande dispersão de diferentes grupos indígenas, originários e imigrantes que estão se movimentando pelas terras do norte do Amapá, da mesma forma que podemos ver a existência de vários conflitos entre os próprios grupos indígenas, bem como conflitos causados pelos europeus ao iniciarem o processo de colonização. O croqui de Pierre Grenand (1979 *apud* Gallois 2008: 51) ilustra essas movimentações entre povos indígenas no período que compreende 1700 à 1750 (Fig.16). Nesse, nós podemos ver as migrações de grupos causadas pelas pressões dos portugueses como também vemos as movimentações Galibi e Wajãpi em função das *reides* aumentando as pressões sobre os outros grupos da região.

Gallois (2008: 45) afirma a dificuldade de se estabelecer um relato cronológico entre os grupos que viviam nesta região em tempos pré-históricos e os grupos indígenas atuais que hoje a habitam, visando a indicação de uma relação de descendência direta. O principal motivo para essa dificuldade seriam os “processos de fusão que ocorreram em toda a região”, indicando na realidade a “riqueza e complexidade da história indígena nessa área”. Os processos de fusão teriam sido bem documentados pelos viajantes no fim do século 18 e, de certa forma, os grupos que hoje residem a região são resultado dessas assimilações de grupos, desde períodos pré-históricos até o contato com os europeus (ibid.: 46) e mais recentemente com o Estado-Nação Brasileiro.

A autora (id.) também destaca a existência de uma separação “entre os grupos que viviam na faixa litorânea e os que ocupavam no interior das terras”, mas que esta, por sua vez, “não impedia [a existência de] redes de troca e contatos entre esses povos”.

Também é afirmado que “os primeiros exploradores encontram uma cadeia de grupos diversificados ocupando extensamente a costa”. Dentre os quais “os Galibi-Kali’na que se estendiam do Amapá à Venezuela” e “os grupos de língua e cultura Aruaque, entre eles os ancestrais dos Palikur, moradores de zonas litorâneas no baixo Amazonas e costa norte do Amapá”, afirmando que os últimos circulavam por toda a costa e mal conheciam os povos do interior (ibid.: 46).

Gallois (2008: 47) ainda sugere que a região do litoral das Guianas foi ocupada a cerca de 2.000 anos atrás por populações de língua Aruaque “que já praticavam agricultura” na “região hoje compreendida entre o Amapá e a boca do Orenoco na Venezuela”, mas deixa claro que a região já era povoada anteriormente há 12.000 anos atrás por populações de subsistência baseada na caça, coleta – de raízes, sementes, frutos e moluscos – e pesca.

Em aproximadamente 1.100 anos atrás teriam chegado à região povos falantes de línguas Caribe com “uma frente de migração, vinda do baixo Amazonas, [chegando] à região das Guianas (...), seguindo pelo litoral até encontrar outra frente Caribe, procedente do Orenoco e Rio Negro” (ibid.: 47).

O último movimento migratório que se deslocava no eixo sul-norte chega às Guianas ainda no século XVI, e faz referência aos grupos falantes da língua Tupi-Guarani e suas migrações se deram devido às pressões sofridas por esses grupos pelo contato com os europeus “nas suas terras de origem, ao sul do Amazonas” (ibid.:47).

Com base nessas correntes de migração a autora afirma a constante movimentação das populações indígenas no período da chegada dos europeus às Guianas, a qual é demonstrada no relato de Keymis, visitando a costa das Guianas em 1596 e evidenciando a complexidade da composição étnica dessa população. Seguindo as formulações de Pierre Grenand são apresentados, então, quatro componentes da população ameríndia desta região (ibid.: 47-48):

- **caçadores-coletores**, primeiros ocupantes da região, já pouco numeroso, (...) moradores da zona alagada na costa – como os Maye – ou da terra firme - como os famosos Karanã, construtores de aldeias fortificadas como as que deixaram vestígios, entre outros, nas margens do rio Oiapoque.
- **Aruaque**, compostos por numerosos povos distintos, entre os quais os Palikur (Amapá e Guiana Francesa) e os Arawak-Lokono (Suriname e Guiana Francesa), que apresentavam certa homogeneidade cultural.
- **Caribe**, muito diversificados, e que incluem três grandes conjuntos: os ancestrais dos atuais Galibi Kali'na (Suriname, Guiana Francesa e Amapá), os ancestrais dos atuais Tiriyó (Suriname e Pará) e os ancestrais dos atuais Wayana (Pará, Guiana Francesa e Suriname).
- **Tupi**, representados por povos que viviam na bacia do rio Oiapoque, como os Piriú, Norak, Akokwa, Way e outros, além dos ancestrais dos atuais Emerillon-Teko.

Até o presente, algumas hipóteses de correlação entre os grupos que habitaram a região e as cerâmicas da fase Aristé foram levantadas, mas essas fazem relação apenas aos dois primeiros componentes da população ameríndia citados anteriormente.

Goeldi (1905: 42) chega a sugerir uma possível correlação entre os índios Mayé e as cerâmicas encontradas nos poços artificiais de Monte Curu na região do Cunani, mas como pode ser visto através da leitura de seu artigo, essa relação é feita com base na sobreposição de áreas a partir da análise de relatos e mapas históricos e o mesmo assume não ser possível garantir essa relação, pois nem mesmo a língua desses grupos teria se conservado. Ele também chega a levantar a possibilidade de que as urnas encontradas no “teso ou aterro sepulcral” encontradas na região da povoação do Amapá estariam relacionadas aos Arricarés, mas responde a essa hipótese da mesma forma que à das cerâmicas do Cunani.

Apesar de não afirmar que os vestígios encontrados nesses dois sítios sejam desses grupos específicos, Goeldi diz ser muito provável que não poderia ter sido a mesma tribo que fez os toscos potes do Amapá e as artísticas urnas do Cunani (*op. cit.*)

Nimuendajú (2004 [1923]: 16) ao relatar as suas escavações feitas no Monte Mayé chega também a sugerir que os traços que ele encontra nos três sítios de urnas seriam originários dos povos Mayé. O autor também relata a presença de raladores de mandioca

de cerâmica encontrados na região do Uaçá que não são usados atualmente, pois teriam sido substituídos por raladores com pontas de ferro, mas que ainda são reconhecidos entre os Palikur atuais e são desconhecidos pelos outros povos da região que são uma miscigenação de Aruãs, Galibis e Maraóns. Entre os últimos ele encontra fragmentos de raladores e cerâmicas em um sítio de urnas que são idênticas àquelas dos antigos Palikur. Ele chega a sugerir, então, que as tigelas de ralar/raladores de cerâmica sejam um elemento cultural *Aruakean* (NIMUENDAJÚ, 2004 [1925]: 45-46).

No relatório de Nimuendajú (2004 [1925]: 47) de Ulakte-Uni, localidade habitada por uma família Palikur, ele confirma a hipótese de Goeldi (1905) de que os poços artificiais são escavados quando há a ausência de cavidades naturais nas proximidades, quando encontra cerâmicas de “um povo do qual [a cerâmica] é quase idêntica àquela encontrada por Goeldi no Igarapé do Hollanda (Cunaní)” em uma câmara subterrânea. Como vimos no capítulo anterior, as cerâmicas encontradas por Goeldi foram enquadradas na fase Aristé.

Segundo Linné (1928: 73-74) nós aprendemos com Nimuendajú que as cerâmicas encontradas por Goeldi no Cunani não se limitavam apenas a esta região, uma vez que cerâmicas com as mesmas características foram encontradas por Nimuendajú no monte Ukupi, onde essas têm a mesma forma e ornamentação. O autor concorda com a teoria de Nimuendajú que os ancestrais dos Palikur não devem ser distinguidos da população que viveu no Monte Mayé, uma vez que os objetos encontrados em suas investigações na região do rio Arucauá apresentam muitas semelhanças, mas ao mesmo tempo diz que existem detalhes contrários à tese.

Hilbert (1957: 34) também apresenta a ligação feita por Linné-Nimuendajú com a cerâmica encontrada por Goeldi, afirmando que o mesmo motivo de “ave estilizada, com cauda enrolada e cabeça virada para traz”, apresentada por Linné (2008:74), também aparece em duas urnas no sítio funerário (Vila Velha II) que ele escava em Vila Velha. Seguem as ilustrações apresentadas por Hilbert e Linné-Nimuendajú (Fig. 17).

Hilbert (1957: 34) ainda cita Eurico Fernandes dizendo que esse motivo é encontrado entre os Palikur como distintivo de um clã – Uacapú-Ienê o principal e mais antigo – e é utilizado para marcar objetos, armas e urnas funerárias, mas como os autores anteriores, ele afirma que esses motivos ainda não são o suficiente para afirmar essa relação.

Fig. 2. — Fragment de vase peint, Grotte d'Ukupi. Musée de Göteborg.

Figura 17 – À esquerda fragmento de vaso pintado encontrado por Nimuendajú na Gruta de Ukupi (LINNÉ, 2008: 74); à direita, superior – “D” – motivo encontrado em urna do sítio Vila Velha II; direita, inferior – “E” – motivo Palikúr segundo Fernandes (alterados de HILBERT, 1957: 35).

Rostain (1994: 423-424) sugere que os Mayé, possíveis Aruak, seriam os herdeiros seminômades indiretos das comunidades pré-históricas. Como tais eles seriam pescadores coletores – incluindo frutos de palmeiras, *mauritia flexuosa* – que viveram em casas de palafita coletivas, fixas nas raízes dos mangues costeiros entre o Cabo Orange e o Cunani, ao citar J. de Forest (1625: 29), o autor diz que uma aldeia dos Mayé tinha quatro casas, as quais possuíam mais de 300 m de comprimento. Esses grupos provavelmente teriam ficado exilados nas áreas de mangue devido à forte densidade demográfica da costa do Amapá. Ao considerar os ciclos de dança Palikur o autor sugere uma possível relação entre os Mayé e os Palikur.

Martijn Van den Bel (2009a: 305) apresenta uma sobreposição geográfica entre o território dos Aracouros do início do século 17 que se estende desde a Ilha de Caiena na Guiana francesa até o rio Araguari no Amapá, área que segundo Nimuendajú (1926 *apud* VAN DEN BEL, 2009a) corresponde, aproximadamente, à mesma dos sítios funerários da fase Aristé. O autor ainda afirma ser difícil datar corretamente os sítios funerários Aristé devido à ausência de múltiplas datações de radiocarbono, mas esses sítios teriam sido proto-históricos ou do início do período histórico, uma vez que possuem material histórico associado. Também é sugerido que durante o período colonial os sítios funerários pré-coloniais, ou mesmo as urnas, podem ter sido reutilizados pelos índios da Guiana, como é o caso do relato de Nimuendajú, onde os Palikur atuais têm conhecimento dos sítios funerários antigos e retiram contas de vidro europeias do interior das urnas para uso próprio. Os Aracouros, grupo dominante, aqui propostos por van den Bel (2009a) teriam reunido as tribos do baixo Oiapoque e Cassiporé em alianças políticas durante o século 17, mas essas teriam desaparecido com a contínua guerra e dizimação por parte dos europeus e, por fim, passando a se agrupar para formar os Palikur atuais no século 18. O autor também apresenta uma série de nomes étnicos usados antes de 1650, os quais

“sem dúvida”, após essa data, fazem referência aos grupos tardiamente conhecidos como Palikur, entre eles estão: Arricarri / Arricouri / Arricary / Arracoory / Caripous / Aricours / Arocouros / Arocores / Arricoens.

Da mesma forma que apresentado anteriormente durante o levantamento de trabalhos em sítios Aristé, van den Bel (2009a: 304-305) levanta a questão das confederações, mencionadas nos documentos históricos, que existiram na área do baixo Oiapoque formadas por Yayos, Maraon, Arawak e Caripous, chefiada pelo chefe Caripou *Anacaioury*, inimigos dos Caribes, chefiados pelo chefe Carib *Camaria* de Caiena; e também inimigos dos Mayzer [Mayés?]. Essas confederações também agrupavam índios recém chegados do Orenoco e do baixo Amazonas, como os Paragotos, Itutan, entre outros, e, por fim, no século XIX acabaram todos sendo assimilados nos Palikur atuais.

Van den Bel (2009b: 52) afirma que a relação direta da cerâmica pré-histórica feita por Hilbert (1957) é enganosa e ignora o fato de que os Palikur são uma mistura étnica, como citado acima, mas sugere que uma “afiliação cultural entre as tradições cerâmicas pré-colombianas e indígenas atuais permanece inegável”. O autor acredita que os motivos iconográficos dos clãs não são apenas expressões artísticas que podem ser separadas no tempo e espaço, e sim que essas devem ser entendidas em seu amplo contexto social, como afirmadores de identidade social e marcadores culturais. Ao citar Guapindaia (2001 *apud* VAN DEN BEL, 2009b: 52) o autor afirma que o “registro arqueológico Aristé mostra que os elementos decorativos são repetitivos em áreas geográficas específicas e que isso pode refletir marcadores culturais como etnicidade, parentesco e status social do morto”.

De forma contrária ao proposto por van den Bel (2009a; 2009b), Hilbert (1957: 6) ao citar Clifford Evans, ainda nos anos 50, dizia que os grupos que habitaram a região durante a colonização não teriam deixado restos arqueológicos devido a sua curta fixação nos lugares que habitaram e que os índios em campos de trabalhos forçados perdem seus traços culturais primitivos, sendo, então, frente a essa afirmação que as evidências arqueológicas representariam em geral grupos indígenas do período pré- e início do contato. E que os vestígios europeus encontrados em sítios arqueológicos seriam oriundos desse período de relações pacíficas em que os indígenas representavam maioria numérica. Aachamos que esse tipo de afirmação é, de certa forma, vaga, uma vez que desconsidera as complexas negociações que ocorreram na longa duração do período colonial e enxerga os indígenas como receptores das inovações trazidas pelo contato, ao invés de atores

como representados nos trabalhos de van den Bel (*op. cit.*). Sobre as negociações vale lembrar aqui da sua definição por Ian Hodder (1985: 5), que afirmou “que cada grupo tem diferentes expectativas e, a partir do seu próprio ponto de vista, eles podem usar um ao outro para alcançar seus próprios fins”, sugerindo então que “as ações são avaliadas de acordo com diferentes expectativas e o quadro cultural que torna as ações possíveis é negociado e executado na prática do mundo vivido”.

Nimuendajú (1986: 90) em sua coleção sobre os mitos ameríndios, diz que os Palikur habitavam a margem setentrional do estuário do Amazonas no século XVII e que há mais de 200 anos estão localizados no rio Arucauá, afluente do Uaçá. Isto, por sua vez, serve de apoio para ideia de assimilação de outros povos para se tornarem os hoje conhecidos como Palikur, apresentada anteriormente por Van den Bel (*op. cit.*).

Também baseado na mescla dos grupos e origem de comunidades híbridas reconstruídas como os Palikur, Rostain (2011: 25) considera que a chegada dos povos das Antilhas, delta do Orinoco e baixo Amazonas ao Amapá, perturbaram a estabilidade social Aristé e que as últimas manifestações da cultura Aristé se deram por volta de 1700-1750, ao mesmo tempo que sugere uma evolução progressiva da cerâmica provocada pela chegada, após conquista, dos povos refugiados supra citados e que essa fusão de estilos cerâmicos seriam, então, a gênese da cerâmica Palikur, da mesma forma que os próprios Palikur. Com isto o autor também propõe a mescla das sociedades produtoras das cerâmicas arqueológicas: Aristé, Mazagão e Arauquinóide, bem como, as sociedades relatadas nos documentos históricos: Palikur, Aruã, Arikare e os Maraon, para também levantar a hipótese das confederações, acima referidas (VAN DEN BEL, 2009a) apresentando, então, o mapa de migrações etnohistóricas baseadas em Grenand & Grenand (1987: fig. 2 *apud* ROSTAIN, 2011: 28) e ilustrado a seguir (Fig. 18).

Sem fazer referência aos Arísté, mas a povos possivelmente já extintos, Mariana Petry Cabral (2014: 204) cita os Karanã, antigos inimigos dos Wajãpi, mas que também são conhecidos por outros povos indígenas, principalmente por suas características belicosas e o relato de que teriam sido dispersos “depois de muitos conflitos, tanto entre os Wajãpi como também entre os Piriú, os Palikur e os Emerillon (ibid.: 215), sugerindo também “que a presença dos Karanã parece ter sido bem mais intensiva no Oiapoque, do que no Amapari” (ibid.:220). Os relatos sobre os Karanã se iniciam no século 17 e chegam até o século 18 e “para os Wajãpi, remanescentes deste grupo talvez vivam até hoje nos trechos mais altos de rios entre o Oiapoque e o Jari” (ibid.: 212).

Ao planejar uma escavação arqueológica com os Wajãpi a sugestão de área a ser escavada foi uma “*Karanã Tapererã* (aldeia abandonada dos Karanã)” que é esclarecida na nota de rodapé como sendo “mais que apenas o nome específico de um sítio, pois serve para indicar um conjunto de sítios com as mesmas características, portanto é um tipo de lugar com vestígios” (ibid.: 205). O conjunto de tipos de vestígios que a autora se refere são os nomeados como “‘*montagne couronnée*’ ou sítios com fossas (ibid.: 206) que apesar de serem relacionados aos Karanã, o nome de ‘montanha coroada’ foi dado pelos Saramaka (de origem africana) que não os relacionaram a nenhum povo, talvez por já serem “locais abandonados na época em que os Saramaka chegaram à região, no final do século XVII” (PRICE, 1996 *apud* CABRAL, 2014: 212), mas é afirmado ser “indubitável (...) que aquilo que os Saramaka chamaram de ‘*montagnée couronnée*’ é o mesmo que os Wajãpi chamam de ‘*Karanã Tapererã*’” (ibid.: 213). A seguir (Fig. 19) é ilustrado uma reconstituição de uma “montanha coroada”.

Figura 19 – Reconstituição de aldeia do tipo ‘*montagnes couronnées*’. Ilustração de Jean- Pierre Penez (MESTRE, 2010 *apud* Cabral 2014: 206).

Segundo Cabral (2014: 211), esses sítios são descritos pelos Wajãpi como aldeias “com uma espécie de paliçada formada por paus e muitos espinhos” e em seus desenhos sempre retratam esta “paliçada com paus apontados (em aldeias no topo de montanhas), e com pessoas portando arco e flecha, armas de guerreiros”; afirmando não haver dúvidas de “que os Karanã moravam no topo das montanhas, e que tinham estruturas defensivas

na volta das aldeias, como fossos e paliçadas”, que “batem precisamente com [as descrições] dos sítios arqueológicos do tipo ‘montanha coroada’”(ibid.:212).

Mikaël Mestre (2010, 2013 *apud* CABRAL, 2014: 213) faz referência a aproximadamente 40 sítios registrados na Guiana Francesa, com valas que chegam a 3 m de profundidade, mas afirma ser curioso não terem sido encontrados vestígios arqueológicos de paliçadas nestes sítios. Ainda sobre os trabalhos arqueológicos realizados nesses sítios, Cabral (2014: 213-214) relata a sua ocorrência desde 200 a.C. até 1.300 d.C. e que o material arqueológico encontrado nos mesmos apresenta variações, “indicando que diferentes grupos culturais produziram estas estruturas” e que “não existe uma correlação direta entre fases arqueológicas e essas estruturas” (id.).

Vale ressaltar que os Karanã são citados dentro do modelo de componentes ameríndios, apresentado anteriormente, no componente de caçadores-coletores, já identificados como construtores de aldeias fortificadas nas margens do rio Oiapoque. Contudo, apesar de seu interesse para esse trabalho, Cabral (2015, comunicação pessoal) informa que as cerâmicas encontradas em sua escavação em conjunto com os Wajãpi não se parecem com as cerâmicas Aristé, mas por outro lado, é de grande importância notar a presença de fossos circulares nas descrições de Saldanha & Cabral (2014) dos grandes assentamentos do período inicial da fase Aristé, bem como, a presença de fosso escavado no sítio funerário Aristé Pointe Morne (MESTRE & HILDEBRAND, 2010), o que nos leva a enxergar a possibilidade de que esse componente construtivo estivesse disseminado entre os povos da região, como afirmado por Cabral (2014), talvez devido as suas frequentes tensões, como observado durante esse levantamento.

3.1.Considerações sobre o levantamento

Apesar de não ser intensivo e exaustivo acreditamos que esse levantamento seja essencial para pensarmos as dinâmicas que regiam as sociedades ameríndias que habitavam a costa norte do Amapá antes do contato, uma vez que nos relatos e hipóteses aqui apresentadas nós temos uma situação clara de aliança entre grupos ameríndios, tanto para guerras entre si, como também para a realização de guerras contra ou entre os europeus. Van de Bel (2009a) também nos traz uma imagem das redes de negociações entre europeus e indígenas quando fala sobre a existência de um comércio de escravos indígenas que, frente a essa rede de conflitos, podemos imaginar ter existido em tempos pré-coloniais, uma vez que existiram confederações de povos indígenas regidos por um

único líder. Sobre as redes, vale ressaltar também a existência de uma língua franca na região, como foi visto nos relatos históricos. Seria essa língua de origem anterior ao contato? Será que o que identificamos como diferentes grupos étnicos possa ser na realidade diferentes clãs, que compõem categorias sociais mais inclusivas, mas que devido às suas especificidades utilizam uma língua própria e também uma língua geral, dividindo um mesmo padrão de produção material e uso do espaço?

São essas dinâmicas relacionais referidas no curso da história que devem ser abordadas nos estudos do registro arqueológico, para que possamos parar de enxergar a cultura material como uma unidade, por apresentar características estatisticamente semelhantes, como visto anteriormente na descrição do histórico das pesquisas arqueológicas na costa norte do Amapá e litoral leste da Guiana Francesa, mais especificamente na área de ocorrência de sítios Aristé.

A ideia aqui não é desconsiderar a fase Aristé como definida até o momento, mas flexibilizar as barreiras da classificação arqueológica quando pensamos em grupos sociais. Como pôde ser visto através desse levantamento histórico, o litoral das Guianas parece ter sido palco de uma constante movimentação física e relacional, mesmo em tempos pré-coloniais. O que consideramos neste estudo é a necessidade da realização de trabalhos arqueológicos em escalas locais ao mesmo tempo em que são desenvolvidos trabalhos que pensam nas dispersões de categorias como fases e tradições arqueológicas, principalmente no que concerne às cerâmicas domésticas, para que dessa forma possamos enxergar as particularidades e similaridades dos vestígios encontrados. A mudança do foco de escavações em pequena escala em sítios funerários para escavações amplas em sítios de habitação também é essencial, uma vez que partimos da premissa de que as relações sociais são construídas no seio das práticas cotidianas.

4. OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS EM ESTUDO

4.1. Introdução aos sítios

Tendo em vista os problemas levantados até o momento, principalmente em relação à estrutura dos sítios domésticos, bem como, ao relativo desconhecimento de sua cerâmica, propomos nesse trabalho a análise cerâmica e espacial de três sítios filiados à Fase Aristé e localizados na costa atlântica do Amapá. Esses sítios, caracterizados como habitações a céu aberto, são: AP-OI-06: Ponte do Oiapoque, AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 e AP-CA-48: Ponte do Torrão (Fig. 20).

Figura 20 – Mapa de localização dos sítios arqueológicos em estudo. Shapes disponíveis na Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA.

Os três sítios foram escavados em área ampla, no âmbito da arqueologia preventiva, através do método de decapagem mecânica pela equipe do NuPARq/IEPA. Como este método de escavação ainda é pouco disseminado na arqueologia brasileira, iremos fazer aqui um breve levantamento sobre o seu histórico, bem como sobre o seu início nos trabalhos de arqueologia realizados pelo NuPARq/IEPA no Amapá.

Visando facilitar a compreensão dos sítios em estudo, iremos apresentar a seguir os métodos de escavação e análise empregados em seu estudo, para que em seguida sejam apresentadas as características específicas de cada sítio em conjunto com os resultados de

sua análise, espacial e cerâmica, de forma a possibilitar nos capítulos seguintes as suas comparações e caracterização da cerâmica doméstica Aristé, bem como o levantamento de inferências sobre a organização espacial interna destes sítios.

4.2. Método de escavação

Apesar de parecer um método atual, o uso de maquinários em escavações arqueológicas já estava sendo discutido nos anos de 1960 na Inglaterra, quando a *Conference on the use of Mechanical Aids in Archaeology* foi patrocinada pelo *Council for British Archaeology* – CBA em outubro de 1965. Segundo Elizabeth Betts (1966), nessa conferência ficou claro que a arqueologia estava entrando em uma nova era mecanizada, onde era necessário discutir o emprego de equipamentos para movimentação de terra em escavações arqueológicas, dando ênfase ao conhecimento por parte dos arqueólogos das capacidades das máquinas empregadas, bem como a necessidade de instruir precisamente o operador da máquina sobre o trabalho a ser realizado.

Iremos nos limitar a descrever apenas alguns dos trabalhos arqueológicos que abordam o uso de maquinário, os quais julgamos imprescindíveis para o presente projeto (para uma descrição do emprego de diferentes maquinários em escavações arqueológicas, conferir CAVE & STOCKTON 1979; CONDON & EGAN, 1984; VAN HORN *et al*, 1986; ODELL, 1992; CALDARELLI, 2001). O registro mais antigo encontrado sobre a aplicação de maquinário pesado em escavações arqueológicas derivou das escavações realizadas por Iain C. Walker nas atividades de reconstrução da fortaleza de Louisbourg no Canadá em 1961 (WALKER, 1967).

Figura 21 – À esquerda, abertura de trincheira com uso de maquinário com deposição do sedimento nas laterais da mesma; à direita, Perfil de uma das trincheiras abertas com a máquina e limpada manualmente (WALKER, 1967: 14,16).

Neste trabalho, devido ao tempo limitado e em uma tentativa para produzir informações suficientes, foram introduzidas várias técnicas de escavação, sendo uma delas o uso de retroescavadeira Davis anexada à traseira de um Trator Massey-Ferguson 65 para escavação arqueológica sob circunstâncias cuidadosamente controladas (Fig.21). O emprego do maquinário possibilitou a evidência dos escombros de um dos baluartes destruídos da fortaleza.

No final dos anos 1960 e início dos anos 1970, temos os primeiros registros de uso de maquinário pesado nos Estados Unidos em Illinois (EMERSON *et al*, 2006; EMERSON & WALTHALL 2006) (Fig. 22). Onde, após a aprovação da Lei de Auxílio Federal à Rodovia de 1956 que previa “que os departamentos rodoviários usassem fundos para conduzir escavações de salvamento arqueológico em sítios ameaçados pela construção”, o Departamento de Transporte de Illinois (IDOT) emitiu uma diretriz para os seus engenheiros, onde dizia que “ruínas que têm valor histórico não devem ser desnecessariamente destruídas” instruindo os mesmos a resgatar ou preservar os sítios (EMERSON *et al*, 2006: 156).

Após a aprovação desta Lei, duas organizações de arqueólogos profissionais foram criadas, a *Illinois Archaeological Survey* – IAS (localizada dentro da *University of Illinois at Urbana Champaign* – UIUC) e a *Midwest Archaeological Conference* – MAC. Em 1959, o IDOT, o IAS e a UIUC assinaram um acordo de cooperação entre a comunidade arqueológica e o IDOT, o qual continua com sucesso até os dias atuais (id.).

No período inicial dos trabalhos oriundos desse acordo, o arqueólogo Charles Bareis trabalhou como “supervisor” e também “a equipe de escavação” em contextos de salvamento arqueológico em jazidas de empréstimo de terra para a construção de estradas no vale do Mississippi. Nesses trabalhos ele tinha que literalmente correr atrás dos tratores scrêipers que realizavam a remoção da terra delimitando e escavando as estruturas arqueológicas que apareciam após a passada do maquinário (id.).

Figura 22 - Equipamento pesado, Scrêiper, limpando a zona arada em uma escavação arqueológica do Projeto FAI-270 (EMERSON & WALTHALL 2006:169).

Segundo Emerson *et al* (2006), esse contexto de aproximação entre arqueólogos e empreiteiros foi de extrema importância para o futuro da arqueologia de Illinois, com a introdução em primeira mão para a força destrutiva e o potencial construtivo do maquinário pesado que “em umas poucas passadas podem revelar, em uma visão plana, todos os componentes arqueológicos”. Foi através de “tentativa e erro” que os arqueólogos do UIUC passaram a conhecer a variação de desempenho dos diferentes tipos de equipamentos. Com base nas suas experiências os autores afirmam que o emprego correto e supervisionado de equipamentos para movimentação de terra, os tornam especialmente adequados para a realização de pesquisas arqueológicas, permitindo assim a recuperação de vestígios arqueológicos em áreas amplas.

Segundo Emerson & Walthall (2006: 169), o uso dessas técnicas permitiu que os arqueólogos da Universidade de Illinois pudessem propor um projeto de pesquisa que focasse em estudos na escala da comunidade, possibilitando, pela primeira vez na América do Norte, que os arqueólogos pudessem ser realmente capazes de ver o desenvolvimento da vida em assentamentos sedentários, como foi o caso com os centros monticulares de Cahokia e seu entorno, onde a escavação de muitos milhares de m² permitiu a exposição, escavação e registro de milhares de estruturas que, por sua vez, possibilitaram melhor compreensão dos sítios, bem como, das formas de ocupação da paisagem e não menos importante da sequência cronológica da região.

No início dos anos 90 são iniciadas as escavações por decapagem mecânica no Caribe, através dos trabalhos de Aad H. Versteeg (BARTONE & VERSTEEG, 1997). O melhor registro dessas atividades se dá no ano de 1994 quando é escavado o sítio de Tanki

Flip, onde as atividades de escavação não tinham como foco principal a recuperação de um número máximo de artefatos, mas sim a definição das estruturas e da organização social do assentamento.

Para isso foi realizada a remoção mecânica do solo superficial através do uso de pá carregadeira. Após essa remoção foi possível evidenciar a dispersão horizontal das estruturas, as quais tiveram apenas metade de seu conteúdo escavado, buscando preservar o registro para a realização de trabalhos futuros (id.). Nesse trabalho foi dada grande ênfase ao registro individual de cada estrutura, com foto, desenho, mapeamento e coletas de seus respectivos conteúdos, permitindo assim a espacialização posterior de todas as estruturas expostas (Fig. 23). Através dessa espacialização os autores apresentam diversas hipóteses sobre a ocupação desse sítio, bem como de áreas de atividades específicas em seu interior (BARTONE & VERSTEEG, 1997:100-101).

Figura 23 – À esquerda, perfil de uma estrutura de buraco de poste escavada manualmente; à direita, planta baixa da área escavada com círculos indicando as casas e zonas hachuradas indicando espaços públicos ou áreas de atividades específicas no assentamento (BARTONE & VERSTEEG, 1997:27, 101).

No Amapá, as primeiras escavações arqueológicas por decapagem mecânica foram realizadas em 2007, através de uma parceria interinstitucional entre o NuPARq/IEPA e o Instituto Nacional de Pesquisas Arqueológicas Preventivas – INRAP da Guiana Francesa. Nessa ocasião a arqueóloga Dra. Sylvie Jéremie (INRAP) realizou treinamento em campo com os arqueólogos do NuPARq no uso de grandes máquinas, em especial escavadeira hidráulica com concha lisa – sem dentes –, o mesmo método em uso na Guiana Francesa desde os anos 90 e na França desde os anos 80. Esse treinamento foi realizado nas atividades do “Projeto de Levantamento e Resgate Arqueológico na Área da Mina do Projeto Ferro Amapá (MMX)” coordenado por João Saldanha e Mariana Cabral (2009: 105). O uso desse método de escavação pelos pesquisadores do NuPARq/IEPA vem sendo empregado, quando possível, em projetos de arqueologia preventiva desde então.

Através das descrições em relatórios de campo (Saldanha & Cabral 2009b; 2012b) e da experiência pessoal do autor, como membro da equipe do NuPArq/IEPA, as etapas da escavação por decapagem mecânica, realizada no Amapá, podem ser descritas da seguinte forma. Inicialmente é realizada uma prospecção em subsuperfície visando identificar a estratigrafia do sítio, ou no caso de sítios impactados são observados os perfis já expostos. Em seguida é realizada a extensão da malha de escavação (Fig. 24: esquerda), que será utilizada como referência para a coleta superficial, bem como para a decapagem mecânica controlada por arqueólogo.

Figura 24 – À esquerda, piqueteamento da área a ser escavada; à direita, procedimento de decapagem mecânica controlada por arqueólogo (Fotos na Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Após a coleta de superfície é iniciado o processo de decapagem que consiste na remoção de camadas de 2 a 5 cm de profundidade através do uso de uma retroescavadeira ou escavadeira hidráulica com concha lisa (Fig. 24: direita). Durante a decapagem, o material que vai aparecendo é coletado de acordo com a referência da quadra onde se encontra. Conforme as estruturas afloram à superfície, são delimitadas e sinalizadas com uma colher de plástico e a decapagem continua a partir destas.

Após ser finalizada a decapagem nessa quadra, é realizada, manualmente, a remoção do sedimento solto que sobra na superfície da quadra (Fig. 25: esquerda). A partir deste ponto é iniciada a escavação manual das estruturas evidenciadas (Fig. 25: direita). No processo de escavação das estruturas, todo material associado encontrado é coletado e plotado na ficha de registro individual da estrutura, bem como as evidências botânicas e/ou faunísticas e também as amostras de carvão para datação. São realizadas também coletas de sedimento em diferentes profundidades das estruturas.

Figura 25 – À esquerda, limpeza do sedimento solto na superfície da área decapada com sinalização das estruturas evidenciadas com colheres de plástico e escavação manual de uma estrutura; à direita, escavação manual de uma estrutura com evidência *in situ* dos artefatos encontrado (Fotos da Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Após a escavação e evidência da estrutura, é feito o desenho do plano de topo e do perfil; a descrição em ficha com informações sobre a sua natureza, composição e observações adicionais; e, também, o registro fotográfico (Fig. 26: esquerda).

Figura 26 – À esquerda, estrutura escavada e fotografada, em processo de desenho de perfil e plano de topo; à direita, vista de uma área escavada por decapagem mecânica com exposição das estruturadas (Fotos da Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Por fim é realizada a coleta de seu conteúdo estruturado com finalização da escavação, para que, em seguida, sejam obtidas as informações topográficas da estrutura com registro, através de nível topográfico ou de estação total, das coordenadas geográficas de seus limites norte, sul, leste e oeste, indicados no plano de topo, e também da sua profundidade através do ponto central, permitindo que o plano horizontal da escavação possa ser reconstituído em laboratório (Fig. 26: direita). Após a abertura da primeira quadra são iniciadas as etapas de escavação manual, as quais ocorrem concomitantemente com a escavação mecânica.

Como apresentado até o momento, a escavação em área ampla apresenta grande potencial para a realização de análises espaciais nos sítios escavados. Acreditamos que a partir da análise dos artefatos arqueológicos em conjunto com a distribuição espacial de

vestígios na sua superfície e do conteúdo das estruturas, possam ser levantadas inferências sobre áreas de atividades em seu interior, fortalecendo o levantamento de dados para estudos espaciais inter e intrassítios a nível de organização comunitária.

Apesar de parecer inovador e agressivo, o método de escavação por decapagem mecânica tem sido utilizado há, pelo menos, 55 anos em todo o mundo, com publicações demonstrando o potencial positivo de sua aplicação em trabalhos de arqueologia preventiva, uma vez que sejam observadas as capacidades das máquinas, dadas as devidas instruções ao operador da máquina e realizados todos os procedimentos de campo que possibilitem o registro eficiente dos sítios escavados.

Através das escavações por decapagem mecânica é possível o estudo e compreensão de sítios em tamanha escala que geralmente não são possíveis através dos métodos tradicionais, ou que para alcançá-los por estes seriam necessários muitos meses, até anos, de trabalhos e altos custos.

O emprego cuidadoso e controlado de dispositivos mecânicos, no âmbito do resgate arqueológico, é uma alternativa para os estudos das atividades realizadas no passado, principalmente quando tratando de contextos domésticos, como é o caso do presente estudo.

4.3. Métodos de análise

Nesse trabalho, buscamos compreender as formas de organização, inter e intrassítios, presentes em três sítios do tipo habitação a céu aberto, escavados em área ampla por decapagem mecânica, dos grupos produtores da cerâmica filiada à Fase Aristé a partir de dois pontos de vista, sendo um deles o espacial e o outro o cerâmico. Os dados oriundos da análise espacial e da análise cerâmica irão ser tratados conjuntamente, de forma que na discussão dos resultados possamos realizar a sua integração, buscando resultados que possibilitem a compreensão espacial desses sítios, bem como a inferência de áreas de atividade.

4.3.1. Análise espacial

Para a análise espacial foi realizada em laboratório a quantificação dos fragmentos cerâmicos coletados em superfície e durante a decapagem mecânica visando a elaboração de mapas de densidade desse tipo de vestígio na superfície dos sítios em estudo. Buscando este fim, utilizamos um método de *Análise Matricial* que se baseia na utilização de uma

Matriz Celular ou Grade Regular de Células, onde cada célula que se encontra dentro de um espaço delimitado por coordenadas (X, Y) está associada a um valor numérico (Z). No nosso caso, em específico, a Matriz Celular está diretamente relacionada à grade de quadras, definida antes das atividades de escavação. Como as quadras representam um polígono composto por diversos pontos, tivemos que obter os seus centroides que consistem em *padrões pontuais* das unidades de coleta/quadras. Os padrões pontuais são definidos por Câmara *et al.* (2004) como “fenômenos expressos por ocorrências identificadas como pontos localizados no espaço, denominados processos pontuais” (id.: 3). Portanto, obtido o centro das quadras (coordenadas X, Y) elaboramos uma tabela (Fig. 27), juntando essas informações com os dados referentes ao número de fragmentos cerâmicos (Z). Essa tabela foi posteriormente convertida em um arquivo shapefile (.shp) através do uso do software ArcGis. Nesse mesmo software realizamos a aplicação do estimador de Densidade de Kernel (ROCHA *et al.*, 2011) para a identificação de áreas de concentração dos vestígios arqueológicos – através da ferramenta *Kernel Density*.

	A	B	C	D
1	Quadra	X	Y	Total_Frag
2	5005_5000	408486,094	426176,459	183
3	5005_5050	408477,622	426225,429	178
4	5005_5005	408485,252	426181,333	170
5	5010_5005	408490,24	426182,139	141
6	5005_4995	408486,937	426171,561	133

Fig. 27 – Exemplo de tabela utilizada para análise matricial com base nos padrões pontuais.

O uso do estimador de Densidade Kernel se deu, concordando com James Conolly & Mark Lake (2006: 175-177), devido a sua sofisticação em relação aos outros tipos de densidades, pois produz uma superfície esfumada, permitindo a geração de resultados mais facilmente interpretáveis. Essa densidade trabalha com dois parâmetros básicos, a localização dos pontos e o valor de Z, onde a superfície esfumada será gerada com base no raio de busca, previamente definido, no entorno dos centroides das quadras. Se for utilizado um raio muito grande haverá a produção de uma superfície excessivamente suavizada enquanto que um raio muito curto irá gerar picos no entorno dos pontos centrais. Portanto, considerando que as quadras abertas pela decapagem mecânica tendem a possuir uma dimensão aproximada de 5x5 m, foi utilizado um raio de 7,5 m, permitindo o englobamento da distância entre dois pontos e meio. Esse método de análise espacial foi utilizado nos três sítios em estudo em conjunto com a distribuição espacial das estruturas, representadas pelo polígono de seu plano de topo, possibilitando observar a

relação entre a densidade de vestígios cerâmicos com as estruturas que se encontram nas suas proximidades.

4.3.2. Análise cerâmica

De forma a permitir a comparação das cerâmicas em estudo com os resultados já obtidos para as cerâmicas dos sítios filiados à Fase Aristé no Amapá, está sendo utilizado nesse trabalho o mesmo método de análise cerâmica proposto para os projetos que envolvem a análise desses vestígios no NuPArq/IEPA. Desta forma, para a compreensão da cerâmica dos três sítios em estudo, foi utilizado um método que pensa o vasilhame cerâmico como principal objeto de pesquisa, considerando as relações que os atributos mantêm entre si (WÜST, 1990), sendo priorizada a forma dos vasilhames.

Antes de ser iniciada a análise dos vestígios cerâmicos foram realizados os procedimentos curatoriais padrões do NuPArq/IEPA, os quais consistem em higienização e catalogação dos materiais presentes nas unidades de coleta que serão analisadas. Após esses procedimentos buscou-se a remontagem dos fragmentos, inicialmente buscando cacos que remontem na mesma unidade de coleta para que em seguida fosse verificada a possibilidade de remontagem com as unidades vizinhas. Após a remontagem dos fragmentos foi feita a triagem buscando todas as bordas com possibilidade de orientação enquanto parte constituinte do pote. Por fim, todas as bordas, devidamente identificadas, foram separadas em bandejas para que fosse realizada mais uma vez a possibilidade de ocorrência de fragmentos de uma mesma vasilha. Nos casos em que houve duplicidade, foi escolhida a borda com melhores características para análise e descrição, principalmente em relação ao tamanho e possibilidade de orientação.

Pela quase inexistência de vasilhas inteiras nos três sítios em estudo, com exceção do sítio AP-OI-06, este trabalho se baseia essencialmente na análise das bordas das vasilhas, buscando encontrar o Número Mínimo de Vasilhas (NMV), de forma a permitir uma caracterização geral dos vasilhames cerâmicos dos sítios em estudo, através de duas etapas de análise.

A primeira consiste na identificação dos atributos técnico-estilísticos dos vasilhames através da análise das variações na pasta, tecnologia de manufatura, morfologia da borda, elementos estilísticos e marcas de uso (MEGGERS & EVANS, 1970; SHEPARD, 1965; SINOPOLI, 1991; VACHER *et al*, 1998; GOMES, 2002, 2008; SALDANHA, 2005; F. SILVA, 2008).

Foi realizada também a reconstituição gráfica das formas dos vasilhames, onde foi trabalhada a projeção do perfil das bordas encontradas, permitindo, em seguida, através da metodologia proposta nos trabalhos de Arcelim & Rigoir (1979) e Meggers & Evans (1970), a visualização da forma e das dimensões dos vasilhames, possibilitadas pela reconstituição da borda.

A segunda etapa de análise consiste no enquadramento das formas encontradas na tipologia cerâmica, baseada na forma dos vasilhames da Fase Aristé, elaborada pelo NuPARq/IEPA e apresentada em M. SILVA (2011). Esta tipologia tem como base as formas de vasilhas da fase Aristé registradas por Meggers & Evans (1957, apêndice: tabelas 19 e 20) e vai sendo incrementada de acordo com que novas formas são obtidas. A tipologia possuía inicialmente 9 formas cerâmicas identificadas por Meggers & Evans (1957), sendo estas: Forma A – Jarro com colar; Forma B – Jarro com pescoço, borda espessa; Forma C – Tigela aberta; Forma D – Tigela levemente carenada com borda infletida; Forma E – Tigela com boca restringida; Forma F – Tigela carenada com borda flangeada; Forma G – Pequeno jarro arredondado com borda infletida e Forma H – Jarro largo, borda direta, pescoço longo. Estas formas estão representadas na Figura 28 a seguir.

Através da análise do sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque em M. Silva (2011) foi constatada a presença de duas novas formas: Forma J – Prato e Forma K – Vasilha com pedestal. A Forma I, ausente nesta descrição, foi observada através da análise cerâmica do sítio AP-CA-18: Rego Grande, elaborada pelo autor e não publicada, e faz referência à Tigela carenada com boca restringida (id.: 46). Em relação à Forma K – Vasilha com pedestal, uma vez que fica claro que esta análise é baseada principalmente em fragmentos de bordas e não em vasilhas completas, julgamos insuficiente a presença de base em pedestal como critério suficiente para manutenção deste novo tipo na presente análise, visto que apenas uma vasilha, com possibilidade de remontagem, foi encontrada contendo pedestal. Desta forma essa vasilha irá se classificada com base na sua forma global enquanto tigela e seguidos os seus parâmetros de inclinação da borda. Visto que em M. Silva (2011) foi dada ênfase à essa forma com pedestal, buscamos realizar a análise de uma amostra de bases do sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque de forma a possibilitar a verificação e a variabilidade morfológica destas. Apesar de não considerarmos esta forma na presente análise, não justificamos a sua exclusão da tipologia, apenas a sua suspensão temporária até que mais vasilhas desta forma sejam encontradas.

Figura 28 – Formas obtidas para as cerâmicas da Fase Aristé por Meggers & Evans (1957, apêndice: tabelas 19 e 20).

Após a identificação dos tipos cerâmicos presentes nesses sítios, é realizada a inferência funcional dessas vasilhas com base na sua forma enquanto pote. Entretanto, estas inferências serão refinadas buscando interpretações mais seguras sobre os possíveis usos através do estudo mais aprofundado das marcas de uso e das comparações dos tipos

encontrados com as formas cerâmicas registradas em trabalhos etnoarqueológicos e em referências mais recentes da arqueologia, bem como através da sua localização no contexto arqueológico.

No que concerne à análise dos elementos estilísticos, iremos, nesse momento, abordá-los de forma mais simplificada, quantificando os tipos de decorações, como, por exemplo, modelagens, incisões, pinturas e banhos, sem abordar profundamente as composições formadas pelos diferentes motivos, mas ressaltamos a necessidade de realização futura de uma análise decorativa mais aprofundada e uma vez que já explicitamos estar trabalhando principalmente com a análise das bordas, não será mantida a divisão “modificação de borda e decoração” apresentada na lista de análise (Anexo 2). Essa opção foi tomada de forma a simplificar a quantificação da variação de tipos de decoração contidos nas amostras analisadas. Portanto, a análise irá se resumir na quantificação dos indivíduos decorados, seguida pela apresentação da variação dos diferentes tipos de decoração empregados.

4.4.AP-OI-06: Ponte do Oiapoque

4.4.1. Descrição do sítio

O sítio arqueológico AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coordenadas UTM WGS84 Zona 22N 0408 484/ 0426 192) se encontra na margem direita do rio Oiapoque, no município de Oiapoque-AP, e está localizado na altura do rio onde há um estreitamento de sua largura e as margens ficam a uma distância de aproximadamente 200m uma da outra. Este rio marca a divisa entre o Brasil e a Guiana Francesa. Como foi apresentado no levantamento dos trabalhos arqueológicos em sítios Aristé, na margem oposta deste sítio, se encontra um sítio funerário Aristé, o qual pode ser contemporâneo à habitação em estudo.

O sítio AP-OI-06 foi registrado pela arqueóloga Lúcia Juliani, da empresa A Lasca Consultoria e Assessoria em Arqueologia S/S, durante as atividades de levantamento e vistoria arqueológica do EIA/RIMA da área onde foi implantada a Ponte Binacional sobre o rio Oiapoque (SALDANHA & CABRAL, 2009c: 1).

Este sítio é caracterizado pela existência de duas áreas de ocorrências arqueológicas, sendo uma junto à margem do rio, denominada de platô baixo, caracterizada por uma ocupação histórica do fim do século 18 e início do século 19, onde foram encontrados fragmentos de cerâmica de torno, faiança, vidro e artefatos de ferro

como colheres, cartuchos de munição, cravos e outros. Além dessa habitação também foi encontrado um conjunto de polidores na margem do rio. A outra ocorrência se encontra sobre um morro acima do platô baixo, nomeado como platô alto.

O platô alto é caracterizado por ser uma ocupação ameríndia pré-colonial, composta por artefatos cerâmicos e líticos, atribuída à fase Aristé e datado como iniciando em 850 d.C. e finalizando em 1050 d.C. (SALDANHA, 2014, comunicação pessoal). Estes artefatos foram encontrados desde a margem do rio até a área plana do Platô Alto, no entanto, o material da encosta e base do morro foi atribuído ao carreamento, por fatores naturais, do material arqueológico da área de ocupação, localizada no topo do morro (SALDANHA & CABRAL, 2009c: 17).

A escavação deste sítio se deu através da abertura de quadras de 5x5m, através do uso combinado de decapagem mecânica e decapagem manual (SALDANHA & CABRAL, 2009c: 4). Este sítio foi escavado em três momentos diferentes, 2009, 2012 e 2013, compreendendo uma área total escavada de, aproximadamente, 4000 m².

A estratigrafia desta habitação é caracterizada pela existência de 3 camadas (Fig. 29). Uma camada superficial de 5 cm de profundidade caracterizada pelo horizonte húmífero, seguida, de 5 a 30 cm, por uma camada areno-argilosa de coloração escura (5YR\3.1 escala Munsell), composta por muita laterita e vestígios arqueológicos – cerâmica e lítico – e finalizando, a partir dos 30 cm, com um horizonte argilo-arenoso, de coloração marrom-alaranjada (10YR\6.8 escala Munsell) que representa o substrato geológico (carapaça laterítica) (SALDANHA & CABRAL, 2009c: 13).

Figura 29 – Exemplificação da estratigrafia do sítio AP-OI-06 com representação de exemplos das estruturas negativas encontradas durante a escavação. 1: Buraco de poste, 2: Buraco de poste com calage, 3: Fossa, 4: cerâmica quebrada *in situ* e 5: Poço (SILVA, 2011, p. 36).

A maior parte das estruturas arqueológicas passa a ser visível apenas no último horizonte, uma vez que possuem em seu interior o mesmo sedimento do horizonte arqueológico.

4.4.2. Estruturas arqueológicas

Através do levantamento das fichas de estrutura elaboradas durante as escavações foi constatada a presença de 191 estruturas antrópicas divididas em 6 tipos: 139 buracos de poste, 3 concentrações de artefatos, 29 fossas, 12 fossas com vasilha, uma delas contendo um crânio, 7 poços e 1 estrutura que se assemelha a um fosso ou um caminho escavado, como os descritos anteriormente no Capítulo 2. Estas estruturas, como dito anteriormente e exceto as que contêm vasilhas em seu interior, só se tornam visíveis quando a decapagem mecânica alcança o terceiro horizonte.

Para melhor compreensão do espaço interno do sítio foi realizada a espacialização das estruturas antrópicas através da elaboração de shapefiles (.shp) do plano de topo das estruturas, permitindo a observação dos seus padrões de ocorrência (Fig. 30).

Figura 30 – Croqui da dispersão de estruturas antrópicas e possível delimitação de habitações - Sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Shapefiles elaborados por João Saldanha e disponíveis na Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Através da sua distribuição espacial, foi então possível identificar, através das concentrações de buracos de poste, três áreas que podem ser consideradas como casas, apresentando uma média de diâmetro de 22,5 m. A interpretação dessas concentrações

como casas é sustentada pela afirmação de Saldanha & Cabral (2009c:14) que, ao descrever a composição dos sítios arqueológicos no Amapá e na Guiana Francesa, apresentam os buracos de postes como compondo verdadeiras nuvens, fato esse causado pela deterioração rápida dos esteios das casas devido ao clima tropical, o que ocasionaria em um constante reparo da estrutura das casas com relocação dos esteios.

4.4.3. Quantificação e distribuição espacial

Baseado no método de análise espacial proposto para esse trabalho, foram quantificadas 84 unidades superficiais de coleta de material – coleta de superfície e decapagem mecânica –, as quais continham 4781 fragmentos de cerâmica. Através dessa quantificação elaboramos, então, o croqui de dispersão dos vestígios cerâmicos (Fig. 31).

Figura 31 – Densidade da cerâmica coletada em superfície e durante a decapagem do sítio AP-OI-06 em relação às estruturas arqueológicas.

Com base no croqui de densidade dos vestígios cerâmicos na superfície deste sítio, podemos visualizar algumas concentrações maiores de vestígios, como ocorre no interior da área delimitada como casa que se encontra ao sul e nas zonas periféricas das outras duas áreas interpretadas também como casas.

4.4.4. Análise cerâmica

Os dados da análise cerâmica do sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque apresentados a seguir são referentes a 94 unidades de coleta de material, divididas de seguinte maneira: 1 unidade de coleta assistemática, 1 unidade de coleta em área remexida, 8 unidades de coleta superficial, 48 quadras de decapagem mecânica, 1 trincheira, 28 estruturas antrópicas (10 buracos de poste, 8 cerâmicas quebradas *in situ*, 7 fossas, 1 fosso e 2 poços), 5 anomalias naturais e 2 sondagens manuais. Nestas unidades, através da remontagem e comparação das bordas, foi possível registrar, analisar e reconstituir o perfil de 633 vasilhames cerâmicos representados, principalmente, pelas suas bordas e contendo apenas 18 perfis completos.

No que tange a preservação dos fragmentos, foi observado que a maior parte da amostra analisada (72%) apresenta erosão parcial da superfície, podendo ocorrer a presença de fragmentos com a superfície totalmente erodida (1%) ou superfície preservada em 27% dos fragmentos. Foram encontradas marcas de uso em apenas 18% da amostra analisada, possivelmente um reflexo do seu estado de preservação.

Buscando ilustrar a variação de marcas de uso, iremos apresentar a seguir a sua variação com base nos fragmentos que as continham, excluindo os fragmentos em que se encontravam ausentes para não distorcer os resultados. Portanto, em 18% da amostra (118 vasilhames) os tipos de marcas de uso encontrados nas vasilhas do sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque foram: fuligem externa (69%), fuligem interna (6%), fuligem externa e interna (7%), erosão externa (1%), erosão interna (14%), erosão externa e interna (1%), fuligem externa e erosão interna (1%) e erosão interna e fuligem externa (1%). A maior quantidade de fragmentos com fuligem em relação à baixa representatividade de fragmentos com erosão pode ser pensada devido à dificuldade de diferenciar a erosão típica de uso da erosão causada pelas intempéries naturais ou impactos do contexto de habitação como, por exemplo, movimentação de pessoas ou de materiais.

Através da análise do material deste sítio foi possível observar que em relação à pasta dos vasilhames, 54% dos fragmentos analisados apresentam textura fina e 44%

textura média, ocorrendo alguns casos (2%) de fragmentos com textura grossa. Para a classificação dos diferentes tipos de textura utilizamos como parâmetro a concentração de antiplástico visível ao olho nu nas quebras e superfícies dos fragmentos, sendo a textura fina caracterizada por concentrações que vão de 0-15%, a média de 15-50% e grossa às concentrações com mais de 50%.

O antiplástico, ou tempero, predominante nas vasilhas, é composto pela combinação de quartzo + caco moído (52%) ou a ocorrência isolada de quartzo moído (19%), seguidos pelo tempero de granito moído (16%) isolado e sua combinação granito + caco moído (12%). Com menor representatividade estatística (1% ou menos) foram encontradas as seguintes variações de tempero: quartzo + cariapé branco (4 frags.), quartzo + cariapé preto (3 frags.), caco moído (2 frags.), granito + caco + cariapé branco (1 frag.), granito + cariapé preto (1 frag.), granito + cariapé branco (1 frag.), granito + laterita (1 frag.), quartzo + caco + cariapé branco (1 frag.), quartzo + caco + laterita (1 frag.) e quartzo + cariapé preto (1 frag.). Com o puro propósito de comparação podemos dizer que 98% da amostra analisada nesse sítio é composta por antiplástico mineral e que 2% é composta pela combinação de antiplástico mineral com vegetal, o que nos permite afirmar que o antiplástico de maior preferência era o de origem mineral e que mesmo nos casos onde foi observada a presença de tempero vegetal ele estava combinado com tempero mineral.

As variações de coloração de pasta encontradas na amostra analisada foram: bege clara, núcleo escuro (52%); laranja à vermelha clara, núcleo escuro (26%); laranja à vermelha clara por toda espessura (8%); bege clara por toda espessura (7%); cor escura por toda espessura (4%); e com menor representatividade estatística (1% ou menos) verificamos a ocorrência de vermelha escura à marrom por toda espessura (6 frags.); vermelha escura à marrom, núcleo escuro (6 frags.); bege clara externa, laranja à vermelha clara interna, núcleo escuro (4 frags.); laranja à vermelha clara, núcleo bege claro (3 frags.); laranja à vermelha clara externa, bege clara interna, núcleo escuro (2 frags.); e, por fim, bege clara, núcleo alaranjado (1 frag.).

Essas variações de coloração de pasta são, então, resultado das seguintes variações de queimas: oxidação externa e interna com presença de núcleo (72%), oxidação total (16%), oxidação externa com núcleo interno (5%), redução total (4%) e oxidação interna com núcleo externo (3%), caracterizando uma tecnologia de queima não controlada, onde é visível a queima incompleta da pasta. Ainda sobre a tecnologia, através da presente

análise, foi possível observar a ocorrência de acidentes de fabricação em 233 (37%) indivíduos da amostra analisada, sendo estes fire clouds, na superfície externa (60% dos casos), na superfície interna (13% dos casos), concomitantemente nas superfícies externa e interna (22% dos casos), na superfície interna e lábio (1% dos casos) e apenas no lábio (1% dos casos); roletes mal colados (1% dos casos); thermal spalls (1% dos casos) e, por fim, impressões da superfície onde foi moldada a base da vasilha (1% dos casos).

Em relação à tecnologia de manufatura dos vasilhames, a principal técnica empregada foi o roletado representando 98% da amostra analisada, mas também foram encontradas variações, ocorrendo a presença combinada de roletado + modelado (2%) e apenas modelado (menos de 1%). Os indivíduos que apresentaram a combinação das técnicas roletada e modelada fazem referência aos perfis completos, onde foi observada manufatura das bases através do emprego da técnica de modelagem com o restante dos seus corpos elaborados através da técnica de sobreposição de roletes.

O tratamento de superfície predominante é o bem alisado (54%) seguido de superfície polida (20%) e alisada (20%), em apenas 5% das vasilhas encontramos brunidura e 1% dos vasilhames não permitiram a identificação do tratamento de superfície devido à erosão da mesma. Em relação ao acabamento da superfície, foi observada a presença de estrias de alisamento em 27% dos vasilhames analisados, onde estas podem ocorrer na superfície externa (54% dos casos), interna (28% dos casos) e em ambas as superfícies externa e interna (18% dos casos).

Sobre a morfologia dos vasilhames analisados, uma vez que a análise lida principalmente com fragmentos de bordas, iremos nos ater às formas das bordas e iremos buscar maiores descrições através da tipologia cerâmica. Desta maneira, a forma de borda predominante é a inclinada ao exterior com perfil exterior convexo (44%), seguida de borda inclinada ao exterior com perfil exterior côncavo (30%), borda inclinada ao interior com perfil exterior convexo (14%), borda inclinada ao exterior com perfil exterior retilíneo (6%), borda inclinada ao interior com perfil exterior côncavo (4%), borda inclinada ao interior com perfil exterior retilíneo (1%), borda horizontal com perfil exterior retilíneo (1%) e borda vertical com perfil exterior retilíneo (menos de 1%), tendo predominância do arredondado (86%) como forma de lábio seguido por plano (12%) e afinado (2%).

Em relação à ocorrência de reforço na borda dos vasilhames foi observada a sua presença em 9% da amostra, estando localizado na superfície externa (54% dos casos), interna (42% dos casos) ou externa e internamente (4% dos casos).

Ao que se refere às dimensões dos vasilhames, foi verificado que a espessura média da borda vai de 3,5 a 16,25 mm, sendo que existe uma concentração nas espessuras que vai de 5 a 7,25 mm, como pode ser verificado nos gráficos da Figura 32.

Figura 32 – À esquerda, gráfico de dispersão de espessura média em milímetros da borda dos vasilhames; à direita, gráfico com a frequência das variações de espessura média em milímetros da borda dos vasilhames.

Figura 33 – À esquerda, gráfico de dispersão das variações de diâmetro de abertura da boca em centímetros encontradas; à direita, gráfico da frequência das variações de diâmetro de abertura da boca em centímetros encontradas.

Também no que tange a dimensão dos vasilhames, foi possível visualizar através do uso da escala de círculos concêntricos que o diâmetro de abertura da boca dos

vasilhames varia de 5 a 58 cm, com concentração nos diâmetros que vão de 16 a 25 cm, como pode ser observado nos gráficos da Figura 33. Foram encontrados 7 vasilhames que não permitiram obtenção do seu diâmetro por representarem formas elipsoides ou alongadas.

No que concerne à decoração, foi possível observar que 44% dos vasilhames analisados apresentam decoração, sendo esta caracterizada principalmente por incisões, seguidas de banhos, modelagens e pinturas, ver gráfico abaixo (Fig. 34). Como apresentado na descrição do método de análise cerâmica, essas decorações, as quais ocorrem conjuntas em alguns casos, foram separadas para melhor visualização das técnicas de decoração empregadas nas amostras analisadas, portanto as porcentagens apresentadas a seguir não fazem referência ao número total de indivíduos analisados, mas sim a quantidade de vezes em que estes tipos de decoração foram encontrados, tendo como total 491 ocorrências. O mesmo processo de análise decorativa foi aplicado, também, para os outros dois sítios em estudo.

Figura 34 – Gráfico apresentando as variações dos tipos de decoração encontrados nas vasilhas do sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque.

Em relação aos banhos a ocorrência se dá principalmente de banho monocromático vermelho sobre pasta natural (98% dos casos) com possibilidade de ocorrência de banho monocromático preto sobre pasta natural (2% dos casos).

Na ocorrência de incisões, o tipo mais frequente são as incisões retilíneas em linhas longas (40%), seguido por incisões curvilíneas em linhas longas (21%), incisões retilíneas em linhas curtas (14%), ponteados (9%), digitados (5%), incisões curvilíneas em

linhas curtas (3%), incisões tracejadas em linhas longas (3%), incisões em zig-zag em linhas longas (2%), ungulado (2%), raspado (1%) e incisões retilíneas em linhas curtas com preenchimento vermelho (menos de 1%).

Quando ocorre modelagem, foi observada a presença de flange em 51% dos casos, seguida por aplique mamiliforme (23%), aplique com forma não identificada (11%), aplique destacado (8%), rolete aplicado (5%), aplique em forma de alça com furo no meio (1%) e aplique zoomorfo (1%).

No que tange às pinturas, encontramos a ocorrência de faixa monocromática vermelha (50%), seguida por traços monocromáticos pretos (43%) e traços monocromáticos amarelos (7%).

4.4.5. Tipologia cerâmica

No Sítio AP-OI-06 foram encontradas as seguintes formas cerâmicas: Forma A - Jarro com colar; Forma B - Jarro com pescoço, borda espessa; Forma C - Tigela aberta; Forma D - Tigela levemente carenada com borda infletida; Forma E - Tigela com boca restringida; Forma G - Jarro arredondado com borda infletida; Forma H - Jarro largo, borda direta, pescoço longo; Forma I - Tigela carenada com boca restringida; Forma J – Prato; Forma L – Banco e Forma M - Tigela naviforme, (Fig. 35) as quais se encontram descritas e ilustradas nos tópicos a seguir.

Figura 35 – Frequência dos tipos cerâmicos encontrados no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque.

Cabe ressaltar aqui a nossa opção, já discutida no tópico 4.3.2. *Análise Cerâmica*, por desconsiderar, neste momento, a Forma K – Tigela com pedestal como um tipo

cerâmico específico, desta forma, dando continuidade à elaboração da tipologia cerâmica foram acrescentados os tipos Forma L – Banco e Forma M – Tigela Naviforme, uma vez que representam formas específicas e singulares.

Forma A – Jarro com colar: esta forma é caracterizada por Jarros com pescoço que possuem colar acima deste, geralmente possuem contorno infletido e abertura restringida, como pode ser observado a seguir (Fig. 36). A forma da borda característica dos indivíduos analisados é a inclinada ao exterior com perfil exterior convexo e lábio arredondado. Essa forma é representada por duas vasilhas que apresentam tempero de quartzo moído e granito moído, em ambos os casos combinados com caco moído, e queima oxidada externa e internamente com presença de núcleo gerando assim coloração laranja à vermelha clara, com presença de núcleo escuro. Como dimensões encontramos como espessura média da borda as variações de 6 e 6,5 mm e diâmetro de abertura da boca de 20 e 26 cm. Em ambas as vasilhas não foram encontradas decorações e em uma destas foi encontrada fuligem externa como marca de uso.

Figura 36 – Prancha com exemplares da Forma A – Jarro com colar encontrados no sítio AP-OI-06 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma B – Jarro com pescoço, borda espessa: a Forma B é caracterizada por jarros com pescoço que possuem, principalmente, contorno infletido e abertura restringida, como pode ser observado a seguir (Fig. 37). A forma da borda característica é inclinada ao exterior com perfil exterior côncavo, mas podendo ocorrer também variações de perfil exterior convexo ou retilíneo. A forma do lábio predominante é a arredondada, podendo ter ocorrência de reforço. Essa Forma é representada por 55 vasilhas que apresentam tempero característico de quartzo + caco moído, com grande ocorrência também de

quartzo moído ou granito moído de forma isolada, possuindo queima oxidada externa e internamente, com presença de núcleo, ou oxidação total, gerando variações de coloração bege clara e laranja à vermelha clara nas superfícies e, nos casos de queima incompleta há presença de núcleo escuro. As dimensões do diâmetro podem variar de 6 a 40 cm de diâmetro de abertura de boca e 4 a 9 mm de espessura média da borda. Foi verificada a ocorrência de decorações em 60% dos indivíduos analisados, podendo ocorrer modelagens na forma de apliques ou flanges, banho monocromático vermelho sobre pasta natural e incisões, encontradas na forma de ponteados, digitados, incisões retilíneas em linhas longas e curtas, incisões curvilíneas em linhas longas e curtas e linha de incisões tracejadas. Nesta Forma foram encontradas como marcas de uso fuligem externa, fuligem interna e erosão interna.

Figura 37 – Prancha com exemplares da Forma B – Jarro com pescoço encontrados no sítio AP-OI-06 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma C – Tigela aberta: a Forma C é caracterizada por vasilhas com abertura não restringida e contorno simples ou infletido (ver Fig. 38). As formas de borda características são bordas inclinadas ao exterior, com perfil exterior convexo, côncavo e retilíneo, ocorrendo em alguns casos presença de reforço na borda. A forma de lábio predominante é a arredondada, podendo ocorrer variações de lábio plano ou afinado. Esta é a forma mais representativa da nossa amostra, totalizando 308 vasilhas, as quais são caracterizadas por tempero de quartzo combinado com caco moído ou isolado e granito

combinado com caco ou também isolado. A tecnologia de queima empregada na maioria dos casos é a queima oxidada com presença de núcleo ou completamente oxidada, gerando colorações bege clara e laranja à vermelha clara nas superfícies com presença de núcleo escuro, ou sem presença de núcleo nas vasilhas com oxidação total. As vasilhas dessa forma apresentam dimensões médias de 6 a 58 cm de diâmetro de abertura da boca e 4 a 11 mm de espessura média da borda. Foi observada a presença de decoração em 44% da amostra analisada.

Figura 38 – Prancha com a variação das vasilhas da Forma C – Tigela aberta encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

As decorações que apresentam maior ocorrência são as incisões com variações de incisões retilíneas em linhas longas ou curtas, incisões curvilíneas em linhas longas ou curtas, incisões tracejadas em linhas longas, incisões em zig-zag em linhas longas, ungulado, pontilhado e digitado. Também com grande ocorrência foi encontrada a presença de banho monocromático vermelho sobre pasta natural e raras ocorrências de banho monocromático preto. Com menor ocorrência foi encontrado modelagens com presença de flanges em maior quantidade, seguidas por aplique de forma não identificada, apliques

mamiliiformes, roletes aplicados, aplique destacado, aplique zoomorfo e em forma de alça com furo no meio, da mesma forma, com raras ocorrências, foram encontradas pinturas caracterizadas por faixa monocromática vermelha, traços monocromáticos pretos e traços monocromáticos amarelos.

Como marcas de uso nesta forma foi evidenciada, principalmente, a presença de fuligem externa, mas também com ocorrência de fuligem interna ou externa e interna. Em alguns casos foi evidenciada a presença de erosão, isolada ou combinada com fuligem.

Forma D – Tigela levemente carenada com borda infletida: a Forma D é caracterizada por vasilhas com abertura não restringida e corpo com contorno levemente infletido, possuindo como forma de borda a borda inclinada ao exterior com perfil exterior côncavo e raros casos de perfil exterior convexo (ver Fig. 39). A forma da borda característica é a arredondada podendo ocorrer borda plana. Essa forma é composta por 30 vasilhas com tempero característico de quartzo + caco moído, sendo encontrados também quartzo moído ou granito moído de forma isolada ou granito + caco moído. A tecnologia de queima predominante é a queima oxidada externa e internamente com presença de núcleo ou queima completamente oxidada, resultando em variações de coloração bege clara e laranja à vermelha clara com núcleo escuro e sem núcleo nos casos de oxidação total da pasta. A vasilhas que compõem essa forma apresentam dimensões que variam de 10 a 42 cm de abertura de boca e 3,75 a 12,5 mm de espessura média.

Figura 39 – Prancha com exemplares da Forma D – Tigela levemente carenada com borda infletida encontrados no sítio AP-OI-06 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Foi verificada a ocorrência de decoração em 60% das vasilhas analisadas, sendo esta composta principalmente por incisões, com maior frequência de incisões retilíneas em linhas longas e curtas, seguidas por incisões curvilíneas em linhas longas e curtas, ponteados, digitados e raspados, estes últimos em menor ocorrência. Em seguida temos a modelagem, caracterizada principalmente por flange e raras ocorrências de aplique mamiliforme, aplique com formato não identificado e aplique destacado. Como banhos foi verificada a ocorrência de banho monocromático vermelho sobre pasta natural e apenas uma vasilha apresentou faixa monocromática vermelha. As marcas de uso, encontradas em baixa quantidade, são relativas à fuligem externa ou externa e interna e erosão interna.

Forma E – Tigela com abertura restringida: a forma E é caracterizada por vasilhas com abertura restringida e contorno geralmente simples, mas com ocorrências de contorno infletido e possibilidade de reforço na borda (Fig. 40). A forma da borda característica é borda inclinada ao interior com perfil exterior convexo, tendo variações de perfil exterior côncavo ou retilíneo. A forma de lábio encontrada em maior frequência é a arredondada, com possibilidade de ocorrência de lábio plano ou afinado. Foram registradas na Forma E 97 vasilhas que possuem como tempero predominante a combinação de quartzo + caco moído, mas com variações de quartzo ou granito isolados e a combinação de granito + caco moído. A tecnologia de queima característica é a queima oxidada interna e externamente com presença de núcleo escuro com possibilidade de oxidação total ou de apenas uma das superfícies. As colorações da pasta variam de bege e laranja à vermelha clara, ambas com núcleo escuro ou sem núcleo no caso de queima completamente oxidada. A amostra é composta por vasilhas que possuem 8 a 56 cm de diâmetro de abertura da boca e 4 a 11,5 mm de espessura média da borda como dimensões.

Foram encontradas decorações em 45% da amostra de indivíduos analisados, podendo ocorrer, em maior frequência, na forma de incisões retilíneas, em linhas longas ou curtas, seguidas por incisões curvilíneas, também em linhas longas ou curtas, ponteados e raros casos de digitado, ungulado, raspado e incisões em zig-zag em linhas longas. Foi encontrado também com grande frequência a ocorrência de banho monocromático vermelho sobre pasta natural e apenas uma ocorrência de banho monocromático preto. Já com menor ocorrência temos modelagens na forma de apliques mamiliformes e apliques destacados com maior ocorrência, seguidos de casos de flange, aplique destacado, aplique com forma não identificada e rolete aplicado.

Como marcas de uso foi possível identificar maior ocorrência de fuligem, ocorrendo principalmente na superfície externa das vasilhas, e erosão na superfície interna.

Figura 40 – Prancha com exemplares da Forma E – Tigela com abertura restringida encontrados no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma G – Pequeno jarro arredondado com borda infletida: as vasilhas dessa forma são caracterizadas jarros com abertura levemente restringida e contorno infletido (ver Fig. 41). A forma de borda predominante é a borda inclinada ao exterior com perfil exterior côncavo, podendo ocorrer variações de perfil exterior convexo ou retilíneo, e a forma de lábio característica é a arredondada, podendo ocorrer lábio plano, sem presença de reforço em ambos. Esta Forma é representada por 50 vasilhas que possuem tempero característico de quartzo + caco moído, com ocorrência de granito ou quartzo moído isolados e granito + caco moído. A tecnologia de queima empregada é caracterizada por queima oxidada externa e internamente com presença de núcleo interno e coloração variando de bege clara à laranja à vermelha clara com núcleo escuro. Elas apresentam variações de 10 a 38 cm de diâmetro de abertura da boca e 4 a 9,5 mm de espessura média como dimensões. Apenas 22% das vasilhas analisadas apresentaram decoração, podendo ser na forma de banho monocromático vermelho sobre pasta natural e incisões retilíneas, em linhas longas e curtas, em maior frequência, com raras ocorrências de flange e incisões

curvilíneas em linhas longas. Como marcas de uso foi encontrada fuligem externa em maior frequência e raras ocorrências de erosão interna ou erosão externa e interna.

Figura 41 – Prancha com vasilhas da Forma G – Pequeno jarro arredondado com borda infletida encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma H - Jarro largo, borda direta, pescoço longo: as vasilhas da Forma H são caracterizadas por possuírem abertura restringida e contorno infletido, com bordas inclinadas ao interior ou exterior e perfil externo côncavo, convexo e retilíneo (Fig. 42). A forma de lábio predominante é a arredondada com ocorrência em menor quantidade de lábio plano. Foram identificadas 30 vasilhas dessa forma, as quais apresentam como temperos característicos a combinação de quartzo + caco moído ou apenas granito moído, enquanto ocorrem em menores quantidades apenas quartzo moído ou a combinação de granito + caco moído. A queima predominante é a oxidação externa e interna com presença de núcleo, mas com grande ocorrência, também, da oxidação total, resultando em variações de coloração que vão de bege clara à laranja à vermelha clara com núcleo escuro ou por toda espessura nos casos de oxidação total. Os indivíduos analisados apresentam dimensões que variam de 6 a 56 cm de diâmetro de abertura da borda e 4 a 16,25 mm de espessura média. As decorações foram encontradas em apenas 32% das vasilhas analisadas, podendo ocorrer, principalmente na forma de incisões em linhas longas, retilíneas ou curvilíneas, e também na forma de banho monocromático vermelho

sobre pasta natural. Como marcas de uso foi identificada a ocorrência de fuligem externa na maior parte dos casos em que ocorreu e apenas uma vasilha com erosão interna.

Figura 42 – Prancha com vasilhas da Forma H – Jarro largo, borda direta, pescoço longo encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma I – Tigela carenada com abertura restringida: a Forma I é caracterizada por tigelas com abertura restringida e contorno infletido com presença de carena na pança, marcando o ponto de diâmetro máximo da vasilha (Fig. 43). Como forma de borda característica foi identificada a borda inclinada ao interior com perfil exterior convexo, mas podendo ter também o perfil exterior retilíneo. A forma de lábio predominante é arredondada com possibilidade de ocorrência de lábio plano. Foram encontradas apenas 4 vasilhas desta Forma, as quais possuem tempero de quartzo + caco moído e queima oxidada externa e internamente com presença de núcleo gerando uma coloração de pasta laranja à vermelha clara com núcleo escuro.

As dimensões das vasilhas dessa forma variam de 8 a 13 cm de abertura da boca e 3,5 a 5,75 mm de espessura média. Foram encontradas decorações em todas as vasilhas analisadas, sendo estas representadas principalmente por incisões, retilíneas ou curvilíneas em linhas longas, com ocorrência também de incisões curvilíneas em linhas curtas e retilíneas em linhas curtas com pigmento vermelho no interior das incisões. Em um dos indivíduos analisados foram encontrados apliques mamiliformes. Como marcas de uso foi identificada a presença de fuligem, podendo ser interna, externa ou interna e externa.

Figura 43 – Prancha com vasilhas da Forma I – Tigela carenada com abertura restringida encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma J – Prato: esta forma é caracterizada por vasilhas rasas, praticamente sem paredes, apenas com borda e base, possuindo base plana e borda saliente (Fig. 44). A forma de borda característica é inclinada ao exterior com perfil exterior convexo, podendo ocorrer perfil exterior retilíneo ou côncavo, também foram registradas nessa forma vasilhas com borda horizontal e perfil exterior retilíneo. Essa Forma é representada por 48 vasilhas que possuem tempero de quartzo ou granito moídos, podendo ocorrer de forma isolada ou em conjunto com caco moído. A queima predominante é a oxidada com presença de núcleo interno ou completa, gerando colorações de pasta que variam de bege clara à laranja à vermelha clara com presença de núcleo escuro ou por toda espessura. Essas vasilhas apresentam dimensões que variam de 8 a 44 cm de diâmetro de abertura da boca e 4,5 a 15 mm de espessura média da borda.

Figura 44 – Prancha com variação das vasilhas da Forma J – Prato encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Apenas 25% das vasilhas analisadas apresentaram decorações, as quais são representadas principalmente por incisões, retilíneas e curvilíneas em linhas longas, ponteadas e retilíneas curtas, seguidas por banho monocromático vermelho sobre pasta natural e modelagem representada principalmente por flange e com ocorrência de aplique com forma não identificada em uma vasilha. As marcas de uso características dessa forma são fuligem externa, com ocorrência também de fuligem interna e erosão externa.

Forma L – Banco: esta forma consiste em vasilhas semelhantes a pratos planos ou levemente convexos com base anelar ou em pedestal com vista superior quadrangular (Fig. 45). Ela é composta apenas por duas vasilhas que apresentam tempero de quartzo combinado com caco moído, queima oxidada externa e internamente com presença de núcleo e coloração bege clara com núcleo escuro. Em relação ao seu diâmetro não foi possível verificar por se tratar de formas quadrangulares e uma vez que não obtivemos um lado completo não foi possível medir o seu comprimento, a espessura média da borda varia de 7 a 9,5 mm. As duas vasilhas analisadas apresentam decorações caracterizada por banho monocromático vermelho e incisões curvilíneas ou retilíneas em linhas longas. Não foram encontradas marcas de uso.

Figura 45 – Prancha com exemplares da Forma L – Bancos encontrados no sítio AP-OI-06 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma M – Naviforme: as vasilhas da Forma M são caracterizadas por tigelas abertas com vista superior elipsoide ou alongada, em geral apresentam borda inclinada ao exterior com perfil exterior convexo e forma do lábio arredondado com ocorrência, também, de lábio plano (Fig. 46). Foram identificadas 7 vasilhas dessa forma, as quais são caracterizadas pelo tempero de quartzo + caco moído, no geral, e granito moído em menor quantidade. A tecnologia de queima predominante é a oxidada com presença de núcleo ou oxidação total, resultado em colorações de pasta bege clara e laranja à vermelha clara com ou sem núcleo escuro, variando de acordo com a atmosfera de queima. Em relação às dimensões não foi possível medir o diâmetro das vasilhas por possuírem forma

alongada e o fato das vasilhas serem representadas apenas por fragmentos de borda, sem nenhum perfil completo, não permitiu a obtenção do comprimento ou largura da abertura de boca. A espessura média varia de 6 a 11 mm. Foram encontradas decorações em todas as vasilhas desta forma, sendo representadas principalmente pela presença apliques, mamiliformes, destacados ou com forma desconhecida, no ponto de máximo comprimento da abertura da boca, com incisões curvilíneas longas ou ponteadas e predominância de banho monocromático vermelho sobre pasta natural e ocorrência de traços monocromáticos pretos. Não foram encontradas marcas de uso nas vasilhas analisadas.

Figura 46 – Prancha com exemplares da Forma M – Naviforme encontrados no sítio AP-OI-06 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

4.4.6. Outros vestígios cerâmicos

Além dos vestígios analisados, foram encontrados em superfície um fragmento de disco de fuso e um fragmento de cerâmica de torno. O fragmento de disco de fuso não foi enquadrado na nossa análise por não terem sido encontrados outros vestígios semelhantes no sítio e o fragmento de cerâmica de torno, considerado como uma intrusão no platô alto, devido a sua única ocorrência e proximidade entre os platôs alto e baixo, também não foi considerado no presente estudo.

Desta forma, neste tópico iremos apresentar apenas os resultados obtidos através da análise das bases, como sugerido no tópico 4.3.2. *Análise Cerâmica*, buscando visualizar as possíveis variações de formas de base presentes no material do sítio AP-OI-06.

Bases: uma vez que as amostras analisadas são compostas principalmente por bordas, optamos por realizar a análise das bases encontradas nas unidades de coleta

alisadas do sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque, com fim na identificação da variedade de formas de bases presentes neste material, permitindo uma melhor visualização da forma total dos vasilhames estudados. Desta forma, foi realizada a reconstituição do perfil de 146 bases, compostas principalmente por fragmentos, tendo apenas 8 perfis de base completos. As bases estudadas são originárias de 31 unidades de coleta, representadas por: 24 quadras da decapagem mecânica, 4 estruturas antrópicas e 3 quadras de coleta de superfície.

Através da nossa análise foi possível observar a presença de 6 diferentes formas de bases, sendo estas: base com perfil exterior aplanado, base com perfil exterior côncavo, base com perfil exterior convexo, base com perfil exterior irregular, base com pedestal e base anelar (ver Fig. 48). Apresentamos no gráfico a seguir (Fig. 47) a frequência de ocorrência dos diferentes tipos de bases encontrados.

Figura 47 – Gráfico da frequência de ocorrência dos diferentes tipos de bases encontrados no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque.

Como resultado desta análise, pode ser observada a maior ocorrência de bases planas, concordando com a tipologia apresentada por Meggers & Evans (1957) e ilustrada na descrição do método de análise cerâmica (Fig. 28, pág. 81) deste estudo. Além disso, podemos observar como segunda forma mais recorrente a base com pedestal, semelhantes àquela da Forma K – Vasilha com pedestal, que não está sendo levada em consideração na tipologia que estamos apresentando, mas a vasilha que serviu de base para a criação deste tipo está representada na Figura 39, pág. 95 deste trabalho. Infelizmente, não foram encontrados outros perfis de vasilhas completas contendo pedestal, o que, por sua vez, não nos possibilita realizar maiores considerações sobre a sua ocorrência neste sítio.

Uma consideração importante, que vale ser feita aqui é a baixa frequência de bases com perfil externo convexo. Essa frequência pode ser real, assim como, pode representar um problema de análise, visto que, a coleção do sítio AP-OI-06 é composta principalmente por fragmentos de vasilhas, as bases dessa forma podem não ter sido identificadas por serem muito semelhantes aos fragmentos de corpo, possuindo natureza convexa que não permite a sua orientação e identificação como base. Segue a prancha ilustrando exemplos das formas de base encontradas no sítio AP-OI-06 (Fig. 48).

Figura 48 – Prancha representando a variação de formas de base encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

4.5.AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1

4.5.1. Descrição do sítio

O sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 encontra-se sobre uma colina com topo plano próximo ao rio Amapá Grande, aprox. 700 m ao norte do mesmo (Coordenadas UTM WGS84 Zona 22N 0504 433/ 0240 574). Este sítio, seguindo a tipologia de sítios elaborada durante o levantamento, é caracterizado por uma habitação a céu aberto, sendo interpretada por Saldanha & Cabral (2009a: 11) como uma aldeia de pequeno porte.

O local onde o sítio se encontra estava sendo utilizado previamente pela empresa CR Almeida para extração de laterita para o aterro da Rodovia BR-156 Norte, o que impactou, aproximadamente, 10% da superfície do sítio, contudo esse impacto não gerou grandes danos à estrutura do mesmo (SALDANHA & CABRAL, 2009a: 6).

A área estimada deste sítio é de 100x50 m. Esse sítio foi resgatado através da combinação de várias metodologias, sendo estas: Coleta superficial com uso de teodolito para georreferenciamento das coletas; escavação manual por quadrículas; decapagem

mecânica para abertura de uma trincheira de teste e também para abertura de área ampla no topo do morro. O resgate foi realizado em Dezembro de 2008 pela equipe do NuPArq/IEPA (SALDANHA & CABRAL, 2009a: 3).

A coleta com nível topográfico possibilitou a delimitação de áreas com maior ocorrência de vestígios arqueológicos, permitindo, por sua vez, a escolha das áreas a serem escavadas manualmente, assim como, as áreas a serem testadas com a abertura da trincheira (SALDANHA & CABRAL, 2009a).

Foi escavado manualmente um total de 13 m² a partir da abertura de quadrículas de 1x1m, escavadas em nível artificial de 10cm, com peneiramento do sedimento através do uso de peneira com malha de 3mm (SALDANHA & CABRAL, 2009a: 8). Como no sítio descrito anteriormente, a decapagem mecânica consistiu na abertura de quadras de 5x5 m, seguida pela escavação manual, buscando identificar a forma e função das estruturas antrópicas (SALDANHA & CABRAL, 2009a: 9).

Figura 49 – Perfil Oeste e Norte do sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1. Elaborado pelo: autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

A estratigrafia (Fig. 49) desse sítio é caracterizada inicialmente por uma camada húmica de 5 cm de espessura, composta por sedimento fino, textura argilosa, coloração cinza, com pouca laterita. Em seguida, aparecia a camada arqueológica de aproximadamente 12 cm de espessura e composta por sedimento friável, textura areno-argilosa, coloração cinza-escuro e com presença lateritas pequenas. Em seguida havia a terceira camada com 7 cm de espessura e coloração amarelada-bege, sedimento muito compacto, textura argilosa e com presença de lateritas médias, caracterizando uma

camada de transição entre a camada arqueológica e o latossolo estéril. A última e quarta camada com 5cm de espessura apresentava coloração alaranjada, com textura arenosa e lateritas grandes, sem material arqueológico e sem estruturas (SALDANHA & CABRAL, 2009a: 9).

Na primeira, na segunda e na terceira camada foram encontradas as evidências arqueológicas, tendo ocorrência de vestígios arqueológicos na primeira e na segunda camada, e sendo evidenciadas as estruturas antrópicas na terceira camada (SALDANHA & CABRAL, 2009a: 9).

4.5.2. Estruturas arqueológicas

Segundo Saldanha & Cabral (2009a: 11), a escavação atingiu, ao todo, mais de 1500 m², cerca de 50% do sítio, sendo encontradas 50 estruturas antrópicas, evidenciadas através da decapagem mecânica. Estas se encontram divididas em 33 buracos de poste e 14 fossas, 1 grande estrutura de argila queimada, interpretada como um piso queimado, possivelmente a base de uma área de fogão e 3 estruturas que não possuem identificação

As estruturas antrópicas encontradas nesse sítio são caracterizadas por concentrações de fragmentos cerâmicos que não apresentavam características em comum, o que sugere serem de diversas vasilhas diferentes. Os fragmentos encontrados apresentam tamanhos que variam de pequeno a médio (2 a 5 cm) ocorrendo raramente a presença de grandes fragmentos, maiores de 8 cm. No interior dessas estruturas também foram encontrados fragmentos de granito e vestígios orgânicos carbonizados, como por exemplo, sementes de palmeira.

A partir dos shapefiles do plano de topo das estruturas elaboramos um croqui de sua espacialização, visando facilitar a compreensão do espaço escavado (Fig. 50).

Com base no resultado da distribuição espacial das estruturas foi possível observar duas concentrações de estruturas do tipo buraco de poste, aqui interpretadas como casas, apresentando uma média de diâmetro de 25 m. Na periferia de ambas as estruturas de casa podemos observar a ocorrência de fossas, as quais foram interpretadas por Cabral & Saldanha (2009a) como áreas de descarte doméstico, sendo que nessa área a frequência de buracos de poste diminuía sugerindo que não fosse uma área de moradia, mas sim uma área periférica da aldeia utilizada como lixeira (SALDANHA & CABRAL, 2009a: 10).

Figura 50 – Espacialização das estruturas antrópicas e delimitação das áreas interpretadas como casas - Sítio AP-CA-41: Amapá Grande 1. (Shapefiles elaborados por João Saldanha e disponíveis na (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

4.5.3. Quantificação e distribuição espacial

A quantificação dos fragmentos cerâmicos encontrados no sítio arqueológico AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 revelou a ocorrência de um total de 4461 fragmentos cerâmicos nas unidades de coleta superficiais – coleta de superfície e decapagem mecânica.

Quando elaborado o croqui de densidade de cerâmica em superfície do sítio AP-CA-41 (Fig. 51), pôde ser observada a ocorrência de concentrações de artefatos cerâmicos no entorno das estruturas de lixeiras e piso de argila queimada. Com base nesse resultado,

podemos observar a ocorrência dos fragmentos nas áreas periféricas as estruturas delimitadas por nós como casas.

Figura 51 – Densidade da cerâmica coletada em superfície e durante a decapagem do sítio AP-CA-41 em relação às estruturas arqueológicas.

Esse resultado nos leva a interpretar a deposição de material cerâmico nas fossas como intencionais, concordando com a ideia de lixeiras proposta por Saldanha & Cabral (2009a). A terceira concentração de fragmentos cerâmicos no entorno da área do piso de argila queimada interpretada pelos autores como área de fogão, possibilita explicar a sua maior ocorrência devido ao manuseio e quebra acidental das vasilhas durante o uso. Essa hipótese irá ser melhor analisada através do cruzamento dos dados obtidos pela análise cerâmica, buscando identificar se as vasilhas reconstituídas dessa área apresentam como uso inferido o preparo de alimentos.

4.5.4. Análise cerâmica

Devido ao fato de que apenas 11 das 111 Coletas de Superfície com Nível topográfico possuem fragmentos de bordas de vasilhas (um total de 18 fragmentos) e que essas 11 unidades estão fora da área aberta pela decapagem mecânica, não foi realizada a análise desses fragmentos, uma vez que não poderiam ser inseridos na análise espacial em conjunto com as estruturas antrópicas registradas pela abertura das quadras de decapagem.

Os dados da análise cerâmica do sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 são referentes à análise do material de 23 unidades de coleta, divididas em: 5 quadras de decapagem mecânica, 8 quadrículas escavadas manualmente e 10 estruturas antrópicas (2 buracos de poste, 7 fossas e 1 fossa com buraco de poste dentro). Dessas foi obtido um total de 58 bordas com possibilidade de análise, por se encaixarem no método de análise cerâmica do presente estudo.

No que tange a preservação dos fragmentos, foi observado que 81% da amostra analisada apresenta erosão parcial da superfície podendo ocorrer erosão total (7%), sendo encontrada superfície preservada em 12% dos fragmentos. Os tipos de marcas de uso encontrados nos fragmentos cerâmicos do sítio AP-CA-41 foram: fuligem externa (4%), fuligem externa e interna (2%) e erosão interna (4%), representados por apenas 5 fragmentos. Os baixos dados sobre marcas de uso podem estar relacionados à erosão das superfícies dos fragmentos o que impossibilita a preservação de fuligem nas mesmas, assim como a identificação de erosão típica de uso.

Em relação à pasta dos vasilhames cerâmicos foi possível observar que o tempero característico é de quartzo (40%) ou a combinação de quartzo + caco moído (41%), seguidos pelos temperos de granito + caco moído (12%), granito moído (5%) e quartzo + caco moído + cariapé (2%). Esses temperos podem ser encontrados misturados à pasta dos vasilhames em diferentes proporções de textura, sendo que na amostra analisada foi possível observar a predominância de fragmentos com textura média (60%) seguidos por textura fina (28%) e textura grossa (12%).

A coloração predominante nos fragmentos analisados é a bege clara com núcleo escuro (55%), seguida por laranja a vermelha clara com núcleo escuro (21%), sendo encontrados fragmentos com coloração bege clara ou laranja a vermelha clara por toda espessura (5% e 5%, respectivamente), assim como tonalidades mais escuras como

vermelha escura a marrom com núcleo escuro (9%) e coloração escura por toda espessura (5%).

O tipo de queima predominante foi a queima oxidada externa e internamente com presença de núcleo (81%) e seguida por oxidação total (12%), oxidação externa com núcleo interno (4%) e redução total (3%). Como tipo de acidente de fabricação foi encontrado *fire clouds* em 14% dos fragmentos cerâmicos.

Em relação à tecnologia de manufatura desses vasilhames, foi possível observar através da análise dos fragmentos que a técnica utilizada pelos ceramistas foi o roletado em 100% dos fragmentos, sendo que como técnica de finalização da superfície foi encontrada a predominância do alisamento, onde as superfícies bem alisadas representam 52% dos fragmentos, superfície alisada 28% e apenas 10% apresentavam superfície polida. Devido a erosão das superfícies, 10% dos fragmentos não apresentaram possibilidade de visualização do tipo de finalização da superfície.

Nesses tipos de finalização da superfície foi possível observar que em 78% dos fragmentos não havia a ocorrência de estrias, mas que 7% apresentavam estrias externas, 2% estrias internas, 3% estrias internas e externas e 10% dos fragmentos não possibilitaram essa observação.

Com base nos dados obtidos em análise foi possível observar que em relação à morfologia dos fragmentos a forma de borda predominante foi a borda inclinada ao exterior com perfil exterior côncavo (50%), seguida pela borda inclinada ao exterior com perfil exterior convexo (20%), borda inclinada ao interior com perfil exterior convexo (14%), borda inclinada ao exterior com perfil exterior retilíneo (7%), borda inclinada ao interior com perfil exterior côncavo (7%) e borda horizontal com perfil exterior retilíneo (2%). A forma do lábio predominante encontrada foi o lábio arredondado (91%), existindo também lábio afinado (5%) e plano (4%).

Ao que se refere às dimensões dos vasilhames, foi verificado que a espessura média da borda vai de 3 a 17 mm, sendo que existe uma concentração nas espessuras que vai de 3 a 8,5 mm, como pode ser verificado nos gráficos a seguir (Fig. 52).

Figura 52 – À esquerda, gráfico de dispersão de espessura da borda dos vasilhames; à direita, gráfico com a frequência das variações de espessura da borda dos vasilhames.

Seguindo na dimensão dos vasilhames, foi possível visualizar através do uso da escala de círculos concêntricos que o diâmetro de abertura da boca dos vasilhames varia de 6 a 40 cm, com concentração nos diâmetros que vão de 14 a 28 cm, como pode ser observado nos gráficos abaixo (Fig. 53).

Figura 53 – À esquerda, gráfico de dispersão das variações de diâmetro encontradas; à direita, gráfico da frequência das variações de diâmetro encontradas.

Com base nas análises realizadas foi possível verificar a ocorrência de decoração em 29% dos vasilhames analisados. Como tipo de decoração mais frequente foi observada a presença de banho, seguida por incisões e modelagens, como pode ser observado no gráfico a seguir (Fig. 54).

Figura 54 – Gráfico com a variação dos tipos de decoração encontrados no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1.

O banho encontrado nessas vasilhas foi o banho monocromático vermelho sobre pasta natural (39%) e o principal tipo de incisões foram as retilíneas em linhas curtas (17%), seguidas de retilíneas em linhas longas (6%), ungulado (6%) e digitado (5%). Em relação às modelagens, elas são representadas principalmente por flange modelada (22%), ocorrendo apenas um caso de aplique zoomorfo (5%).

4.5.5. Tipologia cerâmica

No Sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 foram encontrados 7 tipos cerâmicos, sendo estes as Formas A, B, C, D, E, G e L, e uma das vasilhas reconstituídas permanece sem classificação por não terem sido encontradas vasilhas semelhantes anteriormente, portanto não é possível inferir que seja um novo tipo de vasilha, mas pela forma e pelas dimensões é provável que na realidade este perfil represente uma base de pedestal.

Os tipos cerâmicos encontrados no sítio AP-CA-41 se encontram descritos e ilustrados nos tópicos seguintes, bem como possuem sua frequência representada no gráfico a seguir (Fig. 55).

Figura 55 – Frequência dos tipos cerâmicos encontrados no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1.

Forma A – Jarro com colar: esta forma é caracterizada por Jarros com pescoço que possuem colar acima deste (Fig. 56). A forma da borda característica é a inclinada ao exterior, podendo ter perfil exterior côncavo ou convexo, essas com lábio arredondado ou afinado. Essa forma é representada por duas vasilhas que apresentam tempero de quartzo moído com queima oxidada externa e internamente com presença de núcleo gerando assim colorações bege clara ou laranja a vermelha clara, ambas com presença de núcleo. Como dimensões encontramos espessuras de borda de 5 e 5,5 mm e diâmetro de abertura de 18 e 22 cm. Em ambas as vasilhas não foram encontradas decorações ou marcas de uso.

Figura 56 – Prancha com a variação de vasilhas da Forma A – Jarro com colar encontradas no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma B – Jarro com pescoço: as vasilhas da Forma B são caracterizadas por jarro com pescoço, onde a forma da borda predominante é a borda inclinada ao exterior com perfil exterior côncavo e lábio arredondado (Fig. 57). No sítio AP-CA-41 foram encontradas apenas 7 vasilhas desta forma, a quais apresentam tempero de quartzo ou a combinação deste com caco moído. A queima predominante é a oxidada externa e internamente com presença de núcleo, sendo encontrada também uma vasilha com redução total, como resposta à queima oxidada encontramos colorações bege clara, laranja a vermelha clara e vermelha escura a marrom, todas com presença de núcleo escuro e em relação à queima reduzida encontramos uma vasilha com cor escura em toda a sua espessura. No que tange a dimensão dessas vasilhas pudemos observar que o diâmetro de abertura de boca varia de 10 a 26 cm e a espessura média da borda vai de 3 a 6,5 mm. Como decorações foram encontradas modelagens na, forma de flange e aplique modelado zoomorfo, e banho monocromático vermelho sobre pasta natural. Foi observada a presença de erosão interna como marca de uso em um dos indivíduos da amostra.

Figura 57 – Prancha com a diversidade das vasilhas da Forma B – Jarro com pescoço encontradas no sítio AP-CA-41 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma C – Tigela aberta: as vasilhas da Forma C são caracterizadas por tigelas não restringidas com lábio arredondado e borda inclinada ao exterior principalmente com perfil externo côncavo ou convexo, podendo haver ocorrência de perfil retilíneo (Fig. 58). Na nossa amostra foram encontradas 24 vasilhas que correspondem a essa forma, as quais apresentam tempero mineral de quartzo ou granito, ambos podendo estar sozinhos ou combinados com caco moído. A queima característica é oxidada com presença de núcleo, existindo também a oxidação total gerando, portanto, colorações como: bege clara, laranja

a vermelha clara ou vermelha escura a marrom, com presença ou não de núcleo. Com relação às dimensões foi observado que o diâmetro de abertura da boca vai de 14 a 38 cm e a espessura média de 4 a 17 mm. Foram encontradas flange e banho monocromático vermelho como variações de decoração. Em apenas uma vasilha foi encontrada marca de uso sendo essa a ocorrência de fuligem externa e internamente na altura do reforço da borda.

Figura 58 – Prancha com a variação de vasilhas da Forma C – Tigela aberta encontradas no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma D – Tigela levemente carenada com borda infletida: esta Forma é caracterizada por tigela levemente carenada com presença de borda infletida, tendo como forma de borda característica a borda inclinada ao exterior com perfil exterior côncavo e lábio arredondado (Fig. 59). Neste sítio foi encontrada apenas uma vasilha dessa Forma a qual apresenta tempero de quartzo + caco moído com queima totalmente reduzida e coloração escura por toda espessura.

Em relação às dimensões foi observada espessura de borda de 5,5 mm e diâmetro de abertura de boca de 12 cm. Como decoração foi encontrada apenas a ocorrência de modelagem, na forma de flange, e não foram encontradas marcas de uso.

Figura 59 – Prancha com vasilha da Forma D – Tigela levemente carenada com borda infletida encontrada no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma E – Tigela com boca restringida: esta forma é caracterizada por tigelas com abertura restringida que possuem borda inclinada ao interior, com perfil exterior podendo ser côncavo ou convexo e lábio arredondado (Fig. 60). Foram encontradas 15 vasilhas dessa forma neste sítio, essas apresentavam principalmente tempero de quartzo, encontrado sozinho ou combinado com caco moído, e também tempero de granito, também sozinho ou com caco moído, e apenas caco moído. O tipo de queima predominante é a oxidação externa e interna com presença de núcleo havendo ocorrência de um fragmento com oxidação total. A coloração predominante foi a bege clara com presença de núcleo, sendo encontrada também a coloração laranja a vermelha clara com núcleo escuro. A espessura média da borda varia de 3 a 8,5 mm e o diâmetro de abertura da boca de 10 a 40 cm. Como decorações encontramos incisões, podendo ser digitada, incisões retilíneas em linhas longas ou em linhas curtas e banho monocromático vermelho sobre pasta natural. Como marcas de uso foi encontrada erosão interna em apenas uma vasilha.

Figura 60 – Prancha com variação das vasilhas da Forma E – Tigela com boca restringida encontradas no sítio AP-CA-41 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma G – Pequeno Jarro arredondado com borda infletida: a Forma G é composta por vasilhas com borda inclinada ao exterior com perfil exterior côncavo ou retilíneo e lábio arredondado (Fig. 61). Foram encontradas 7 vasilhas desse tipo, as quais são caracterizadas por tempero de quartzo moído, isolado ou combinado com caco moído, e queima oxidada externa e internamente com presença de núcleo escuro, podendo ser encontrada redução total, gerando, por sua vez, colorações laranja a vermelha clara, bege clara e vermelha escura a marrom, todas com núcleo escuro, e coloração escura por toda espessura nas vasilhas com queima reduzida. No que tange às dimensões encontramos espessura média da borda de 4 a 9,5 mm e diâmetro de abertura da boca variando de 14 a 38 cm. Foram encontradas decorações na forma de flange, incisões retilíneas curtas, ungulado e banho monocrômico vermelho. Foi encontrada fuligem externa como marca de uso.

Figura 61 – Prancha com variação das vasilhas da Forma G – Jarro arredondado com borda infletida encontradas no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma L - Banco: essa forma é caracterizada por vasilha com borda horizontal e perfil retilíneo com lábio arredondado (Fig. 62). Foi encontrada apenas uma vasilha dessa forma, a qual apresenta tempero de quartzo com caco moído, queima oxidada externa e internamente com presença de núcleo não oxidado e coloração bege clara com núcleo escuro. Como dimensões foi observado diâmetro máximo de 12 cm e espessura média de 8 mm. Nessa forma não foram encontradas decorações ou marcas de uso.

Figura 62 – Prancha apresentando a vasilha da Forma L – Banco encontrada no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Sem classificação: na nossa amostra foi encontrada uma vasilha que não pode ser enquadrada, até o momento, na nossa tipologia, ela é caracterizada por borda inclinada ao exterior com perfil exterior côncavo e lábio arredondado (Fig. 63), tempero de quartzo com caco moído, queima oxidada externa e internamente com presença de núcleo e coloração bege clara com presença de núcleo escuro. A espessura média da borda é de 6 mm e o diâmetro de abertura da boca é de 6 cm. Devido à sua forma e abertura, este perfil se parece com as bases em pedestal registradas para o sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque.

Figura 63 – Prancha com a forma da vasilha sem classificação (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

4.6. AP-CA-48: Ponte do Torrão

4.6.1. Descrição do sítio

O sítio arqueológico AP-CA-48: Ponte do Torrão se encontra sobre um topo plano em uma pequena elevação na margem do igarapé do Torrão, quando este cruza com a Rodovia BR-156 Norte (Coordenadas UTM WGS84 Zona 22N 0474 695/ 0271 975). Esse sítio é caracterizado por uma pequena habitação lito-cerâmica a céu aberto, com área aproximada de 120x80m e baixa concentração de fragmentos cerâmicos em superfície. Além da área de habitação foi encontrado um conjunto de polidores fixos em granito, na margem do rio, sendo presentes polidores em forma de filete e em forma de bacia. A superfície deste sítio já havia sido impactada anteriormente por estar localizado ao lado da Rodovia BR-156 criando, assim, uma camada de entulho na superfície,

comprometendo em alguns pontos a camada arqueológica (SALDANHA & CABRAL, 2012b: 40). Esta camada de entulho pode ser observada na estratigrafia do sítio (Fig. 64).

Este sítio foi escavado a partir do método de decapagem mecânica através de escavação em área ampla por quadras de 5x5m em níveis de 2 a 10 cm de profundidade, seguido por escavação manual buscando esvaziar e registrar as estruturas encontradas.

A estratigrafia deste sítio é composta por 5 camadas que se encontram dispostas da seguinte maneira: Camada 1: Entulho, Camada 2: húmica caracterizada por sedimento argilo-arenoso de coloração 7.5YR 3/2 escala Munsell, Camada 3: Arqueológica de solo areno-argiloso, coloração 10YR 3/4 escala Munsell e composto por poucos nódulos pequenos de lateritas (média 3 mm), Camada 4: Transição entre a camada Arqueológica e o Substrato e Camada 5: Substrato composto por poucos e pequenos nódulos de laterita e pequenos blocos de granito, textura areno-argilosa e coloração 10YR 4/4 escala Munsell.

Figura 64 - Imagem do Perfil Norte do sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão. Elaborado pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

4.6.2. Estruturas arqueológicas

A escavação deste sítio atingiu uma área total de 1450 m², sendo encontradas 68 estruturas antrópicas divididas da seguinte maneira: 61 buracos de poste, 3 fossas, 2 concentrações de cerâmica, 1 estrutura de combustão e 1 estrutura de argila queimada.

Figura 65 - Mapa com dispersão das estruturas antrópicas e delimitação das habitações - Sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão (Shapefiles elaborados por João Saldanha e disponíveis na (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Através da espacialização dos dados referentes às estruturas antrópicas, identificamos três áreas interpretadas como casas devido às concentrações das estruturas de buracos de poste (Fig. 65), as quais apresentam uma média de 18 m de diâmetro.

Ao contrário do sítio AP-CA-41, foi encontrada neste sítio apenas uma estrutura caracterizada como fossa, a qual é semelhante às fossas retangulares encontradas no sítio AP-OI-06 (M. Silva, 2011: 38). De acordo com o discutido na análise deste último, a função dessas fossas é de difícil definição, pois não sabemos se eram utilizadas como estruturas funerárias como parte do processo de sepultamento secundário ou se essas fossas teriam sido utilizadas como lixeiras, como parece ser o caso no sítio AP-CA-41.

4.6.3. Quantificação e Distribuição Espacial

Através da quantificação dos fragmentos cerâmicos encontrados no sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão, foi revelada uma ocorrência total de 1632 fragmentos cerâmicos nas unidades de coleta superficial.

Após a quantificação do material cerâmico elaboramos o croqui de densidade de cerâmica em superfície no sítio AP-CA-48, apresentado a seguir (Fig. 66).

Figura 66 – Croqui apresentando a densidade de cerâmica em superfície no sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão, onde podemos visualizar em vermelho uma delimitação possível das habitações.

Através da análise espacial foi observado um padrão semelhante, mas diferente ao mesmo tempo do encontrado no sítio AP-CA-41, pois os vestígios cerâmicos se apresentam em maior concentração nas áreas periféricas internas das zonas delimitadas como casas. Da mesma forma que no sítio AP-CA-41, uma dessas concentrações se encontra na área onde foi localizada uma estrutura de argila queimada, o que nos permite sugerir que essa área pode fazer referência a uma área de preparo de alimentos, o que será confirmado ou refutado através da análise do material cerâmico.

Diferentemente do AP-CA-41, podemos observar uma maior dispersão geral desses fragmentos, com exceção da área interpretada como casa que se encontra a sudoeste da malha que apresenta baixas concentrações e dispersão de vestígios cerâmicos em seu interior. Também diferente do sítio AP-CA-41, podemos observar que nenhum dos dois picos de cerâmicas presentes nesse sítio estão localizados sobre a área onde se encontra a fossa. O que nos ajuda a refutar, inicialmente, o seu uso como lixeira.

4.6.4. Análise cerâmica

Os dados obtidos através da análise cerâmica do sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão, e apresentados neste momento, são referentes a análise dos fragmentos de borda de 14

quadradas da decapagem mecânica e 4 estruturas antrópicas (1 concentração de artefatos e 3 buracos de poste), gerando um total de 34 bordas, as quais são tratadas aqui como vasilhas inteiras. Vale ressaltar que esse total faz referência a todos os fragmentos de bordas com possibilidade de orientação encontrados neste sítio.

Através da análise dessas vasilhas foi possível observar que 82% dos fragmentos analisados apresentavam a superfície parcialmente erodida e que 12% apresentavam erosão total, existindo, então, apenas 6% dos fragmentos com superfície preservada.

Em relação à pasta dos vasilhames foi possível observar que o tempero predominante é composto por quartzo, podendo ser apenas de quartzo moído (44%) ou a combinação de quartzo + caco moído (41%), seguido pelo tempero de granito que também pode ser isolado (3%) ou combinado com caco moído (12%). A textura média (59%) foi predominante, seguida por textura fina (41%). A coloração predominante dos fragmentos é a bege clara, podendo ter a presença ou não de núcleo (21% e 47% respectivamente), seguida pela coloração laranja a vermelha clara, também com presença ou não de núcleo (23% e 9% respectivamente). A queima encontrada nos fragmentos cerâmicos do sítio AP-CA-48 é de natureza oxidada, onde a oxidação pode ser total (29%) ou externa e interna com presença de núcleo (71%). Como acidente de fabricação foi encontrado *fire clouds* em apenas um fragmento de borda.

No que tange a manufatura dos vasilhames foi encontrado o roletado em 100% dos fragmentos analisados. Como tratamento de superfície, encontramos a categoria bem alisado em 50% dos fragmentos, seguida de alisado em 47% e polido em 3%, sendo que em relação ao acabamento foi observada a presença de estrias internas ou externas, ambas com representatividade de 3% da amostra.

Ao que se refere à morfologia dos vasilhames, encontramos como forma de borda predominante a borda inclinada ao exterior com perfil exterior convexo (53%), seguida por borda inclinada ao exterior com perfil exterior côncavo (35%), borda inclinada ao interior com perfil exterior côncavo (6%) e borda inclinada ao exterior com perfil exterior retilíneo (6%). E no que concerne a forma do lábio encontramos a predominância de lábio arredondado (91%) seguido de lábio afinado (9%).

A espessura média da borda dos vasilhames varia de 3 a 12,5 mm, de forma que a espessura vai se alterando progressivamente de 0,5 em 0,5 mm, como pode ser observado nos gráficos abaixo (Fig. 67).

Figura 67 – À esquerda, gráfico de dispersão da variação de medidas de espessura média da borda; à direita, gráfico de frequência das variações de espessura.

Da mesma forma que a espessura, podemos verificar a variação de dimensão do diâmetro de abertura da boca dos vasilhames que vai de 8 a 42 cm, aumentando de 2 em 2 cm de forma progressiva, como pode ser observada nos gráficos abaixo (Fig. 68).

Figura 68 – À esquerda, gráfico de dispersão da variação de diâmetro; à direita, gráfico apresentando a variação de frequência dos valores de diâmetro.

Através dos resultados das análises foi possível observar que apenas 32% da amostra analisada apresenta ocorrência de decoração, sendo esta encontrada, principalmente na forma de modelagens, seguidas por incisões e banhos, como pode ser observado no gráfico a seguir (Fig. 69).

Figura 69 – Gráfico com a variação dos tipos de decoração encontrados no sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão.

Estas decorações podem estar presentes na forma de flanges (29%), aplique mamiliforme (18%) e aplique com forma não identificada (6%), representando as modelagens; e incisões retilíneas em linhas longas (17%) e linhas curtas (12%), incisões tracejadas em linhas longas (6%) e ponteadas (6%), sendo verificada, também, a ocorrência de banho monocromático vermelho sobre pasta natural (6%).

4.6.5. Tipologia cerâmica

No sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão foram encontrados 5 tipos cerâmicos, Formas B, C, E, I e J, e duas vasilhas reconstituídas permanecem sem classificação, pois, da mesma forma que ocorreu no sítio AP-CA-41, estas não puderam ser enquadradas em nenhum dos tipos criados pelas suas dimensões e forma, portanto elas permanecem assim até que sejam encontradas mais vasilhas com bordas semelhantes a estas.

A seguir é apresentado o gráfico com a frequência dos tipos cerâmicos encontrados no sítio AP-CA-48 (Fig. 70), bem como são descritos e ilustrados nos tópicos seguintes.

Figura 70 – Frequência dos tipos cerâmicos encontrados no sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão.

Forma B – Jarro com pescoço: a Forma B é caracterizada por vasilhas com borda inclinada ao exterior com perfil exterior côncavo e lábio arredondado, podendo apresentar reforço (Fig. 71). No sítio AP-CA-48 foram encontradas 4 vasilhas desta Forma, as quais são caracterizadas por tempero de quartzo que pode estar isolado ou combinado com caco moído. A queima predominante dessas vasilhas é a queima oxidada externa e internamente com presença de núcleo, a qual gera colorações bege clara ou laranja a vermelha clara, ambas com presença de núcleo escuro. As dimensões destas vasilhas variam de 6 a 7,5 mm de espessura média da borda e de 8 a 22 cm diâmetro de abertura de boca. Não foram encontradas decorações ou marcas de uso nas vasilhas desta Forma.

Figura 71 – Prancha com variação das vasilhas da Forma B encontradas no sítio AP-CA-48 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma C – Tigela aberta: essa Forma é caracterizada, predominantemente, por vasilhas com forma da borda inclinada ao exterior, podendo ter o perfil exterior côncavo, convexo ou retilíneo e lábio arredondado (Fig. 72). Foram encontradas 22 vasilhas dessa forma, as quais são caracterizadas por tempero de quartzo moído ou granito moído, ambos podendo estar isolados ou combinados com caco moído. A queima predominante foi a oxidada com ou sem presença de núcleo e coloração bege clara ou laranja a vermelha clara, com ou sem presença de núcleo escuro. As dimensões dessas vasilhas podem variar de 10 a 42 cm de diâmetro de abertura de boca e 3 a 12,5 mm de espessura média da borda.

Figura 72 – Prancha com variação das vasilhas da Forma C encontradas no sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Como decorações encontramos flange, applique, incisões tracejadas, incisões retilíneas em linhas longas, incisões retilíneas curtas e banho monocromático vermelho sobre pasta natural. Em relação às marcas de uso, foi encontrada a fuligem externa.

Forma E – Tigela com abertura restringida: a Forma E é caracterizada por vasilhas de boca restringida que apresentam borda inclinada ao exterior com perfil exterior côncavo ou convexo e lábio arredondado (Fig. 73). No presente sítio foram encontradas 4 vasilhas dessa Forma, as quais são caracterizadas por tempero de quartzo ou granito moído, podendo estar isolado ou combinado com caco moído. A queima predominante é a oxidada externa e internamente com presença de núcleo que gerou colorações bege clara ou laranja a vermelha clara, ambas com núcleo escuro. A espessura média da borda varia

de 5,5 a 7 mm e o diâmetro de abertura da boca varia de 14 a 26 cm. Não foram encontradas decorações nem marcas de uso.

Figura 73 – Prancha com exemplares da Forma E encontrados no sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma I – Vasilha carenada com boca restringida: a Forma I é caracterizada por vasilha com borda inclinada ao exterior com perfil exterior convexo e lábio arredondado (Fig. 74). No sítio Ponte do Torrão, foi encontrada apenas uma vasilha dessa Forma, a qual é caracterizada por tempero de quartzo moído com queima totalmente oxidada e coloração laranja a vermelha clara por toda espessura. Essa vasilha apresenta como dimensões 10 mm de espessura média e 12 cm de diâmetro de abertura da boca. Como decoração foi encontrado um aplique modelado zoomorfo junto ao lábio da vasilha, como pode ser observado na prancha a seguir. Não foram encontradas marcas de uso.

Figura 74 – Prancha com vasilha da Forma I encontrada no sítio AP-CA-48 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Forma J – Prato: esta forma é caracterizada por vasilha com borda inclinada ao exterior com perfil exterior retilíneo e lábio arredondado (Fig. 75). Foi encontrado apenas um exemplar dessa Forma, este é caracterizado por tempero de quartzo moído com queima oxidada externa e internamente com presença de núcleo e coloração bege clara com núcleo escuro. As dimensões dessa vasilha são 4,7 mm de espessura média da borda

e 12 cm de diâmetro de abertura de boca. Não foram encontradas decorações ou marcas de uso nesta Forma.

Figura 75 – Prancha apresentando vasilha da Forma J encontrada no sítio AP-CA-48 (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Sem classificação: Duas vasilhas não puderam ser enquadradas na tipologia (Fig. 76), essas apresentam tempero de quartzo ou granito moído, combinados com caco moído, coloração bege clara por toda espessura e bege clara com núcleo escuro, geradas por queima oxidada com ou sem presença de núcleo. Borda inclinada ao ext. com perfil ext. côncavo e lábio arredondado. Dimensões de 7 e 7,5 mm e diâmetro de 22 e 38 cm.

Figura 76 – Prancha com exemplares do sítio AP-CA-48 que não puderam ser classificados (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Uma das vasilhas apresenta incisões retilíneas em linhas longas. Ambas as vasilhas não apresentam marcas de uso.

5. CARACTERIZAÇÃO COMPARATIVA DA CERÂMICA DOMÉSTICA DA FASE ARISTÉ E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL INTERNA COMPARADA DOS SÍTIOS EM ESTUDO

Na busca por uma aproximação para a caracterização das cerâmicas domésticas da Fase Aristé no estado do Amapá, optamos pela junção e comparação dos dados dos três sítios analisados até o momento. Portanto, para o sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque foi analisado um total de 633 vasilhas, enquanto que nos sítios AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 e AP-CA-48: Ponte do Torrão foram analisadas 58 e 34 vasilhas, respectivamente, resultando em um total de 725 vasilhas analisadas até o momento, lembrando que desse total apenas 18 indivíduos da amostra apresentavam perfil completo – originados do sítio AP-OI-06 –, caracterizando, neste momento, o mobiliário cerâmico dos sítios domésticos Aristé como composto, principalmente, por fragmentos de vasilhas com pouca possibilidade de remontagem, em contraposição aos sítios cerimoniais que, quando não apresentam vasos inteiros, são caracterizados por fragmentos com alta taxa de remontagem, como foi visto durante o levantamento de trabalhos arqueológicos em sítios Aristé (Cap. 2 deste trabalho).

Dada a grande diferença quantitativa de vasilhas analisadas no sítio AP-OI-06 em relação aos sítios AP-CA-41 e AP-CA-48 e buscando a comparação do mobiliário cerâmico dos três sítios, os resultados obtidos através da análise dos atributos serão representados na forma de frequência relativa.

5.1. Aproximação para a caracterização das cerâmicas domésticas da Fase Aristé

Como pode ser observado na Fig. 77, no que tange o estado de preservação das vasilhas analisadas, a maior parte da amostra (aprox. 80% nos três sítios) apresenta erosão parcial de suas superfícies, mas ainda com possibilidade de observação e descrição das técnicas de tratamento e acabamento de superfície empregadas na manufatura destes vasilhames, sendo que os sítios AP-OI-06: Ponte do Oiapoque e AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 apresentam, respectivamente, uma maior taxa de vasilhas com superfícies preservadas, enquanto que o sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão apresenta maior taxa de vasilhas com erosão total de suas superfícies.

Figura 77 – Gráfico apresentando a frequência relativa comparada do estado de preservação da superfície das vasilhas dos três sítios em estudo.

As vasilhas que apresentaram erosão total da superfície não possibilitaram a análise de atributos referentes a finalização das suas superfícies. Da mesma forma, o estado de conservação geral das amostras analisadas, impossibilitaram em muitos casos o reconhecimento de erosões ou outras marcas relativas ao seu uso.

Em relação ao tempero característico dessas vasilhas (Fig. 78) foi encontrado em maiores quantidades, principalmente, a combinação de quartzo + caco moído em aproximadamente 50% das amostras analisadas, seguida pela ocorrência isolada de quartzo moído, a combinação de granito + caco moído e, por fim, a ocorrência isolada de granito moído, este último com maior representação no sítio AP-OI-06 do que a sua combinação com caco moído, contrastando com a menor ocorrência de apenas quartzo moído neste sítio.

Esses resultados, nos possibilitam sugerir que o tempero característico das vasilhas doméstica da Fase Aristé é de origem mineral, apesar da ocorrência de alguns casos da combinação do tempero mineral com o vegetal. Contudo a presença de tempero vegetal, no caso o cariapé (preto ou branco), necessita de estudos mais detalhados, visando identificar se a sua ocorrência foi de fato intencional ou seria a presença de impurezas na argila, o mesmo também deve ser verificado sobre a presença de laterita.

De acordo com Gomes (2008: 114) o tempero mineral apresenta vantagens sobre outros tipos de tempero quando se trata do aquecimento efetivo da cerâmica, demonstrando, portanto, maior resistência ao stress térmico. Ainda segundo Gomes (id.), da mesma forma que o tempero mineral, o uso do tempero de caco moído seria “outra

solução desejável para evitar o choque térmico em vasilhas destinadas à cocção, uma vez que estas inclusões são estáveis e possuem coeficientes similares às das argilas”.

Figura 78 – À esquerda, gráfico apresentando a frequência relativa comparada dos tipos de tempero das vasilhas dos três sítios em estudo, e à direita, gráfico apresentando as variações de textura da pasta das vasilhas.

Com base na lista de análise utilizada neste estudo, o tempero pode se encontrar em três graus diferentes de mistura com a pasta, podendo caracterizar a pasta dos vasilhames como fina (abundância das inclusões menor que 15%), média (inclusões entre 15 e 50%) ou grossa (abundância das inclusões maior que 50%). Através da análise do material cerâmico dos três sítios, foi possível observar que a textura característica é a média com ocorrência em aproximadamente 60% da amostra (Fig. 79), seguida pela textura fina e, por fim, pela textura grossa, a qual possui representatividade apenas no sítio AP-CA-41.

As colorações predominantes da pasta dessas vasilhas (Fig. 79), as quais estão diretamente ligadas ao tipo de queima - oxidada com presença ou não de núcleo -, são as colorações bege clara e laranja a vermelha clara, ambas com presença de núcleo escuro, em aproximadamente 50% e 20%, respectivamente, do material analisado. Contudo, também foi observada a ocorrência de colorações oriundas de queima em atmosferas redutoras, gerando colorações vermelha escura à marrom e coloração escura por toda espessura, ambas apenas nos sítios AP-OI-06 e AP-CA-41.

Figura 79 – Gráfico apresentando a frequência relativa comparada das variações de coloração da pasta das vasilhas dos três sítios em estudo.

Como afirmado anteriormente, a queima predominante desses vasilhames é a queima em atmosfera oxidada (Fig. 80), caracterizada principalmente pela queima incompleta com oxidação das superfícies, externa e/ou interna, com presença de núcleo, compondo aproximadamente 70% das amostras estudadas, seguida, então, pela oxidação total das vasilhas.

Figura 80 – À esquerda, gráfico apresentando a frequência relativa comparada dos tipos de queima das vasilhas dos três sítios em estudo; à direita, gráfico apresentando os tipos de acidentes de queima das vasilhas.

Como tipo de acidentes de fabricação relacionados à queima, foi encontrada a presença de *fire clouds* nos três sítios estudados (Fig. 80), mas com maior presença no sítio AP-OI-06 (aprox. 30% da amostra), enquanto que nos sítios AP-CA-41 e AP-CA-48 a sua frequência foi de aproximadamente 14% e 3%, respectivamente.

Como pôde ser observado, através da relação das informações de coloração e de queima, podemos inferir que as colorações encontradas até o momento são referentes a uma queima oxidante com presença de núcleo pouco oxidado, sendo que esse fato pode ter sido gerado através da queima da cerâmica em fogueiras a céu aberto, na qual o ceramista não consegue manter uma atmosfera de queima estável durante muito tempo, gerando uma queima incompleta dos vasilhames sem eliminação total da matéria carbonácea presente na argila (MEGGERS & EVANS, 1970: 29-30; SINOPOLI, 1991: 31; GOMES, 2008: 115).

Outra questão que nos remete à produção destas vasilhas é a presença de *fire clouds*, a qual é caracterizada pelo surgimento de manchas negras na superfície dos vasilhames, sendo que essas manchas são formadas através do agrupamento de vasilhas durante a queima e quando suas superfícies se tocam é criada uma atmosfera pouco oxidante que faz com que esses pontos adquiram essa coloração escura (F. SILVA, 2008: 229-230). Portanto, a partir dessas informações, podemos afirmar que essas vasilhas estavam sendo queimadas em grupo e em fogueiras a céu aberto.

Ainda em relação à produção das vasilhas, foi observado que a tecnologia de manufatura empregada para a elaboração foi o roletado em praticamente toda a amostra, contudo, como observado através da análise dos perfis completos do sítio AP-OI-06 (ver a descrição da análise geral da cerâmica deste sítio na pág. 86) e em seguida através da análise das bases do mesmo sítio (Fig. 81 a seguir), foi possível identificar que as cerâmicas desse sítio apresentam a combinação das técnicas de sobreposição de roletes no corpo e na borda dos vasilhames com predominância de modelagem na elaboração da base. Outro uso da modelagem como técnica de manufatura se dá na decoração das vasilhas através da fixação de apliques ou roletes modelados.

Figura 81 – Gráfico apresentando a frequência relativa das técnicas de manufatura das bases analisadas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque.

Em relação à finalização da superfície, foi observado como tratamento de superfície predominante nos três sítios o bem alisado (54%), como representado na Figura 83 a seguir, enquanto que o polimento das superfícies é mais comum no sítio AP-OI-06, e o alisamento no sítio AP-CA-48. Apenas no sítio AP-OI-06 foi encontrada a presença de superfícies brunidas. A técnica de brunidura, segundo Prous (1992: 92) seria um revestimento de cera e fuligem dado à cerâmica após a queima, visando a melhoria da impermeabilidade dos vasos, contudo ela poderia ser usada também para gerar uma coloração preta nas cerâmicas. Foi identificado através da análise que as cerâmicas que apresentaram superfície brunida, em geral, se assemelham muito ao polimento como resultado final do tratamento de superfície. A identificação das variações de tratamento de superfície, apesar de subjetiva, foi feita principalmente através do toque, seguindo os parâmetros apresentados na lista de análise. As cerâmicas alisadas seriam aquelas que possuem superfície rugosa, enquanto que as cerâmicas bem alisadas apresentam a superfície suave, e as polidas são ainda mais suaves e com um aspecto brilhoso.

Além de observarmos as variações de tratamento de superfície, também foi observada a finalização da superfície através do acabamento, nos três sítios foi possível observar que, em geral, as superfícies foram bem finalizadas, sem presença de estrias em ambas as superfícies, contudo nos casos em que foi visualizada a sua presença, notamos uma ocorrência maior de estrias na superfície externa dos vasilhames. O sítio AP-OI-06, foi o que apresentou maior ocorrência de estrias, como pode ser observado a seguir na Figura 82.

Figura 82 – À esquerda, gráfico apresentando a frequência relativa das variações de tratamento de superfície observadas nos três sítios em estudo; à direita, gráfico da frequência relativa das variações de acabamento.

Em relação às dimensões das vasilhas, pelo fato de estarmos trabalhando principalmente com as bordas, serão apresentados os dados relacionados ao diâmetro de abertura da boca dos vasilhames e à espessura média dos perfis analisados.

No que concerne ao diâmetro de abertura da boca dos vasilhames, foi observada maior quantidade de vasilhas que apresentam uma variação que vai de 11 a 30 cm nos três sítios, sendo que no sítio AP-CA-48 existe uma maior quantidade de vasilhas com diâmetros que variam de 31 a 50 cm do que nos sítios AP-OI-06 e AP-CA-41, enquanto que o sítio AP-OI-06 apresenta maior quantidade de vasilhas que possuem até 10 cm de diâmetro de abertura de boca, como pode ser observado no gráfico a seguir (Fig. 83).

Figura 83 – À esquerda, gráfico apresentando a frequência relativa das variações de diâmetro de abertura de boca das vasilhas dos três sítios em estudo; à direita, gráfico da frequência relativa das variações de espessura média.

Através da análise foi possível observar que a espessura média das vasilhas têm maior ocorrência no intervalo que vai de 4 mm a 9 mm nos três sítios em estudo, mas que o sítio AP-CA-48 apresenta maiores quantidades de vasilhas que possuem espessuras de 7 a 12 mm, possivelmente relacionada com a presença de vasilhas de maiores dimensões, enquanto que os sítios AP-OI-06 e AP-CA-41 apresentam menores quantidades de vasilhas com espessuras de 7-9 mm em contraposição as suas maiores quantidades de vasilhas com espessura de 4-6 mm (ver Fig. 83).

As variações morfológicas das vasilhas são apresentadas no tópico 5.2. *Tipologia cerâmica doméstica da Fase Aristé* através das pranchas com reconstituição 3D da forma completa de cada um dos tipos encontrados para as cerâmicas domésticas da fase Aristé.

Em relação à decoração, apesar do desconforto gerado pelo estado de preservação das superfícies dos vasos nos três sítios em estudo, foi observada em maior quantidade a presença de decoração em 44% dos vasilhames do sítio AP-OI-06 e em, 32% do sítio AP-CA-48, enquanto que o sítio AP-CA-41 apresentava decoração em apenas 29% das vasilhas (Fig. 84).

Figura 84 – À esquerda, gráfico apresentando a frequência relativa da presença de decoração nos três sítios; à direita, gráfico apresentando a frequência dos tipos de decoração.

Como técnicas de decoração características (ver fig. 84), foram encontradas variações de banhos, incisões e modelagens, podendo ocorrer separadas ou em diferentes combinações. Sendo os banhos mais presentes nos sítios AP-OI-06 (30%) e AP-CA-41 (39%), com grande ocorrência de incisões nos três sítios em aprox. 40% das vasilhas decoradas e modelagem em maior ocorrência no sítio AP-CA-48 (53%), enquanto

apresentavam menor ocorrência nos sítios AP-CA-41 e AP-OI-06, 28% e 17%, respectivamente. As pinturas que, por sua vez, têm rara ocorrência nos materiais domésticos, foram encontradas apenas no sítio AP-OI-06.

Figura 85 – Gráfico apresentando a frequência relativa dos diferentes tipos de decoração encontrados nos três sítios em estudo.

Como pode ser observado no gráfico apresentado na figura acima (Fig. 85), os tipos de decoração mais frequentes foram: banho monocromático vermelho sobre pasta natural (AP-OI-06: aprox. 30%, AP-CA-41: aprox. 40%, AP-CA-48: 6%), incisões retilíneas em linhas curtas (AP-OI-06: aprox. 7%, AP-CA-41: 17%, AP-CA-48: aprox. 7%), incisões retilíneas em linhas longas (AP-OI-06: aprox. 20%, AP-CA-41: 6%, AP-CA-48: 18%) e flange (AP-OI-06: aprox. 9%, AP-CA-41: 22%, AP-CA-48: 29%).

Além desses tipos de decoração que ocorrem ao mesmo tempo nos três sítios em estudo também foi constatada a presença de digitado nos sítios AP-OI-06 e AP-CA-41, aprox. 3% e 6% respectivamente; incisões curvilíneas em linhas curtas e incisões curvilíneas em linhas longas, aproximadamente 2% e 10%, respectivamente, no sítio AP-OI-06; incisões tracejadas em linhas longas em aproximadamente 2% no sítio AP-OI-06 e 6% no sítio AP-CA-48; pontado nos sítios AP-OI-06 e AP-CA-48, 4% e 6%, respectivamente; ungulado em 6% dos vasos do sítio AP-CA-41; apliques com forma não

identificada ocorrem principalmente nos sítios AP-OI-06 e AP-CA-48 em, aproximadamente, 2% e 6%, respectivamente, e com presença de marcas de apliques destacados em 1,5% do material do sítio AP-OI-06; os apliques mamiliformes ocorrem em 4% do material do sítio AP-OI-06 e em 18% do material do sítio AP-CA-48, enquanto temos a presença de apliques zoomorfos apenas no sítio AP-CA-41 em 6% das vasilhas.

Buscando ilustrar os diferentes tipos de decoração encontrados, apresentamos no Anexo 3 uma amostra de fragmentos decorados, selecionados a partir dos conjuntos cerâmicos analisados do sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque que possibilitou a reconstituição dos mesmos, bem como maior variedade decorativa, contendo todos os tipos de decoração mais amplos abordados: banhos, incisões, modelagens e pinturas.

5.2. Tipologia cerâmica doméstica da Fase Aristé

Considerando que a intenção do presente estudo, além da caracterização tecnológica, propõe a elaboração de uma tipologia cerâmica, baseada na forma das vasilhas domésticas filiadas à Fase Aristé, realizamos a digitalização dos perfis analisados através do software *CorelDRAW®*, como pôde ser visto na descrição da tipologia cerâmica dos três sítios em estudo no capítulo anterior. Contudo, devido à falta de vasilhames inteiros, optamos por realizar a digitalização das formas inteiras registradas por Meggers & Evans (1957: tabela 19) através do uso do software *Adobe Illustrator CC®*, adequando os seus perfis de acordo com o diâmetro médio de abertura da boca das vasilhas de cada um dos tipos encontrados nas amostras analisadas dos sítios em estudo. O uso deste software se deu pela possibilidade de rotação do perfil dos vasos gerando uma imagem tridimensional que possibilita uma melhor visualização das formas das vasilhas.

A opção pela utilização das formas básicas encontradas por Meggers & Evans (1957), apesar da ausência de vasilhas completas, não nos parece completamente prejudicial, uma vez que foi observada a base plana como forma de base predominante no sítio AP-OI-06, a qual é a mesma representada nas pranchas destes autores, e que a maioria das formas de bordas encontradas nas nossas análises puderam ser enquadradas nas formas obtidas pelos mesmos, com exceção das novas formas identificadas (Formas I, J, L e M), as quais foram acrescentadas na tipologia, conjuntamente com as formas inteiras identificadas na presente análise. Contudo, cabe ressaltar, que a elaboração das pranchas apresentadas a seguir é uma busca por uma solução, devido a uma deficiência

oferecida pelo mobiliário cerâmico dos sítios em estudo, relacionada à ausência, ou pouca frequência, de vasilhas inteiras nos três sítios. Portanto, entendemos que, conforme as pesquisas em sítios domésticos da fase Aristé aumentem, existe a possibilidade de que as formas completas apresentadas neste trabalho possam ser alteradas. É com esse objetivo que vemos a necessidade de esclarecer que não estamos buscando aqui a consolidação dessas formas, mas sim a sua representação para fins comparativos futuros.

No caso das Forma L – Banco, representada por poucos fragmentos nos sítios AP-OI-06 e AP-CA-41, e da M – Tigela naviforme, presente apenas no sítio AP-OI-06, possibilitando apenas a reconstituição parcial de seu perfil, optamos pela sua representação – através do uso de fotografias – de vasilhames dessas formas encontrados em outros sítios do estado do Amapá que foram escavados pela equipe do NuPArq/IEPA. Desta forma, os dois bancos representados na Forma L (Fig. 96) são oriundos do sítio Curiaú Mirim I que se encontra no localizado nas proximidades da área quilombola do Curiaú, Macapá-AP. Apesar deste sítio não se enquadrar no mesmo contexto arqueológico estudado, utilizamos essas fotografias por serem um bom exemplo da possível reconstituição dos fragmentos analisados.

As três vasilhas da Forma M são oriundas de Calçoene, a primeira do sítio AP-CA-18: Rego Grande; a segunda, de menor dimensão, uma doação coletada no rio Tracajatuba; e a terceira é oriunda do sítio AP-CA-38: Garrafinha (Fig. 97). Além das fotos, também apresentamos na prancha da Forma L – Banco, uma ilustração de um fragmento de banco do sítio AP-CA-41 que não possuía borda, o que impediu a sua inserção nessa análise, contudo devido as suas características peculiares, consideramos importante a sua representação nesta prancha.

Por fim, através do presente estudo, foi observada a existência de 11 tipos cerâmicos nos sítios domésticos filiados à fase Aristé, sendo estes tipos referentes às formas: A – Jarro com colar; B – Jarro com pescoço, borda espessa; C – Tigela aberta; D – Tigela levemente carenada com borda infletida; E – Tigela com boca restringida, G – Pequeno jarro arredondado com borda infletida; H – Jarro largo, borda direta, pescoço longo; I – Tigela carenada com boca restringida; J – Prato; L – Banco e M – Tigela naviforme. A frequência de ocorrência desses tipos pode ser observada no gráfico a seguir (Fig. 86) e as pranchas representando a tipologia cerâmica doméstica da fase Aristé, baseada na forma dos vasilhames, é apresentada nas próximas páginas.

Figura 86 – Gráfico apresentando a frequência relativa de ocorrência dos tipos cerâmicos encontrados em cada um dos três sítios em estudo.

Através do gráfico da frequência relativa de ocorrência dos tipos cerâmicos identificados nos três sítios em estudo fica clara a ocorrência em maior quantidade de vasilhas da Forma C – Tigela aberta, seguidas pelas vasilhas da Forma E – Tigela com boca restringida e pelas vasilhas da Forma B – Jarro com pescoço, borda espessa, qualificando essas formas como as mais recorrentes nos sítios domésticos da fase Aristé. Vale ressaltar também a ocorrência representativa de vasilhas da Forma G – Pequeno jarro arredondado com borda infletida nos sítios AP-OI-06 e AP-CA-41, bem como a ocorrência representativa no sítio AP-OI-06 das Formas: D – Tigela levemente carenada com borda infletida, H – Jarro largo, borda direta, pescoço longo e Forma J – Prato.

Figura 87 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma A – Jarro com colar, adaptada de Meggers & Evans (1957), elaborada pelo autor.

Forma B - Jarro com pescoço, borda espessa

Figura 88 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma B – Jarro com pescoço, borda espessa, adaptada de Meggers & Evans (1957), elaborada pelo autor.

Figura 89 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma C – Tigela aberta, adaptada de Meggers & Evans (1957) com inclusão das formas encontradas no presente estudo, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Figura 90 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma D – Tigela levemente carenada com borda infletida, adaptada de Meggers & Evans (1957) com inclusão das formas encontradas no presente estudo, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Figura 91 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma E – Tigela com boca restringida, adaptada de Meggers & Evans (1957) com inclusão das formas encontradas no presente estudo, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Figura 92 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma G – Pequeno jarro arredondado com borda infletida, adaptada de Meggers & Evans (1957) com inclusão das formas encontradas no presente estudo, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Figura 93 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma H – Jarro largo, borda direta, pescoço longo, adaptada de Meggers & Evans (1957) com inclusão das formas encontradas no presente estudo, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Figura 94 – Prancha ilustrando vasilha da Forma I – Tigela carenada com boca restringida encontrada no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Figura 95 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma J – Prato, encontradas no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Figura 96 – Prancha ilustrando a variação de formas das vasilhas da Forma L – Banco, elaborada com exemplos de formas encontradas em dois poços funerários do sítio Curiaú Mirim I (Gambim, 2016: comunicação pessoal) e fragmento de banco encontrado no sítio AP-CA-41, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Figura 97 – Prancha ilustrando exemplos de formas de vasilhas da Forma M – Tigela naviforme, elaborada através de exemplos de formas completadas presentes na Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA, da esquerda para à direita, vasilha encontrada em poço funerário no sítio AP-CA-18: Rego Grande; doação encontrada no fundo do rio Tracajatuba; vasilha encontrada em poço funerário do sítio AP-CA-38: Garrafinha (elaborada pelo autor).

5.3. Inferência Funcional e Distribuição Espacial

5.3.1. Proposições sobre a relação forma da borda e inferência funcional

Como sugerido por Shepard (1956: 224) a “função [dos vasos] tem o apelo do interesse humano”, uma vez que eles são ferramentas, e como tais eles são utilizados em atividades específicas e para fins específicos, possibilitando a inferência das atividades e costumes dos povos que os utilizaram (SHEPARD, 1956: 224; BRAUN, 1983 *apud* SINOPOLI, 1991: 83). Contudo, como foi proposto por Shepard (id.), uma vasilha de forma específica pode ter sido utilizada para diversos fins e inversamente a isto um uso intencional pode ser obtido através do uso de diferentes formas de vasilhames.

Uma vez observado, durante a análise do mobiliário cerâmico dos três sítios em estudo, que os atributos dos vasilhames geralmente atribuídos à melhora da resistência, térmica ou física, – como por exemplo aqueles relativos ao antiplástico, queima, acabamento das superfícies ou forma da base – tendem a manter uma relativa constância, tanto entre formas cerâmicas no mesmo sítio como entre sítios diferentes, não os consideramos como indicativos da função intencional das vasilhas, mas sim como símbolos de escolhas culturais que podem vir a relatar a tradição tecnológica dos povos que as produziram, visto que além de servirem para processamento e consumo de alimentos, as vasilhas também servem como um tipo de mídia utilizada para compartilhar e transmitir ideias (LIMA et. al. 2016: 20), as quais podem não ser apresentadas apenas na forma de elementos estilísticos, mas também na forma de especificidades tecnológicas: *o saber fazer*.

Desta maneira, apesar da baixa representatividade de formas completas nos sítios em estudo e da elaboração das pranchas de tipos morfológicos, ainda que de carácter subjetivo, uma vez que são baseadas principalmente nas formas obtidas por Meggers & Evans (1957) e não em vasos completos, buscamos, no presente tópico, a inferência funcional dos tipos obtidos até o momento através de proposições gerais baseadas nas características de *simetria* e *estrutura*, como propostas por Shepard (1956:228), onde iremos considerar como atributos significativos a abertura da boca dos vasilhames, podendo ser restringida ou não-restringida, e a presença ou não de pescoço ou inflexão da borda, visto que “essas classes [morfológicas] têm amplas implicações funcionais, ou seja, a forma os adapta para usos bem diferentes” (id.), concordando com a afirmação de Sinopoli (1991:84) de que essas características “parecem ser parcialmente determinadas pela função intencional de um vaso”. Essa proposta de inferência funcional também está de acordo com o afirmado por Rice (1987: 240), onde a autora sugere que a “característica de forma do vaso mais especificamente modificada ou adaptada para diferenciar o uso é o orifício”, dando ênfase à restrição de sua abertura e/ou presença de pescoço ou colar.

Diante dessas afirmações e através das descrições apresentadas por Shepard (1956: 228), Rice (1987: 240-241), Sinopoli (1991: 84) e Gomes (2008: 130), podemos inferir algumas possíveis funções baseadas nessas classes morfológicas.

Os vasos não restringidos, por proporcionar acesso facilitado ao seu conteúdo, permitem o manuseio do mesmo através da mistura, adição ou remoção de seus produtos com grande visibilidade do conteúdo, possibilitada pela sua forma aberta. Estes podem estar relacionados a funções como o ato de servir e também a função de guardar produtos usados frequentemente ou de armazenamento temporário de curta duração.

Os vasos restringidos, por sua vez, facilitam na contenção do conteúdo, o que possibilita que estejam mais aptos para o armazenamento, principalmente de líquidos, pois diminuem a possibilidade de derramamentos enquanto servidos ou processados. Quando destinados à cocção, as bordas restringidas diminuem a taxa de evaporação durante aquecimento prolongado. Tanto para armazenamento quanto para cocção, a sua forma restringida facilita a sua vedação através do uso de tampa ou similar. Os vasos dessa forma que apresentem orifícios muito restringidos sugerem ainda acesso pouco frequente ou com grandes intervalos entre os usos.

A presença de pescoço, por restringir a abertura da boca, também auxilia na prevenção de derramamento do conteúdo, contudo, diferente das vasilhas apenas com boca restringida, quando munidas de pescoço, o transporte do vaso e a transferência de conteúdo também são facilitados. Um pescoço longo facilita o transporte e previne o derramamento de seu conteúdo, enquanto transportado, e um pescoço amplo pode ser mais apropriados para conteúdos que as vezes são transferidos ou despejados.

Modificações de borda ou lábio, como reforço ou flange, também possuem significância funcional, sendo que o reforço tende a aumentar a resistência da borda aos choques físicos, enquanto que as flanges facilitam tanto na movimentação como na suspensão dos vasos.

Em relação aos potes utilizados para cozimento, Linton (1944:369) em seu artigo intitulado “*North American Cooking Pots*”, apresenta generalizações sobre a aptidão estrutural de uma vasilha com essa função intencional. Essas generalizações se encaixam muito bem na proposta de identificação funcional das vasilhas que irá ser utilizada aqui, uma vez que o autor dá ênfase às diferenças na abertura da boca dos vasilhames e na presença de pescoço. Assim, o autor sugere que, mesmo sendo possível, as vasilhas não restringidas raramente são utilizadas para o preparo de alimentos através da cocção ou fervura de seus conteúdos, visto que essa característica morfológica tende a facilitar a evaporação de seu conteúdo por possuir toda ou a maior parte da sua superfície em contato com o fogo, mas frisa que essa característica não torna impossível a sua realização, apenas a torna muito mais difícil, sendo necessária a adição constante de líquido durante o processo. O autor sugere, por fim, que eles estão “aptos para o aquecimento de fluídos ou cozimento breve, mas não para o cozimento demorado de longa duração requerido pela maioria dos alimentos básicos” (id.)

Da mesma forma, inadequados para o cozimento de longa duração, são os vasos com boca muito restringida, “especialmente quando são combinados com pescoços longos”, pois ao alcançar a fervura do conteúdo “o vapor gerado no interior do corpo dos vasos se torna tão concentrado em sua boca” que causa o transbordamento do conteúdo de seu interior (id.).

Portanto, do ponto de vista do autor, a forma de vaso ideal para o cozimento efetivo deve possuir “uma boca larga o suficiente para prevenir a ebulição explosiva, mas ao mesmo tempo pequena o suficiente, relativa à capacidade do pote e superfície de

aquecimento” para prevenir que o seu conteúdo evapore rapidamente, como é o caso nos vasos de abertura não restringida (id.).

Em seu artigo, Linton (1944) dá grande ênfase à necessidade de utilizar vasos cerâmicos para o preparo de alimentos através da cocção com consequente fervura, contudo ele abre o caminho para se pensar a base econômica das sociedades estudadas, uma vez que nem todos os alimentos necessitam desse estágio de cozimento adquirido através do *optimum* morfológico apresentado pelo autor, possibilitando, portanto, a existência de contextos onde há a ausência dessas formas ideais para cocção por fervura. Essa é uma hipótese que pode ser suportada através da identificação e estudo de outros tipos de vestígios – ou melhor microvestígios – paleobotânicos e faunísticos que possibilitem maiores inferências sobre os possíveis alimentos que estavam sendo consumidos e permitindo por fim melhor compreensão do uso das vasilhas.

Através das proposições apresentadas por Rice (1987: 238-240), Gomes (2008: 130) apresenta 6 tipos funcionais de vasilhas cerâmicas com base nas suas características morfológicas, antiplástico e técnicas de acabamento. Esses tipos são apresentados a seguir, considerando apenas as características morfológicas.

- 1) Vasilhas para armazenamento – Formas fechadas com orifício modificado para despejar ou fechar. Possuem apêndices para suspensão ou movimento. (...). Estes tipos possuem baixa reposição, cujos exemplares podem ser percebidos no registro arqueológico.
- 2) Vasilhas para cozinhar – Formas arredondadas, cônicas ou globulares. Geralmente sem ângulos, (...), para resistência ao choque térmico. Possuem alta frequência de reposição.
- 3) Vasilhas para preparação de alimentos (sem aquecimento) – Formas abertas simples. (...). Sinais de uso (abrasão).
- 4) Vasilhas para servir – Formas abertas para acesso facilitado, quase sempre com alças. Possuem bases planas ou suportes para estabilidade. (...). Os tamanhos correspondem a recipientes individuais ou de grupos.
- 5) Vasilhas para transporte – Possuem alças, são leves e com orifício fechado.
- 6) Utensílios usados para secar, tostar – São quase sempre planos, com pouca curvatura na borda, pois o derramamento não é uma preocupação.

Uma vez alcançadas proposições gerais sobre a relação forma da borda e uso intencional das vasilhas, consideramos, também, de grande importância abordar o contexto deposicional em que essas vasilhas se encontravam, buscando melhores aproximações sobre os seus possíveis usos. Desta forma, no tópico a seguir elaboramos um esboço sobre os diferentes contextos deposicionais encontrados nos três sítios em estudo.

5.3.2. Contexto de deposição: uma aproximação para a tipologia das estruturas

Dada a necessidade de verificar a relação da disposição contextual das diferentes formas de vasilhas, obtidas através da elaboração da tipologia cerâmica, iremos realizar uma breve descrição dos diferentes tipos de estruturas encontradas em campo, de onde foram obtidas as amostras analisadas, buscando assim uma tipologia de estruturas.

Assim, os diferentes tipos de estruturas encontradas, registrados nas fichas de campo das escavações, mas que não ocorrem em todos os sítios, bem como quantificados nos tópicos *Estruturas arqueológicas* presentes nas descrições de cada sítio foram: buraco de poste, concentração de artefatos, fossa, fossa com vasilha, poço, fosso, estrutura de argila queimada e estrutura de combustão. Além desses tipos de estruturas que apresentam caráter antrópico, também foram encontradas anomalias naturais nos três sítios em estudo, contudo esse tipo de estrutura geralmente está associado às raízes de árvores que ao apodrecerem criam ocos no solo e ocasionam na queda de vestígios arqueológicos da camada de ocupação para o interior destes ocos, da mesma forma o crescimento das raízes também resulta neste deslocamento de materiais. Essas anomalias, por fim, se assemelham às estruturas de buraco de poste e dependendo do tipo de raiz podem criar formas semelhantes às das fossas, contudo, elas não possuem formas regulares como estes dois tipos de estruturas.

As estruturas antrópicas escavadas que apresentaram fragmentos cerâmicos em seu interior foram: buraco de poste, concentração de artefatos, fossa, fossa com vasilha, poço e fosso. Visto que as estruturas de concentração de artefatos geralmente estão localizadas em subsuperfície, enquadrámos as mesmas na categoria de fossas, apesar de não apresentarem limites fixos por estarem inseridas no horizonte de ocupação, o que dificulta a sua delimitação precisa. Contudo, o mesmo também foi verificado em algumas estruturas identificadas como fossas ou fossas com vasilha, o que nos levou a realizar esse agrupamento. Assim, os tipos de estruturas que se mantêm para o presente estudo são: anomalia natural, buraco de poste, fossa com vasilha, fossa, fosso e poço. Nas comparações que irão ser realizadas a seguir também enquadrámos os vestígios cerâmicos encontrados na superfície dos sítios, sendo considerado como superfície todo o horizonte que caracteriza a camada de ocupação, englobando, portanto, todos os tipos de coleta superficiais e coletas realizadas durante a decapagem mecânica ou durante a escavação manual das quadrículas, sendo então agrupadas sob o rótulo de superfície.

De forma a possibilitar maior compreensão sobre esses diferentes tipos de estruturas antrópicas, apresentamos a seguir uma breve descrição da tipologia de estruturas encontradas nos três sítios em estudo. De forma a ilustrar esta tipologia, utilizamos exemplos “ideais” de perfil, plano de topo e foto das estruturas encontradas no sítio AP-OI-06, visto que este sítio possui todos os tipos de estruturas que irão ser abordados e que o registro dessas estruturas, realizado em campo, oferece todas as informações necessárias para esta tarefa.

Antes de iniciarmos a descrição dos diferentes tipos de estruturas, vale ressaltar que as estruturas de fossa com vasilha, fosso e poço não foram encontradas nos sítios AP-CA-41 e AP-CA-48.

Buraco de poste: as estruturas assim definidas são caracterizadas por seu formato cilíndrico, podendo ser simples ou dupla, e representam o negativo de postes (ou esteios) de casas, cercas ou outras estruturas construtivas (Fig. 98). As suas dimensões podem variar de 15 à 66 cm diâmetro de abertura, com uma média de 34,6 cm, e de 9 à 84 cm de profundidade, com uma média de 33,9 cm. O sedimento em seu interior, em geral, é de natureza semi-compacta e homogênea com coloração variando de marrom à marrom-escuro e textura argilo-arenosa. O sedimento interior é composto, principalmente, por lateritas, carvões e seixos de quartzo pertencentes à formação natural do solo.

Figura 98 – Prancha apresentando dois exemplos de buracos de poste, à esquerda, buraco de poste com calage; à direita, buraco de poste simples, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Em seu interior é comum encontrarmos blocos de granito utilizados como calage, que seriam blocos de rocha utilizados para imobilizar ou fixar o poste no buraco. As duas ocorrências de artefatos arqueológicos mais significativas no interior deste tipo de estrutura são os blocos de granito, em geral utilizados como calage, e os fragmentos cerâmicos que podem ter percolado da camada de ocupação ou então ter caído para dentro do buraco com a decomposição do poste, da mesma forma que acontece com as anomalias naturais.

Fossa com vasilha: as estruturas caracterizadas como fossas com vasilha assim o são por apresentarem uma vasilha depositada em seu interior e fragmentadas *in situ*. Em geral não é possível delimitar a fossa escavada para a deposição destas vasilhas, mas por possuírem uma vasilha depositada em seu interior como característica em comum e por se encontrarem em subsuperfície, elas foram classificadas dessa forma (Fig. 99). De acordo com as fichas de registro as dimensões dessas estruturas variam de 15 à 60 cm de diâmetro, com média de 33 cm, e 7 à 15 cm de profundidade a partir da sua exposição através da decapagem mecânica, possuindo, desta forma, uma profundidade média de 11 cm.

Figura 99 – Prancha apresentando exemplo de fossa com vasilha, na imagem é possível visualizar a parte inferior de um crânio no interior da vasilha, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

O sedimento nessas estruturas apresenta natureza compacta e homogênea com coloração marrom variando de marrom-alaranjada para marrom-escuro e textura argilo-arenosa, sendo composto por carvões e lateritas.

Em geral, nessas estruturas encontramos apenas a vasilha depositada, mas podem ocorrer variações, onde são encontrados pequenos fragmentos de outras vasilhas ocorrendo de forma associada. Em uma destas estruturas foi encontrado um crânio no interior da sua vasilha, demonstrando a possível função ritual e/ou votiva das mesmas, infelizmente não foi possível reconstituir o perfil desta vasilha pela falta de borda ou base. Um fato curioso desse tipo de estrutura é a falta de padrão das vasilhas depositadas, uma vez que cada uma delas costuma apresentar um tipo específico de vasilha. Outra questão interessante, notada durante a análise é que, geralmente, as vasilhas depositadas em seu interior não se encontravam inteiras e que nos casos em que haveria a presença de apliques, os mesmos foram removidos antes da deposição das vasilhas e não se encontravam no interior das fossas.

Fossas: as estruturas caracterizadas como fossas podem ser divididas em dois tipos com base nas suas características morfológicas, podendo ser fossas com plano de topo e perfil da base arredondados ou fossas com plano de topo retangular ou alongado e perfil da base aplanado (Fig. 100). Os dois tipos são descritos a seguir.

Figura 100 – À esquerda, prancha apresentando exemplo de fossa arredondada; à direita, prancha apresentando exemplo de fossa retangular ou elipsoidal, o polígono interno do plano de topo representa a base da estrutura, elaboradas pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Fossas com plano de topo arredondado: as estruturas dessa forma apresentam tanto o seu perfil como o plano de topo arredondados. As suas dimensões variam de 41 a

120 cm de diâmetro de abertura, média de 73.2 cm, e profundidade de 34 à 110, média de 60.3 cm. O sedimento interno é de natureza semi-compacta e heterogênea, de coloração marrom e textura argilo-arenosa. A composição do sedimento é de laterita e quartzo, sem ocorrência de carvões. Os artefatos encontrados no interior dessas estruturas são fragmentos cerâmicos, lítico lascado, lítico polido e bloco de granito.

Essas estruturas foram interpretadas como fossas utilizadas para deposição de refugos ou lixeiras.

Fossa com plano de topo retangular ou alongado: as estruturas desse tipo são assim caracterizadas, principalmente, pela sua forma que dá a impressão de retângulo ou elipsoide. As suas dimensões variam de 75 à 147 cm de diâmetro de abertura, média de 106 cm, e 15 à 65 cm de profundidade, média 38 cm. O sedimento no interior dessas estruturas é de natureza semi-compacta, homogênea ou heterogênea, com coloração marrom-escuro, possibilitando boa delimitação durante a escavação, e textura argilo-arenosa. O sedimento no interior é composto por lateritas, carvões e quartzo.

As estruturas desse tipo, em conjunto com as classificadas como poços e descritas a seguir, apresentavam grande quantidade de vestígios arqueológicos, contudo não foram encontradas vasilhas completas nem fragmentos cerâmicos que remontassem em uma vasilha, apenas fragmentos cerâmicos lisos e decorados em conjunto com lascas de quartzo e blocos de granito. Esta composição levou a equipe de campo a interpretar essas estruturas inicialmente como lixeiras o que, por sua vez se encontra descrito nas fichas de estrutura preenchidas durante a escavação, entretanto, Van Den Bel (2010: 66) e Saldanha & Cabral (2009c: 15) sugerem que essas estruturas possam estar relacionadas com sepultamento primário.

Poços: essas estruturas mantêm essa classificação por sua semelhança com os poços encontrados por Cabral & Saldanha (2007a: 52-60) em Calçoene e por Goeldi (1905: 5-8; 22-23) no Cunani (Fig. 101), mas, diferente desses, não foram encontradas vasilhas inteiras em seu interior e as suas dimensões são menores, variando de 80 à 113 cm de abertura, média 97 cm, e 67 à 88 cm de profundidade, média 76 cm.

Figura 101 – Prancha apresentando exemplo de estrutura do tipo poço, a linha pontilhada apresenta do diâmetro máximo da base desta estrutura, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

O sedimento interno varia entre as estruturas não apresentando um padrão de natureza, podendo ser compacto, semi-compacto ou solto, homogêneo ou heterogêneo; e coloração marrom-escuro e textura argilo-arenosa e composição de lateritas, carvões e quartzo.

Foram encontrados como vestígios arqueológicos em seu interior fragmentos cerâmicos lisos e decorados, blocos de granito e lítico lascados. Em um dos poços foram identificados ossos cremados, possivelmente de animais, mas ainda sem identificação precisa.

Fosso: Essa estrutura se assemelha ao fosso circular encontrado no sítio Pointe Morne por Mestre & Hildebrand (2010) na margem oposta do sítio AP-OI-06, cruzando o rio Oiapoque, bem como com aquele encontrado por Cabral (2014: 213) no seu trabalho de campo com os Wajãpi ou com o caminho escavado encontrado por Green, Green, & Neves (2003: 379) no sítio Kwap, localizado na T.I. Palikur. Como abordado durante o levantamento bibliográfico, esse tipo de estrutura pode estar associado com os fossos circulares que caracterizam os sítios de montanha coroada, infelizmente, a estrutura deste tipo, encontrada no sítio AP-OI-06, teve apenas uma parte escavada, não sendo ainda comprovado que se trate de um fosso, existindo a possibilidade de que seja um caminho escavado como o encontrado no sítio Kwap. A seguir, apresentamos um dos cortes estratigráficos registrado em campo deste tipo de estrutura (Fig. 102).

Figura 102 – Prancha apresentando corte estratigráfico realizado no Fosso encontrado no sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque, elaborada pelo autor (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Com base nesse corte estratigráfico, podemos observar a ocorrência de 10 estratos diferentes. É de grande importância notar que eles não são contínuos, sugerindo diferentes momentos de deposição, desde a sua base até o topo. Buscando melhor compreensão deste tipo de estrutura, apresentamos a seguir as descrições do sedimento em cada um desses estratos. 1 – substrato geológico (carapaça laterítica) que representa a base da estrutura, como pode ser observado pelo contorno demarcado pelos estratos 5 e 3; 2 – depressão alongada na carapaça laterítica com sedimento interior areno-argiloso de coloração alaranjada; 3, 5 e 7 – lentes com sedimento areno-argiloso de coloração marrom-alaranjada; 4 – buraco de poste localizado na base do fosso; 6 e 8 – estratos com sedimento argilo-arenoso de coloração marrom mesclada com lentes alaranjadas; 9 – estrato argilo-arenoso de coloração escura, semelhante à camada de ocupação, contendo carvão, lateritas, cerâmica e lítico; 10 – estrato de terra preta, textura argilo-arenosa, contendo cerâmica e lítico.

Além dos diferentes estratos também foram encontrados, próximos à base do fosso, alguns conjuntos de material associado, como pode ser observado na imagem a seguir (Fig. 103). Contudo, através da análise em laboratório, foi observado que esses

fragmentos não pertencem às mesmas vasilhas e que, apesar de se encontrarem estruturados, eles foram depositados já na forma de fragmentos. Representando, então, um mesmo momento de deposição e não a deposição de vasos inteiros no fundo do poço.

Figura 103 – Conjuntos cerâmicos encontrados próximos à base do fosso (Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA).

Considerando a longa duração deste sítio – mais de 200 anos – e os estratos contidos no interior do fosso, podemos sugerir que ele foi sendo preenchido durante o decorrer dos anos. Apesar de poder representar uma estrutura defensiva, como no caso das montanhas coroadas, a presente estrutura acabou servindo, da mesma forma que as fossas e poços, como uma lixeira. Essa relação fica clara na tabela a seguir (Fig. 104), onde apresentamos a correlação de ocorrência das vasilhas de cada um dos tipos cerâmicos encontrados nos diferentes tipos de estruturas através dos três sítios em estudo.

Com base nessa tabela podemos observar que os tipos de contextos deposicionais que apresentam maiores quantidades de vasilhas, apresentadas na forma de fragmentos de bordas, são as fossas, o fosso e a superfície. Desta forma, tendo observado a correlação entre o contexto deposicional e os diferentes tipos de cerâmicas, buscamos, a seguir, uma aproximação entre as possíveis inferências funcionais das formas cerâmicas domésticas da fase Aristé obtidas até o momento.

Tipos	Sítios	Anomalia natural	Buraco de poste	Fossa com vasilha	Fossa	Fosso	Poço	Superfície	Total por sítio	Total geral
Forma A	AP-OI-06	0	0	0	0	2	0	0	2 (0,32%)	4
	AP-CA-41	0	0	0	2	0	0	0	2 (3,51%)	
	AP-CA-48	0	0	0	0	0	0	0	0 (0,0%)	
Forma B	AP-OI-06	1	7	1	8	20	1	18	56 (8,83%)	67
	AP-CA-41	0	0	0	5	0	0	2	7 (12,28%)	
	AP-CA-48	0	0	0	0	0	0	4	4 (12,50%)	
Forma C	AP-OI-06	5	12	4	29	185	3	70	308 (48,58%)	354
	AP-CA-41	0	2	0	16	0	0	6	24 (42,11%)	
	AP-CA-48	0	2	0	2	0	0	18	22 (68,75%)	
Forma D	AP-OI-06	1	2	1	2	12	1	11	30 (4,73%)	31
	AP-CA-41	0	0	0	1	0	0	0	1 (1,75%)	
	AP-CA-48	0	0	0	0	0	0	0	0 (0,0%)	
Forma E	AP-OI-06	2	2	2	9	51	1	30	97 (15,30%)	116
	AP-CA-41	0	0	0	13	0	0	2	15 (26,32%)	
	AP-CA-48	0	0	0	1	0	0	3	4 (12,50%)	
Forma G	AP-OI-06	0	0	3	0	31	0	16	50 (7,89%)	57
	AP-CA-41	0	0	0	6	0	0	1	7 (12,28%)	
	AP-CA-48	0	0	0	0	0	0	0	0 (0,0%)	
Forma H	AP-OI-06	0	3	0	2	21	1	3	30 (4,73%)	30
	AP-CA-41	0	0	0	0	0	0	0	0 (0,0%)	
	AP-CA-48	0	0	0	0	0	0	0	0 (0,0%)	
Forma I	AP-OI-06	0	0	0	0	3	0	1	4 (0,63%)	5
	AP-CA-41	0	0	0	0	0	0	0	0 (0,0%)	
	AP-CA-48	0	1	0	0	0	0	0	1 (3,13%)	
Forma J	AP-OI-06	1	1	0	7	24	1	14	48 (7,57%)	49
	AP-CA-41	0	0	0	0	0	0	0	0 (0,0%)	
	AP-CA-48	0	0	0	0	0	0	1	1 (3,13%)	
Forma L	AP-OI-06	0	0	0	0	0	0	2	2 (0,32%)	3
	AP-CA-41	0	0	0	1	0	0	0	1 (1,75%)	
	AP-CA-48	0	0	0	0	0	0	0	0 (0,0%)	
Forma M	AP-OI-06	0	0	0	0	6	0	1	7 (1,10%)	7
	AP-CA-41	0	0	0	0	0	0	0	0 (0,0%)	
	AP-CA-48	0	0	0	0	0	0	0	0 (0,0%)	
TOTAL		10	32	11	104	355	8	203	723	

Figura 104 – Tabela apresentando a correlação da tipologia cerâmica com a tipologia de estruturas nos três sítios em estudo.

5.3.3. Inferência funcional dos tipos cerâmicos domésticos da Fase Aristé

Considerando as proposições gerais sobre a relação entre forma da borda e função intencional alcançadas até o momento, somadas aos tipos funcionais apresentados por Gomes (2008) e através da comparação com a ocorrência de tipos cerâmicos semelhantes nos sítios cerimoniais, principalmente aqueles apresentados em Saldanha *et. al.* (2010)

nos diferentes contextos do sítio AP-CA-18: Rego Grande, apresentamos, então, um esboço sobre os possíveis usos que cada um dos 11 tipos morfológicos encontrados até o momento podem receber. Também, buscando a inferência de tipos funcionais, iremos levar em consideração os contextos de deposição onde essas vasilhas foram encontradas, bem como as marcas de uso observadas durante a análise.

Forma A – Jarro com colar: até o presente momento essa forma havia sido encontrada apenas em sítios funerários servindo como urna e possuindo grandes dimensões, entretanto como foram encontradas no sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1, em uma fossa, e no sítio AP-OI-06, no interior do fosso, essas vasilhas, devido as suas características físicas como pescoço longo e a presença de colar, poderiam ter sido utilizadas como vasilhas para armazenamento de conteúdos acessados com pouca frequência devido à constrição de sua abertura e facilidade de fechamento com tampa ou até mesmo como vasilhas para transporte, da mesma forma que as vasilhas da Forma B descritas a seguir, visto que a presença de pescoço facilita a sua movimentação e despejo controlado de seu conteúdo durante o ato de servir. Outro possível uso poderia estar relacionado com fins cerimoniais, sugerido pela sua ocorrência em maior frequência em contextos funerários/cerimoniais.

Figura 105 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma A encontradas nos sítios em estudo.

O diâmetro dessas vasilhas varia de 18 a 26 cm (Fig. 105), portanto, devido à baixa frequência dessas vasilhas nos sítios em estudo, 2 vasos no sítio AP-OI-06 e 2 no sítio AP-CA-41, e dimensões relativamente pequenas, é difícil afirmar que elas estariam sendo utilizadas para o armazenamento frequente de alimentos, o que as deixam mais próximas das vasilhas da Forma B.

Uma das vasilhas analisadas continha fuligem na sua superfície externa, sugerindo, por sua vez, que as vasilhas dessa forma também pudessem estar sendo

utilizadas para o aquecimento de líquidos, mas sem a fervura de seu conteúdo, pois como foi observado nas nossas generalizações sobre a relação forma e função: a cocção por fervura nesses tipos de vasos pode gerar o transbordamento de seu conteúdo.

Forma B – Jarro com pescoço: através de sua forma, restringida e com pescoço atribuímos como uso, através das proposições alcançadas, bem como, de comparações com as pranchas de Gomes (2008), o transporte ou a transferência de líquidos, sendo que esta forma apresenta fatores importantes para diminuir o derramamento de líquidos durante o transporte e aumentar o controle do despejo de seus conteúdos.

Figura 106 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma B encontradas nos sítios em estudo.

O diâmetro de abertura da boca desses vasilhames varia de 5 a 40 cm (Fig. 106), com maior concentração nos três sítios de diâmetros que variam de 6 a 28 cm, sendo que no sítio AP-OI-06 existe a ocorrência de vasilhas com 28 a 40 cm. Observadas essas variações de diâmetro de abertura da boca, podemos inferir que as vasilhas com menores dimensões foram utilizadas principalmente para a transferência de pequenas capacidades, enquanto que as vasilhas maiores podem ter sido utilizadas principalmente para o armazenamento de líquidos ou outros conteúdos com pouca frequência de uso.

As vasilhas dessa forma também têm sido encontradas em contextos funerários, tanto na Guiana Francesa (ver a pranchas de Rostain (1994) com exemplos da cerâmica funerária Ouanary Encoché e Enfer Polychrome apresentadas no Cap. 2) como no Amapá (CABRAL & SALDANHA, 2008a: 18, Fig. 3; Hiriart, 2012: 89).

Figura 107 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma B dos sítios em estudo.

Com base nas marcas de uso encontradas nessas vasilhas (Fig. 107), podemos sugerir que elas estavam sendo utilizadas para o aquecimento de alimentos, devido à ocorrência de fuligem externa, bem como também poderiam estar sendo utilizadas para a produção de bebidas fermentadas, uma vez observada a presença de erosão interna. Em relação ao seu contexto deposicional, encontramos a ocorrência de vasilhas da Forma B em todos os tipos de estruturas presentes no sítio AP-OI-06, com maior ocorrência no fosso e em superfície, enquanto ocorrem no sítio AP-CA-41 no interior das fossas, com maior frequência, e em superfície, com menor frequência, e no sítio AP-CA-48 elas ocorrem apenas em superfície.

Forma C – Tigela aberta: as vasilhas dessa forma tiveram como uso inferido a função de servir/consumo, devido às suas características morfológicas: ampla abertura de boca com acesso facilitado ao interior. O diâmetro de abertura dessas formas varia de 6 a 58 cm (ver Fig. 108, a seguir), sendo que o sítio AP-OI-06 apresenta maior quantidade de vasilhas que vão de 10 a 32 cm, enquanto o sítio AP-CA-41 apresenta maior ocorrência de diâmetro de abertura de boca variando de 20 a 28 cm e o sítio AP-CA-48 de 18 a 26 cm.

Figura 108 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma C encontradas nos sítios em estudo.

Como pode ser observado no gráfico anterior, o sítio AP-OI-06 apresenta maior variação de diâmetro de abertura de boca do que os sítios AP-CA-41 e AP-CA-48, sugerindo que neste sítio elas poderiam estar sendo utilizadas tanto de forma individual como coletiva, enquanto nos outros dois sítios elas poderiam estar sendo utilizadas apenas individualmente.

Figura 109 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma C dos sítios em estudo.

Apesar da sua morfologia sugerir que estas vasilhas foram utilizadas para servir, foi observada uma grande quantidade de vasilhas com fuligem externa como marca de uso (Fig. 109), havendo a ocorrência, também de fuligem interna e erosão interna. Contudo, deve ser lembrado que a quantidade total de vasilhas dessa forma foi de 352 e que a fuligem, como marca de uso, foi encontrada em apenas 50 vasilhas. Assim, a

presença de fuligem não muda o uso inferido para essas vasilhas, mas possibilita pensar que apesar de não ser a forma ideal para cocção, os exemplares dessa Forma que apresentam abertura de boca mais constricto também poderiam estar sendo utilizados para esse fim.

Em relação ao seu contexto deposicional estas vasilhas são as que possuem maior representatividade nos três sítios em estudo, ocorrendo em todos os contextos deposicionais do sítio AP-OI-06, com maior quantidade no fosso, superfície e fossa, respectivamente, da mesma forma em que ocorrem em todos os tipos de deposição que contêm cerâmica do sítio AP-CA-41, com maior ocorrência nas fossas e superfície, enquanto que no sítio AP-CA-48 ocorrem apenas nas fossas e superfície, mas, inversamente ao sítio AP-CA-41, com maiores quantidades em superfície.

A grande quantidade de vasilhas desse tipo nos três sítios em estudo pode ser explicada pela sua função, uma vez que apresentam maior frequência de movimentação cotidiana do que àquelas empregadas em outros usos, estando, portanto, mais sujeitas a quebras e, conseqüentemente, possuindo maior taxa de reposição (SINOPOLI, 1991: 87; GOMES, 2009: 147).

Forma D – Tigela levemente carenada com borda infletida: as vasilhas dessa forma são, morfologicamente, semelhantes às da Forma C, uma vez que possuem ampla abertura de boca com acesso facilitado ao seu conteúdo, contudo, a sua principal diferenciação é a presença de carena, o que diminui ainda mais a possibilidade de seu emprego como tigelas para cocção, pois a presença de ângulos em seu corpo diminui a sua resistência ao stress térmico. Outro ponto interessante para pensar a sua função é termos encontrado um exemplar dessa forma contendo pedestal, o qual concede maior estabilidade à vasilha. Assim, inferimos como uso destas vasilhas a função de servir/consumir, visto que a presença de flange na borda poderia auxiliar na sua conservação pela sua constante movimentação. Vale ressaltar que essa forma é comum nos sepultamentos Aristé (ver Hiriart, 2012: 72), sendo encontradas muitas vezes como tampa das urnas funerárias.

Figura 110 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma D encontradas nos sítios em estudo.

O diâmetro de abertura da boca das vasilhas da Forma D tende a variar de 10 a 42 cm (Fig. 110), com maior ocorrência indo de 12 a 36 cm, sendo que esse tipo foi encontrado principalmente no sítio AP-OI-06, com ocorrência de apenas uma vasilha no sítio AP-CA-41. A variação de diâmetro de abertura da boca dessas vasilhas, também sugere que elas possam ter sido utilizadas tanto de forma individual como coletiva, contudo ressaltamos a maior ocorrência das formas menores.

Figura 111 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma D dos sítios em estudo.

Apenas 4 vasilhas apresentavam a presença de marcas de uso (Fig. 111), sendo fuligem externa em 2, fuligem externa e interna em 1 e erosão interna em 1. Esses resultados também se assemelham aos encontrados nas vasilhas da Forma C, o que sugere que apesar de serem ideais para servir/consumir, elas podem ter sido utilizadas, também, para cocção.

Em relação ao seu contexto deposicional, assim como as vasilhas da Forma C, elas também foram encontradas ocorrendo em todos os contextos deposicionais do sítio

AP-OI-06, com maior ocorrência no fosso e em superfície, enquanto que a única vasilha desta forma encontrada no sítio AP-CA-41 foi encontrada no interior de uma fossa.

Forma E – Tigela com abertura restringida: as vasilhas dessa forma tiveram a cocção de alimentos e o armazenamento como usos inferidos, pois as suas formas restringidas com corpo globular ou elipsoidal garantem resistência ao choque térmico, bem como, uma atmosfera de cozimento controlada, permitindo a saída do vapor e também o acesso ao seu conteúdo através do uso de utensílios, possibilitando o acréscimo ou remoção de seus conteúdos.

Figura 112 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma E encontradas nos sítios em estudo.

Em relação ao diâmetro de abertura da boca dessas vasilhas (Fig. 112), foi encontrada uma variação que vai de 8 a 56 cm, contudo, nos três sítios em estudo não observamos uma evolução contínua dos diferentes tamanhos de diâmetro, sendo encontrados picos separados. Esses picos, poderiam estar relacionados à cocção de diferentes tipos de alimentos e, também, à cocção de diferentes quantidades, podendo sugerir seu uso individual ou coletivo.

Neste tipo foram encontradas, principalmente, como marcas de uso (Fig. 113) a presença de erosão interna e fuligem externa, o que sugere que poderiam estar sendo usadas para o preparo de alimentos por cocção, também foi encontrada, mas em menores proporções a presença de fuligem interna.

Figura 113 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma E dos sítios em estudo.

Em relação ao seu contexto deposicional foi observada a ocorrência de vasilhas dessa forma em todos os tipos de deposição do sítio AP-OI-06, com maior frequência no fosso e em superfície, respectivamente, enquanto que nos sítios AP-CA-41 e AP-CA-48 elas ocorrem apenas no interior das fossas e em superfície, no primeiro com maior ocorrência nas fossas e no segundo em superfície.

Forma G – Pequeno jarro arredondado com borda infletida: através das proposições sobre a relação forma da borda e função, inferimos para essas vasilhas o uso de preparo de alimentos por cocção, quando possuem maior abertura de boca, e a função de armazenamento e/ou transporte quando o seu diâmetro de abertura é mais restringido. De grande importância para essa forma é a presença de bordas infletidas que facilitam tanto a sua movimentação como suspensão, sugerindo que em ambas as funções inferidas elas podem ter sido utilizadas em conjunto com suportes ou cordas.

Figura 114 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma G encontradas nos sítios em estudo.

As vasilhas dessa forma foram encontradas principalmente no sítio AP-OI-06, mas também se mostraram presentes no sítio AP-CA-41. Do mesmo modo que as vasilhas da Forma E, elas não apresentam uma evolução contínua do seu diâmetro, que varia de 10 a 38 cm de abertura da boca (Fig. 114), apresentando, então, picos em certos diâmetros, como por exemplo 16 cm, 18 e 20 cm, 24 cm e 28 e 30 cm, sugerindo diferentes capacidades internas.

Figura 115 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma G dos sítios em estudo.

Como marcas de uso (Fig. 115) é predominante a ocorrência de fuligem externa, o que ajuda a confirmar o seu uso inferido como vasilhas para preparo de alimentos por cocção, e em menor proporção foi encontrada também a presença de erosão interna e erosão interna e externa.

Sobre o seu contexto deposicional vemos as vasilhas dessa forma ocorrendo, no sítio AP-OI-06, nas estruturas de fossa com vasilha, fosso e na superfície do sítio, com maior frequência no fosso e em superfície, respectivamente, enquanto que no sítio AP-CA-41 elas ocorrem apenas nas estruturas de fossa e em superfície, com maior frequência no interior das fossas.

Forma H – Jarro largo, borda direta, pescoço longo: as vasilhas dessa forma são caracterizadas principalmente por jarros largos de forma globular ou elipsoidal e contêm uma leve restrição de sua abertura marcada pela presença de borda direta ou pescoço longo. Apesar de possuírem pescoço, este, geralmente, não caracteriza uma constrição brusca da boca das vasilhas como ocorre nas formas A e B. Observadas as suas características morfológicas, podemos sugerir como uso inferido dessas vasilhas as funções de preparo de alimentos com cocção ou armazenamento.

Figura 116 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma H encontradas nos sítios em estudo.

O diâmetro de abertura da boca dessas vasilhas varia de 6 a 56 cm (Fig. 116), com maior ocorrência de formas com 20 a 22 cm, sugerindo a preferência dessa forma em pequenas dimensões com um total de 11 vasilhames, contudo a partir desse diâmetro, vemos a ocorrência de 14 vasilhames com diâmetros que vão de 24 à 56 cm. As vasilhas dessa forma tendem a ser encontradas, principalmente, nos sítios domésticos, em especial no sítio AP-OI-06, não sendo representadas nos trabalhos de Rostain (1994) e e Saldanha *et al* (2010).

Figura 117 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma H.

Em relação às marcas de uso (Fig. 117), encontramos com maior ocorrência a presença de fuligem na superfície externa dessas e vasilhas e um caso de erosão interna. Esses tipos de marcas de uso apoiam a inferência de seu uso para a cocção de alimentos.

Em relação ao seu contexto de deposição, ressaltando a ocorrência deste tipo de vasilhas apenas no sítio AP-OI-06, foi encontrada a sua presença nas estruturas de buraco de poste, fossa, fosso, poço e superfície, com maior ocorrência no interior do fosso.

Forma I – Vasilha carenada com boca restringida: Esta é uma forma que até o momento só havia sido encontrada no sítio AP-CA-18 de caráter cerimonial/funerário, podendo, então, estar relacionada a questões simbólicas. Esta forma de acordo com o que foi verificado neste sítio está relacionada aos ritos do sepultamento, sendo encontrada em dois tipos de estruturas “vasilhas depositadas em pequenas fossas” e “deposição de fragmentos cerâmicos” Saldanha *et al* (2010). A comparação dessa forma com as registradas por Gomes (2008: 158) nos leva a compará-las com uma vasilha da mesma forma encontrada no sítio Terra Preta, Parauá, Santarém, PA, a qual apresentava o mesmo formato de corpo e presença de apêndice próximo ao lábio. De acordo com a autora no gráfico de padrões de uso da cerâmica do mesmo sítio ela classificou essa vasilha como tigela rasa para servir (GOMES, 2008: 164).

Figura 118 – À esquerda, gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma I encontradas nos sítios em estudo; à direita, gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma I.

Em relação ao seu diâmetro de abertura da boca (Fig. 118), nós vemos que essas vasilhas possuem pequenas dimensões, variando de 8 a 13 cm. E diferente do encontrado por Gomes (2008), das 5 vasilhas encontradas, 4 no sítio AP-OI-06 e 1 no sítio AP-CA-48, 3 delas apresentam a ocorrência de fuligem em suas superfícies, externa ou interna (Fig. 118). Sugerindo que podem ter sido utilizadas para o preparo pequenas quantidades de alimentos por cocção.

Em relação ao seu contexto deposicional, foi verificado que no sítio AP-OI-06 elas tendem a se encontrar no interior do fosso, com maior ocorrência, e em superfície, enquanto que no sítio AP-CA-48, o único exemplar foi encontrado no interior de um buraco de poste. Portanto, apesar de poderem estar ligadas a ritos ou eventos específicos, elas não parecem ter sido tratadas da mesma maneira que as vasilhas desta forma encontradas nos contextos cerimoniais/funerários.

Forma J – Prato: As vasilhas dessa forma são caracterizadas por forma praticamente planas, constituídas, principalmente, apenas pela presença de base e borda. Através da sua morfologia e com base nas proposições da relação forma da borda e função apresentadas anteriormente, sugerimos que essas vasilhas poderiam estar sendo utilizadas como utensílios para secar ou tostar, servindo como assadores. Outra possível função dessas vasilhas seria o ato de servir/consumo de alimentos, da mesma forma que Gomes (2008) também as atribui à essa função.

Figura 119 – Gráfico apresentando a variação diâmetro das vasilhas da Forma A encontradas nos sítios em estudo.

O diâmetro de abertura da boca dessas vasilhas varia de 8 a 44 cm (Fig. 120), com maior concentração no intervalo que vai de 16 a 28 cm, sendo encontradas principalmente no sítio AP-OI-06 e com ocorrência de apenas uma vasilha no sítio AP-CA-48.

Figura 120 – Gráfico apresentando os tipos de marca de uso encontrados nas vasilhas da Forma J.

Corroborando para a inferência dessas vasilhas como assadores, foi encontrado como principal marca de uso (Fig. 120) a presença de fuligem nas suas superfícies internas, tendo sido verificada também a ocorrência de fuligem interna e erosão externa.

Em relação à sua deposição contextual, foi verificado no sítio AP-OI-06, que as vasilhas dessa forma aparecem, com exceção das fossas com vasilha, em todos os tipos

de deposição, com maior ocorrência no fosso e em superfície, respectivamente, e que a vasilha encontrada no sítio AP-CA-48 se encontrava em superfície.

Forma L – Banco: Como apresentado por Alves e Schaan (2011: 112), as vasilhas dessa forma vêm sendo interpretados na bibliografia de diversas maneiras, como por exemplo bancos, apoios de cabeça, suportes de panela ou então como objetos relacionados aos rituais funerários. De acordo com as autoras (ALVES & SCHAAN, 2011: 133) esse tipo de artefato poderia estar relacionado com atividades mais mundanas como ritos de passagem, ao invés de estarem relacionados apenas aos sepultamentos, mas tendo sido encontrados apenas dois fragmentos desse tipo de vasilha no sítio AP-OI-06, em superfície, e 1 no sítio AP-CA-41, no interior de uma fossa, não podemos sugerir usos adicionais para essas vasilhas nos sítios em estudo, mas uma vez que já foram registrados por Rostain (1994) na Guiana Francesa em contextos cerimoniais (ver as pranchas das cerâmicas funerárias do tipo Ouanary Encoché e Caripo Kwep elaboradas por este autor e apresentadas no Cap. 2), podemos manter como função o seu uso em atividades rituais ou cerimoniais, como sugerido por Alves & Schaan (2011).

Forma M – Tigela Naviforme: as vasilhas dessa forma são caracterizadas, principalmente, por serem tigelas rasas com vista superior alongada ou elipsoidal, tornando-as, então, semelhantes a canoas. Exemplares deste tipo já foram registrados anteriormente nos sítios megalíticos AP-CA-18 e AP-CA-38 no interior de poços funerários e também em uma deposição de vasilhas cerâmicas no fundo de um rio, passando a ser, neste momento, registrados também em contextos domésticos. Desta forma, tendo sido constatada a sua presença em sítios de caráter cerimonial, a ocorrência de vasilhas deste tipo em sítios doméstico pode estar relacionada mais a fins simbólicos do que a atividades meramente cotidianas.

Como funções inferidas para essas vasilhas podemos sugerir os atos de servir/consumir alimentos, bem como, a disposição de produtos em seu interior, uma vez que podem apresentar caráter simbólico. Através da análise cerâmica, não foram encontradas marcas de uso nessas vasilhas.

Vasilhas deste tipo foram encontradas apenas no sítio AP-OI-06, tendo como contexto deposicional a sua ocorrência, principalmente – 6 vasilhas –, no interior do fosso com apenas 1 vasilha em superfície.

5.3.4. Espacialização dos resultados: buscando áreas de atividades

Obtidas as tipologias – das cerâmicas e das estruturas – em conjunto com a inferência funcional dos diferentes tipos cerâmicos encontrados nos sítios de habitação a céu aberto da fase Aristé, buscamos, a seguir, uma maior compreensão sobre como esses diferentes tipos cerâmicos se encontram distribuídos no espaço dessas habitações. Para que, concordando com Walter Taylor (1984 *apud* Deboer & Lathrap, 1979: 134) ao afirmar que “todas as inferências arqueológicas são, por fim, dependentes de três tipos de dados: (1) a frequência, (2) as propriedades formais, e (3) a distribuição espacial de subprodutos comportamentais”, possa ser verificada a possibilidade de identificar áreas de atividades nos três sítios em estudo.

Contudo, devemos lembrar, como foi observado em M. Silva (2011) e como pode ser observado na tabela da correlação da tipologia cerâmica com a tipologia de estruturas (Fig. 104), que a busca pela dispersão espacial dos diferentes tipos cerâmicos com base na sua ocorrência em cada forma de estrutura, através do método de análise espacial proposto para o presente estudo, irá resultar em uma distorção dos nossos resultados, pois irão ser gerados picos no entorno das estruturas de fossa, fosso e poço, as quais apresentaram maiores quantidades dos tipos cerâmicos encontrados nos três sítios em estudo.

Desta forma, elaboramos um resumo da tabela apresentada na Figura 104 com os principais usos inferidos com base nas características morfológicas das vasilhas encontradas, desconsiderando as inferências simbólicas sugeridas pela ocorrência de formas semelhantes nos sítios cerimoniais, bem como, também não estão sendo levados em considerações os usos secundários sugeridos pelas marcas de uso, uma vez que a presença de fuligem na superfície dos vasos ocorre em todas as formas, resultando assim na tabela apresentada na Fig. 121 a seguir.

Com base nessa tabela (Fig. 121), pode ser observada a atribuição de funções semelhantes a tipos morfológicos semelhantes, gerando uma duplicidade funcional. Portanto, realizamos a reorganização desses resultados através dos tipos funcionais inferidos, desconsiderando as estruturas de fossa com vasilha, fossa, fosso e poço, visando a elaboração dos mapas da dispersão espacial destes tipos funcionais, encontrados na superfície de cada sítio em estudo. Desta forma, as estruturas de buraco de poste e as anomalias naturais também foram inseridas no contexto deposicional considerado como

superfície, visto que o conteúdo destas estruturas *pode* estar relacionado com a queda de materiais encontrados em superfície para o seu interior.

Tipos	Uso inferido	Anomalia natural	Buraco de poste	Fossa com vasilha	Fossa	Fosso	Poço	Superfície	Total
Forma A	Transporte/Armazenamento	0	0	0	2	2	0	0	4
Forma B	Transporte/Armazenamento	1	7	1	13	20	1	24	67
Forma C	Servir/Consumo	5	16	4	47	185	3	94	354
Forma D	Servir/Consumo	1	2	1	3	12	1	11	31
Forma E	Cocção/Armazenamento	2	2	2	23	51	1	35	116
Forma G	Cocção/Armazenamento	0	0	3	6	31	0	17	57
Forma H	Cocção/Armazenamento	0	3	0	2	21	1	3	30
Forma I	Cocção	0	1	0	0	3	0	1	5
Forma J	Cocção/Servir/Consumo	1	1	0	7	24	1	15	49
Forma L	-----	0	0	0	1	0	0	2	3
Forma M	Servir/consumir	0	0	0	0	6	0	1	7
Total		10	32	11	104	355	8	203	723

Figura 121 – Resumo da tabela de correlação da tipologia cerâmica com a tipologia de estruturas, somando os tipos encontrados nos três sítios e acrescentando o uso inferido de cada forma com base nas características morfológicas.

Assim, agrupamos os diferentes tipos morfológicos em três grupos funcionais, sendo estes: transporte/armazenamento, contendo as formas A e B; servir/consumir, contendo as formas C, D e M; e cocção, contendo as formas E, G, H, I e J. Como pode ser observado, mantivemos a função de armazenamento apenas nas formas A e B, pois, mesmo que as características morfológicas dos outros tipos cerâmicos sugiram que possam ter sido utilizadas para esse fim, as suas dimensões não nos possibilitam afirmar que elas estivessem sendo, de fato, utilizadas para o mesmo. Conforme as pesquisas nos sítios domésticos da fase Aristé progridam, principalmente através de estudos de microvestígios que permitam a inferência dos tipos de alimentos que estavam sendo consumidos nesses sítios, poderemos retomar a inferência de uso dessas vasilhas como recipientes de armazenamento. Por fim, com base nessas três classes funcionais, distribuímos novamente os tipos cerâmicos em seus sítios de origem, buscando a elaboração dos mapas da sua distribuição espacial em suas superfícies, resultando na seguinte tabela (Fig. 122).

Função	AP-OI-06	AP-CA-41	AP-CA-48	Total
Transporte/Armazenamento	26	2	4	32
Servir/Consumir	102	8	20	130
Cocção	73	3	5	81
Total	201	13	29	243

Figura 122 – Tabela apresentando a quantidade de vasilhas de cada tipo funcional na superfície dos três sítios em estudo.

Mesmo que, como afirmado por Sinopoli (1991: 85), seja raro encontrar os vestígios cerâmicos em seu local de uso primário, acreditamos ser de grande importância verificar em quais áreas dos sítios os materiais se encontram dispersos em superfície, pois é através desta dispersão que podemos inferir se existia de fato uma preocupação com a limpeza da área de ocupação ou se as cerâmicas se encontram dispersas aleatoriamente na superfície dos sítios, possibilitando maiores informações para compreendermos os comportamentos de descarte que resultaram nos contextos deposicionais encontrados no registro arqueológico. Portanto, concordamos com a autora (id.: 86) ao afirmar que apesar da dificuldade de encontrar contextos onde possa ser observada a ocorrência de materiais próximos das suas áreas de uso, “a distribuição espacial de cerâmicas através dos sítios arqueológicos pode revelar muitas informações sobre atividades passadas”.

Assim, apresentamos nas páginas a seguir os mapas da densidade superficial das três classes funcionais obtidas através do presente estudo, em conjunto com os mapas da densidade total de cerâmicas na superfície desses sítios, para que, através da comparação das diferentes dispersões na superfície destes sítios, possam ser levantadas inferências sobre as atividades que estavam ocorrendo em seu interior, bem como sobre os padrões de descarte.

Iniciaremos, então, pelo sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque (Fig. 123). Como sugerido no tópico 4.4.2. do presente estudo, através da espacialização das estruturas antrópicas neste sítio, foi possível identificar três grandes concentrações de buracos de poste que estão sendo interpretadas aqui como possíveis casas.

Para evitar possíveis confusões com repetição de termos, como por exemplo as concentrações, utilizadas tanto para os buracos de poste como para as cerâmicas, a partir deste momento, iremos seguir utilizando o termo *casa* para as concentrações de buracos de poste, mesmo que estas possam não representar uma única casa ou que não tenham a sua estrutura física claramente delimitada. Esta padronização irá ser seguida também para

os sítios AP-CA-41 e AP-CA-48. Desta forma, para o sítio AP-OI-06, temos as casas sul, norte e leste, assim caracterizadas com base na sua localização espacial.

Figura 123 – Prancha apresentando o mapa de densidade total de cerâmica na superfície do sítio AP-OI-06: Ponte do Iapoque em conjunto com os mapas dos resultados das densidades de cada um dos três tipos funcionais identificados: cocção, servir/consumo e transporte/armazenamento.

Através da densidade total de vestígios cerâmicos na superfície deste sítio (Fig. 123, canto superior esquerdo), observamos que no interior da casa sul, foi observada uma grande concentração de fragmentos cerâmicos no centro de quatro fossas que se encontravam em seu interior, enquanto que as outras concentrações de cerâmicas se apresentaram principalmente no exterior das casas, também nas proximidades de estruturas de fossas, mas também nas proximidades dos poços e do fosso. As fossas foram encontradas em maior quantidade no interior das casas sul e norte, enquanto verificamos a ocorrência de apenas uma fossa na casa leste.

Ao elaborarmos o mapa de dispersão espacial do tipo funcional relacionado à cocção (Fig. 123, canto superior direito), foi observada, da mesma forma que com a dispersão total de fragmentos, uma dispersão mais generalizada representada por diversos pontos, com ocorrência de vasilhas dessa forma por toda a superfície do sítio, principalmente nas proximidades das estruturas de fossas, poços e fosso. Contudo, observamos diferentes formas de concentrações deste tipo funcional nas diferentes casas, sendo que na casa norte verificamos uma concentração em seu centro, enquanto que na casa sul temos uma maior quantidade de vasilhas dessa forma com duas concentrações, sendo uma menor no mesmo local em que encontramos a maior concentração do total de fragmentos cerâmicos na superfície deste sítio e outra mais próxima do limite sul desta casa. Na casa leste, pode ser visualizada uma pequena mancha em seu limite norte, enquanto que temos uma grande mancha no exterior do seu limite sudeste, contudo esta está associada com a estrutura de fosso, um poço e diversas fossas.

Como resultado da dispersão do tipo funcional relacionado à função de servir/consumir (Fig. 123, canto inferior esquerdo), foi gerado mais uma vez uma dispersão generalizada na superfície deste sítio, concentrada principalmente no entorno das estruturas de fossas, poços e fosso. Contudo, foi observado novamente a ocorrência de diferentes padrões de concentração no interior de cada uma das casas, sendo que na casa sul podemos observar uma grande mancha semicircular com abertura para o leste, enquanto que na casa norte é encontrada uma mancha em cima das estruturas de fossa localizadas no seu limite norte e na casa leste podemos observar algumas pequenas concentrações em seu interior, com maior ocorrência na proximidade das manchas maiores. Em relação à dispersão desse tipo funcional, vale ressaltar a presença de uma grande concentração dessas vasilhas na área que se encontra entre as três casas, mas que se conecta com a mancha de ocorrência da casa sul.

Em relação à dispersão das vasilhas do tipo funcional transporte/armazenamento (Fig. 123, canto inferior direito), observamos mais uma vez vários pontos dispersos na superfície do sítio, principalmente nas proximidades das estruturas de fossas, poços e fosso. Contudo, vale ressaltar a ausência de cerâmicas dessa forma no interior da casa leste, enquanto que na casa sul a concentração desse tipo funcional se apresenta da mesma forma que a encontrada para o tipo funcional relacionado aos atos de servir/consumo. Uma questão interessante sobre essa forma é que notamos um padrão circular, formados por quatro pontos principais nos limites da casa norte.

Uma questão interessante, observada nos quatro mapas de densidade deste sítio é a ocorrência de vários pontos de concentração de cerâmica, gerando uma forma em semicírculo com abertura para o limite norte da área escavada, sugerindo a existência de uma possível praça no limite norte do sítio, próximo ao início do declive do platô em direção ao rio.

Em relação ao sítio AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1, foi sugerido durante a descrição deste sítio, no tópico 4.5.2, que existem duas grandes concentrações de buracos de poste interpretadas como casas, caracterizando, portanto, as casas norte e sul.

Com base na dispersão total de vestígios cerâmicos na superfície deste sítio (Fig. 124, canto superior esquerdo), foram observadas três grandes concentrações de cerâmica. Uma na periferia sudoeste da casa sul, marcando uma área com grande quantidade de fossas, outra, no limite oeste da área escavada entre as casas norte e sul, mas localizada também a sudoeste da casa norte marcando uma área com concentração de fossas. A terceira concentração de cerâmica se encontrava no limite nordeste da casa norte sobre uma área identificada como piso de argila queimada.

Através da dispersão espacial das cerâmicas do tipo funcional relacionado às atividades de cocção (Fig. 124, canto superior direito), verificamos a ocorrência de três concentrações no mapa de dispersão, sendo dois deles nas porções periféricas internas, sudeste e noroeste, da casa norte, enquanto a outra se encontra na periferia externa ao sudoeste da casa sul localizada sobre a concentração de fossas. Contudo, cada uma dessas três concentrações está relacionada a apenas uma vasilha cerâmica deste tipo funcional.

Ao realizar a espacialização das vasilhas do tipo funcional relacionado às atividades de servir/consumir (Fig. 124, canto inferior esquerdo), verificamos cinco concentrações na superfície deste sítio.

Figura 124 – Prancha apresentando o mapa de densidade total de cerâmica na superfície do sítio AP-CA-41: Ponte do Oiapoque em conjunto com os mapas dos resultados das densidades de cada um dos três tipos funcionais identificados: cocção, servir/consumo e transporte/armazenamento.

Três dessas concentrações se encontram no interior da casa norte, sendo uma delas no limite sudoeste, onde se encontram as fossas; outra no limite nordeste, onde foi

encontrado o piso de argila queimado; e outra no limite norte. As outras duas concentrações se encontram na porção sul da casa sul, sendo um no interior sudeste desta casa e a outra no exterior sudoeste, sobre a concentração de fossas.

Em relação às vasilhas que tiveram como uso inferido a função de transporte/armazenamento (Fig. 124, canto inferior direito), foram encontradas apenas duas concentrações, representadas cada uma por uma vasilha, uma no exterior do limite sudoeste da casa sul, sobre a concentração de fossas, e outra, ainda mais ao sul, fora da área escavada em direção ao rio.

Através da espacialização das estruturas do sítio AP-CA-48: Ponte do torrão, como pode ser observado no tópico 4.6.2. deste estudo, foi possível identificar a ocorrência de três grandes concentrações de buraco de poste interpretadas como casas, caracterizando, então, as casas oeste, norte e leste.

Como resultado da espacialização da dispersão total de vestígios cerâmicos na superfície deste sítio (Fig. 125, canto superior esquerdo), foi possível identificar a ocorrência de uma grande concentração de vestígios no interior da casa leste, na mesma área onde foi identificada uma estrutura de argila queimada, e uma concentração menor e mais dispersa no interior da casa norte. Apesar dessas duas concentrações, os vestígios cerâmicos se apresentam de uma forma dispersa na área compreendida pelas duas casas.

A espacialização das vasilhas cerâmicas relacionadas à cocção (Fig. 125, canto superior direito) resultou, também em três concentrações, uma localizada no limite leste da casa leste, sobre a estrutura de argila queimada, a segunda no interior da casa norte, em seu limite nordeste e a terceira entre as casas norte e oeste, próxima a uma estrutura de fossa encontrada no interior da casa norte.

Com base na dispersão espacial das vasilhas do tipo funcional relacionado às atividades de servir/consumir (Fig. 125, canto inferior esquerdo), foi possível observar a presença de quatro diferentes concentrações, duas na casa leste, sendo uma maior e estando localizada na porção leste dessa casa, sobre a estrutura de argila queimada e outra no limite norte desta casa. As outras duas concentrações se encontram localizadas na casa norte, sendo que uma, de maiores dimensões, está localizada na sua porção sudeste, enquanto a outra, de menor dimensão e densidade está localizada sobre a estrutura de fossa.

Figura 125 – Prancha apresentando o mapa de densidade total de cerâmica na superfície do sítio AP-CA-48: Ponte do Oiapoque em conjunto com os mapas dos resultados das densidades de cada um dos três tipos funcionais identificados: cocção, servir/consumo e transporte/armazenamento.

Por fim, através do resultado obtido pela espacialização das vasilhas do tipo funcional relacionado ao transporte/armazenamento das vasilhas (Fig. 125, canto inferior direito), foi observada, também, a ocorrência de uma grande mancha que se apresenta no

interior da casa leste sobre a estrutura de argila queimada e uma outra mancha entre as três casas. As inferências levantadas através dos resultados da dispersão espacial dos diferentes tipos funcionais na superfície dos sítios estudados são apresentadas no *Capítulo 6*, em conjunto com os resultados obtidos nos capítulos anteriores.

5.4. Comparações Entre a Cerâmica Aristé “Doméstica X Cerimonial”

Para finalizar este capítulo de caracterização e comparação das cerâmicas domésticas da fase Aristé, utilizando como base as vasilhas reconstituídas dos três sítios em estudo, iremos, então, fazer uma comparação em traços gerais entre as cerâmicas destes sítios com os resultados de trabalhos que tinham como foco a análise cerâmica do sítio AP-CA-18: Rego Grande, caracterizado por ser um sítio megalítico de caráter cerimonial e funerário.

Desta forma, visando identificar possíveis diferenças e/ou similaridades entre a cerâmica Aristé doméstica e cerimonial, nos baseamos nos seguinte trabalhos: *Análise da cerâmica do Poço funerário 1*, realizado por Jacques (2008) e publicado em Cabral & Saldanha (2008b); *A Variabilidade dos Artefatos Cerâmicos ao Longo da área escavada na Área 1 do Sítio Arqueológico AP-CA-18*, realizado pelo autor e publicado conjuntamente em Saldanha et. al. (2010); e, por fim, a dissertação de mestrado de Hiriart (2012) intitulada *La culture Aristé, les sites mégalithiques et les puits funéraires en Amazonie brésilienne (Amapá)*.

Como resultado da comparação desses sítios, foi possível observar a ocorrência em proporção inversa das formas de vasos abertas e restringidas, uma vez que nos sítios domésticos é visível a maior ocorrência de formas abertas, enquanto que no sítio AP-CA-18: Rego Grande existe uma maior ocorrência de formas cerâmicas restringidas, principalmente nos poços, enquanto que nas outras estruturas desse sítio foi registrada uma quantidade menor, mas ainda maior, de cerâmicas restringidas.

Essa diferença, com maior frequência de formas restringidas pode estar relacionada ao caráter cerimonial desses sítios, uma vez que vasilhas de formas abertas, atribuídas por nós como relacionadas aos atos de servir/consumir, seriam utilizadas apenas durante as atividades de visitas nesses sítios e não de forma cotidiana gerando um aumento da sua taxa de quebra e reposição, como se dá nos sítios domésticos.

Outra questão verificada, está relacionada a capacidade das vasilhas que ocorrem nos sítios domésticos e no sítio cerimonial. É importante ressaltar que, enquanto nos sítios domésticos a variação de diâmetro das vasilhas se concentra em torno de variações que vão de 10 a 30 cm, média de 21,5 cm, nos sítios cerimoniais temos uma ocorrência média de formas maiores, se concentrando em diâmetros de vão de 25-40 cm, média 31,5 cm.

Nos sítios domésticos foi verificada uma ocorrência rara de formas específicas, sendo estas as vasilhas representadas pelas Formas L – Banco e M – Tigela Naviforme, já no sítio AP-CA-18, apesar de não possuírem uma frequência maior que as formas não específicas, as formas específicas são mais frequentes que nos sítios domésticos, sendo que além das tigelas naviformes, também são encontradas formas zoomorfas e antropomorfas, vale ressaltar que as formas antropomorfas são encontradas principalmente no poços funerários, com raras ocorrências nos outros tipos de estruturas. Ressaltamos, também, que no sítio AP-CA-18 não foram encontradas vasilhas da Forma L – Banco, mas, como apresentado no tópico 5.3.3., vasilhas desta forma já foram encontradas em contextos funerários na Guiana Francesa.

Em relação aos tipos de antiplástico adicionados ao tempero das vasilhas, tanto nos sítios domésticos como no sítio AP-CA-18, vemos uma grande ocorrência de quartzo combinado com caco moído ou isolado, enquanto que nos sítios domésticos vemos uma presença muito maior de granito, a qual, por sua vez, é quase nula no sítio AP-CA-18. Em relação à queima, em ambos os contextos foi verificada como predominante a incompleta.

Em relação às decorações, no sítio AP-CA-18, da mesma forma que nos sítios domésticos, é frequente a decoração por banho monocromático vermelho, incisões retilíneas em linhas longas e modelagens, contudo além de podermos encontrar maiores variações nas composições dos diferentes elementos decorativos neste sítio, também é encontrada com maior frequência a ocorrência de pinturas vermelhas, tanto sobre pasta natural, como sobre banho monocromático branco, traços brancos sobre banho vermelho e negativos em pintura vermelha.

6. CONSIDERAÇÕES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste tópico iremos abordar os principais resultados e discussões obtidos através dos levantamentos bibliográficos, para que em seguida, com base nesses, possam ser discutidos os resultados obtidos através da análise cerâmica e espacial dos três sítios em estudo.

Iniciando pelo espaço, foi verificado através do levantamento em sítios Aristé que os sítios filiados a esta fase se encontram dispersos em uma área limitada pelos rios Araguari, no Amapá, Brasil, e o Approuague na Guiana Francesa, caracterizando, então o centro de maior concentração desta fase. Contudo, foi observada também a ocorrência de materiais filiados à essa fase em uma região ainda maior, com limite máximo sul em Macapá, Brasil, e norte em Caiena, Guiana Francesa, compreendendo uma área de influência com comprimento máximo de, aproximadamente, 560 km em linha reta.

Também como resultado deste levantamento, verificamos a ocorrência de descrições de 132 sítios filiados à essa fase arqueológica, sendo que esse total de sítios, com base nas categorias propostas durante o levantamento, foram divididos em 21 tipos, dos quais apenas 5 estão diretamente relacionados às categorias habitacionais/domésticas. Estes se encontram divididos nos seguintes tipos: acampamento a céu aberto, habitação a céu aberto, habitação a céu aberto sobre “ilha”, habitação a céu aberto associada à deposição no fundo do rio e habitação a céu aberto associada a polidores. Ressaltamos a nossa opção, nesse momento, pela exclusão dos tipos inferidos por Rostain (1994; 2011) como habitação em abrigo rochoso e habitação em caverna dessas categorias domésticas, uma vez que, como sugerido pelo autor, elas poderiam estar ligadas a momentos de retiro individual ou coletivo relacionados aos ritos de passagem, demonstrando a sua significação simbólica como principal característica.

Assim, foi obtido um total de 35 sítios domésticos, representando apenas 26% do total de sítios levantados. Esses sítios, de acordo com o proposto por Meggers & Evans (1957), Rostain (1994) e Saldanha & Cabral (2014), são caracterizados principalmente por se encontrarem localizados em áreas de elevação natural ou nas encostas dos rios, ambas livres de inundação e sempre próximos de uma fonte constante de água.

Apesar da baixa frequência deste tipo de sítio, devemos lembrar que, como proposto por Cabral & Saldanha (2008a), ela pode não estar ligada a sua distribuição real pela área de dispersão de sítios Aristé, visto que os métodos empregados no levantamento

dos sítios foram baseados principalmente em levantamentos oportunistas e localizados. Ressaltamos também que, apesar de estarmos dividindo os sítios em habitacionais/domésticos em contraposição aos sítios cerimoniais/funerários, esta divisão se dá principalmente como um critério classificatório do presente estudo, visando uma melhor manipulação dos dados. Portanto, ressaltamos aqui que não consideramos as atividades de “valor simbólico” como ocorrência específica dos sítios cerimoniais/funerários, mas que estas se encontram, na verdade, diluídas nas práticas sociais cotidianas e que para atribuí-las ao registro arqueológico, devemos antes possuir melhor compreensão sobre o mesmo.

Também como resultado do levantamento de trabalhos arqueológicos em sítios Aristé, verificamos que, como proposto por Meggers & Evans (1957) e Rostain (1994; 2011), existe uma mudança de um estilo cerâmico mais simples, caracterizado por decorações incisas e tempero mineral, para um estilo cerâmico mais elaborado, com complexas decorações pintadas e tempero de caco moído. Esses tipos foram nomeados por Rostain (1994) como *Ouanary Encoché* e *Enfer Polychrome*, respectivamente. Com base nas datações obtidas até o momento para essa fase, pode-se sugerir que ela se encontra dividida em três períodos cronológicos, iniciando com o período Aristé Antigo datado de 200-1100 d.C., o qual é representado pelo tipo cerâmico Ouanary Encoché; seguindo para o período Aristé Recente datado de 1100-1600 d.C., representado pelo tipo cerâmico Enfer Polychrome; e finalizando no período Aristé Final 1600-1700 d.C., sendo caracterizado principalmente pela presença de materiais europeus associados aos contextos desta fase.

Foi com base nesses diferentes tipos cerâmicos, em conjunto com seus períodos cronológicos e as características físicas e materiais dos sítios habitacionais que Rostain (1994; 2011) e Saldanha & Cabral (2014) propuseram a divisão destes sítios em dois tipos distintos.

O primeiro tipo seria caracterizado por habitações de grandes dimensões (até 40.000 m²) compostas por várias casas familiares e abrigando por volta de 500 a 4.000 indivíduos. Essas habitações se encontrariam representadas no registro arqueológico por muitas estruturas antrópicas e, também, por grandes fossos circulares de 5.000 a 35.000 m². De acordo com Saldanha & Cabral (2014) essas habitações caracterizariam o período inicial da fase Aristé alcançando até o século X d.C., o que nos permitiria afirmar, com

base nos resultados obtidos, que estariam relacionadas ao tipo cerâmico Ouanary Encoché.

O segundo tipo de habitações seria caracterizado por menores dimensões (até 10.000 m²), representadas por pequenos povoados e abrigando uma população aproximada de 40 a 200 indivíduos. Desta forma, esses sítios estariam representados no registro arqueológico por uma estrutura mais simples, composta por buracos de poste, pequenas fogueiras e lixeiras. Esses sítios seriam datados do século X d.C. até o contato com os europeus e com base nessa datação pode ser sugerido que fossem representados pelo tipo cerâmico Enfer Polychrome.

Esses dois tipos de sítios habitacionais, representados por habitações de maiores ou menores dimensões, tendo como marco divisório o século X d.C., foi explicado por Saldanha & Cabral (2014) como uma transferência do foco nas grandes habitações para uma maior ênfase na construção de sítios funerários/cerimoniais, como por exemplo, os sítios megalíticos.

Para finalizar as considerações sobre o levantamento de trabalhos em sítios Aristé e iniciar as considerações sobre o levantamento etnohistórico temos que retomar a proposta feita por Rostain (1994) de que os povos produtores da cerâmica Aristé poderiam estar organizados na forma de uma confederação pan-tribal ou clânica que viria a ter a sua estabilidade impactada pela conquista europeia.

Como resultado do levantamento etnohistórico, com base na comparação de mapas e registros históricos, apesar dos problemas toponímicos que podem ter existido no processo de registro, pôde ser observado que a área compreendida como costa atlântica do Amapá foi densamente ocupada por diferentes grupos indígenas, os quais possuíam uma complexa dinâmica de movimentação, bem como, uma situação clara de alianças nos tempos da conquista europeia. Em relação à movimentação desses grupos, muito pode ser explicado pelas diferentes frentes de colonização das américas por parte dos espanhóis, portugueses, franceses, ingleses e holandeses. Contudo, em relação às dinâmicas de alianças, os dados levantados sugerem que possam ter uma origem mais antiga, como veremos a seguir.

Buscando classificar os grupos que ocuparam a região da costa atlântica do Amapá e litoral das guianas, Gallois (2008) sugere que, apesar de ter sido ocupada há mais de 12.000 anos atrás por povos caçadores-coletores, esta região foi ocupada há cerca de

2.000 anos atrás por populações de língua aruaque e, em aproximadamente 1.100 anos atrás, teriam chegado à região povos falantes de língua caribe através de duas frentes de migração, uma vindo do baixo Amazonas e outra procedente do Orenoco e do Rio Negro. Esses povos aruaque habitantes da região eram compostos por numerosos povos distintos, dentro dos quais os ancestrais dos atuais Palikur, e os caribe, apesar de muito diversificados, incluem três grandes grupos, podendo ser os ancestrais dos atuais Galibi Kali'na, Tiriyo e Wayana.

Através do levantamento etnohistórico é possível observar uma correlação dos povos que habitaram essa região com os Mayé e os atuais Palikur. Sendo que os Mayé geralmente são associados aos povos pescadores-coletores que habitavam os mangues da costa norte do Amapá, tendo sido exilados para essa região pelos Palikur ajudados pelos Yayo (Rostain, 1994; Pascual-Gaborit 2000). Tanto Goeldi (1905) como Nimuendajú (2004[1923]) sugeriram uma possível correlação entre os materiais encontrados na costa do Amapá com os Mayé, contudo essa relação se dá principalmente na sobreposição de territórios. A contemporaneidade entre os Mayé e Palikur pode ser visualizada tanto nos documentos históricos como no levantamento das missões jesuíticas realizado por Gallois (2008), onde a autora cita uma missão implantada no Urucaua que reunia grupos Mayé e Palikur. Dada essa contemporaneidade vemos que esses povos acabam ficando, cronologicamente, muito distantes dos antigos caçadores-coletores dessa região.

Já os atuais Palikur se encontram de forma muito mais frequente nas correlações com os vestígios arqueológicos da fase Aristé, sendo citados por Nimuendajú (2004 [1925]), Linné (1928), Hilbert (1957), Green, Green, & Neves (2003), van den Bel (2009a; 2009b) e Saldanha & Cabral (2014).

Van den Bel (2009a) retoma a discussão sobre as confederações com base em documentos históricos, ao sugerir que existiram na área do baixo Oiapoque duas confederações, uma formada por pelos grupos Yayo, Maraon, Arawak e Caripou, chefiada pelo chefe Caripou *Anacaioury*, tendo como inimiga uma confederação Caribe, chefiada pelo chefe Caribe *Camaria* de Caiena, que, por sua vez, eram também inimigos dos Mayzer (Mayés?). Essas confederações também agrupavam índios recém chegados do Orenoco e do baixo Amazonas, mas que por fim, no século XIX, todos acabaram sendo assimilados aos Palikur atuais.

Visto que os atuais Palikur são uma mistura étnica recente, Van den Bel (2009b) afirma que a relação da cerâmica pré-colombiana com estes povos, feita de forma direta, é enganosa, mas reconhece ser inegável a sua existência. Portanto, sendo confirmada a presença de confederações pan-tribais em tempos históricos somada à grande homogeneidade vista no registro arqueológico, com uma grande área de ocorrência de cerâmica Aristé, até o momento, podemos sugerir que essas confederações já existissem nos tempos pré-colombianos.

Essa confirmação pode ser positivada através de maiores informações do registro arqueológico, como por exemplo, através do achado de vestígios cerâmicos filiados à fase Aristé em locais importantes da memória dos povos Palikur, relacionados aos conflitos entre estes e os Galibi, como foi feito por Green, Green & Neves (2003).

Ainda sobre a presença das confederações, Pascual-Gaborit (2000) sugere que os povos produtores da cerâmica da fase Aristé pudessem ter relações de alianças com os povos produtores das cerâmicas Marajoara, uma vez que o autor reconheceu semelhanças entre ambas as cerâmicas, e sugerindo os conflitos entre confederações, o autor propõe que as confederações dos antigos Palikur, representadas pelas cerâmicas da fase Aristé, teriam como possíveis inimigos os Kaliña e os grupos da fase Koriabo.

Desta forma, pensando sobre a grande representatividade espacial dos povos produtores da cerâmica Aristé, van den Bel (2009b: 52) afirma que o registro arqueológico dessa fase, “ao apresentar elementos decorativos repetitivos em áreas geográficas específicas”, “pode refletir marcadores culturais como etnicidade, parentesco e status social do morto”. O que nos possibilita interpretar que esta fase arqueológica, uma vez que consideramos a existência de diferentes grupos integrando uma confederação, possa servir como um dos elementos de ligação e autoidentificação dessa confederação.

Concordando com essa ideia de ligação de grupos, temos a proposta de uma “gramática” de sítios funerários da fase Aristé elaborada por Saldanha & Cabral (2008; 2012; 2014), onde, através da comparação dos contextos individuais de diferentes tipos de sítios funerários e/ou cerimoniais, os autores observam que apesar das diferenças físicas desses tipos de sítios, podendo ser construídos ou naturais, os tipos de depósitos encontrados parecem obedecer um mesmo padrão, ressaltando ainda a manutenção da presença dos mortos através das diferentes composições das urnas. A presença dos mortos

está diretamente relacionada com a ideia de visibilidade e visitação dos sítios, como apresentado pelos autores, haja vista ser sugerido que estes sítios, por serem monumentos ou monumentalizados pela prática, possam representar marcos na paisagem possuindo um importante “papel na construção e manutenção das estruturas sociais que organizavam estes grupos” (SALDANHA & CABRAL, 2012a: 49), se apresentando então como um elo de fortalecimento dessa possível confederação Aristé.

Apesar da grande gama de informações, observada durante os levantamentos bibliográficos, foi verificada a existência de uma lacuna referente à compreensão dos contextos domésticos da fase Aristé, principalmente no que tange a caracterização de seu mobiliário cerâmico, uma vez que a proposta de mudança de um tipo cerâmico simples (Ouanary Encoché) para um mais elaborado (Enfer Polychrome) se deu, especialmente, com base na análise de vestígios oriundos de contextos cerimoniais/funerários, gerando, desta forma, a questão norteadora deste projeto que é: ***o mesmo padrão cerâmico encontrado nos sítios cerimoniais se mantém para os sítios habitacionais?*** Da mesma forma, também foi verificado uma relativa ausência de descrições mais detalhadas sobre a forma com que esse mobiliário se apresenta no registro arqueológico que compõe os sítios habitacionais.

Portanto, uma vez tendo apresentado os resultados obtidos durante o levantamento, bem como, as lacunas referentes à compreensão dos contextos domésticos da fase Aristé, passamos a seguir para a descrição e análise dos sítios em estudo no presente trabalho, nomeadamente os sítios AP-OI-06: Ponte do Oiapoque, AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1 e AP-CA-48: Ponte do Torrão, localizados na costa atlântica do estado do Amapá, nos municípios de Calçoene e Oiapoque, escavados em área ampla, através do emprego do método de escavação por decapagem mecânica, no âmbito da arqueologia preventiva. Buscando contribuir para o preenchimento dessas lacunas, nos baseamos em métodos de análise que possibilitassem a caracterização dos vestígios cerâmicos e do contexto deposicional destes sítios, para que, desta forma, fossem elaboradas as suas tipologias e posterior análise espacial.

Com base na tipologia de sítios alcançada anteriormente, pode-se sugerir que os sítios AP-OI-06 e AP-CA-48 sejam do tipo habitação a céu aberto associada a polidores, enquanto que o sítio AP-CA-41 é caracterizado por ser uma habitação a céu aberto, todas compostas por vestígios líticos e cerâmicos. Concordando com o proposto por Meggers

& Evans (1957), Rostain (1994) e Saldanha & Cabral (2014), os três sítios se encontram sobre elevações naturais, próximas de uma fonte constante de água.

Como resultado da análise cerâmica, foi observado que o mobiliário cerâmico que compõe os três sítios em estudo é caracterizado, principalmente, por fragmentos de vasilhas com pouca possibilidade de remontagem de formas completas e com erosão parcial de suas superfícies. Através da análise e reconstituição gráfica das formas das vasilhas, foi observado no sítio AP-OI-06, através das amostras analisadas, uma ocorrência de 633 vasilhas, enquanto que nos sítios AP-CA-41 e AP-CA-48 foi encontrado um total de 58 e 34 vasilhas, respectivamente, gerando um total de 725 vasilhas analisadas.

Essas vasilhas são caracterizadas por tempero mineral, quartzo ou granito moído, ambos podendo ocorrer de forma isolada ou combinados com caco moído, resultando em uma mistura de pasta de textura média (inclusões entre 15 e 50%) ou fina (abundância das inclusões menor que 15%). Em relação à coloração da pasta dos vasilhames, como resultado de queima incompleta em atmosfera oxidada, foi observada principalmente a ocorrência de colorações que variam de tons de bege, com menor ocorrência de colorações que variam de laranja à vermelha clara, ambas apresentando núcleo de coloração escura.

Em relação à técnica e manufatura das vasilhas foi observada a predominância da técnica de sobreposição de roletes, contudo, ao analisar uma amostra de bases do sítio AP-OI-06, verificamos que estas podem ser construídas tanto através de modelagem como através do roletado. A modelagem também foi encontrada na decoração dos vasilhames através da fixação de apliques ou roletes modelados.

Sobre a finalização da superfície dos vasos, foi observada a predominância de superfícies bem alisadas, tendo a ocorrência, em menor proporção de superfícies alisadas, podendo ser rugosas. No geral, as superfícies não apresentaram estrias de alisamento.

Em relação às dimensões das vasilhas, uma vez que a nossa amostra se constitui principalmente de bordas, iremos apresentar os resultados relacionados ao diâmetro de abertura da boca dos vasilhames em conjunto com a espessura média das bordas. Desta forma, como resultado do diâmetro, verificamos que o diâmetro de abertura das vasilhas tende a se concentrar nas variações de 11-20 cm e 21-30 cm, com uma média de 21,5 cm,

e que a espessura média das bordas se concentra nas variações de 4-6 mm e 7-9 mm, com média de 6,4 mm.

Em relação à decoração das vasilhas, foi observado que a maior parte da amostra é caracterizada por vasilhas não decoradas, contudo, nos casos em que essa ocorre, verificamos que ela se apresenta principalmente na forma de banhos, incisões e modelagens, mas as incisões são mais frequentes nos três sítios. Desta forma, os tipos de decoração encontrados em maior frequência são: banho monocromático vermelho, incisões retilíneas em linhas curtas, incisões retilíneas em linhas longas e flange, existindo algumas variações em cada sítio com ocorrência de digitado, incisões curvilíneas em linhas longas ou curtas, linhas de incisões tracejadas, ponteados, unglado e apliques mamiliformes.

Como resultado da análise da forma das vasilhas, com base na tipologia cerâmica da fase Aristé que vem sendo elaborada no NuPArq/IEPA, observamos a existência de 11 tipos cerâmicos, sendo estes tipos referentes às formas: A – Jarro com colar; B – Jarro com pescoço, borda espessa; C – Tigela aberta; D – Tigela levemente carenada com borda infletida; E – Tigela com boca restringida; G – Pequeno jarro arredondado com borda infletida; H – Jarro largo, borda direta, pescoço longo; I – Tigela carenada com boca restringida; J – Prato; L – Banco e M – Tigela naviforme, contudo as formas com maior ocorrência foram as formas: C, E e B. Vale ressaltar que a Forma G teve uma ocorrência representativa nos sítios AP-OI-06 e AP-CA-41, e que as formas D, H e J, também apresentaram uma ocorrência representativa, mas apenas no sítio AP-OI-06.

Portanto, com base nesses resultados, podemos responder a principal questão colocada neste projeto, apresentada anteriormente, da seguinte forma: ***Apesar de termos encontrados algumas variações nas decorações e formas dos vasilhames encontrados nos três sítios, não podemos afirmar que exista uma mudança de estilos cerâmicos nos sítios domésticos da fase Aristé como foi observado nos sítios cerimoniais/funerários, sendo verificada, portanto, uma homogeneidade tecnológica, morfológica e decorativa dessas cerâmicas.***

Uma vez que o sítio AP-OI-06: Ponte do Oiapoque foi ocupado desde 850 d.C. a 1050 d.C., caracterizando a sua longa duração, pode ser sugerido que as principais variações encontradas no seu mobiliário cerâmico resultariam da sua longa duração. Contudo, devido a possibilidade de que esses sítios sejam contemporâneos, ressaltamos

a necessidade de mais datações e também da análise do material de mais sítios desse tipo para poder comprovar, ou refutar, essa afirmação.

Assim, respondida a principal questão colocada neste estudo, passamos, então, para a busca de informações mais detalhadas e que possibilitem maior compreensão sobre os contextos habitacionais/domésticos da fase Aristé.

O método de escavação por decapagem mecânica, empregado no resgate destes três sítios, tem como principal ponto positivo, a produção de informações suficientes para o estudo e compreensão de sítios em tamanha escala que geralmente não são possíveis através dos métodos tradicionais, ou que para alcançá-los por estes seriam necessários muitos meses, até anos, de trabalho e altos custos. Se apresentando como uma alternativa ideal para o estudo das atividades realizadas no passado, principalmente quando estamos tratando de contextos habitacionais/domésticos, onde temos amplas áreas de dispersão de vestígios arqueológicos.

Desta forma, com ênfase na busca pelas relações sociais domésticas através do estudo da cultura material, realizamos a análise espacial dos três sítios em estudo, onde a partir da análise dos artefatos arqueológicos em conjunto com a distribuição espacial das suas estruturas, buscamos o levantamento de inferências sobre as áreas de atividades contidas em seu interior.

Como resultado da escavação destes sítios e da tipologia de estruturas, foi verificado que os sítios habitacionais/domésticos da fase Aristé são compostos, principalmente, por dois tipos de estruturas antrópicas: buracos de poste e fossas. Sendo que tanto o sítio AP-CA-41 como o sítio AP-CA-48 apresentaram estruturas de argila queimada, as quais foram ausentes no sítio AP-OI-06. Contudo, este último apresentou maior variedade de estruturas, sendo encontrada estruturas de fossas com vasilhas, poços e um fosso.

Através da espacialização dessas estruturas antrópicas, observamos a ocorrência de concentrações de buracos de poste, interpretadas por nós como casas e que, apesar de não representarem a delimitação real das casas, mantivemos a sua nomeação como casas para evitar confusões devido ao uso constante do termo concentração durante a descrição da análise espacial. Assim, encontramos três casas no sítio AP-OI-06, com diâmetro médio de 22,5 m; duas casas no sítio AP-CA-41, com diâmetro médio de 25 m; e 3 casas no sítio AP-CA-48, com diâmetro médio 18 m. Através da dispersão total de vestígios

cerâmicos na superfície dos três sítios, foram verificadas concentrações de vestígios nas zonas periféricas dessas casas, bem como sobre as áreas onde foram encontradas as estruturas de fossas, possibilitando sugerir a limpeza da superfície desses sítios, resultando nessas concentrações de materiais.

No sítio AP-OI-06, também verificamos grandes concentrações de vestígios cerâmicos sobrepostas às áreas onde se encontravam as estruturas de poços e fosso. Enquanto que nos sítios AP-CA-41 e AP-CA-48, também foi verificada a concentração de vestígios no entorno das estruturas de argila queimada, o que nos levantou a questão sobre quais os tipos cerâmicos que se encontravam dispersos no entorno dessas estruturas e se esses poderiam estar relacionados com o preparo de alimentos por cocção.

Tendo verificado esses padrões de dispersão de fragmentos cerâmicos, optamos, então, pela espacialização dos diferentes tipos cerâmicos encontrados na superfície destes sítios, da mesma forma também verificamos quais tipos cerâmicos ocorriam no interior de cada tipo de estrutura, buscando encontrar padrões de deposição que possibilitassem inferir as suas funções.

Iniciando pela tipologia de estruturas, verificamos que as estruturas antrópicas que apresentaram fragmentos cerâmicos em seu interior, gerando amostras possíveis de serem analisadas no presente estudo foram: buraco de poste, fossa com vasilha, fossa, fosso e poço.

As estruturas de buracos de poste, como já apresentado neste tópico, geralmente representam o negativo dos postes/esteios das estruturas das casas. Em seu interior é comum serem encontrados fragmentos cerâmicos e também blocos de granito, estes últimos utilizados como calage para fixação dos postes. Apesar do fato de que os fragmentos cerâmicos no interior dessas estruturas possam também estar relacionados ao seu uso como calage, sugerimos no presente estudo que eles estejam relacionados com a percolação do sedimento da superfície de ocupação para o seu interior.

As estruturas de fossas, podendo ser divididas em fossas com plano de topo arredondado ou com plano de topo retangular, encontradas nos três sítios em estudo, geralmente tiveram como uso inferido a função de lixeiras de refugio, sendo compostas principalmente por fragmentos cerâmicos, lítico lascado, lítico polido e blocos de granito. Da mesma forma, as estruturas interpretadas como poços, por seu formato semelhante ao dos poços encontrados por Goeldi (1905) no Cunani e por Cabral & Saldanha (2007a) em

Calçoene, também tiveram como função inferida o seu uso como lixeiras, apresentando composição semelhante às das fossas.

Tanto as fossas retangulares quanto os poços, como sugerido por van den Bel (2010) e Saldanha & Cabral (2009c), poderiam ter seu uso primário relacionado com o sepultamento primário, como forma de preparação do corpo para o sepultamento secundário, mas que após terem cumprido essa função poderiam ter se tornado lixeiras, como observado no registro arqueológico dos três sítios.

Em relação às lixeiras, vale ressaltar que Deboer & Lathrap (1979: 111), ao descrever os diferentes antiplásticos das cerâmicas Shipibo-Conibo identificaram como segundo tipo de antiplástico mais frequente o caco moído, o qual também se encontra como um dos tipos de antiplástico mais utilizado nas cerâmicas domésticas da fase Aristé, sugerindo, da mesma forma que verificado por estes autores, uma reciclagem das vasilhas quebradas. Contudo, de relevante interesse para a descrição das fossas, temos a afirmação desses autores de que, uma vez observada a preferência por cerâmicas arqueológicas para serem utilizadas com antiplástico, “a presença de refugos arqueológicos é um dos fatores principais na localização dos assentamentos” (id.). Através desta perspectiva, podemos sugerir que essas estruturas de fossas e poços que foram interpretadas como lixeiras, podem ser pensadas também como uma espécie de armazém de matéria-prima. Essa ideia é positivada também pela presença de blocos de granito ou líticos em seu interior, visto que os antiplásticos das vasilhas dos sítios domésticos Aristé são compostos por minerais (quartzo e granito), isolados ou combinados com caco moído.

Buscando não ser extremamente simplista e funcionalista ao interpretar essas estruturas, vale ressaltar, também, a proposta de Barreto (2014: 124-125) da existência de bolsões de memória, caracterizados por estruturas escavadas compostas por “terra preta, carvões e muitos fragmentos de cerâmica decorada que parecem ter sido cuidadosamente escolhidos e propositalmente enterrados”, sugerindo a “relação entre estas peças e a memória dos lugares ocupados”. Contudo, como sugerido pela autora, e temos que repetir, estes bolsões são compostos por *fragmentos de cerâmica decorada, cuidadosamente escolhidos*. Essa relação parece estar ausente nas estruturas de fossas e poços, bem como nas concentrações superficiais de cerâmica nos sítios em estudo.

Essa ideia de bolsões de memória, nos remete ao conceito de *bundle*, que pode ser traduzido como pacote, conjunto ou agrupamento, proposto por Pauketat (2013), onde,

como sugerido Barreto (2014) a abertura desses bolsões permite contar a história dos lugares onde se encontram. Contudo, Pauketat (2013) vai além do agrupamento de coisas para o agrupamento de povos [humanos e não-humanos], lugares e tempos [esses representados tanto por fatores naturais como profundidade cronológica]; demonstrando o caráter relacional destes, os quais nos propiciam ver “continuidade e mudança como um mesmo e único fenômeno, produzido através da mediação de relações em constante mudança e cruzando ritmos de coisas em movimento” (PAUKETAT, 2013: 55).

Portanto uma vez que possamos pensar em *bundles*, temos também a proposta de alteração de contextos deposicionais da fase Arísté através de revisitas dos sítios, como proposto por Saldanha & Cabral (2012; 2014) para os sítios cerimoniais e/ou funerários, o que pode nos remeter também à proposta de recuperação de vestígios depositados nas habitações de Çatalhöyük feita por Hodder (2006: Cap. 7), onde “os principais trabalhos simbólicos envolviam esconder e revelar itens”, definindo ancestralidade e identidade, bem como, os ciclos de vida e trocas (id.: 183).

Assim, mudando o foco das fossas e poços, para as fossas com vasilhas depositadas, podemos pensar que, apesar de não representar um padrão material através das vasilhas depositadas, a forma de deposição por si só apresenta um padrão. Vale ressaltar aqui, que também no sítio AP-CA-18: Rego Grande, de caráter cerimonial e funerário, também foram encontradas deposições deste tipo, o que já demonstra o caráter simbólico deste tipo de deposição. Dando continuidade, as vasilhas que foram depositadas nos sítios domésticos em estudo, no geral, já se encontravam quebradas, com ausência de pedaços e as que possuíam apliques tiveram os mesmos removidos. Vale ressaltar aqui que uma das estruturas desse tipo continha um crânio no interior da vasilha que se encontrava depositada na fossa.

É, portanto, através desta visão interpretativa relacional que estamos pensando as estruturas de fossas com vasilhas, pois apesar de já estarem quebradas no momento de deposição, elas não foram descartadas em conjunto com os outros refugos, sugerindo que as suas histórias de vida possam ter lhes atribuído valor simbólico, ocasionando na sua diferente forma de deposição. Essa interpretação é reforçada pela longa duração do sítio AP-OI-06, o único que apresentou este tipo de depósito, e que através da sua longa duração a deposição diferencial dessas vasilhas poderia sugerir o estabelecimento ou fortalecimento das relações sociais deste sítio doméstico.

Ainda sobre o sítio AP-OI-06, temos a estrutura de fosso, a qual pode vir a ser confirmada como um fosso defensivo semelhante aos já documentados nos trabalhos arqueológicos do Amapá e da Guiana Francesa. Pelo fato de que o sítio AP-OI-06 está localizado próximo do limite norte da área de concentração de sítios da fase Aristé e concordando com a existência de duas confederações em guerra, pode-se sugerir que este fosso estivesse relacionado com esses conflitos. Contudo, de maior interesse para esse trabalho, é que, através do corte estratigráfico deste fosso, foi observado que ele também passou a ter um uso secundário, da mesma forma que as estruturas de poço e fossa retangular. Portanto, mesmo sugerindo a existência anterior de conflitos, estes parecem ter se dissolvido, ocasionando no abandono da sua função primária, para que em seguida passasse a ter uma função secundária, servindo como lixeira através de diferentes momentos de deposição de refugo ou, como proposto para as estruturas de fossas e poço, um armazém de matéria prima para manufatura de novas vasilhas cerâmicas.

Assim, observada a ausência de um padrão de ocorrência de tipos cerâmicos específicos no interior das estruturas dos três sítios em estudo, buscamos inferências funcionais desses tipos possibilitando, através da dispersão desses tipos nas suas superfícies, a identificação de áreas de atividades.

Após inferir os usos para cada tipo morfológico encontrado, verificamos a ocorrência de uma mesma função para diferentes formas cerâmicas. Assim, isolando os tipos que tiveram função simbólica atribuída, reagrupamos esses tipos morfológicos em três principais tipos funcionais: cocção, servir/consumo e transporte/armazenamento. Foi através destes tipos funcionais que elaboramos os mapas de dispersão.

Como principal resultado dos mapas de dispersão dos tipos funcionais, foi observado que, no geral, os diferentes tipos tendem a ocorrer nas mesmas áreas em que foram observadas maiores concentrações do total de fragmentos cerâmicos, sugerindo, portanto a limpeza da superfície destes sítios com pontos definidos como áreas de descarte.

Contudo, as diferentes densidades de cada sítio sugerem que algumas atividades estivessem ocorrendo no interior de algumas casas e não em outras. Iniciando pelo sítio AP-OI-06, foi verificado que nas casas norte e sul foram identificadas a ocorrência dos três tipos funcionais, enquanto que no interior da casa leste foram encontradas apenas vasilhas com função relacionadas às atividades de cocção e servir/consumo. No sítio AP-

CA-41, foi observado na casa norte a existência de concentrações de vasilhas relacionadas aos atos de cocção e servir/consumir, sendo que sobre o piso de argila queimada encontrado no interior desta casa só encontramos a ocorrência de vasilhas relacionadas ao ato de servir/consumir, por outro lado, na casa sul, o único tipo de vasilha encontrado em seu interior foram aquelas relacionadas ao ato de servir/consumo, enquanto que as vasilhas de cocção e transporte/armazenamento foram encontradas na periferia externa dessa casa sobre um conjunto de estruturas de fossas. E, para finalizar, no sítio AP-CA-48, observamos a ocorrência dos três tipos funcionais na casa leste, nas proximidades da estrutura de argila queimada, e na casa norte foi encontrada também a ocorrência desses três tipos funcionais, mas de forma mais dispersa. Por outro lado, na casa oeste, praticamente não foram encontradas vasilhas em seu interior, sendo que a única ocorrência, de tipos funcionais relacionados à cocção, está associada a uma mancha que se encontra dividida entre esta e a casa norte. Neste sítio foi observada a ocorrência de uma mancha de vasilhas relacionadas ao transporte/armazenamento entre as três casas.

Concordando com a ideia de que os povos da fase Aristé fossem representados por uma confederação pan-tribal ou clânica e com base na relativa padronização dos sítios domésticos, apesar da ausência de uma grande gama de datações, pode ser sugerido que a dispersão dos sítios no espaço e as suas diferentes composições materiais, como quantidade de cerâmicas e estruturas, bem como, o seu tempo de ocupação, possam estar relacionadas a sua localização no interior da área de controle dessa confederação, representada pela área de maior ocorrência de sítios da fase Aristé.

Uma vez que o sítio AP-OI-06 se encontraria próximo ao limite norte dessa área de controle, a sua composição mais complexa – maior quantidade e diversidade de cerâmicas e estruturas e a sua longa duração – poderia ser explicada pela necessidade de demarcação do território frente a sua instabilidade e pressão sofrida por parte dos grupos vizinhos. Enquanto que a composição mais simples dos sítios AP-CA-41 e AP-CA-48, por se encontrarem mais ao interior da área de controle dessa confederação, poderiam caracterizar assentamentos de menor duração ou ocupados sucessivas vezes por grupos menores. Essa proposta, apesar de elaborada de forma atemporal devido à ausência de datações, se contrapõe ao modelo de habitações maiores ou menores separadas por um marco temporal, contudo ao nosso ver se aproxima mais da complexa dispersão espacial de sítios e das diferentes formas de se relacionar com o espaço observadas na área dessa confederação.

Para finalizar essas considerações, observamos que as cerâmicas encontradas nos três sítios domésticos se assemelham às encontradas no sítio cerimonial/funerário AP-CA18, tanto em suas formas como nas suas técnicas de construção e decoração. As principais diferenças observadas estão relacionadas ao tipo de antiplástico, visto que nesse sítio o antiplástico mais presente é o quartzo moído ocorrendo de forma isolada. Outro ponto de diferenciação entre as cerâmicas desses sítios está relacionado ao diâmetro de abertura das suas bocas, uma vez que as vasilhas analisadas no presente estudo apresentam uma média de 21,5 cm e aquelas encontradas no sítio AP-CA-18 apresentam uma média de 31,5 cm. As diferenças de diâmetro observadas podem estar relacionadas com a socialização destes grupos, uma vez que nos sítios domésticos foi observada a presença de vasilhas de menor dimensão e a realização dos diferentes tipos de atividades relacionadas ao preparo e consumo de alimentos no interior das casas, podendo ser resultado de maior individualização nestes contextos em contraposição aos contextos cerimoniais/funerários que, uma vez pensados como elos de fortalecimento dessa confederação, poderiam representar momentos de maior coletividade dos grupos, reforçando os laços que mantinham essa confederação. Contudo, apesar da possível coletividade neste contexto, foi verificado tanto através das urnas funerárias como através das decorações contidas nelas, que esses sítios poderiam representar a individuação de pessoas específicas que contribuíram para a manutenção dessa confederação através da reativação dos laços que elas estabeleceram em vida.

Para concluir este estudo, podemos afirmar que as cerâmicas da Fase Aristé são persistentes, com uma ocorrência de mais de um milênio, e localizadas, com concentração de sítios indo do rio Araguari no Amapá, Brasil, até o rio Approuague, Guiana Francesa, com uma área de influência máxima, indo desde Macapá, Brasil, até Caiena, Guiana Francesa.

As cerâmicas oriundas de contextos cerimoniais/funerários dessa Fase, como sugerido por Meggers & Evans (1957), Rostain (2011) e Saldanha & Cabral (2014), tendem a se encontrar divididas em dois períodos principais, marcados pelos tipos Ouanary Encoché, caracterizado por tempero mineral e decorações incisas, ocorrendo do início da era cristã até 1100 d.C., e Enfer Polychrome, caracterizado por tempero de caco moído e decoração pintada, de 1100 d.C. até a conquista europeia, sendo que as cerâmicas do segundo período tendem a sofrer algumas modificações a partir do contato com os

européus, bem como assimilação de objetos de origem europeia. Por outro lado, como observado através deste estudo, as cerâmicas de contextos habitacionais/domésticos se apresentam de forma estável, obedecendo um mesmo padrão de elaboração tecnológica, com algumas alterações morfológicas e decorativas localizadas.

Através do levantamento foi observada uma grande variedade de tipos de sítios filiados à essa Fase, tanto cerimoniais como domésticos. Em relação aos sítios cerimoniais, Saldanha & Cabral (2012, 2014) sugerem a semelhança de seus contextos, onde apesar das diferenças locais e das características físicas constituintes, os sítios parecem ser idealizados da mesma forma em seu conteúdo, apresentando cerâmicas e deposições semelhantes.

Essa hipótese nos parece consistente com a elaborada por Rostain (2012), onde a fase arqueológica Aristé seria a representação material de uma confederação pan-tribal, ou clânica, na qual os sítios funerários seriam “espelhos” das reuniões e alianças intertribais destes grupos, uma vez que esses sítios poderiam ter o objetivo de unificar diferentes grupos. O mesmo parece ser representado pelas práticas de revisitação destes sítios em diferentes momentos, como sugerido por Cabral & Saldanha (2012, 2014), constituindo-os como um elo de fortalecimento dessa possível confederação Aristé.

De forma comparável à padronização dos contextos cerimoniais, observamos uma padronização de técnicas de produção cerâmica nos sítios domésticos, o que pode sugerir que mesmo com a possibilidade dessas confederações serem formadas por diferentes grupos, a sua técnica de produção cerâmica poderia representar, também, um elemento de ligação e autoafirmação.

Através da geração de mapas de dispersão do total de cerâmicas em conjunto com os mapas de dispersão dos tipos funcionais, somados à variada composição das estruturas inferidas como lixeiras ou armazéns de matéria prima, pôde ser observado que apesar das atividades relacionadas ao consumo, cocção e armazenamento de alimentos pudessem estar sendo realizadas no interior das casas, o seu padrão de deposição final sugere a limpeza destas superfícies com deposição dos refugos em áreas previamente definidas.

Pensando na ideia de deposição e recuperação de vestígios, tanto para a elaboração de novas cerâmicas como para a manutenção e autoafirmação da confederação ou de indivíduos e grupos dentro dessa confederação podemos sugerir que nos contextos

domésticos da fase Aristé a prática de enterrar não é uma prática de descarte, uma vez que a sua recuperação é possibilitada.

Por fim, compreendemos que esse estudo é apenas o início dos trabalhos em sítios domésticos da fase Aristé e que as propostas aqui apresentadas ainda precisam ser positivadas ou refutadas com base em um conjunto maior de dados, sendo estes: mais datações deste tipo de contexto; análises que englobem uma maior variedade de vestígios; análises individuais de cada tipo de estrutura considerando a sua composição total, realização de estudos etnoarqueológicos, estudos das composições decorativas das cerâmicas de origem tanto habitacional/doméstica como de origem cerimonial/funerária, entre outros. Assim, com base nos resultados obtidos através do presente estudo que iremos direcionar as pesquisas futuras, buscando encontrar as especificidades e semelhanças desses grupos que na sua longa e estável duração ocuparam e transformaram a região que hoje compreendemos como a costa atlântica do Amapá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, D. T.; SCHAAN, D. P. 2011. Os bancos de cerâmica marajoara: seus contextos e possíveis significados simbólicos. *Amazônica: Revista de Antropologia*, v. 3, pp. 108-141.
- ARCELIN, P. & RIGOIR, Y. 1979 Normalization Du dessin em Ceramologie. *Méthodes & Techniques* (1). ADAM, Lambesc. 36 p.
- BARTONE, R.N., & VERSTEEG, A.H. 1997. The Tanki Flip Features and Structures. In *The Archaeology of Aruba: The Tanki Flip Site*, A.H. Versteeg and S. Rostain (eds.), 23-126. Oranjestad: Archaeological Museum Aruba and the Foundation for Scientific Research in the Caribbean Region.
- BARRETO, C. 2014. Modos de figurar o corpo na Amazônia précolonial. In: Stéphen Rostain. (Org.). Antes de Orellana. Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica. 1 ed. Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos, 2014, v. 1, p. 123-132.
- BETTS, M.E. 1966. Conference on Mechanical Aids in Excavation. in *Kent Archaeological Review*. Issue 3 – Spring. p. 19. Disponível em: http://cka.moon-demon.co.uk/KAR3AND4/KAR3AND4_mechanical.htm. Acesso em: 10 de dezembro de 2015.
- BRÜCK, J., 1999. Ritual and rationality. Some problems of interpretation in European archaeology. *European journal of archaeology* 2(3), 313–44.
- BSR. 2007. Archéologie de la Guyane française: historique des recherches, résultats récents (1991-2006), faiblesses, forces, avancées et perspectives. *Bilan scientifique de la région Guyane 2004-2005*, DRAC. Cayenne: Service Régional de l'Archéologie: 96-160.
- CABRAL, M. P. & SALDANHA, J. D. M. 2006. *Projeto de Investigação Arqueológica na Bacia do Rio Calçoene e seu Entorno, AP: Primeiro Relatório Semestral*. Macapá: IEPA. 28 p.
- _____. 2007a. *Projeto de Investigação Arqueológica na Bacia do Rio Calçoene e seu Entorno, AP: Segundo Relatório Semestral*. Macapá: IEPA. 81p.
- _____. 2007b *Projeto de Investigação Arqueológica na Bacia do Rio Calçoene e seu Entorno, AP: Terceiro Relatório Semestral*. Macapá. IEPA. 27 p.
- _____. 2007c. *Projeto de investigação arqueológica na Bacia do Rio Calçoene e seu entorno, AP: Quinto relatório semestral*. Macapá: IEPA. 15 p.
- _____. 2008a: Paisagens Megalíticas na Costa Norte do Amapá. *Revista de Arqueologia* (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso), v. 21: 3-20, 2008.
- _____. 2008b. *Projeto de Investigação Arqueológica na Bacia do Rio Calçoene e seu Entorno, AP: Relatório Final*. Macapá, IEPA. 107 p.
- _____. 2010a. Ocupações pré-coloniais no Setor Costeiro Atlântico do Amapá. Edithe Pereira; Vera Guapindaia. (Org.). *Arqueologia Amazônica*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 2010, v. 1: 49-60

- _____. 2010b – *Projeto de Investigação Arqueológica na Bacia do Rio Calçoene e seu Entorno, AP: Sexto relatório*, Macapá: IEPA. 51 p.
- CABRAL, M.P. 2014. *No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belém. 262 p.
- CALDARELLI, S.B. 2001. O emprego de maquinário pesado na pesquisa arqueológica por contrato. *Revista do CEPA*, Santa Cruz, UNISC, 25 (33): 81-90.
- CÂMARA, G., MONTEIRO, A.M. DRUCK, S. & CARVALHO, M.S. 2002. *Análise Espacial e Geoprocessamento*. 2a edição. Disponível em <http://www.dpi.inpe.br/gilberto/tutoriais/analise/cap1.pdf>. Acesso em: 10 de dezembro de 2015.
- CAVE, J.B. & STOCKTON, J. (1979) Remote sensing for shipwreck location: or, all your problems solved. *Australian Archaeology*, no.9, 60-61
- CONDON, K.W. & EGAN, K.E. 1984. The Use of Power Equipment on Moderately Wooded Sites. *Journal of Field Archaeology* Vol. 11.
- CONOLLY, J. & LAKE, M. 2006. *Geographical Information Systems in Archaeology*. New York: Cambridge University Press.
- COUDREAU, H.A. 1887. *La France Équinoxiale: Voyage a travers les Guyanes et l'Amazonie*. Tome II. Paris: Challamel Ainé. 492 p
- COUTET, C.. 2009. *Archéologie du Littoral de Guyane Française*. Thèse (Doutorado em Archéologie) - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne).
- DEBOER, W. R. & LATHRAP, D. W. 1979. In: KRAMER, C. (eds.). *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archaeology*. New York: Columbia University Press. pp. 102-138.
- DRUMOND, J.A; Dias, T.C.A.C. e Brito, D.M.C. 2008. Atlas das Unidades de Conservação do Estado do Amapá. Macapá: MMA/IBAMA-AP; GEA/SEMA. 128p.:il
- EMERSON, T.E. & WALTHALL, J.A. 2006. Building on the Past: The Archaeology of Large-Scale Transportation-Related Corridors. In: Lonzy, Ludomir R. (eds.) *Landscapes Under Pressure: theory and practice of cultural heritage research and preservation*.
- EMERSON, T.E. WALTHALL, J.A. FORTIER, A.C. & MCEL RATH, D.L. 2006. Advances in American Bottom Prehistory: Illinois Transportation Archaeology Two Decades After I-270. *Southeastern Archaeology* Vol. 25, No. 2, Winter.
- GALLOIS, D.T. 2008. *Levantamento Histórico-Cultural: Parque Montanhas do Tumucumaque*. Brasília: MMA (Relatório de pesquisa), 195 p. Disponível em: <http://montanhasdotumucumaque.blogspot.com.br/p/mapas.html>. Acesso em: 10 de dezembro de 2015.
- GARROW, D. 2012. Odd deposits and average practice. A critical history of the concept of structured deposition', *Archaeological Dialogues*, 19: 85-115.

- GOELDI, E.A. 1905. Excavações Archeologicas em 1895. 1ª parte: As Cavernas Funerarias Artificiaes dos Indios Hoje Extinctos no Rio Cunany (Goanany) e sua Ceramica. *Série Memórias do Museu Goeldi*, Pará.
- GOMES, D. M. C. 2002. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE/USP*. São Paulo: EDUSP, FAPESP: 353 p.
- _____. 2008 *Cotidiano e Poder na Amazônia Pré-colonial*. São Paulo, EDUSP, FAPESP: 237.
- GREEN, L.F.; GREEN, D.; NEVES, E.G. 2003. Indigenous Knowledge and Archaeological Science: The Challenges of Public Archaeology in the Reserva Uaçá. *Journal of Social Archaeology*. 3 (3): 365-397.
- GRUPIONI, D.F. 2005. Tempo e Espaço na Guiana Indígena. In: *Redes de Relações nas Guianas*. D. T. Gallois (org.) - São Paulo: Associação Editorial Humanitas, Fapesp: 23-57.
- HILBERT, P.P. 1957. Contribuição à Arqueologia do Amapá: Fase Aristé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia*, n. 1, p. 1-37.
- HIRIART, M. 2012 - *La culture Aristé, les sites mégalithiques et les puits funéraires en Amazonie brésilienne (Amapá)*, Mémoire de Master 2, Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, Paris. 167.
- HODDER, I. 1985. Postprocessual archaeology. *Advances in Archaeological Method and Theory*, v. 8: 1-26.
- _____. 2006. Çatalhöyük. The Leopard's Tale. Revealing the Mysteries of Turkey's Ancient "Town". London, Thames & Hudson.
- JACQUES, C. C. 2008. Análise da cerâmica do Poço funerário 1. In: CABRAL, M.P. & SALDANHA, J.D.M. (Org.). *Projeto de Investigação Arqueológica na Bacia do Rio Calçoene e seu Entorno, AP: Relatório Final*. Macapá, IEPA. pp. 70-80.
- JIMENEZ, E. A. & TAKIYAMA, L. R. 2012. O Zoneamento Ecológico Econômico Costeiro no Estado do Amapá. In: *IEPA Contribuições para o desenvolvimento Sustentável no Amapá*. Augusto Oliveira; Larissa Gazel (organizadores). Macapá: GEA/IEPA. pp. 11-19.
- JULIANI, L.J.C.O. 2010. *Programa Arqueológico de Prospecção, Resgate e Educação Patrimonial. Ponte Internacional sobre o rio Oiapoque, na BR-156. Município de Oiapoque-AP: Relatório Final*. São Paulo: A Lasca. 243 p.
- LIMA, H. P.; BARRETO, C.; BETANCOURT, C. J. 2016. Novos olhares sobre as cerâmicas arqueológicas da Amazônia. In: Cristiana Barreto; Helena Pinto Lima; Carla Jaimes Betancourt. (Org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. 1 ed. Belém: IPHAN / Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016, p. 19-31.
- LIMA, T.S. 1996. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. *Mana*, 2 (2): 21-47.
- LINNÉ, S. 1928. Les Recherches Archéologiques de Nimuendajú au Brésil. *Journal de La Société des Américanistes*, Tome XX : 71-89.

- LINTON, R. 1944. North American Cooking Pots. *American Antiquity*. Vol. 9, No. 4, pp. 369-380.
- MARIETTE, P. and SANSON, N. 1660. *Cartes Generales De La Geographie Ancienne et Nouvelle Ou Les Empires, Monarchies, Royaums*, 2 vols, c. 1660. – Disponível em: <http://www.geographicus.com/P/AntiqueMap/Guiane-sanson-1656#sthash.O6hm6EJG.dpuf>. Acesso em: 10 de dezembro de 2015.
- MEGGERS, B.J. & EVANS, C. 1957. *Archeological investigations at the mouth of the Amazon*. Bull. American Ethnology Bull. 167. Washington, D.C.
- _____. 1970 *Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica: Manual para Arqueólogos*. Washington D. C. Smithsonian Institution.
- MESTRE, M. & HILDEBRAND, M. 2010. Un pont entre les âges Les fouilles archéologiques de Pointe Morne. *Une saison en Guyane*. 05 (Août): 42-45.
- MIGEON, G. 2012. Ouanary: Prospection – inventaire. *Bilan scientifique de la région Guyane 2008*, DRAC. Cayenne: Service Régional de l'Archéologie: 20-21
- NIMUENDAJÚ, C. 1986. 104 Mitos Indígenas Nunca Publicados. Rio de Janeiro: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 21, 1986. p. 86-88.
- _____. 2004. *In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region*, edited by Per Stenborg. Etnologiska Studier vol. 45, Världskulturmuseet i Göteborg, Göteborg.
- ODELL, H.G. 1992. Bewitched by Mechanical Site-Testing Devices. *American Antiquity*, Vol. 57, No. 4: 692-703.
- PASCUAL-GABORIT, J.-P., 2000. *La phase Marajoara et la phase Aristé. Essai d'analyse comparée Nord du Brésil, Guyane française*. Diplôme de l'EHESS, Paris.
- PAUKETAT, T. R. 2013. Bundles off/in/as time. In: *Big Histories, Human Lives: Tackling Problems of Scale in Archaeology*, Robb, J. and T. R. Pauketat (ed.) – School for Advanced Research Press, Santa Fe, New Mexico. pp. 35-56.
- RICE, P. 1987. *Pottery Analysis: A Source Book*. Chicago: University Chicago Press.
- ROCHA, L.S.; FERNANDES, O.V. & LUSTOSA, P.B. 2011. *Análise Espacial Através do Estimador de Intensidade Kernel para as Áreas Sujeitas a Riscos Hidrológicos no Município de Salvador-BA*. Disponível em: <http://www.meau.ufba.br/site/artigos/analise-espacial-atraves-do-estimador-de-intensidade-kernel-para-areas-sujeitas-riscos-hidro>. Acesso em: 10 de dezembro de 2015.
- ROSTAIN, S. 1994. *L'occupation Amérindienne Ancienne Du Littoral De Guyane*. Tese de Doutorado. Paris, Centre de Recherche en Archaeologie Precolombienne (CRAP), Université de Paris I. Pág. 412
- _____. 2011. Que Hay de NuevoAl Norte. Apuntes sobre el Aristé. *Revista de Arqueologia* (Sociedade de Arqueologia Brasileira), 2011. São Paulo: SAB, 2011, V. 24 nº 1. pg: 10-31.
- _____. 2012. Where the Amazon River Meets the Orinoco River. *Archaeology of the Guianas. Amazônica* 4 (1): 10-28.

- RYDÉN, S. 2004. Introduction by Stig Rydén. In *Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region*, edited by Per Stenborg. Etnologiska Studier vol. 45, Världskulturmuseet i Göteborg, Göteborg. pp. 14.
- SALDANHA, J.D.M. 2005. *Paisagem, Lugares e Cultura Material: uma Arqueologia Espacial nas Terras Altas do Sul do Brasil*. Porto Alegre: PPGH, PUC-RS.
- SALDANHA, J.D.M. & CABRAL, M.P. 2009a. *Projeto de Levantamento e Resgate Arqueológico ao Longo da Rodovia BR-156, Amapá. Trecho entre o Igarapé do Breu e Oiapoque: Segundo Relatório*. Macapá: IEPA. 24 p.
- _____. 2009b. *Projeto de Levantamento e Resgate Arqueológico na Área da Mina do Projeto Ferro Amapá (MMX): Relatório Final*. Macapá: IEPA. 115 p.
- _____. 2009c. *Relatório de Campo do Resgate do Sítio Arqueológico Ponte do Oiapoque*. Macapá: IEPA. 21p.
- _____. 2010. A Arqueologia do Amapá: re-avaliação e novas perspectivas. In: Edithe Pereira; Vera Guapindaia. (Org.). *Arqueologia Amazônica*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 2010, v. 1, p. 95-112.
- _____. 2012a. Potes e Pedras: uma gramática de monumentos megalíticos e lugares naturais na costa norte do Amapá. *Revista de Arqueologia*. v. 25 – n. 1: 44–53.
- _____. 2012b. *Projeto de Levantamento e Resgate Arqueológico ao Longo da Rodovia BR-156, Amapá. Trecho entre o Igarapé do Breu e Oiapoque*. Macapá: IEPA. 58 p.
- _____. 2014. A longa história indígena na costa norte do Amapá. *Anuário Antropológico/2013*, Brasília, UnB, 2014, v. 39, n. 2: 99-114
- SALDANHA, J.D.M.; SILVA, M.B.F.; CABRAL, M.P.; SILVA, D.E.F. 2010 Estudo das coleções cerâmicas do sítio AP-CA-18. In: CABRAL, M.P & SALDANHA, J.D.M. (org.). *Projeto de Investigação Arqueológica na Bacia do Rio Calçoene e seu Entorno, AP: Sexto relatório*, Macapá: IEPA. 2010. p. 17-42.
- SHEPARD, A. 1956. *Ceramics for the Archaeologist*. Vol. Publ. 609. Washington D. C.: Carnegie Institution of Washington.
- SILVA, F.A. 2008. Ceramic technology of the Asurini do Xingu, Brazil: an Ethnoarchaeological study of artifact variability. *Journal of Archaeological Method and Theory* v. 15(3):217-265.
- SILVA, M.B.F. 2011. *Análise Tipológica e Espacial do Sítio Arqueológico AP-OI-06, Extremo Norte do Amapá. Monografia de Especialização*. Monografia de Especialização. Universidade do Estado do Amapá - UEAP. Amapá. Brasil.
- SILVA, M.B.F.; SALDANHA, J.D.M. 2015. Análise intrassítio de aldeias relacionadas à Fase Aristé: Contribuições para uma *Household Archaeology* da Costa Atlântica do Amapá. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 20: 229-235.
- SINOPOLI, C. 1991 *Approaches to Archaeological Ceramics*. Washington D.C.: Plenum Press.

- STEWART, J.H. (Ed) 1948, *The Tropical Forest Tribes*, Washington, DC: Smithsonian Institution, 986 p.
- TAKIYAMA, L. R. & SILVA, U. R. L. 2009. Experiências na utilização de metodologias participativas para a construção de instrumentos de gestão costeira no Estado do Amapá. *Revista de Gestão Costeira Integrada* 9(2):33-45.
- TORRES, A. M.; EL-ROBRINI, M. 2006. Amapá. IN: MUEHE, (org), 2006. *Erosão e Progradacão do litoral Brasileiro*. Brasília: M.M.A. 475p.
- VACHER, S.; JEREMIE, S. & BRIAND, J. 1998. *Amerindiens du Sinnamary (Guyane): Archeologie en Foret Equatoriale*. 60. Paris: Maison des Sciences de l'Homme. 227 p.
- VAN DEN BEL, M. 2009a. The journal of Lourens Lourenszoon and his 1618-1625 stay among the Arocouros on the lower Cassiporé River, northern Amapá Sate, Brazil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 4 [2]: 303-317.
- _____. 2009b. The Palikur Potters: an ethnoarchaeological case study on the Palikur pottery tradition in French-Guiana and Amapá, Brazil - As Oleiras Palikur: um estudo de caso etnoarqueológico sobre a tradição cerâmica dos Palikur na Guiana Francesa e no Amapá, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, 4 [1]: 39-56.
- _____. 2010. A Koriabo site on the Lower Maroni river: results of the preventive archaeological excavation at Crique Sparouine, French-Guiana. In: Edithe Pereira; Vera Guapindaia. (Org.). *Arqueologia Amazônica*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 2010, v. 1, p. 61-93.
- _____. 2015. *Archaeological investigations between Cayenne Island and the Maroni river: a cultural sequence of western coastal French Guiana from 5000 BP to present*. Doctoral Thesis, Leiden University. Sidestone Press Dissertations: Leiden.
- VAN HORN, D.M., MURRAY, J.R. & WHITE, R.S. 1986. Some Techniques for Mechanical Excavation in Salvage Archaeology. *Journal of Field Archaeology*. Vol. 13.
- VIDAL, L.B. 2001. Mito, História e Cosmologia: as diferentes versões da guerra dos Palikur contra os Galibi entre os povos indígenas da Bacia do Uaçá, Oiapoque, Amapá. *Revista de Antropologia (USP)*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 117-148.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 1996. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, 2 (2): 115-144.
- WALKER, I.C. 1967 Excavation With a Backhoe. *Ontario Archaeology* No. 10. Pp. 12-17.
- WÜST, I. 1990. *Continuidade e Mudança: Para Uma Interpretação dos Grupos Ceramistas Pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso*. Tese de doutorado, USP.

ANEXOS

ANEXO 1

Sítios Aristé Identificados Através do Levantamento

Sítios Aristé Identificados Através do Levantamento

Nome	Tipo	Localização	Descobridor	Ano	Material	Referência
1 A-13: Matapí	Acampamento a céu aberto	Igarapé do Inglês	Betty Meggers & Clifford Evans	1949	Cerâmica	MEGGERS & EVANS, 1957
2 AP-CA-20: Rego Grande 3	Afloramento com fragmentos cerâmicos	Igarapé do Rego	Mariana Cabral & João Saldanha	2006	Cerâmica	CABRAL & SALDANHA, 2006
3 Uakaúy-Uné	Funerário	Rio Arucaú (Urucaúá)	Curt Nimuendajú	1925	Cerâmica	NIMUENDAJÚ, 2004
4 Rio Tartarugalzinho	Funerário a céu aberto	Rio Tartarugalzinho	Joaquim Magalhães	1873	Cerâmica / Ossos / Material Histórico	COUDREAU, 1887
5 B/Monte Mayé II	Funerário a céu aberto	Monte Mayé	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica / Lítico / Ossos / Material Histórico	NIMUENDAJÚ, 2004
6 Conceição do Cunani	Funerário a céu aberto	Igarapé da Roça	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica	NIMUENDAJÚ, 2004
7 Bom Jesus da Montanha	Funerário a céu aberto	Igarapé da Montanha	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica	NIMUENDAJÚ, 2004
8 Igarapé Matupiry*	Funerário a céu aberto	Estrada do Cassiporé com o Igarapé Matupiry	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica	NIMUENDAJÚ, 2004
9 Courbaril	Funerário a céu aberto	Rio Uaçá	Curt Nimuendajú	1925	Cerâmica	NIMUENDAJÚ, 2004
10 Coumarouman	Funerário a céu aberto	Rio Uaçá	Curt Nimuendajú	1925	Cerâmica	NIMUENDAJÚ, 2004
11 Ilha das Igaçabas	Funerário a céu aberto	Igarapé Grande	Peter Hilbert	1957	Cerâmica / Material Histórico	HILBERT, 1957
12 Sítio de Urnas	Funerário em abrigo rochoso	Monte Mayé	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica / Lítico / Ossos / Material Histórico	NIMUENDAJÚ, 2004
13 A/Monte Mayé I	Funerário em abrigo rochoso	Montanha da Pluma	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica / Ossos / Material Histórico	NIMUENDAJÚ, 2004; MEGGERS & EVANS, 1957
14 Montanha da Pluma	Funerário em abrigo rochoso	Monte Ukupi	Curt Nimuendajú	1925	Cerâmica	NIMUENDAJÚ, 2004
15 A-11: Montanha Aristé I	Funerário em caverna	Montanha Aristé	Betty Meggers & Clifford Evans	1949	Cerâmica	MEGGERS & EVANS, 1957

16	A-11: Montanha Aristé II	Funerário em caverna	Montanha Aristé	Betty Meggers & Clifford Evans	1949	Cerâmica / Lítico / Ossos	MEGGERS & EVANS, 1957
17	A-11: Montanha Aristé III	Funerário em caverna	Montanha Aristé	Betty Meggers & Clifford Evans	1949	Cerâmica / Ossos	MEGGERS & EVANS, 1957
18	Caripo	Funerário em caverna	Montagne Bruyère	Harcourt	1609	Cerâmica	ROSTAIN, 1994
19	Gravier	Funerário em caverna	Monts de l'Observatoire	Marcel Sébéloué	1989	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994
20	Trou Agae	Funerário em caverna	Montagne Bruyère	Marcel Sébéloué	1979	Cerâmica / Material Histórico	ROSTAIN, 1994
21	Trou Biche	Funerário em caverna	Montagne Bruyère	Marcel Sébéloué	1980	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994
22	Trou Coq de Roche	Funerário em caverna	Montagne Bruyère	Marcel Sébéloué	1978	Cerâmica	ROSTAIN, 1994
23	Trou Delft	Funerário em caverna	Montagne Bruyère	René Kokelinck e Hughes Petitjean Roget	1991	Cerâmica / Lítico / Material Histórico	ROSTAIN, 1994
24	Trou Reliquaire	Funerário em caverna	Montagne Bruyère	Roland Edouard e Hughes Petitjean Roget	1977	Cerâmica / Lítico / Ossos / Material Histórico	ROSTAIN, 1994
25	Carapa I	Funerário em caverna	Monts de l'Observatoire	David Cippe	1978	Cerâmica / Material Histórico	ROSTAIN, 1994
26	Enfer	Funerário em caverna	Monts de l'Observatoire	Marcel Sébéloué	1990	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994
27	Gros Montagne	Funerário em caverna	Monts de l'Observatoire	Marcel Sébéloué	1977	Cerâmica	ROSTAIN, 1994
28	Jarre Indien	Funerário em caverna	Monts de l'Observatoire	Lionel Sébéloué	1977	Cerâmica / Material Histórico	ROSTAIN, 1994
29	Kuapi	Funerário enterrado / habitação a céu aberto	Rio Arucauá (Urucauá)	Curt Nimuendajú	1925	Cerâmica / Material Histórico	NIMUENDAJÚ, 2004
30	Roça Comecomes*	Funerário enterrado	Rio Arucauá (Urucauá)	Curt Nimuendajú	1925	Cerâmica	NIMUENDAJÚ, 2004
31	Mawir-Mini	Funerário enterrado	Rio Arucauá (Urucauá)	Curt Nimuendajú	1925	Cerâmica	NIMUENDAJÚ, 2004
32	A-14: Macapá	Funerário enterrado	Macapá	Desconhecido	1945	Cerâmica / Ossos / Concha	MEGGERS & EVANS, 1957
33	Vila do Amapá/A-7: Amapá City	Funerário enterrado sobre teso	Vila do Amapá	Emilio Goeldi	1895	Cerâmica / Lítico	GOELDI, 1900; NIMUENDAJÚ, 2004;

MEGGERS & EVANS,
1957

34	Igarapé Novo	Funerário enterrado sobre teso	Igarapé Novo perto da boca do rio Amapá	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica / Lítico	NIMUENDAJÚ, 2004
35	A-15: Vila Velha/Vila Velha I e II	Funerário enterrado sobre teso	Rio Cassiporé	Eurico Fernandes	1935	Cerâmica / Lítico / Ossos / Material Histórico	MEGGERS & EVANS, 1957; HILBERT, 1957
36	São Joaquim	Habitação a céu aberto	Entre rio Cunani e Igarapé da Franceza	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica / Lítico / Material Histórico	NIMUENDAJÚ, 2004
37	Cova da Onça*	Habitação a céu aberto	Cova da Onça	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica / Lítico	NIMUENDAJÚ, 2004
38	As abertas*	Habitação a céu aberto	Enseada as Abertas ("Crique des Palicours")	Curt Nimuendajú	1924		NIMUENDAJÚ, 2004
39	A-9: Relógio	Habitação a céu aberto	Rego do Cajú	Betty Meggers & Clifford Evans	1949	Cerâmica / Lítico	MEGGERS & EVANS, 1957
40	A-12: Cruzeiro	Habitação a céu aberto	Igarapé da Rasa	Betty Meggers & Clifford Evans	1949	Cerâmica / Lítico	MEGGERS & EVANS, 1957
41	A-16: Ilhas do Campo	Habitação a céu aberto	Península no encontro do rio Oiapoque com rio Uaçá	Eurico Fernandes		Cerâmica / Lítico	MEGGERS & EVANS, 1957
42	A-18: Maica	Habitação a céu aberto	Rio Cunani, Monte Maica	Newton Cardoso	1949	Cerâmica / Lítico	MEGGERS & EVANS, 1957
43	A-20: Vila do Cunani	Habitação a céu aberto	Vila do Cunani	Newton Cardoso	1949	Cerâmica / Material Histórico	MEGGERS & EVANS, 1957
44	A-21: Pracuúba	Habitação a céu aberto	Lago Pracuúba	Newton Cardoso	1949	Cerâmica	MEGGERS & EVANS, 1957
45	Bassin Maipouri	Habitação a céu aberto	Montagne Bruyère	Marcel Sébéloué	1979	Lítico	ROSTAIN, 1994
46	Manioc	Habitação a céu aberto	Montagne Bruyère	Stéphen Rostain	1988	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994
47	Ouanary	Habitação a céu aberto	Monts de l'Observatoire	Stéphen Rostain	1988	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994
48	Patagaie	Habitação a céu aberto	Monts de l'Observatoire	Stéphen Rostain	1988	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994
49	Barbosa	Habitação a céu aberto	Baixo Oiapoque	Jean-Jacques Piolat	1988	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994
50	Clevelandia	Habitação a céu aberto	Baixo Oiapoque	Jean-Jacques Piolat	1988	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994

51	Fort San Louis	Habitação a céu aberto	Baixo Oiapoque	Stéphen Rostain	1988	Cerâmica / Material Histórico	ROSTAIN, 1994
52	Pointe Blondin	Habitação a céu aberto	Baixo Oiapoque	Jean-Jacques Piolat	1988	Cerâmica / Material Histórico / Material Quilombola	ROSTAIN, 1994
53	Prainha	Habitação a céu aberto	Baixo Oiapoque	Jean-Jacques Piolat e Stéphen Rostain	1989	Cerâmica	ROSTAIN, 1994
54	Saut Maripa	Habitação a céu aberto	Baixo Oiapoque	Jean-Jacques Piolat e Stéphen Rostain	1988	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994
55	AP-CA-19: Rego Grande 2	Habitação a céu aberto	Igarapé do Rego	Mariana Cabral & João Saldanha	2006	Cerâmica	CABRAL & SALDANHA, 2006
56	AP-CA-25: Rio Novo 3	Habitação a céu aberto	Rio Novo	Mariana Cabral & João Saldanha	2007	Cerâmica / Megalito	CABRAL & SALDANHA, 2007
57	AP-CA-31: Rio Tracajatuba 1	Habitação a céu aberto	Rio Tracajatuba	Mariana Cabral & João Saldanha	2007	Cerâmica	CABRAL & SALDANHA, 2007
58	AP-CA-41: Rio Amapá Grande 1	Habitação a céu aberto	Rio Amapá Grande	João Saldanha & Mariana Cabral	2009	Cerâmica / Lítico	SALDANHA & CABRAL, 2009
59	AP-OI-10: Uaça 1	Habitação a céu aberto	Faixa de Domínio BR-156	João Saldanha & Mariana Cabral	2012	Cerâmica / Lítico	SALDANHA & CABRAL, 2012
60	AP-OI-11: Uaça 2	Habitação a céu aberto	Faixa de Domínio BR-156	João Saldanha & Mariana Cabral	2012	Cerâmica / Lítico	SALDANHA & CABRAL, 2012
61	AP-CA-29: Mutum 1	Habitação a céu aberto sobre ilha	Vila do Mutum	Mariana Cabral & João Saldanha	2007	Cerâmica	CABRAL & SALDANHA, 2007
62	AP-CA-33: Rio Tracajatuba 3	Habitação a céu aberto sobre ilha	Rio Tracajatuba	Mariana Cabral & João Saldanha	2007	Cerâmica	CABRAL & SALDANHA, 2007
63	AP-CA-32: Rio Tracajatuba 2	Habitação a céu aberto/Deposição no Fundo do Rio	Rio Tracajatuba	Mariana Cabral & João Saldanha	2007	Cerâmica	CABRAL & SALDANHA, 2007
64	AP-CA-28: Cachoeira do Jacaré	Habitação a céu aberto/Polidores	Igarapé do Braço	Mariana Cabral & João Saldanha	2007	Cerâmica / Lítico / Material Histórico	CABRAL & SALDANHA, 2007

65	AP-CA-48: Ponte do Torrão	Habitação a céu aberto/Polidores	Igarapé do Torrão	João Saldanha & Mariana Cabral	2012	Cerâmica / Lítico	SALDANHA & CABRAL, 2012
66	AP-OI-06: Ponte do Oiapoque	Habitação a céu aberto/Polidores/Casa Histórica	Rio Oiapoque	Lúcia Juliani	2010	Cerâmica / Lítico / Material Histórico	JULIANI, 2010
67	Abri Marcel	Habitação em abrigo rochoso	Montagne Bruyère	Marcel Sébéloué	1988	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994
68	Trou Kalina	Habitação em abrigo rochoso	Montagne Bruyère	A.G.A.E	1985	Cerâmica	ROSTAIN, 1994
69	Trou Comou	Habitação em abrigo rochoso	Montagne Bruyère	Marcel Sébéloué	1988	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994
70	Trou Pac	Habitação em abrigo rochoso	Montagne Bruyère	Marcel Sébéloué	1988	Lítico	ROSTAIN, 1994
71	Trou Tigre	Habitação em abrigo rochoso	Montagne Bruyère	Marcel Sébéloué		Cerâmica	ROSTAIN, 1994
72	Abri Patagaie	Habitação em abrigo rochoso	Monts de l'Observatoire	Marcel Sébéloué	1989	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994
73	Carbet Mitan	Habitação em abrigo rochoso	Monts de l'Observatoire	Marcel Sébéloué	1988	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994
74	Carapa II	Habitação em abrigo rochoso	Monts de l'Observatoire	David Cippe	1978	Cerâmica / Material Histórico	ROSTAIN, 1994
75	Carapa III	Habitação em abrigo rochoso	Monts de l'Observatoire	David Cippe	1978	Cerâmica / Material Histórico	ROSTAIN, 1994
76	Gaston	Habitação em abrigo rochoso	Monts de l'Observatoire	Marcel Sébéloué	1989	Cerâmica	ROSTAIN, 1994
77	Sebeloue I	Habitação em abrigo rochoso	Monts de l'Observatoire	Marcel Sébéloué	1988	Cerâmica	ROSTAIN, 1994
78	Sebeloue II	Habitação em abrigo rochoso	Monts de l'Observatoire	Marcel Sébéloué	1988		ROSTAIN, 1994
79	Sebeloue III	Habitação em caverna	Monts de l'Observatoire	Marcel Sébéloué	1988		ROSTAIN, 1994
80	Sebeloue IV	Habitação em caverna	Monts de l'Observatoire	Marcel Sébéloué	1988	Cerâmica	ROSTAIN, 1994

81	Moustique	Habitação em caverna	Monts de l'Observatoire	Stéphen Rostain	1990	Cerâmica / Lítico	ROSTAIN, 1994
82	Monte Curú/A-19: Renovado	Megalítico	Igarapé do Holanda	Emilio Goeldi	1895	Cerâmica / Megalito	GOELDI, 1900; MEGGERS & EVANS, 1957
83	Rio Novo/AP-CA-04: Rio Novo	Megalítico	Rio Calçoene	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004; CABRAL & SALDANHA, 2007
84	José Antonio/AP-CA-03: José Antonio	Megalítico	Rio Calçoene	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica / Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004; CABRAL & SALDANHA, 2007
85	Sucurijú I	Megalítico	Rio Sucurijú	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
86	Sucurijú II	Megalítico	Rio Sucurijú	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
87	Lago dos Patos	Megalítico	Lago dos Patos no rio Sucurijú	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
88	Cachoeirinha	Megalítico	Igarapé Cachoeirinha	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica / Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
89	Igarapé da Serra	Megalítico	Igarapé da Serra	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
90	Luiza*	Megalítico	Rio Gurijuba	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
91	Vila Calçoene*	Megalítico	Vila Calçoene	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
92	Pedra Chata*	Megalítico	Braço Norte	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
93	Mayacaré*	Megalítico	Rio Mayacaré	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
94	Tezo da Mina II*	Megalítico	Rio Amapá Grande	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
95	Rio Novo II*	Megalítico	Rio Novo	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
96	Rio Novo III*	Megalítico	Rio Novo	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
97	AP-CA-24: Rio Novo 2	Megalítico	Rio Novo	Mariana Cabral & João Saldanha	2007	Cerâmica / Megalito	CABRAL & SALDANHA, 2007
98	AP-CA-26: Rio Novo 4	Megalítico	Rio Novo	Alicia Coirollo	1996	Cerâmica / Megalito	CABRAL & SALDANHA, 2007
99	AP-CA-39	Megalítico	Igarapé do Rego	Mariana Cabral & João Saldanha	2007	Megalito	CABRAL & SALDANHA, 2007

100	AP-CA-44: Sete Ilhas 3	Megalítico	Rio Calçoene	Mariana Cabral & João Saldanha	2010	Cerâmica / Megalito	CABRAL & SALDANHA, 2010 sexto
101	Açahyzal	Megalítico sobre Teso	Rio Flexal	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica / Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
102	Tezo da Mina	Megalítico sobre Teso	Rio Amapá Grande	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica / Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
103	Ilha do Carão	Megalítico sobre Teso	Lago do Carão	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica / Megalito / Lítico	NIMUENDAJÚ, 2004
104	Igarapé dos Macacos	Megalítico sobre Teso	Igarapé dos Macacos	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica / Megalito / Lítico	NIMUENDAJÚ, 2004
105	Ilha do Costela I*	Megalítico sobre Teso	Rio Mayacaré	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
106	Ilha do Costela II*	Megalítico sobre Teso	Rio Mayacaré	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
107	Ilha do Costela III*	Megalítico sobre Teso	Rio Mayacaré	Curt Nimuendajú	1924	Megalito	NIMUENDAJÚ, 2004
108	A-8: Aurora	Megalítico sobre Teso	Rio Flexal	Betty Meggers & Clifford Evans	1949	Cerâmica / Megalito	MEGGERS & EVANS, 1957
109	A-23: Ilha da Fortaleza, Conceição	Megalítico sobre Teso	Entre o rio Flexal e o Canal de Carapaporis	Newton Cardoso	1949	Cerâmica / Megalito	MEGGERS & EVANS, 1957
110	AP-CA-18: Rego Grande 1	Megalítico sobre Teso	Igarapé do Rego	IEPA	2005	Cerâmica / Megalito / Lítico / Ossos	CABRAL & SALDANHA, 2008; CABRAL & SALDANHA, 2009
111	AP-CA-21: Rego Grande 4	Megalítico sobre Teso	Igarapé do Rego	Mariana Cabral & João Saldanha	2006	Cerâmica / Megalito	CABRAL & SALDANHA, 2006
112	AP-CA-22: Igarapé do Braço 1	Megalítico sobre Teso	Igarapé do Braço	Mariana Cabral & João Saldanha	2007	Megalito	CABRAL & SALDANHA, 2007
113	AP-CA-23: Igarapé do Braço 2	Megalítico sobre Teso	Igarapé do Braço	Mariana Cabral & João Saldanha	2007	Megalito	CABRAL & SALDANHA, 2007
114	AP-CA-30: Sete Ilhas 1	Megalítico sobre Teso	Rio Calçoene	Mariana Cabral & João Saldanha	2007	Cerâmica / Megalito	CABRAL & SALDANHA, 2007
115	AP-CA-34: Sete Ilhas 2	Megalítico sobre Teso	Rio Calçoene	Schaan et al	2005	Megalito	CABRAL & SALDANHA, 2007
116	AP-CA-38: Garrafinha	Megalítico sobre Teso	Igarapé do Rego	Mariana Cabral & João Saldanha	2007	Megalito	CABRAL & SALDANHA, 2007

117	AP-CA-43: Irineu 1 Montanha	Megalítico sobre Teso	Igarapé do Irineu	Mariana Cabral & João Saldanha	2010	Cerâmica / Lítico / Megalito	CABRAL & SALDANHA, 2010
118	Apontada*	Não categorizado	Montanha Apontada	Curt Nimuendajú	1924		NIMUENDAJÚ, 2004
119	Santa Maria*	Não categorizado	Rio Amapá Grande	Curt Nimuendajú	1924	Lítico	NIMUENDAJÚ, 2004
120	Colina de Caripurá*	Não categorizado	Rio Curipy	Curt Nimuendajú	1925	Lítico	NIMUENDAJÚ, 2004
121	A-22: Conceição	Não categorizado	Rio Amapá Pequeno (Ilha das Igaçabas)	Newton Cardoso	1949	Cerâmica / Lítico	MEGGERS & EVANS, 1957
122	AP-CA-35: São Francisco	Não categorizado	Casa "São Franciso" Acesso pela BR-156	João Saldanha & Mariana Cabral	2012	Cerâmica	SALDANHA & CABRAL, 2012
123	AP-CA-40: Igarapé do Inca	Não categorizado	Igarapé do Inca	João Saldanha & Mariana Cabral	2009	Cerâmica / Lítico	SALDANHA & CABRAL, 2009
124	AP-CA-42: Rio Amapá Grande 2	Não categorizado	Rio Amapá Grande	João Saldanha & Mariana Cabral	2009	Cerâmica / Lítico	SALDANHA & CABRAL, 2009
125	AP-CA-49: Desvio	Não categorizado	Faixa de Domínio BR-156	João Saldanha & Mariana Cabral	2012	Cerâmica / Lítico	SALDANHA & CABRAL, 2012
126	AP-OI-12: Vila Velha 3	Não categorizado		João Saldanha & Mariana Cabral	2012	Cerâmica	SALDANHA & CABRAL, 2012
127	Sítio de Urnas C/Monte Mayé III	Ocorrência	Monte Mayé	Curt Nimuendajú	1924	Cerâmica	NIMUENDAJÚ, 2004
128	Torre da Igreja	Poço Funerário	Vila do Cunani	Henri Coudreau	1883	Cerâmica / Ossos	COUDREAU, 1887
129	Pointe Morne	Poço Funerário	Rio Oiapoque			Cerâmica, bloco de granito	MESTRE & HILDEBRAND, 2010
130	As Garças	Polidores	Rio Flexal	Curt Nimuendajú	1924		NIMUENDAJÚ, 2004
131	Igarapé David Grande*	Polidores	Igarapé do David Grande	Curt Nimuendajú	1924		NIMUENDAJÚ, 2004
132	AP-CA-27: Cachoeira de Calçoene	Polidores	Cachoeira de Calçoene	Mariana Cabral & João Saldanha	2007		CABRAL & SALDANHA, 2007

* Sítios descritos a partir de Relatos.

ANEXO 2

Lista de Análise Cerâmica – NuPArq/IEPA

Lista de Análise Cerâmica

<p>Natureza</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- borda 2- base 3- parede 4- ombro 5- carena 6- pescoço 7- perfil completo 8- fragmentos térmicos <p>Preservação</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Erosão total (superfície completamente erodida) 2- Erosão parcial (com parte da superfície presente) 3- Superfície preservada <p>Pasta</p> <p><u>Textura</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Fina (abundância das inclusões menor que 15%) 2- Média (inclusões entre 15 e 50%) 3- Grossa (abundância das inclusões maior que 50%) <p><u>Tempero</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Quartzo 2- Caco moído 3- Quartzo + Caco moído 4- Cariapé 5- Cariapé + caco moído 6- Cauixí 7- Granito moído <p><u>Inclusões</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Mica 2- <p><u>Coloração</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Bege claro por toda espessura 2- Laranja a vermelho claro por toda espessura 3- Vermelho escuro a marrom por toda espessura 4- Bege clara, núcleo escuro 5- Laranja a vermelha claro, núcleo escuro 6- Vermelho escuro a marrom, núcleo escuro 7- Cor escura por toda espessura <p>Tecnologia</p> <p><u>Manufatura</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- não identificável 2- roletado 3- modelado <p><u>Tratamento de superfície</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Alisado (superfície porosa) 2- bem alisado (superfície suave) 3- polido <p><u>Acabamento</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- bem alisado interno/externo 2- bem alisado externo, estrias de alisamento internas 3- bem alisado interno, estrias externas 4- estrias internas/externas 	<p><u>Queima</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Oxidação total 2- Oxidação externa/ interna com presença de núcleo 3- Oxidação externa com núcleo interno 4- Oxidação interna com núcleo externo <p><u>Acidentes de fabricação</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Fire clouds 2- Thermal Spalls 3- <p>Morfologia de Borda</p> <p><u>Forma do lábio</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Plano 2- Arredondado 3- Afinado <p><u>Reforço</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Ausente 2- Externo 3- Interno 4- Externo/interno <p><u>Flange</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Ausente 2- Externa 3- Interna 4- Externa/interna <p><u>Forma da Borda (Vacher et alli, 1998)</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Borda inclinada ao exterior, perfil exterior côncavo. 2- Borda inclinada ao exterior, perfil exterior retilíneo 3- Borda inclinada ao exterior, perfil exterior convexo 4- Borda vertical com perfil exterior retilíneo 5- Borda inclinada ao interior, perfil exterior côncavo 6- Borda inclinada ao interior, perfil exterior retilíneo 7- Borda inclinada ao interior, perfil exterior convexo <p><u>Forma do pescoço (modificado de Vacher et alli, 1998)</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- perfil exterior côncavo, contato anguloso 2- perfil exterior côncavo, contato suave 3- perfil exterior retilíneo, contato anguloso 4- perfil exterior retilíneo, contato suave 5- perfil exterior convexo, contato anguloso 6- perfil exterior convexo, contato suave <p><u>Espessura da borda (mm)</u></p> <p><u>Espessura no reforço (mm)</u></p> <p><u>Distância borda X ponto de tangência interna ou externa do pescoço</u></p> <p><u>Distância borda X ponto de tangência externa (carena ou ombro)</u></p>	<p>Morfologia de Base</p> <p><u>Perfil da base</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- aplanado 2- convexo 3- côncavo 4- pedestal 5- anelar <p><u>Forma da base</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- circular 2- retangular 3- elipsoidal <p><u>Diâmetro da base (mm)</u></p> <p><u>Espessura da base (mm)</u></p> <p>Morfologia global</p> <p><u>Contorno</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- simples 2- infletido (uma inflexão) 3- complexo (mais de uma inflexão) <p><u>Abertura</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- estringida 2- não restringida <p><u>Vista lateral (perfil do corpo)</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- circular 2- oval 3- elipsóide 4- retangular 5- carenado 6- dupla carena 7- dupla pança <p><u>Vista superior</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- circular 2- elipsóide 3- retangular <p><u>Formas específicas</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- antropomorfa 2- zoomorfa 3- naviforme 4- platines 5- bancos <p><u>Diâmetro (mm)</u></p> <p><u>Altura (mm)</u></p> <p><u>Espessura média (mm)</u></p> <p>Elementos Estilísticos</p> <p><u>Modificação da borda</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Ponteadado 2- Ungulado 3- Incisão em linhas longas na borda 4- Incisões curtas na borda 5- Acastelado 6- Flange 7- Modelagem/aplique zoomorfo 8- Modelagem/aplique antropomorfo 	<p>Decoração</p> <p>(Banhos)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- monocromático vermelho 2- monocromático branco 3- monocromático preto <p>(Pinturas)</p> <ol style="list-style-type: none"> 4- traços monocromáticos vermelhos sobre pasta natural 5- traços monocromáticos vermelhos sobre banho branco (policrômico) 6- traços vermelhos e pretos sobre banho branco (policrômico típico) 7- traços monocromáticos brancos sobre banho vermelho 8- traços monocromáticos vermelhos sobre incisões 9- traços monocromáticos vermelhos sobre acanalado <p>(Incisões)</p> <ol style="list-style-type: none"> 10- Incisões curtas sobre a carena ou ponto de tangência vertical da pança 11- Incisões retilíneas colocada no ponto de tangência vertical da pança 12- Incisões retilíneas sobre a superfície externa da borda 13- Incisões horizontais sobre o pescoço 14- Incisões curvilíneas 15- ponteadado (outras modificações da superfície) 16- perfuração 17- modelagem (apliques) 18- antropomorfos 19- zoomorfos 20- Mamiliforme <p>Marcas de uso</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Ausente 2- Fuligem Externa 3- Fuligem interna 4- Erosão interna <p>Quantidade de fragmentos</p> <p>Remontagens</p> <p>Observações de detalhes:</p> <p>Erros de manufatura</p> <p>Pequenos defeitos</p> <p>Sentido de estrias de alisamento</p> <p>Sentido de Pinturas</p> <p>Sentido de incisões</p> <p>Indicação de destro-canhoto</p> <p>Observações sobre possíveis ferramentas: incisão, pincéis e alisamento</p>
--	---	---	--

ANEXO 3

Variações de Decoração da Cerâmica Aristé Doméstica

Fotos da Coleção Arqueológica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica/IEPA

SUMÁRIO DAS PRANCHAS DE VARIAÇÃO DE DECORAÇÃO

1. Flange labial (lobulada) com incisões curvilíneas em linhas longas e incisões retilíneas em linhas curtas; banho monocromático vermelho interno; incisão curvilínea em linhas longas na base do pedestal.
2. Apliques mamiliformes; aplique destacado; banho monocromático vermelho externo.
3. Aplique zoomorfo; flange abaixo da borda com incisões retilíneas em linhas curtas; incisão retilínea em linha longa; banho monocromático vermelho interno com traços monocromáticos pretos.
4. Aplique destacado.
5. Apliques mamiliformes; incisões retilíneas em linhas curtas.
6. Aplique pontual com incisão retilínea em linha curta na sua superfície; banho monocromático vermelho interno com traços monocromáticos pretos.
7. Incisões retilíneas em linhas longas e em linhas curtas.
8. Flange abaixo da borda com aplique com formato não identificado no lábio da flange; incisões ponteadas entre a flange e o lábio; banho monocromático vermelho interno.
9. Incisões retilíneas em linhas longas.
10. Incisão curvilínea em linha longa.
11. Incisões retilíneas em linhas longas; linha de incisões ponteadas.
12. Incisões curvilíneas em linhas longas; incisão retilínea em linhas longas.
13. Incisões retilíneas em linhas longas.
14. Banho monocromático vermelho externo.
15. Incisões curvilíneas em linhas curtas; incisão retilínea em linha longa; incisões retilíneas em linhas curtas.
16. Incisões retilíneas em linhas longas; incisão curvilínea em linha longa.
17. Incisão retilínea em linha longa.
18. Banho monocromático vermelho externo; incisões curvilíneas em linhas longas.
19. Banho monocromático preto interno; faixa monocromática vermelha interna com traços monocromáticos pretos.
20. A - apliques; B - ponteados; C - incisões retilíneas em linhas curtas; D - incisões curvilíneas em linhas longas; E - digitado; F - banho monocromático vermelho.

Foto: Michel Bueno Flores da Silva